





ANO 2005

VOL. 189

ANAIS  
DA  
ACADEMIA BRASILEIRA  
DE  
LETRAS



JANEIRO A JUNHO DE 2005  
RIO DE JANEIRO

# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2005

Presidente: *Ivan Junqueira*  
Secretário-Geral: *Evanildo Bechara*  
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*  
Segundo-Secretário: *Marcos Vinícios Vilaça*  
Tesoureiro: *Cícero Sandroni*  
Diretor da Biblioteca: *Murilo Melo Filho*  
Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*  
Diretor dos *Anais da ABL*: *Eduardo Portella*  
Diretor da *Revista Brasileira*: *João de Scantimburgo*  
Diretor das Publicações: *Alberto Venancio Filho*

---

*Nair Dametto* – Chefe das Publicações da ABL  
*Monique Mendes* – Assistente editorial / Organização dos *Anais da ABL*

---

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar  
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695  
Correio eletrônico: [publicacoes@academia.org.br](mailto:publicacoes@academia.org.br)

(Este volume foi editado no 2º semestre de 2006)

**ISSN 1677-7255**

---

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

---

Capa  
*Victor Burton*

Editores eletrônicos  
*Maanaim Informática Ltda.*

## SUMÁRIO

ANO 05	VOL. 189
1º Semestre	Págs.
– Sessão do dia 3 de março de 2005.....	II
O ícone branco do Ocidente – <i>Artigo de Carlos Heitor Cony</i> .....	15
– Sessão do dia 10 de março de 2005.....	19
70.º Aniversário do Acadêmico Cícero Sandroni – <i>Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo</i> .....	26
Vilaça e a Academia Brasileira de Ciência da Administração – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	29
Lúcio de Mendonça – <i>Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho</i> .....	31
– Sessão do dia 17 de março de 2005.....	39
A alma de um poeta – <i>Artigo de Sergio Pachá</i> .....	47
Guimarães Passos: poeta e boêmio – <i>Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça</i> .....	50
Precisa-se de milagre na educação – <i>Artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier</i> .....	54
– Sessão do dia 23 de março de 2005.....	57
Academias de Letras de Ilhéus e Itabuna – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	65

A Amazônia é nossa – <i>Artigo do Acadêmico Oscar Dias Corrêa</i> .....	66
Oliveira Vianna – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Olinto</i> .....	69
– Sessão do dia 31 de março de 2005 .....	73
<i>Mensagens a Marcantonio</i> , por Maria do Carmo e Marcos Vinícios Vilaça – <i>Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva</i> .....	79
<i>Palavra de Honra</i> , de Ana Maria Machado – <i>Palavras do Acadêmi- co Murilo Melo Filho</i> .....	81
Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco – <i>Passaporte para o Futuro / Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República</i> – <i>Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo</i> .....	82
Cândido Motta Filho – <i>Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i> .....	83
– Sessão do dia 7 de abril de 2005 .....	87
Falecimento do Papa João Paulo II – <i>Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha</i> .....	91
Papa João Paulo II – <i>Palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony</i> ...	95
José Veríssimo – <i>Palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier</i> .....	97
– Sessão do dia 14 de abril de 2005 .....	101
Voto de Pesar – Papa João Paulo II – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	108
Poeta como poucos – <i>Artigo de Antonio Olinto</i> .....	111
Entrevista com o poeta Antonio Carlos Secchin .....	114
– Sessão do dia 20 de abril de 2005 .....	121
Nova estrutura do site Machado de Assis – <i>Relatório da coor- denadora do Centro de Memória Sr.ª Irene Moutinho</i> .....	124
Recordando Sílvio Romero – <i>Palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco</i> .....	125
– Sessão do dia 28 de abril de 2005 .....	131
Primeira Bienal do livro de Goiás – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	140
Prêmio ABL de Poesia – <i>Parecer lido pelo Acadêmico Lêdo Ivo</i> .....	141

– Sessão do dia 5 de maio de 2005 .....	143
Prêmio Machado de Assis – <i>Parecer lido pelo Acadêmico Eduardo Portella</i> .....	154
– Sessão do dia 12 de maio de 2005.....	155
Prêmio ABL de Tradução 2005 – <i>Parecer lido pelo Acadêmico Sábado Magaldi</i> .....	164
Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil 2005 – <i>Parecer lido pelo Acadêmico Arnaldo Niskier</i> .....	165
Academia Brasileira de Letras e o bicentenário da Imprensa Régia – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	167
Antônio da Silva Melo – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i> .....	169
– Sessão do dia 19 de maio de 2005.....	173
Trabalho realizado na Biblioteca Rodolfo Garcia – <i>Relatório do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	182
– Sessão do dia 25 de maio de 2005.....	191
O grande pensador Paul Ricœur (1913-2005) – <i>Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha</i> .....	199
Prêmio ABL de Ficção 2005 / <i>O Fotógrafo</i> de Cristóvão Tezza – <i>Parecer lido pela Acadêmica Ana Maria Machado</i> .....	205
Solar da Baronesa – <i>Carta da Prof.<sup>a</sup> Regina Coeli Sardinha Silva, Diretora da Faculdade de Filosofia de Campos, ao Presidente Ivan Junqueira</i> .....	206
Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária 2005 / <i>A Palavra Inscrita</i> de Mário Chamie – <i>Parecer lido pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho</i> .....	208
– Sessão do dia 2 de junho de 2005.....	211
Concessão da Medalha João Ribeiro a Barbara Heliodora e Gianni Ratto – <i>Proposta do Acadêmico Sábado Magaldi</i> .....	219
Concessão das Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss – <i>Proposta do Acadêmico Candido Mendes de Almeida</i> .....	222

Concessão das Palmas Acadêmicas a Rodolfo Alonso – <i>Proposta do Acadêmico Lêdo Ivo</i> .....	223
– Sessão do dia 9 de junho de 2005.....	225
Alceu Amoroso Lima e sua empatia pela humanidade – <i>Artigo de Evaristo de Moraes</i> .....	238
Criação do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais – <i>Proposta do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i> .....	241
Comissão de Medalhas / Parecer para concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro – <i>Parecer lido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho</i> .....	242
– Sessão do dia 16 de junho de 2005 .....	243
Lembrando Georges Dumas – <i>Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho</i> .....	253
Nélida Piñon e o Prêmio Príncipe de Astúrias – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	260
Nélida Piñon – <i>Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha</i> .....	261
Discurso de Posse do Acadêmico Tarcísio Padilha na Academia Brasileira de Filosofia em 13 de junho de 2005.....	263
Tarcísio e nossos tempos de transcendência – <i>Discurso de recepção de Candido Mendes de Almeida a Tarcísio Padilha na Academia Brasileira de Filosofia</i> .....	278
Homenagem a Dom Marcos Barbosa – <i>Palavras do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila</i> .....	286
– Sessão do dia 23 de junho de 2005 .....	301
Saudades do Castello – <i>Artigo de Affonso Arinos de Mello Franco</i> .	311
A beleza secreta da vida – <i>Artigo de Urbano Tavares Rodrigues</i> .....	315
Lygia, desde sempre – <i>Artigo de José Saramago</i> .....	318
O prêmio de Lygia – <i>Artigo de José Carlos Vasconcelos</i> .....	320
Literatura – Personalidade: Nélida Piñon vence o Astúrias – <i>Artigo de Ubiratan Brasil</i> .....	323

Publicações da ABL – <i>Relatório apresentado pelo diretor das Publicações Acadêmico Alberto Venancio Filho</i> .....	325
Joaquim Manuel de Macedo – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> .....	327
– Sessão do dia 30 de junho de 2005 .....	333
Domício da Gama: 80 anos de saudade – <i>Palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara</i> .....	336
BOLETINS DE INFORMAÇÃO .....	341



### SESSÃO DO DIA 3 DE MARÇO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Mello Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; João de Scantimburgo, Diretor da Revista Brasileira; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Sábado Magaldi, Sergio Corrêa da Costa, Tarcísio Padilha e Zélia Gattai Amado.

- O Presidente Ivan Junqueira, ao dar início à sessão que marca a volta da Academia aos trabalhos neste ano, deu as boas-vindas aos seus confrades e indagou se há algum reparo a ser feito na Ata da sessão do dia 16 de dezembro de 2004. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a Ata foi aprovada.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que as suas primeiras palavras são para auspiciar ao Presidente nessa nova gestão uma atuação tão fecunda como foi a anterior, das mais criadoras que a Academia Brasileira de Letras tem tido na sua história. A seguir, falou que poucas

vezes teve tal estado de felicidade como ao ler o livro recém-publicado do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, *A Alma de um Padre*, e é um assunto que o toca profundamente. Falou do livro cristalino, escrito com absoluta simplicidade, sem sombra de retórica, que toca e emociona a todos, com uma vida inteiramente dedicada a Deus e ao próximo. Agradeceu de todo coração ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco as generosas palavras que disse a seu respeito e que acredita não merecer. Associou-se às palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre o livro do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, livro este que já mereceu um artigo excelente do jornalista José Nêumane Pinto, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Foi informado de que no próximo dia 12 outro artigo sobre este livro extraordinário estará saindo no Suplemento *Prosa e Verso*, assinado por Sergio Pachá.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, emocionado, agradeceu as palavras proferidas pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e pelo Presidente Ivan Junqueira. Propôs que a Academia fizesse chegar à Nunciatura Apostólica um artigo admirável, intitulado “O ícone branco do Ocidente”, do Acadêmico Carlos Heitor Cony, publicado na *Folha de S. Paulo*, do dia 27 de fevereiro. Disse tratar-se de uma beleza de artigo sobre o Papa João Paulo II e é importante que a Nunciatura Apostólica receba a expressão admirável de um membro dessa Academia. (O texto do artigo será incorporado aos *Anais da Academia*.)
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet associou-se ao que foi dito sobre o livro do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila. Disse que passou os últimos dias se deliciando com *A Alma de um Padre*, livro escrito com toda candura, inocência e sabedoria e que traz grande alegria e muito proveito. Referiu-se ao fato que o deixou especialmente comovido por ter sido citado nesse livro em duas ou três ocasiões e também por fazer referência a uma instituição muito próxima do seu coração, que é a PUC do Rio de Janeiro.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, ao associar-se às palavras aqui proferidas sobre o livro do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, disse que o livro não pode ficar numa série de comentários numa sessão da ABL. É um livro importantíssimo, um livro fundador de uma visão da cultura brasileira, que tem uma extraordinária confissão sobre a Ordem dos Jesuítas e que tem toda uma visão sobre a crise de vocação de um sacerdote. Acredita que essa obra poderia ser objeto de uma mesa-redonda.
- O Presidente disse que faz suas e de todo o plenário as palavras que se disseram sobre este livro realmente único e admirável dentro das letras brasileiras. Prometeu, também, ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida cuidar desse assunto da mesa-redonda onde evidentemente haverá muito mais o que dizer sobre *A Alma de um Padre*.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet chamou a atenção para o fato de que acaba de ser publicada numa das revistas mais importantes da Europa, *Nouvel Observateur*, um número especial sobre os vinte e cinco maiores pensadores e intelectuais do mundo, entre os quais se encontra o Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Presidente agradeceu a lembrança do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e disse já ter recebido esse número da *Nouvel Observateur*. Congratulou-se com a Casa pela inserção do Acadêmico Candido Mendes de Almeida entre estes notáveis pensadores da atualidade.
- O Presidente Ivan Junqueira deu início ao processo eleitoral para preenchimento da Cadeira n.º II, vaga com o falecimento do Acadêmico Celso Furtado. São candidatos, na ordem de inscrição, os Srs. Helio Jaguaribe, Nelson Valente, Marco Aurélio Lomônaco Pereira e Paulo Hirano.
- O Presidente Ivan Junqueira anunciou que 21 Acadêmicos enviaram votos por carta e, dos 26 presentes, 16 votaram pessoalmente, num total de 37 votantes, e que o quorum para a eleição será de 19 votos. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Murilo Melo Filho e Affonso Arinos de Mello Franco.
- Procedeu-se à votação, que teve o seguinte resultado:

I.º Escrutínio

Helio Jaguaribe ..... 35 votos

Em branco ..... 2 votos

- Concluída a apuração, o Presidente Ivan Junqueira agradeceu aos escrutinadores, Acadêmicos Murilo Melo Filho e Affonso Arinos de Mello Franco, e declarou eleito para a Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos o Sr. Helio Jaguaribe. Essa Cadeira tem como patrono Fagundes Varela, teve como fundador Lúcio de Mendonça, como sucessores Pedro Lessa, Eduardo Ramos, João Luís Alves, Ademar Tavares, Deolindo Couto, Darcy Ribeiro e Celso Furtado.
- O Presidente agradeceu as presenças e, nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

## O ÍCONE BRANCO DO OCIDENTE

Carlos Heitor Cony\*

Alguns papas tornaram-se notáveis e influenciaram decisivamente a história da civilização universal, que em muitos lances se confunde com a própria história da Igreja. Papas que dirimiram questões diplomáticas e políticas, sagraram e consagraram reis e imperadores, dividiram terras, formaram países e criaram nações.

Com a complexidade do mundo moderno, não o mundo contemporâneo, mas o mundo surgido com a Reforma de Martinho Lutero (1483-1546), o papado foi perdendo esse papel. Como disse Stalin, “o papa não tem divisões nem arsenal nuclear”.

O sociólogo Andrew M. Greeley comentou que, “paradoxalmente, foi o fato de perder o seu tradicional papel político e diplomático que acabou valorizando o papa perante os donos temporais da Terra: sua liderança religiosa, pura e simples, acabou por ter enorme impacto político”.

No caso de Karol Wojtyła, ele nada precisou fazer para criar este impacto no cenário mundial e até certo ponto mudar a História do século XX.

Ainda em 1978, ano em que João Paulo II assumiu o comando da Igreja Católica, o filósofo marxista Leszek Kolakowski acentuou que a eleição de “um papa polonês é a primeira brecha aberta na partilha do mundo feita em Yalta” (fevereiro de 1945).

---

\* Artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, 27 de fevereiro de 2005.

Brecha que o próprio João Paulo II foi abrindo, inicialmente sozinho, depois em aliança com o governo Reagan, que teve seu último episódio com a queda do Muro de Berlim.

Bastava este lance para colocar o atual papa no topo da lista dos grandes personagens do século passado.

Acima e além do papel que desempenhou na história de nossos dias, seu papel mais importante, obviamente, é como chefe absoluto da Igreja, que é absolutista mesmo, nunca se vestiu de democrática, atua em dimensão e tempo próprios, o que fez dela a instituição mais antiga do Ocidente e, até agora, ainda a mais sólida.

### IGREJA DO SILÊNCIO

Essa solidez, ameaçada por cismas desde o século I.º de nossa era, encontrou em João Paulo II um escudo que se forjou não apenas na tradição apostólica de 2.000 anos, mas na formação que podemos considerar granítica de sua personalidade de eslavo, vinda da Igreja do Silêncio que, em alguns momentos, repetiu a clandestinidade das catacumbas, quando os cristãos cavavam com as próprias mãos o refúgio onde pudessem praticar seu culto, colocado fora da lei pelos imperadores de Roma.

Nada de admirar que Karol Wojtyła resultasse num papa conservador, disposto a “conservar” o que, na formação e no processo da humanidade, merece ser conservado. Nem fazia sentido adotar a palavra da moda, “progressista”, uma vez que era líder espiritual de uma religião cujo núcleo inamovível, com o qual atravessou 20 séculos, estava formado e firmado na tradição apostólica.

Como escrevi há pouco, comentando declarações de um cardeal brasileiro a favor da renúncia do papa, a Igreja não é uma novela de TV que quando cai a audiência muda de autor, de atores, de trama, de cenário, de vestuário e de iluminação para reconquistar os pontos perdidos.

Um papa que não teme perder “audiência” ao lembrar a todos os católicos a existência do Inferno, a presença do demônio no cotidiano das pessoas, o sexo como instrumento da procriação, e ao condenar repetidamente o abor-

to e algumas reivindicações de minorias sexuais. Papa que antes de qualquer coisa é um homem de oração, um padre que sabe e gosta de batizar crianças.

(Parêntese pessoal: em 1974, em Veneza, entrevistei o cardeal Albino Luciani, patriarca daquela cidade, mais tarde João Paulo I. Sabendo que Veneza era um celeiro de futuros papas, perguntei-lhe como se sentiria se fosse eleito para o trono de São Pedro. Ele sorriu – seria chamado de “papa-sorriso” porque estava sempre rindo – e respondeu: “Eu gosto de batizar crianças e lá em Roma não sabem mais fazer isso”.)

Conservador até a medula, João Paulo II desagradou a numerosas alas do clero e dos fiéis, mas soube dar seu recado de forma esplêndida num de seus primeiros pronunciamentos: “O capital exige uma hipoteca social.” Com seis palavras, fez o resumo de uma encíclica inteira, a *Rerum Novarum*.

Independentemente de sua liderança religiosa, de sua atuação na cena política e diplomática, João Paulo II tornou-se o personagem mais conhecido, reconhecido e de certa forma o mais importante do nosso tempo, acima e fora dos diversos credos que dividem a humanidade.

Apesar do estilo pétreo que imprime ao seu pontificado, formou-se um consenso a seu respeito, devido talvez à sua biografia, à sinceridade de suas convicções, e, por que não dizer, ao seu visual, que até mesmo em sua decadência física, fazem dele o ícone branco do Ocidente.



### SESSÃO DO DIA 10 DE MARÇO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Mello Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Oscar Dias Corrêa e Sergio Corrêa da Costa.

- O Presidente Ivan Junqueira, ao dar início à sessão, indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 3 de março de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico eleito Hélio Jaguaribe, que pela primeira vez comparece à sessão da Academia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que, seguindo a tradição da Casa em registrar as datas redondas do nascimento de seus membros, neste momento queria celebrar os 70 anos do Acadêmico Cícero Sandroni, cujo nome completo é Cícero Augusto Ribeiro Sandroni. Fez um relato biográfico desse confrade que, embora tenha nascido em São Paulo, é um escritor

carioca. Falou dos múltiplos Sandronis, mas se fixou no jornalista, que pertence a uma geração de jornalistas completos que sabem escrever um editorial, fazer uma reportagem, manter uma coluna política ou literária, enfim, habitar todos os domínios da comunicação escrita e eletrônica. Discorreu sobre o professor de jornalismo muito conceituado e respeitado, o historiador do jornalismo e o repórter que se destacou no jornalismo internacional, entrevistando figuras estelares da política mundial; e ainda o jornalista empenhado na modernização da nossa imprensa. Quanto ao escritor, talvez encoberto pela sua atuação de homem de imprensa, é contista e autor do livro *O Diabo só Chega ao Meio-Dia*, e romancista de *O Peixe de Amarna*. E é, sem dúvida, o grande biógrafo do Acadêmico Austregésilo de Athayde, com o seu livro *Austregésilo de Athayde – O Século de um Liberal*, escrito juntamente com a sua mulher, a doce e vigilante Laura, o grande e único amor de sua vida. Lembrou, ainda, o pesquisador ilustre que escreveu *O Vidro no Brasil*, livro que lamenta não conhecer. Habitante do Cosme Velho há mais ou menos 40 anos, tem um ensaio primoroso sobre o seu bairro, que também foi o bairro dos Acadêmicos Machado de Assis, Austregésilo de Athayde e Antônio da Silva Melo. É também o biógrafo do Acadêmico Carlos Heitor Cony, além de participante de outras obras coletivas. Foi ele, ao lado de Fausto Cunha, o criador da revista *Ficção*, que exerceu grande influência nos jovens contistas e na divulgação de todo o tesouro da contística nacional e mundial. Assinalou finalmente que o Acadêmico Cícero Sandroni é o companheiro exemplar, atento, afetuoso e querido de todos nós. Disse que essas suas palavras singelas são apenas o início das comemorações que reclamam a exposição de seus livros e de sua vibrante iconografia de jornalista e de escritor. Assinalou que pelo fato de ser ele o Diretor Tesoureiro desta Casa provavelmente vai se opor a essa proposta. Salientou, ainda, no Acadêmico Cícero Sandroni o cidadão que defendeu e defende as liberdades públicas e os Direitos Humanos em várias e memoráveis campanhas. Lembrou que na juventude o Acadêmico Cícero Sandroni foi ator teatral, especialmente no Teatro do Largo. Hoje é uma figura relevante do teatro das letras brasileiras, que é a Academia. (O texto completo será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Cícero Sandroni acentuou que jamais imaginou pudesse entrar nas efemérides da Academia Brasileira de Letras, a não ser depois de passar pelo Salão dos Poetas Românticos, como acontece sempre aqui. Disse que não saberia como agradecer as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo, que em sua opinião não são muito justas, mas gostaria de ter o texto para levá-lo para a Laura, que ela, sim, o merece.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho comunicou que em companhia dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e Evanildo Cavalcante Bechara tiveram a oportunidade de assistir à posse do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça na Academia Brasileira de Ciência da Administração. Fundada em 1973, essa Academia já contou entre seus membros com grandes professores, administradores e economistas entre os quais Helio Beltrão e Mário Henrique Simonsen, em cuja Cadeira justamente o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça tomou posse. Relatou os cargos e funções até hoje ocupados pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e declarou que o seu ingresso naquela Academia foi um justo reconhecimento aos grandes serviços que, com correção e competência, já prestou à administração e à cultura brasileira. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse não ser por formalismo, mas sim porque lhe agradou muito, que agradece ao Acadêmico Murilo Melo Filho bem como à Academia, que ali esteve representada pelos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Murilo Melo Filho e Evanildo Cavalcante Bechara. Citou o Acadêmico José Lins do Rego, que dizia gostar de elogios como menino gosta de bombom. E ele gosta muitíssimo e cultivava sempre a oportunidade de merecer esses agrados.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs uma manifestação de pesar pelo falecimento, em Belo Horizonte, do Professor Raul Machado Horta, que foi Emérito da Universidade e durante 40 anos professor de Direito Constitucional. Raul Machado Horta tem uma obra muito importante sobre o assunto e era um grande especialista no tema de Federalismo. Ressaltou o homem de alta correção moral e pessoal. Quando o então Presidente da República, Acadêmico José Sarney, em 1985, constituiu a

Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, presidida pelo saudoso acadêmico, amigo e mestre Afonso Arinos, delegou as funções de presidente ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, e na qual pontificaram os Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho, Eduardo Portella e Hélio Jaguaribe, o Prof. Raul Machado Horta teve uma atuação muito expressiva nos temas de sua especialidade. Disse ainda que o Professor Machado Horta era um homem de boas letras e em dois discursos acadêmicos, na Academia Mineira de Letras e na Academia Brasileira de Ciências Jurídicas, demonstrou as suas qualidades de bom escritor. De modo que, embora não tenha sido um homem de letras, mas grande intelectual que foi, merece a manifestação que faz neste momento.

- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa disse considerar-se suspeito para falar de Raul Machado Horta, porque a seu ver Raul era daqueles homens que não deviam morrer. Poucos se igualariam a ele nos muitos serviços prestados à cultura de Minas Gerais e do país. Falou da figura impressionante de jurista, de homem público, de cidadão, de pai de família e humanista com todas as virtudes que podem ornar uma personalidade. Disse que suas ligações com Raul, pela estima pessoal, pela admiração, pelo apreço, o impedem de continuar a louvar-lhe o nome e a obra.
- O Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco associou-se às palavras aqui proferidas sobre Raul Machado Horta. Lembrou que, ainda menino, o conheceu ao acompanhar seu pai, que ia fazer uma conferência na Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Raul Machado Horta o saudou com um discurso vigoroso e corajoso. Opositor da Ditadura do Estado Novo, ele falou de “democracia fascistizada” que muito o impressionou. Posteriormente o conheceu noivo e depois casado, genro de Milton Campos, e relatou sobre o assunto um pequeno episódio.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez um breve relato da sua participação, juntamente com o Acadêmico Carlos Nejar, na Feira Internacional do Livro de Havana, ocasião em que cada um proferiu uma palestra. No seu caso, falou sobre o seu livro *Cidadania no Brasil: o Longo Caminho*, que foi traduzido para o espanhol e lançado durante a conferência. Foi também convidado para participar do júri do próximo Prêmio Casa de

Las Américas. Lamentou apenas, na estada em Cuba, o tratamento que receberam da Embaixada Brasileira. Comparando com a fidalguia do trato dos nossos companheiros diplomatas desta Casa, realmente pensa que não se fazem mais diplomatas como antigamente.

- O Acadêmico Eduardo Portella comunicou que o Acadêmico Carlos Nejar lhe pediu que fizesse chegar à Biblioteca da Academia o livro dele, que acaba de sair em espanhol, *A Idade da Aurora e a Fundação do Brasil*, o que faz com muito prazer pelo apreço que tem pela sua obra e pela estima que lhe dedica.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu desculpas ao plenário por iniciar o ano com uma pauta tão árida quanto essa. A sua intenção era colocar em pauta o tema do Ano do Brasil na França, mas como o Acadêmico Candido Mendes está em Paris, recebendo o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade da Sorbonne, transferiu essa Ordem do Dia para a próxima sessão. Esclareceu que foram tomadas, pela Diretoria, certas providências no sentido de mitigar a situação financeira da Casa, que continua idêntica à de dezembro do ano passado, continuando o Palácio Austregésilo de Athayde com três andares vagos e mais dois salões, situação que comprometeu o orçamento para este ano. Lembrou que, no ano passado, submeteu ao plenário uma reivindicação da Academia no sentido de conseguir uma diminuição do aluguel da escada de incêndio. Disse que foi autorizado por esse plenário a tratar desse assunto. Os proprietários da escada não queriam ceder, mas o advogado da Academia, Dr. Juarez Clemente, conduziu muito bem a questão, conseguindo uma redução significativa. Outro problema era o depósito da Rua Luís de Camões. Lembrou que, depois de uma luta judiciária, conseguiu uma das grandes lojas, que servirá como depósito para os livros, com uma capacidade para abrigar cerca de duzentos e cinqüenta mil volumes. Disse que encomendou um projeto ao arquiteto Alfredo Britto para uma agilização do espaço. No momento, a Academia não tem condições de iniciar o projeto, mas ocorre que uma das tentativas de parceria vai frutificar. A Petrobrás selecionou o projeto para a avaliação, de maneira que, se aprovado, esse projeto cobrirá a obra da Rua Luís de Camões. Por fim, o Presidente deu uma satisfação a respeito da troca do piso da entrada do *Petit Trianon*.

- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa pediu a palavra para falar do problema da chegada dos Acadêmicos ao pátio da Academia. Nos dias chuvosos, ou de inverno frio, não há como chegar ao *Petit Trianon* sem que sejam abatidos ou fustigados pelas intempéries do tempo. Pediu um estudo em que se fizesse ou uma passagem subterrânea do prédio novo para o *Petit Trianon*, o que acha inviável, ou uma passagem de vidro com a mesma finalidade. Na quinta-feira passada teve vontade de vir à Casa, mas não pôde porque o tempo impediu que o fizesse.
- O Presidente Ivan Junqueira prometeu ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa que vai cuidar com carinho dessa questão. O primeiro obstáculo que se interpõe é o de ordem patrimonial. O edifício e o Centro Cultural são tombados pelo Patrimônio Histórico, de maneira que será estudada a possibilidade de apresentar um projeto para a construção desse túnel, desde que não interfira na questão da descaracterização dos bens tombados. Vai pedir ao arquiteto um projeto e na ocasião azada o submeterá ao plenário.
- O Acadêmico Marcos Vilaça disse que acabava de chegar da reunião do Conselho do Patrimônio Histórico, onde foi aprovado por unanimidade, o tombamento do Cristo Redentor. Disse que o penhasco já estava protegido por lei ambiental e pelo próprio tombamento do patrimônio, mas a imagem ainda não estava. Afirmou que, depois do Recife, a sua cidade predileta é o Rio de Janeiro, e que este é um parecer extremamente bem fundamentado e preserva um emblema brasileiro tão expressivo que é o Cristo Redentor. O relator do processo de tombamento do Cristo do Corcovado foi Ítalo Campofiorito. O Conselho do Patrimônio Histórico aprovou, por unanimidade, o excelente parecer daquele arquiteto.
- O Presidente, no capítulo das Efemérides, deu a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para falar do Acadêmico Lúcio de Mendonça, um dos fundadores da Academia.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que Lúcio de Mendonça não foi um dos fundadores da Academia, ele foi o fundador da Academia. O que aconteceu foi que, devido ao prestígio de Machado de Assis, presidente de 1897 a 1908, entre os contemporâneos, nunca se discutiu essa

primazia que, com o passar do tempo, foi esmaecendo. Fez uma belíssima exposição sobre a vida e obra de Lúcio de Mendonça. (A transcrição das palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu as palavras oportunas e esclarecedoras do Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Presidente convidou a todos para o lançamento do livro da Coleção Austregésilo de Athayde: *Dante Milano – Obra Reunida*, organização e estabelecimento do texto de Sergio Martagão Gesteira. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

## 70.º ANIVERSÁRIO DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo\**

Senhor Presidente, uma das tradições desta Casa é a comemoração das datas redondas, as efemérides que assinalam nascimentos e desaparecimentos de nossos companheiros. Desejo agora registrar uma dessas datas redondas, que é a dos 70 anos do nosso companheiro Cícero Sandroni.

Seu nome completo: Cícero Augusto Ribeiro Sandroni. O pai dele teve o pressentimento de que o filho teria um alto destino e terminaria sendo um dos expoentes do nosso jornalismo e membro da Academia Brasileira de Letras. Assim, deu-lhe o nome de um grande escritor romano e não somente, ainda acrescentou o de um imperador. Para a surpresa de muitos de nós Cícero Sandroni é paulista, e os seus pais são mineiros. Mas ele é essencialmente um escritor carioca, de modo tão agressivo e fervoroso que chega até a pertencer à Academia Carioca de Letras.

Em Cícero Sandroni há múltiplos Sandroni. Saúdo aqui o jornalista completo, que pertence a uma geração de jornalistas completos, que sabem escrever um editorial, fazer uma entrevista ou uma reportagem, manter uma coluna política ou literária – enfim, habitar todos os domínios do jornalismo, da mídia escrita e, atualmente, da mídia eletrônica. Além de jornalista, é um professor de jornalismo, muito conceituado e respeitado: um historiador do jornalismo, atuante também no jornalismo internacional entrevistando figuras estelares da política mundial, e ainda um jornalista empenhado na modernização da nossa imprensa.

---

\* Proferidas na sessão do dia 10 de março de 2005.

Quanto ao escritor, talvez ou decerto obscurecido pela atuação e atuação de homem de imprensa, ele é contista, autor do livro *O Diabo só Chega ao Meio-Dia*, e romancista, autor de *O Peixe de Amarna*. E é principalmente o grande biógrafo de nosso Presidente Austregésilo de Athayde com o seu livro *Austregésilo de Athayde – o Século de um Liberal*, escrito juntamente com a sua mulher, a doce e vigilante Laura, o grande e único amor de sua vida. Com este livro ele foi distinguido com o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes em 1999. É ainda um pesquisador ilustre, que escreveu uma *História do Vidro no Brasil*, livro que, de todo coração, lamento não conhecer, mas presumo que ele seja uma das maiores autoridades em vidro no nosso país.

Habitante do Cosme Velho há 40 ou 50 anos, e morando numa mansão que é uma ilha de cultura e amizade, e às vezes de salubre gastronomia, escreveu um ensaio primoroso sobre o seu bairro, que também foi o bairro de Machado de Assis, de Austregésilo, de Athayde e de Silva Melo e de Marques Rebelo.

É também o biógrafo do nosso companheiro Carlos Heitor Cony, além de participante de dicionários, enciclopédias e outras obras coletivas. É ainda o escritor e jornalista que estende e sabe estender a mão aos jovens. Ao lado de Fausto Cunha, foi o criador da revista *Ficção*, uma revista que teve grande influência como incentivo a jovens contistas e divulgação do tesouro da contística nacional e mundial.

Há também que lembrar em Cícero Sandroni o cidadão que defendeu e defende as liberdades públicas e os direitos humanos em várias e memoráveis campanhas.

Foi ainda o privilegiado confidente de Austregésilo de Athayde e de suas vertiginosas alquimias eleitorais nesta Casa. E é o companheiro exemplar, atento, afetuoso e querido de todos nós, embora, como diretor tesoureiro desta Casa ele seja o depositário intransigente e até impiedoso da chave do nosso cofre. Assim, estou certo, senhor Presidente, de que ao longo deste ano muitas vezes haverão aqui de enaltecer a figura e a atuação do Acadêmico Cícero Sandroni.

Estas minhas palavras singelas serão apenas o começo de uma comemoração que reclama uma exposição exaustiva de seus livros e de sua vibrante ico-

nografia de jornalista e escritor. O fato de ser ele o diretor tesoureiro desta Academia há de representar um obstáculo à exposição que ora proponho. Ele se recusará a gastar um centavo de nossa Instituição *pro domo sua*. Mas haveremos de insurgir-nos contra a sua notória avareza administrativa e manifestar o nosso apreço, admiração e carinho com uma exposição à altura de sua condição de jornalista, escritor e acadêmico.

Para concluir, senhor Presidente, lembro que na juventude Cícero Sandroni foi ator teatral, especialmente no memorável Teatro do Tablado. Lembro-me dele em várias peças. Foi um ator manqué e, agora, para alegria e orgulho de todos nós, é uma figura relevante do grande teatro das letras brasileiras, que é a nossa Academia.

VILAÇA E A ACADEMIA BRASILEIRA  
DE CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Em companhia dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e Evanildo Bechara, tive a honra de assistir, esta semana, à posse do nosso Acadêmico Marcos Vilaça, como membro da Academia Brasileira de Ciência da Administração.

Fundada em 1973, essa Academia já contou entre seus membros com grandes professores, administradores e economistas, entre os quais Helio Beltrão, Wagner Estelita Campos, Jorge Oscar de Mello Flores, Iberê Gilson, Luiz Carlos Mancini, Diogo Lordello, Luiz Simões Lopes, João Carlos Vital, Plínio Cantanhede, Benedito Silva, Luiz Gonzaga de Nascimento Silva e Mário Henrique Simonsen, em cuja Cadeira, justamente, o nosso confrade Marcos Vilaça tomou posse.

Ele já foi, entre outros cargos, Diretor da Caixa Econômica, Secretário de Estado do Governo de Pernambuco, Presidente da LBA, Secretário da Cultura do Ministério da Educação, Membro do Conselho Federal de Cultura, Secretário Particular da Presidência da República, além de Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, da FUNARTE, da Academia Pernambucana de Letras e do Tribunal de Contas da União.

E agora, senhor Presidente, Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça se empossou como membro efetivo da Academia Brasileira de Ciência da Adminis-

---

\* Proferidas na sessão do dia 10 de março de 2005.

tração, em merecida gratidão e em justo reconhecimento aos grandes serviços, que, com correção, dedicação e competência, já prestou e ainda prestará à Administração e à Cultura brasileiras.

## LÚCIO DE MENDONÇA

*Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho\**

Senhor Presidente, senhores Confrades, no dia 10 de março comemorou-se o 151.º aniversário do nascimento de Lúcio de Mendonça.

Lúcio de Mendonça não é um dos fundadores da Academia, é o fundador da Academia, como provarei no curso desta exposição. O que aconteceu é que, o prestígio de Machado de Assis, presidente de 1897 a 1908, um dos maiores romancistas brasileiros, foi a pessoa que consolidou a Academia. Porém, entre os contemporâneos nunca se discutiu essa primazia, embora, com o passar do tempo, isso foi se esmaecendo.

Lúcio de Mendonça nasceu em Pirai, em 1854, ficou órfão de pai cedo, e em sua infância teve professor de primeiras letras. Ele aprendeu a ler lendo jornais e revistas. Fez cursos preparatórios e ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde tinha passado pouco antes o seu irmão, Salvador de Mendonça. A amizade entre os dois era das mais comoventes que se tem na história da Academia e da literatura brasileira. Salvador ajudou muito Lúcio ao longo da vida e, no final, quando Lúcio de Mendonça era ministro do Supremo Tribunal Federal, foi ele que se empenhou muito quando houve a preterição injusta de retirá-lo da Legação de Washington para Lisboa. Ambos tinham uma relação íntima de correspondência e quando Lúcio de Mendonça morreu, Salvador de Mendonça escreveu a Oliveira Lima: “Não perdi um irmão, perdi um filho.”

---

\* Proferidas na sessão do dia 10 de março de 2005.

Em junho de 1912, a Academia inaugurou as estátuas de Machado de Assis, de Joaquim Nabuco, e de Lúcio de Mendonça, e Salvador de Mendonça, no final de sua vida já inteiramente cego, veio à cerimônia e leu a poesia “Versos a Lúcio”. É importante salientar que Salvador de Mendonça era treze anos mais velho que o irmão, porque em publicação da Academia consta que Lúcio era mais velho que o irmão Salvador, o que é uma incorreção.

Da obra de Lúcio de Mendonça chamarei atenção para o que disse Múcio Leão, no centenário de nascimento, que esta obra pode ser estudada sob vários ângulos: a do homem de letras, a do político, a do jornalista, a do homem de ação e de ação espiritual e intelectual.

Lúcio de Mendonça estreou muito cedo na poesia, em 1872, e aos 18 anos publicou o livro *Névoas Matutinas*, que tinha uma carta-prefácio de Machado de Assis. Machado de Assis não era avaro nos seus prefácios – o nosso confrade Antonio Carlos Secchin levantou alguns deles – mas também não foi muito abundante. Pode-se supor que esse prefácio foi obtido graças à grande amizade que Salvador de Mendonça tinha com o nosso primeiro presidente. Diz Machado de Assis:

“O público vai examinar por si mesmo o livro. Reconhecerá o talento do poeta, a brandura de seu verso (que por isso mesmo não se adapta aos assuntos políticos, de que há algumas estâncias neste livro), e saberá escolher entre essas todas a mais bela.” E a seguir dá um conselho ao novo escritor: “Se, como eu suponho, for o seu livro recebido com as simpatias e animações que ele merece, não durma sobre os louros. Não se contente com uma ruidosa nomeada; reaja contra as sugestões complacentes ao seu próprio espírito; aplique o seu talento a um estudo continuado e severo; seja, enfim, o mais austero crítico de si mesmo.”

Lúcio de Mendonça tinha uma faceta da poesia social, com *Visões do Abismo* e *Vergastas*, e em 1902 publicou seu último livro, *Memórias e Clamores – Poesias Reunidas*, que foram realmente a sua última expressão no campo da poesia. Sobre o aspecto social José Veríssimo acentuou: “As preocupações sociais foram um momento na sua vida de poeta e para melhor caracterizá-la é preciso notar que foram de um período de oposição política.”

E confirmava Sílvio Romero, dizendo que “Lúcio de Mendonça foi o criador da poesia social em nossa terra”.

Quanto à obra romanesca e de contista de Lúcio de Mendonça, também muito importante, é interessante salientar que, entre os contemporâneos, nem José Guilherme Merquior, nem Alfredo Bosi, nas histórias da literatura, fazem uma única referência a Lúcio de Mendonça. É uma crítica estrangeira, a professora Luciana Stegagno Picchio, que deu uma grande atenção à obra de ficção de Lúcio de Mendonça. Diz ela que Lúcio de Mendonça se inclui entre os “realistas urbanos”, no gosto de Fagundes Varela e Castro Alves e também no sentido anticlerical de Guerra Junqueiro, a que corresponde sempre “o baixo contínuo de um socialismo hugoano, percorrido aqui e ali por frêmitos de sensualismo amoroso”.

No campo do conto parece ser a contribuição mais importante da obra de Lúcio de Mendonça. Assim comentou Raimundo Correia: “Seus contos, sobretudo, são verdadeiras páginas de mestre, notáveis pela profundidade de observação e, ainda mais, pela excelência da forma, onde se acha caprichosa e primorosamente fundidos. Neste gênero os que têm competido com Lúcio de Mendonça não se considerariam avantajados a ele.” E o seu sucessor nesta Casa, que foi um grande jurista e também um homem de letras, Pedro Lessa, disse: “Alguns de seus contos são primores de observação e de estilo, e neles temos a melhor parte da produção literária de Lúcio de Mendonça. Distingue-se geralmente um acentuado brasileiro, naturalmente explicável por muitos anos de vida provinciana, e do contato quase ininterrupto com a natureza e com os habitantes do nosso interior.”

De fato, depois de formar-se em Direito em São Paulo, Lúcio de Mendonça viveu muito tempo no interior do Estado do Rio, em funções burocráticas, na Justiça, na administração, e trouxe desse período essa vivência do regionalismo brasileiro. Continuando com Luciana Stegagno Picchio, podemos dizer que o tema clássico-folclórico está no conto “O hóspede” e no emblemático “Luís da Serra”, “o último bom selvagem da série histórica, história do caipira ingênuo que, desiludido em seu amor pela moça da cidade, deixa-se despedaçar pela onça, agradecido”.

O único romance de Lúcio de Mendonça, *O Marido da Adúltera*, bem interessante, publicado em folhetins, em 1882, despertou grande interesse. Em 1896, Machado de Assis trata da sua publicação e dos entendimentos que teve com Ferreira da Araújo e o Garnier, que deram resposta negativa. Ao contrário de toda a romancística da época, este é um romance, baseado no *Affaire Clemenceau*, de Dumas Filho, em que o marido enganado, em vez de matar o amante ou a esposa que o traiu, tem o dever de matar-se.

Voltando aos contos, em 1889 ele publica a coletânea *Esboços e Perfis* e, em 1901, *Horas do Bom Tempo*. É interessante que há no Arquivo da Academia uma fotografia do almoço que foi oferecido a Lúcio de Mendonça quando da publicação de *Horas do Bom Tempo*, em que aparecem quase todos os acadêmicos da época, quando foi saudado por Machado de Assis, dando mostras realmente do prestígio literário que alcançara.

A Academia, muito sabiamente, em 2003, editou um volume reunindo os *Esboços e Perfis* e *Horas do Bom Tempo*, com prefácio de seu neto, Carlos Sussekind de Mendonça Neto, assim como é significativa a biografia de Lúcio de Mendonça, publicada pelos seus filhos Edgar e Carlos Sussekind de Mendonça, na Coleção Afrânio Peixoto.

Comentando *Horas do Bom Tempo*, disse Machado de Assis: “Já o título trazia a frescura necessária aos meus invernos. Devem ter sido bons tempos esses, recordados em páginas lépidas, com vida e vontade. É doce achar na conta da vida passada algumas horas tais que não se esquecem, que vivem e fazem reviver os outros. [...] vi os contos, reli muitos e agradeço as sensações de vária espécie que me deixaram, ou alegres, ou melancólicas, ou dramáticas. Uma destas, ‘O hóspede’, é dos mais vivos. E das melancólicas não sei se alguma coisa valerá mais que aquela ‘À sombra do rochedo’, que é um livro em cinco páginas, a comparação da manhã e da tarde é deliciosa.” Machado de Assis conclui com esta frase, que a mim parece definitiva: “A Academia agradece o livro ao seu fundador.”

Na expressão de José Veríssimo: “Não conheço em nosso meio, sob o aspecto da língua, ao menos, ninguém mais bem dotado literariamente que o Sr. Lúcio de Mendonça. Ele possui como poucos o dom da expressão literária, reunindo em grau subido a correção. A elegância e a facilidade. Tem o

singular e invejável dom da escrita fácil, natural e espontânea, mas eminentemente literária.”

Finalmente, desejo citar o trecho de Tristão de Athayde no livro sobre o primeiro Afonso Arinos, tratando de “tradição sertaneja”. Diria que os contos de Lúcio de Mendonça eram obras “realmente de emoção e intensidade pouco comum no gênero e muito especialmente na época”, assinalando “sobriedade vigorosa” e a “verdade interior”.

Terminando esse rápido esboço sobre a obra literária de Lúcio de Mendonça, gostaria de tratar de dois aspectos da sua atuação como ministro do Supremo Tribunal Federal, de 1894 a 1906, quando foi aposentado por invalidez. Em novembro de 1900, o Presidente Campos Sales realizou uma visita à Argentina ao Presidente Rocca e convidou Lúcio de Mendonça como membro da comitiva. No retorno, Rui Barbosa escreveu artigos violentos, estranhando um Ministro do Supremo fazer parte da comitiva de um Presidente da República. Lúcio de Mendonça respondeu na mesma hora, mostrando que ele tinha desempenhado uma missão da maior responsabilidade, em Buenos Aires ele fora recebido pela Corte Suprema Argentina, em sessão presidida por Saens Peña, e pela Faculdade de Direito, portanto honrara as tradições do Supremo Tribunal Federal em visitas que mereceram noticiário da imprensa argentina.

Lúcio de Mendonça dedicou-se a certos aspectos doutrinários, sobretudo como fervoroso republicano que era, e traduziu dois livros, numa época em que a literatura jurídica brasileira sobre o assunto era extremamente precária: os *Estudos de Direito Constitucional*, de Emile Boutmy, diretor da Escola Livre de Ciências Políticas de Paris, e o livro do chileno J.A. Lastarria *Princípios de Política Positiva*.

Quero falar afinal sobre a fundação da Academia. Há vários comentários e afirmações sobre prenúncios da Academia. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ainda no tempo do Império fez uma tentativa de criar uma Academia de Letras; Afonso Celso teria pensado outra; houve a iniciativa de criação da Sociedade de Homens de Letras, o imperador participando de tertúlias, nas quais se destacava o Conselheiro Pereira da Silva. Todas essas tentativas foram inteiramente frustradas.

Comenta-se também que Medeiros e Albuquerque seria um dos fundadores da Academia. Qual teria sido o seu papel? Proclamada a República, Medeiros de Albuquerque, oficial de gabinete do Ministro do Interior Aristides Lobo, teve a idéia de incluir no orçamento uma verba para a criação de uma Academia de Letras. Aristide Lobo aceitou a idéia, mas não quis que fosse incluída no orçamento, e sim em lei comum. Em fevereiro de 1890, Aristides Lobo deixa o Ministério do Interior e, assim, a idéia não se concretizou durante seis anos.

A Academia surgiu na sala de redação da *Revista Brasileira*. Graça Aranha, na correspondência de Joaquim Nabuco e Machado de Assis, mostra que ali se encontravam monarquistas como Joaquim Nabuco, Barão de Loreto, Taunay, republicanos como Lúcio de Mendonça, anarquistas como José Veríssimo. O que os unia era a atividade literária, e foi essa atividade literária que permitiu a Lúcio de Mendonça levar adiante a idéia de criar a Academia.

Inicialmente pensara em criar uma entidade subsidiada pelo governo, fez até uma minuta de decreto, convidou pessoas, insistia muito com Alberto Torres, Ministro da Justiça, mandou publicar notícias pelos jornais, e a idéia era instalar a Academia de Letras no dia 15 de novembro de 1896.

Por motivos que não são bem expressos – e é curioso que na biografia de Alberto Torres pelo nosso confrade Barbosa Lima Sobrinho não tenha sido comentado o assunto – a Academia não vingou. Passado o dia 15 de novembro, volta Lúcio de Mendonça à carga e continua fazendo convites, a tentar a criação da Academia. Tenho aqui cópia da carta que lhe escreve Graças Aranha, que naquela época ainda não publicara um livro:

“Confrade Dr. Lúcio de Mendonça:

Fez-me V. Ex.<sup>a</sup> insigne e honrosa surpresa convidando-me a ser um dos membros da Academia de Letras que por sua iniciativa vai ser fundada. Confesso que fiquei embaraçado para imediatamente recusar, como devia, o lugar que a sua bondade me assinala entre os imortais brasileiros”. É verdade que, inicialmente, Graça Aranha recusou, mas depois acabou aceitando a indicação.

Afinal, com esse esforço de Lúcio de Mendonça no dia 15 de dezembro de 1896 se instala a primeira sessão preparatória da Academia. Peço licença de ler a ata da sessão, porque é extremamente expressiva da fundação da nossa Casa:

“Aos quinze dias do mês de dezembro de mil oitocentos e noventa e seis, na sala da Redação da *Revista Brasileira*, às três horas da tarde, presentes os Srs. [...] é aclamado presidente da reunião o Sr. Machado de Assis. [...]”

O Sr. Presidente dá a palavra ao Sr. Lúcio de Mendonça, que expõe os fins da reunião e declara que, conforme é sabido, ela se destina à fundação da Academia Brasileira de Letras.

Recorda o pensamento que tinham os iniciadores da idéia de vê-la aceita pelos poderes da República, partindo do Governo o ato da criação do Instituto. Essa criação encontrou, porém, embaraços, o que determinou a presente reunião para que os escritores simpáticos à criação da Academia se constituíssem livremente. [...] “Assim, comunica que tem em seu poder projeto de estatutos, organizado por Inglês de Sousa, e dele dê conhecimento à assembléia. Concluindo pede a nomeação de uma Comissão que estudando o projeto em breve prazo emita sobre ele a opinião para a definitiva instalação da Academia de Letras.”

Lúcio de Mendonça tinha na época 43 anos e, para a sociedade da época, era um moço. Haveria outros fundadores moços, mas nenhum deles teve qualquer influência. Assim, pode-se interpretar que Machado de Assis, na sua discrição habitual, quisesse dizer que o moço Lúcio de Mendonça era o fundador da Academia, completada por outros moços, como Rodrigo Octavio, Pedro Rabelo, Magalhães Azeredo e vários outros.

Machado de Assis, em seu discurso inaugural, diz: “Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa.”

Na sessão inaugural, Joaquim Nabuco pronunciou um longo discurso sobre a necessidade da Academia, e acrescenta: “Houve uma boa razão para nos reunirmos a convite do Sr. Lúcio de Mendonça.”

Por que será que Lúcio de Mendonça não foi o primeiro presidente da Academia? Lúcio de Mendonça era um homem impulsivo, polemista, muito ardente, e certamente não seria o homem para conduzir esta Instituição. A frase de Graça Aranha é sintomática: “... Machado de Assis, o homem do consenso, pela sua autoridade, pela sua reputação, pela sua conduta pessoal, era o homem adequado.” Isto é dito no discurso de posse de Constâncio Alves:

“Pela sua feição, podia ser Machado de Assis o fautor da Academia.”

Mas quem a planejou, quem mais se interessou por ela, com tenacidade e entusiasmo, quem lhe deu existência, foi Lúcio de Mendonça, que muitos, e sem inverossimilhança, julgariam inadequado a esse empreendimento.

A sua intransigência militante de republicano radical, a sua veemência de polemista apaixonado, eram contra-indicações para a tarefa pacificadora de harmonizar, no interesse da literatura, dissidências políticas e hostilidades de crenças.

Todavia, é ele o arquiteto dessa construção e não admira que o seja, pois nesse batalhador de tão rigoroso partidarismo e tão ásperas guerrilhas, luzia um nobre espírito de homem de letras, com largo e fervoroso amor das coisas belas.

Para terminar, cito um trecho de correspondência de Joaquim Nabuco a Machado de Assis, de 1899, que é a fecha de todas estas considerações: “Acabo de ler no *Figaro* que o Ferrero [Guglielmo] passou pelo Rio e o nosso Machado o foi buscar a bordo. O Lúcio de Mendonça deve sentir-se ufano — fez uma criação, a Academia hoje é uma instituição nacional. Mas onde estaria ela sem Machado de Assis? Teria morrido do mal de sete dias.”

De modo que o fundador foi Lúcio de Mendonça, que hoje nós reverenciamos, e Machado de Assis o consolidador da nossa Casa. A Academia Brasileira, que se chama “Casa de Machado de Assis”, não pode esquecer em momento algum o papel que teve Lúcio de Mendonça como seu fundador.

## SESSÃO DO DIA 17 DE MARÇO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Mello Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Ivan Junqueira, ao dar início à sessão, indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 10 de março de 2005. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila que aniversaria hoje e para o Acadêmico Moacyr Scliar cuja data natalícia transcorre no próximo dia 23.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho solicitou a inscrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo “A alma de um poeta” publicado no último sábado, no Caderno *Prosa e Verso*, escrito pelo Sr. Sergio Pachá analisando todos os aspectos do livro do Acadêmico Pe. Fernando

Bastos de Ávila. (O artigo será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente comunicou que assim será feito. Declarou ter ele sido o primeiro a ler a resenha de Sergio Pachá e disse-lhe que estava absolutamente perfeita e irretocável.
- O Presidente pediu licença ao plenário para uma inversão nos trabalhos da sessão porque o debate na Ordem do Dia dependia da presença do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que ainda não havia chegado. Pediu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça que cuidasse da Efeméride do dia, que recorda a vida e a obra de Guimarães Passos.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça fez uma exposição sobre Guimarães Passos, que viveu apenas 42 anos. Falou do poeta, boêmio por excelência, das suas viagens, e examinou a sua biobibliografia. (O texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça essa lembrança muito colorida de Guimarães Passos, os navios que tomou, os itinerários que seguiu e finalmente a volta ao Brasil para os braços dos seus amigos.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que na última semana recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Sorbonne Nouvelle.
- Na Ordem do Dia, o Presidente abriu o debate sobre o Ano Brasil na França.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que, antes de ser iniciado o debate, gostaria de ter um esclarecimento sobre a seguinte notícia publicada no *Jornal do Commercio* do dia 10 de março: “Pelo menos dez acadêmicos da ABL já confirmaram presença na sessão solene que a Academia Francesa realizará em Paris, em 20 de julho”. Informou, ainda, que dia 16, ontem, publicou a seguinte notícia: “A delegação brasileira que comparecerá a Paris está composta de quatro acadêmicos e já se comenta quem será o orador pelo Brasil e pela França”. Afirmou que queria saber se estas notas têm procedência ou são fantasiosas.

- O Presidente disse não ter a menor idéia de como essas notas foram parar no *Jornal do Commercio*, porque o objetivo da Ordem do Dia desta sessão é tratar desse assunto. Nada está resolvido. Comunicou que enviou uma carta para a Secretária Perpétua da Academia Francesa, Hélène Carrère d’Encausse, propondo a data de 23 de junho para a sessão solene conjunta. Passou a palavra ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, membro da Comissão por ele indicada para tratar do Ano do Brasil na França, que tem muitas novidades para transmitir à Casa.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que está cumprindo a sua missão, porém ressaltou que o programa, que será distribuído aos acadêmicos, é uma proposta e não foi ainda submetido aos seus colegas Sergio Corrêa da Costa e Eduardo Portella. É um programa que está amplamente aberto. Entendeu que o Presidente gostaria que esse programa fosse debatido hoje tendo em vista a visita ao Brasil do Ministro da Educação da França, Sr. François Fillon, do Sr. Daniel Vitry, Secretário Geral do Ministério, e do Presidente da Sorbonne Nouvelle, Dr. Bernard Bosredon, que farão parte da comitiva que estará na Academia no dia 7 de abril. Comparecerão à sessão, se assim entenderem os acadêmicos, para exatamente, em nome do Governo da França e pela sua mais alta autoridade, que no caso é o Ministro da Educação, poderem discutir, em amplitude, a participação brasileira. Consoante a estrutura já prevista pelo Ministro Tasso Genro, haverá uma reunião no dia anterior, da qual participará juntamente com a delegação da França e com todos os reitores do Brasil. Falou sobre visitas de escritores franceses ao Brasil, detendo-se sobre a única viagem de Sartre, juntamente com Simone de Beauvoir, que teve a honra de receber em sua casa. Passou a ler a programação que foi distribuída aos acadêmicos, resultado das conversas com Bernard Bosredon, Daniel Vitry, Daniel Sigano e com o Prof. Nelson Valério Gomes, Secretário da Direção de Pesquisas e Investigação para a América Latina, do mesmo Ministério. Disse que as iniciativas dos dias 27 e 28 já estão formalmente incluídas no programa geral do Ano do Brasil na França. Deu maiores explicações e detalhes sobre a programação, informando que estão abertos a outros possíveis temas. Todas as despesas com alimentação serão cobertas pelo programa, que também oferecerá cinco

mil euros para as passagens de acadêmicos brasileiros. A Academia da Latinidade se soma aos patrocinadores, oferecendo também três passagens, na expectativa de que a Academia Brasileira de Letras entre também com um terço de ajuda, cujas despesas serão rateadas pelas três instituições. Se isso se configurar, poder-se-á assegurar a presença de uma dezena de representantes da Academia Brasileira de Letras.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que, em razão disso tudo, é que em sessões anteriores trouxe a possibilidade de parceria com o Banco do Brasil, com a Caixa Econômica Federal, com a Petrobras e com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que nos acolheram de maneira muito favorável, e acredita ser esta a hora de esta Casa voltar-se um pouco para estas instituições que podem nos ajudar nessa hora de muita dificuldade, razão por que gostaria de ouvir um pouco o Diretor Tesoureiro desta Casa.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, a pedido do Presidente, deu uma posição sobre a atual situação da Casa. Afirmou que, como foi dito em outras sessões, no Orçamento da Academia para 2005 houve uma adequação à receita prevista. De maneira que a Academia não pode arcar com o que sugere o Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Presidente Ivan Junqueira informou ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida que vê algumas dificuldades para a plena realização de todo esse programa. O programa em si lhe parece ser excepcional, mas não sabe qual é a visão do plenário sobre ele. As dificuldades surgem com relação a uma dotação orçamentária da Casa para a ida desses acadêmicos a Paris. Essa dotação não existe. Fez várias indagações, como, por exemplo, quais os acadêmicos que poderiam financiar a sua viagem, quais teriam patrocínio de suas editoras ou de suas universidades, e os que não desejariam ir. A segunda dificuldade que vê é quanto à reunião na Sorbonne, indagando quais seriam os acadêmicos que estariam disponíveis para preparar uma participação nessas mesas-redondas que se realizarão sobre poesia, romance, crítica, história e filosofia. O plenário sabe como se encontra a atual situação financeira da Academia. Não vê como poderá ocorrer a nossa

participação financeira na ida desses acadêmicos a Paris. Mas gostaria de saber o que o plenário tem a dizer sobre isso.

- Sobre o assunto voltaram a falar os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Cícero Sandroni.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse ter dois compromissos na França que não coincidem com a data da reunião da Academia. De sorte que a sua participação será um pouco prejudicada.
- O Presidente Ivan Junqueira ressaltou que essa representação da Academia nas mesas-redondas é algo sobre o qual se tem de discutir com muito cuidado. É necessário saber quem está disposto a ir e em que condições irá. Isso tem que ser cuidadosamente estudado por cada um daqueles que está sendo cogitado para participar. Disse que, do ponto de vista orçamentário, a Casa tem que se comprometer em enviar apenas o seu Presidente. Fora desse compromisso, a Casa não pode se envolver em mais gastos. Disse ser de sua opinião que alguns acadêmicos possam ir por sua própria conta, como o Acadêmico José Sarney, que falará durante a sessão.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que, por motivo de saúde, não poderá viajar a Paris, na comemoração do Ano Brasil na França. Já esteve nessa cidade em três momentos importantes. Um, no Salão do Livro, em 1998. Outro, na entrega do Prêmio da Latinidade ao escritor Pietro Citati, junto com os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Eduardo Portella, Sergio Corrêa da Costa e Lygia Fagundes Telles. O último, a convite da Sorbonne, quando fez palestras em Lion e outras cidades.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a intervenção realista e oportuna do Acadêmico Carlos Heitor Cony. Disse que a Academia não teria como financiar e não haveria razão cultural para uma grande comitiva de confrades a Paris.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que em 1998, na Presidência do Acadêmico Arnaldo Niskier, a Academia Brasileira de Letras fez uma homenagem à Academia Francesa, e esta mandou três representantes: o Secretário Perpétuo Maurice Druon, a Acadêmica Hélène Carrère d'Encausse e o

Senhor Bianciotti. Disse ser uma comitiva correta para esse tipo de comemoração.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que a opinião do Acadêmico Alberto Venancio Filho é parecida com a dele. Acha que estariam obrigados a ir a Paris o presidente da Casa e os três membros da comissão que tratam desse assunto. A viagem desses três membros não pode ser financiada pela Academia. A Casa poderia pensar numa ajuda de custo, num pró-labore, mas num financiamento total em hipótese nenhuma.
- Em função das observações do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, o Acadêmico Eduardo Portella lembrou que quem trouxe Jean-Paul Sartre ao Brasil, a única vez que este veio, foi ele. Trouxe Jean-Paul Sartre para o Primeiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, no Recife. Disse que não tinha ainda trinta anos quando ele aqui chegou e que lhe perguntou se iria escrever alguma coisa sobre o Brasil. Respondeu que esperava que sim, se conseguisse entender o Brasil. Quinze dias depois, tornou a fazer a pergunta ao visitante e ele disse que sim. Trinta dias depois declarou: “Não vou escrever nada, não entendi nada.” Retificou ainda o Acadêmico Eduardo Portella que Jean-Paul Sartre não foi a Cuba depois do Brasil e, sim, exatamente o contrário. Nesse período, aqui no Brasil, a Editora do Autor, de Fernando Sabino e Rubem Braga, publicou uma série de reportagens que ele escreveu no *Nouvel Observateur* justamente sob o título de *Furacão sobre Cuba*. Disse que possui este volume, autografado por Sartre, e o guarda como uma preciosidade.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida esclareceu ao Acadêmico Eduardo Portella que não disse que Jean-Paul Sartre veio apenas uma vez ao Brasil, de forma alguma. Foi na Rua das Palmeiras que nasceu o convite. O convite é dele e foi pelos Acadêmicos Jorge Amado e Eduardo Portella que Jean-Paul Sartre esteve no Rio de Janeiro. Jamais pretendeu dizer que foi uma iniciativa do ISEB. Reportou-se apenas ao fato de que existe uma documentação, existe um depoimento, existe muita coisa de Vieira Pinto, Guerreiro e Helio Jaguaribe e Roland Corbusier sobre Jean-Paul Sartre.

- O Acadêmico Antonio Olinto disse que em 1998 ficou em Paris, no hotel em que morou o Imperador Pedro II quando deixou o trono. Falou sobre o milagre da educação brasileira e pediu que fosse inserido nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o artigo que o Acadêmico Arnaldo Niskier publicou no jornal *O Globo*, “Precisa-se de milagre na educação”. Contou que esteve com o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça representando o Brasil na Suécia, num seminário sobre a língua portuguesa, a cuja frente estava o presidente do Comitê Nobel da Academia de Estocolmo, Acadêmico Per Vaisemberg. Quando este abriu a sessão para discutir a língua portuguesa, um estudante levantou o dedo e perguntou: “Senhor Presidente, por que estamos aqui discutindo a língua portuguesa?” Ele respondeu: “A Suécia tem sete milhões de habitantes. Somente sete milhões de pessoas falam sueco em todo mundo e não há uma escola fora da Suécia ensinando sueco. Nós precisamos ter uma segunda língua, que é o inglês. O português é falado por duzentos e dez milhões de pessoas. Essa língua nos interessa.” É essa língua que o Acadêmico Arnaldo Niskier está defendendo nesse artigo. Ressaltou o fato de que se não acabarmos com os nossos analfabetos, nos próximos dez anos chegaremos a trinta milhões. Não conseguiremos carregar trinta milhões de analfabetos nas costas, nem levar ninguém para frente, nem ir a Paris, nem ter muita importância a Academia Brasileira de Letras, e continuaremos sendo sempre uma elite.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que achava que Jean-Paul Sartre tinha sido convidado para visitar o Brasil pelo ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Lembrou que, numa palestra na Faculdade Nacional de Filosofia, o Acadêmico Jorge Amado lhe perguntou se não tinha nenhuma pergunta para fazer a Jean-Paul Sartre. Fez-lhe então uma pergunta, que virou artigo no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*. Perguntou a Jean-Paul Sartre por que não havia se matado aos trinta anos. Foi um impacto muito grande e ele perguntou “Por que trinta anos?”. Disse que depois explicou a pergunta num artigo porque aos trinta anos Sartre escreveu *La Nausée*. Finalizou dizendo que, depois do que Sartre escreveu, polêmico, brilhante, nada mais importa.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony a digressão sobre *La Nausée*, um livro admirável de Jean-Paul Sartre, que formou gerações e gerações. Com relação à ida a Paris, disse que tem certeza que voltará a tratar desse assunto no plenário e pensa que a própria comissão designada para tratar desse assunto se comportará agora com uma agilidade muito maior porque, até o fim de abril, tudo deverá estar resolvido. Convidou a todos para o lançamento, na Sala dos Fundadores, do livro *A Alma de um Padre*, do Acadêmico Fernando Bastos de Ávila. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

## A ALMA DE UM POETA

Sergio Pachá\*

Padre Fernando Bastos de Ávila faz um lúcido e lírico balanço de sua trajetória

Eis um livro digno de alinhar-se entre as grandes autobiografias de nossas letras — que são poucas. Testemunho de uma vida, lúcido e lírico balanço de uma existência de escol, seu texto se impõe e fascina por mais uma razão. Primeiro que tudo, pela implacável sinceridade do relato, tanto mais surpreendente quanto menos compatível com a reputação de cavilosa e chicaneira que, antes mesmo de Blaise Pascal e suas *Provinciais*, já aderira ao nome e à pele da Companhia de Jesus. Longe, bem longe de tudo isso está o jesuíta que nestas páginas se confessa.

Rompendo com a sovada tradição da literatura de pios encômios à vida religiosa, que tem muito mais a ver com o proselitismo fantasioso dos caçadores de recrutas do que com a nua realidade daquilo que um poeta nosso chamava “a vida apenas, sem mistificação”, Bastos de Ávila narra os altos e baixos de sua história, sem nada suprimir ou atenuar: a infância feliz; a vocação, subliminarmente inoculada pela mãe e, discreta, mas inequivocamente, caucionada pelo mestre de noviços, mentor de uma suposta “eleição” do adolescente (eleição esta que, na verdade, era um “jogo de cartas marcadas”, dado que “a hipótese do recuo dava vertigens, como o caminhar para a condenação eterna, e era afastada como um pensamento quase obscuro”); o doloroso e estóico assentimento de seu pai; os anos de formação em Nova Friburgo e na Europa do segundo pós-guerra; o retorno ao Brasil, para o início de uma car-

---

\* Artigo publicado em *O Globo*, caderno *Prosa e Verso*, 12 de março de 2005.

reira de professor e conferencista, primeiro na Escola de Sociologia e Política da PUC-RJ, por ele fundada, e, anos mais tarde, no recém-criado Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades).

Uma das surpresas que estas páginas reservam a quantos cresceram embalados pelo mantra da excelência da formação jesuítica será a crítica serena e severa que lhe move o autor. Graves são as reflexões que faz sobre seus anos de filosofia, em Nova Friburgo, “numa espécie de campo de concentração intelectual, no qual não penetravam os agentes provocadores do pensamento filosófico contemporâneo”. Ainda mais graves, talvez, as que dedica aos eivados princípios determinantes do modo de relacionamento dos religiosos entre si: “O individualismo que marcava nossa formação ascética, a prevenção contra os riscos de qualquer amizade humana – hoje sealaria em riscos de homossexualismo – [...] reduziam nossa caridade fraterna à observância de certas convenções e formalismos. [...] Com uma certa malícia, poder-se-ia aplicar a nós o dito de Péguy: *parce qu’ils n’aiment personne, ils croient aimer Dieu* (como não amam ninguém, pensam que amam a Deus).”

Conseqüência direta de tais princípios é o que se lê num par de entradas do diário do autor. A primeira diz respeito à sua admissão como membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: “Vieram muitos convidados, nenhum da Companhia de Jesus ou, mais exatamente, veio um [...] designado pelo Cardeal [...] para representá-lo. [...] Depois houve uma recepção no terraço, tudo pago por Alberto Venancio Filho. A Societas Jesu, Societas Amoris (Companhia de Jesus, Companhia do Amor) não gastou nada comigo e não deu a menor importância a ter um membro no IHGB.” A segunda, mais curta, é ainda mais incisiva: “Curioso: os leigos amam; nós somos caridosos.” Já agora nada haverá que surpreenda neste comentário: “Renunciei inocentemente a tudo e creio hoje que a renúncia inocente é uma contingência da condição humana. Ninguém faria opção alguma, se pudesse prever a seqüela de sacrifícios inerentes a qualquer opção.”

E que dizer destas palavras verdadeiramente admiráveis, que parecem ecoar o “Profundamente” de Bandeira e a “Chanson d’Automne” de Verlaine? “Noite de São João. Ainda ouço os sons de uma remota festinha junina, onde talvez um amor esteja nascendo furtivamente. No alto do céu vejo um

balãozinho perdido na noite. Eu sou como ele: uma chama interior me fez subir. Hoje me sinto surpreendido pela noite e pelo frio externo. Diviso, embaixo, as rasteiras casas, pequeninas, mas onde pode caber um amor. Sinto-me solitário na noite, levado pelo vento, pela luz escassa que não ilumina os passos de ninguém. E minha chama interior vai se extinguindo até se apagar e eu de leve pousarei no chão, ou, quem sabe, no grande mar amigo.”

A alma deste padre é a alma de um poeta.

GUIMARÃES PASSOS,  
POETA E BOÊMIO

*Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça\**

Na transtemporalidade bandeireana de “São os do Norte que vêm” está Guimarães Passos.

No discurso em sucessão dele, Paulo Barreto conta, com a graça costumeira dos seus textos, como se deu a vinda do alagoano para o Rio:

“Por uma certa manhã dos fins do século passado – quase quatro lustros antes da terminação desse memorável século da ciência da luz e do positivismo – um jovem poeta de Maceió resolveu acompanhar a bordo três amigos, que de viagem se faziam para a Corte, capital do Império. O poeta era belo mancebo tropical. Alto, elegante, bíceps gigantes, largo busto com o desabrocho da cintura estreita, longas mãos, cabeleira crespa formavam-lhe a beleza máscula; e quando ria, um riso jovial, entre a ironia satisfeita e a ingenuidade irônica, mostrava aos que o ouviam uma esplêndida dentadura de trinta e dois belos dentes. Era forte, era são, esse mancebo amável. Chamava-se Sebastião Cícero dos Guimarães Passos.”

O moço poeta entrou para o navio com as melhores disposições de voltar à terra uma hora após. Como sempre foi e ainda é costume, apenas nas viagens por mar, afogar as despedidas numa bebida, qualquer bebida em comum, o poeta e os três viajantes abancaram no convés em torno a uma pequena mesa. A conversa animou-se.

---

\* Proferidas na sessão do dia 17 de março de 2005.

Quando por tal deu, Sebastião dos Guimarães Passos ergueu-se, estreitou nos braços comovidos os três amigos, e com o seu passo solene – o passo heráldico, como vieram depois denominá-lo – encaminhou-se para o portaló. Aí viram seus olhos mover-se à paisagem e no oceano, que é mais ou menos verde, borbotões de espuma branca. O navio singrava havia meia hora e dentro em pouco estaria em alto-mar. Sebastião sorriu e voltou aos amigos.

Esse poeta da boemia, da época áurea da boemia dos cafés, integrante do grupo onde se alinhavam Paula Ney, Bilac, Coelho Neto, Luís Murat, José do Patrocínio e Artur de Azevedo, tem vida e morte divididas em quatro navios.

Esse, que o levou de Maceió ao Rio; aquele que o deixou no exílio em Buenos Aires, para se livrar de Floriano Peixoto; o que o conduziu à Ilha da Madeira em busca de curar a tuberculose, que o mataria, em Paris, a 9 de setembro de 1909, aos 42 anos. Nascera em 22 de março de 1867. O último, o que repatriou seus restos mortais, em 1922, por iniciativa da Academia Brasileira.

João do Rio dizia de três desses embarques e desembarques, que era o mar, a que sempre o prendeu um secreto amor, que o levava sem que planejasse. Depois de fechar o ciclo mais alegre da sua existência, a primeira temporada carioca, sucederam-se viagens ao Prata e a derradeira para a Europa.

“O oceano marcou, de fato, as três grandes partidas em que se dividiu essa vida: a partida para a alegria radiante, a partida para a tristeza solitária, a partida para a morte”, disse João do Rio, no discurso de posse ao suceder Guimarães Passos na Cadeira 26.

Quando chegou à Corte estava no fecundo calibre dos 19 anos, para a boemia, para escrever em jornais, para fazer versos e para ser, por algum tempo, arquivista da Secretaria da Mordomia da Casa Imperial.

Fiel boêmio, ao ser convidado para formar a Academia Brasileira de Letras fez seu patrono outro boêmio, o poeta Laurindo Rabelo. Acabou por ter no presente um sucessor – que lástima – nada boêmio. Muito pelo contrário. Faltam-me talentos para tanto.

A esse poeta parnasiano, um seu tanto pessimista, não escapou a veia humorística que está na colaboração para *O Filhote*, depois reunida no livro *Pimentões*, publicado em parceria com Olavo Bilac.

Todos os que estudamos vida e obra de Guimarães Passos temos necessidade em citar José Veríssimo, que encontrou nele, ao tratar de *Versos de um Simples*, um “poeta delicado, de emoção ligeira e superficial, risonho, de inspiração comum, mas de estro fácil, como o seu verso, natural e espontâneo, poeta desprezioso, poeta no sentido popular da palavra”.

Veja-se como Veríssimo está certo nesta quadrinha de Sebastião Cícero Guimarães Passos:

*No momento em que te deixo  
Deixa-me toda a alegria;  
A porta dos olhos fecho  
Porque não vejo o que via.*

No jornalismo brasileiro colaborou em *A Semana*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*. Na Argentina, em *La Nación* e *La Prensa*. Também se assinava: Filadelfo, Gill, Floreal, Puff, Tim e Fortúnio.

O poeta incursionou pelo tom pessimista, mas logo se embeijou pelo tema do erotismo, coerente com o seu embeijamento vário e constante pelas mulheres, atraídas também pelo belo homem que era.

Além do já referido *Versos de um Simples*, que é de 1891, são obras desse filho de um tabelião alagoano: *Hipnotismo*, uma comédia em versos, *Tratado de Versificação* e *Dicionário de Rimas*, ambos com co-autoria de Bilac.

Meio contra a vontade, deixo de lado o anedotário do que Guimarães Rosa aprontou, até mesmo na misteriosa luz que arredonda as noites inquietas de um exilado.

Mesmo sem chegar à idade de espreitar a morte, sem ser velho, mas ganhando a velhice por conta de ser doente, serviu-se dos restos de vida a fim

de em apenas poucos dias, parece que apenas oito, tentar viver em Paris. E morrer ali, conforme desejou, segundo relato dos contemporâneos.

João do Rio fala dessa Paris, como se “enfarinhada de neve”, o que parece espécie de liberdade poética, pois nevar ali em setembro, há de, antes, se checar com a meteorologia.

Acolitado pela indesejada, versejou:

*Morte, há no mundo tanta dor contida  
Que tu, que faldas todo bem do mundo,  
És a coisa melhor que há nesta vida!...*

Foi o último boêmio romântico, retrato fiel de uma época. Até mesmo ao escrever *O Corno da Cabra Amaltéia*, um livro de anedotas, que lhe foram abundantes na sua existência de irregularidades.

João do Rio pinta dele este retrato:

“Morreu quase jovem de corpo e com a alma de uma época que não envelhece, mas se classifica. Era egoísta fantasista, era o egoísta bom.”

Estou de acordo.

## PRECISA-SE DE MILAGRE NA EDUCAÇÃO

Arnaldo Niskier\*

O MEC, ao longo da história, sofreu todo tipo de influência. Quando era moda apresentar soluções de direita ou de esquerda, divertimo-nos bastante com idéias até generosas, mas que não entraram no domínio objetivo da prática.

Querem um exemplo? Vamos acabar com o analfabetismo até o ano tal. Entramos noutra década, as promessas ficaram na saudade, e hoje ainda temos cerca de 14 milhões de iletrados, fora os milhões que somente sabem assinar mal e porcamente o nome, para alegria de alguns políticos do interior. São os coronéis da ignorância.

A questão dos recursos para a educação ficou como utopia.

“Só se pode gastar (e não investir) no ensino superior 50% do orçamento do MEC.” Anos se passaram e esse percentual dançou de 65% para 63%, depois 60%, e agora a reforma proposta para o ensino superior pretende que suba para 75%, desprezando a função supletiva do Ministério, no apoio aos sistemas estaduais e municipais.

É curioso: devido a posturas da Constituição de 88 (que o então Presidente José Sarney afirmou que tornaria o país ingovernável), criou-se uma utopia de que os estados e os municípios ficaram ricos de uma hora para outra. Não precisamos mais da ajuda federal, o que é dos grandes equívocos cometidos pelo comando neoliberal da nossa educação, refletido nos oito anos de governo FHC.

---

\* Artigo publicado em *O Globo*, caderno *Opinião*, no dia 15 de março de 2005.

Se a educação infantil e a educação básica (fundamental + média) são atendidas de forma precaríssima pelo poder público, em geral, que lógica macabra leva as autoridades a essa política de “proteção” ao ensino superior? Fica claro o desejo de criar todos os embaraços à colaboração privada, prevista na Carta Magna.

Estamos vivendo uma época difícil, no estabelecimento de prioridades. Sabe-se que a ação oficial na educação infantil (“é de menino que se torce o pepino”) é pífia. Em termos de Brasil, enfrentamos o brutal fenômeno da desnutrição de forma precária. A participação do MEC é quase nula e os sistemas municipais e estaduais fazem o que podem, ou seja, quase nada.

Os educadores sabem que o cérebro atinge o tamanho normal até os 5 anos de idade. Por isso, a criança precisa ser bem alimentada nos primeiros anos de vida. Isso acontece? Onde? No Norte, no Nordeste, nos grotões pobres de outras regiões? A merenda é precária, mal distribuída, não atinge o período de férias, o que leva as crianças a voltar às aulas, em geral, com menos 2 kg de peso. Isso não é quase criminoso?

Começar mal um processo que deverá ter, no mínimo, 11 anos é trabalhar contra o nosso futuro, com a prevalência do escapismo oficial.

Devemos reformar tudo, na educação brasileira. Isso não se resolve com leis demagógicas ou o exercício acadêmico sem profundidade.

As verbas devem atender, prioritariamente, àquilo que mais necessitamos. Cadê o apoio à melhor formação e ao aperfeiçoamento do magistério? O pensamento sobre a educação à distância é tímido, como se tivéssemos vergonha – o país com este tamanho – de caminhar no mesmo sentido das nações pós-industrializadas.

Não é verdade que o ensino fundamental tenha sido universalizado. A mídia aceitou essa propaganda sem fazer as verificações devidas. E nem uma palavra sobre a péssima qualidade do que foi ministrado, sob orientação oficial, com livros discutíveis e mal distribuídos. Assim, não há santo que dê jeito.

A metade que estuda em escolas públicas, no ensino médio, está mal preparada e vai enfrentar dificuldades óbvias quando chegar ao ensino superior.

De que adianta facilitar o acesso à Universidade, mesmo pública, se o problema é de base? Não há como corrigir o que nasceu torto, apesar dos esforços das nossas atuais autoridades. Elas podem facilitar o acesso via cotas, mas não acreditamos que sejam capazes de fazer milagres. Agredir a Constituição ou desprezar a LDB (Lei n.º 9.394/96) não nos parece a melhor idéia. Por isso, concordamos plenamente com o estudo feito pelo jurista Célso Borja. Em matéria de inconstitucionalidade, o anteprojeto é um prato cheio.

## SESSÃO DO DIA 23 DE MARÇO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Eduardo Portella, Diretor dos Anais da Academia Brasileira de Letras; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou sobre a fidelidade da ata da sessão do dia 17 de março de 2005. A ata foi aprovada, após reparos feitos pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e a Acadêmica Ana Maria Machado.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho comunicou que representou o Presidente e a Academia Brasileira de Letras nas homenagens que as Academias de Letras de Ilhéus e Itabuna prestaram aos confrades Jorge Amado e Adonias Filho. Fez um relato completo de como transcorreram essas homenagens. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por ter cumprido com muita eficiência essa representação. Pelas notícias que lhe chegaram de Ilhéus, a sua conferência, naquela Academia, inaugurou uma nova fase de relações entre as duas Casas.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco revelou ser uma feliz coincidência ter recebido recentes notícias de Paris de que estava pronta a tradução francesa do livro *A Revolução Francesa e o Índio Brasileiro*, promovida pela Academia no contexto dos eventos do Ano Brasil-França. Informou que na primeira página do Segundo Caderno de *O Globo* há uma longa e exclusiva reportagem sobre a exposição dos indígenas brasileiros no Grand Palais de Paris, do sucesso enorme e da grande multidão que está ocorrendo a essa exposição. Ao mesmo tempo, recebeu um e-mail da tradutora do livro, dizendo que o mesmo está sendo vendido na Galeria do Grand Palais. Concluindo, disse não ser possível haver coincidência mais feliz e decisão mais oportuna do que o fato de o Presidente desta Casa ter promovido essa iniciativa. Disse ter ficado muito grato pela lembrança por ser um livro que o Acadêmico Afonso Arinos escreveu há mais de meio século, só agora vertido para a língua francesa.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e disse que promover a edição francesa corresponde apenas ao cumprimento de um dever de sua parte, quando se celebra o centenário do brasileiro Afonso Arinos. Espera que as demais iniciativas da Casa, como a exposição, que será realizada em novembro, e o ciclo de conferências alcancem o mesmo êxito que está alcançando a tradução de Monique Le Moing e, ainda, o Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, que será entregue aqui no plenário.
- O Acadêmico Cícero Sandroni pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do magnífico artigo publicado hoje no *Jornal do Brasil*, pelo Acadêmico Oscar Dias Corrêa, no qual ele defende a nossa Amazônia. Disse tratar-se de um artigo brilhante, onde o Acadêmico expõe uma série de idéias que vem defendendo desde o tempo em que era deputado por Minas, na Câmara do Rio de Janeiro. Prosseguindo, informou que, segundo designação do Presidente, participou da entrega do

Prêmio Austregésilo de Athayde de Direitos Humanos, instituído pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Na ocasião, receberam essa medalha Dom Marcos Morelli, Bispo de Duque de Caxias, o ex-Senador Abdias Nascimento, militante do Movimento Negro, o jornalista e ex-Deputado José Gomes Talarico, o Grupo Tortura Nunca Mais, o Quilombo São José da Serra, e a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro. Disse ter sido uma grande honra estar presente a essa solenidade, porque pela primeira vez um Executivo estadual institui uma medalha com o nome do ex-presidente desta Casa destinada a pessoas ou entidades que lutaram pela defesa dos Direitos Humanos. Comunicou que a Governadora Rosinha Garotinho entregou a Laura Sandroni, filha de Austregésilo de Athayde, uma placa em que ficou gravada a portaria que cria essa medalha. Passou a placa ao Arquivo da Academia, que depois se juntará ao Arquivo de Austregésilo de Athayde, no futuro doado à Academia.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni por essa representação. Associou-se também àqueles que aqui tanto aplaudiram o artigo do Acadêmico Oscar Dias Corrêa. Em primeiro lugar, pela pertinência e atualidade do que ali está sendo dito no que toca à ameaça à soberania nacional. Disse ainda que o Acadêmico Oscar Dias Corrêa vai ainda mais longe quando corajosamente toca numa questão muito delicada, e que já há algum tempo acompanha com preocupação, o que ele chama de pontas de lança, representada hoje na Amazônia por cerca de quatrocentas organizações não-governamentais, sem nenhum controle do Governo.
- A Acadêmica Ana Maria Machado relatou o encontro da UNESCO sobre “Os rumos da educação na América Latina”, do qual participou na semana passada, no Chile. Disse que o encontro foi realizado de uma maneira bem fechada, apenas para levantar e discutir assuntos que depois serão levados a outras instâncias. Eram apenas oito pessoas, das quais quatro tinham experiência de política pública, como os ex-Ministros da Educação da Espanha, de Portugal, do Chile e da França. Os outros eram especialistas. Considerou muito interessante que no Brasil se tenha discutido o fim da literatura no ensino brasileiro e que lá se optou por fazer uma declaração, muito veemente, pelo humanismo na formação dos pro-

fessores e pela inclusão de leituras de história na formação docente. O ex-ministro francês fez questão de relatar que, desde o ano passado, na França, é obrigação legal de todas as escolas incluir duas horas e meia diárias de leitura e que, a partir do próximo ano, será criado nas escolas francesas um currículo de literatura infantil. Considera muito bom registrar essa ênfase que vem sendo dada, no sentido contrário do nosso, com a preocupação com o afastamento da literatura do nosso ensino. Registrou também que foi recebida lá pelo Embaixador Gelson Fonseca, com muita eficiência, profissionalismo e fidalguia, além de ter demonstrado muito interesse na Academia e entusiasmo por um projeto conjunto de publicação que está tendo seguimento com o Presidente Ivan Junqueira, e pensando em depois estabelecer uma participação maior do Brasil no Dia Nacional da Poesia do Chile. A propósito da experiência cubana, aqui relatada pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho há algumas semanas, queria registrar que ainda se fazem diplomatas como antigamente.

- O Presidente agradeceu à Acadêmica Ana Maria Machado o oportuno depoimento sobre a reunião patrocinada pela UNESCO no Chile. Esclareceu que o projeto comum entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de La Lengua, do Chile, é uma co-edição bilíngüe dos poemas de João Cabral de Melo Neto e Gonzalo Rojas. O Acadêmico João Cabral terá sua obra apresentada pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que a Acadêmica Ana Maria Machado teve mais sorte do que ele, porque Gelson Fonseca é, sem dúvida, um embaixador à moda antiga. Pediu licença ao Presidente para fazer referência a uma efeméride que, na realidade, se refere ao dia de amanhã, que são os 77 anos da morte do Acadêmico Oliveira Lima, em Washington. A respeito do Acadêmico Oliveira Lima, disse que gostaria apenas de fazer duas breves observações. A primeira delas é que Oliveira Lima, a partir da 3.<sup>a</sup> edição do seu livro *Dom João VI no Brasil*, que é de 1996, feita pela Topbooks, foi descoberto pelos universitários e pesquisadores. O segundo ponto é que esse livro, além de recuperar a imagem de D. João VI, deturpada por uma série de preconceitos e caricaturas, tem também um aspecto bastante moderno. São dois capítulos que considera

extraordinários: o capítulo sobre o espírito das ruas e o capítulo sobre as festas e rituais. Chamou a atenção para a Biblioteca Oliveira Lima, que se encontra na Universidade Católica de Washington e que tem um número muito grande de panfletos, inexistentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Biblioteca Nacional de Lisboa. Lembrou que Evaldo Cabral de Melo julga que o conflito de Oliveira Lima com Rio Branco teve um efeito positivo, no sentido de permitir que ele pudesse fazer as pesquisas para escrever *Dom João IV no Brasil*. Certamente esse conflito, que levou Oliveira Lima a doar a sua Biblioteca para a Universidade Católica de Washington e a proibição de que ela seja transferida para o Brasil, é realmente para se lamentar.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho as duas ponderações que acabou de fazer e gostaria de lembrar que no ano passado, nesta Casa, o Acadêmico Oliveira Lima foi objeto de uma das conferências do ciclo *Intérpretes do Brasil*.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, a propósito das palavras de José Murilo de Carvalho, lembrou que, quando serviu em Washington, freqüentou muito a Biblioteca Oliveira Lima, que nessa época era dirigida por um português chamado Manuel Cardoso, e a lembrança que tem sobre isso é de que Oliveira Lima não tinha recursos para reunir os seus livros, que estavam espalhados em três ou quatro lugares diferentes, e o Governo Brasileiro não lhe facultou recursos para reunir tudo e trazer para o Brasil. A Universidade Católica de Washington ofereceu esses recursos, de modo que a biblioteca ficou em Washington um pouco por razões financeiras. Afirmou não acreditar que um ressentimento pessoal com o Barão do Rio Branco tivesse feito um homem, com o sentido de patriotismo que Oliveira Lima tinha, de negar ao Brasil um acervo cultural daquela proporção. Quanto ao que foi dito pela Acadêmica Ana Maria Machado e pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre as Embaixadas que visitaram recentemente e nas quais o tratamento foi diferenciado, é apenas porque a primeira é dirigida por um Embaixador de carreira, e a segunda não. Portanto, continua-se a fazer embaixadores como antigamente.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse ter recebido esta manhã a confirmação de que a Missão Francesa, que estará aqui no próximo dia 7, deverá ser chefiada pelo próprio Ministro da França, o Sr. François Fillon, que deverá estar aqui com o Sr. Daniel Vitry e o Presidente Bosredon. Confirmou também o que disse o Acadêmico Eduardo Portella, na sessão passada, de que Sartre só veio uma vez ao Brasil.
- O Acadêmico Cícero Sandroni comunicou que já consta da programação cultural deste ano uma mesa-redonda sobre Jean-Paul Sartre, no dia 23 de junho, data marcada para a reunião da Academia Brasileira de Letras com a Academia Francesa, em Paris.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que dessa mesa-redonda participam os Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet e os Srs. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.
- O Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, a respeito do que aqui foi dito da Biblioteca e do testamento de Oliveira Lima, informou que não há um veto à transferência dessa Biblioteca para o Brasil. Relatou as providências que tomou e os estudos feitos ao tempo da Presidência do Acadêmico Austregésilo de Athayde, que propiciaria a transferência daquele acervo monumental – de quase cem mil títulos – para o Brasil. Foi um problema de tempo. Se o estudo tivesse ocorrido uns dois ou três anos antes, talvez o projeto tivesse se realizado.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa esse esclarecimento que, se não está enganado, traz pela segunda vez a esse plenário. Resta-nos torcer para que um dia essa Biblioteca de Oliveira Lima venha para o Brasil.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho informou à Casa que por instrução de Oliveira Lima, que está sepultado em Washington, só tem registrado na lápide esta frase: “Aqui jaz um amigo dos livros”.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho essa lembrança, porque acredita ser esse epitáfio pouco conhecido dos acadêmicos.
- Na Ordem do Dia, atividades lexicográficas da Academia, o Presidente disse que gostaria de dar ao plenário uma notícia que considera muito

boa. Contou que foi procurado por uma das diretoras da Editora Campus, a historiadora Mary Del Priore, que apresentou uma proposta verbal da co-edição da 4.<sup>a</sup> edição do nosso *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, e em breve este contrato estará nas suas mãos. Informou que a Editora Campus é hoje uma distribuidora muito poderosa e tem a impressão que essa co-edição trará uma visibilidade muito grande para a edição do *Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras*. Pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para apresentar um pequeno relatório sobre as atividades da Comissão de Lexicologia e Lexicografia, mas antes de dar-lhe a palavra gostaria de ouvir o Presidente dessa Comissão, Acadêmico Eduardo Portella.

- O Acadêmico Eduardo Portella disse que entende que realmente a Comissão de Lexicologia e Lexicografia funciona num clima de total harmonia, não apenas dos acadêmicos escolhidos, mas também da pequena comunidade de especialistas que aqui se encontram para prestar esse serviço, cuja figura central é o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, filólogo de carteirinha, que é na mesma pessoa uma obra, é um itinerário, é uma biografia. Ressaltou que filologia é um assunto rigorosamente técnico, não é um espaço onde a liberdade do palpite possa transitar com tranquilidade, e entende que ninguém mais do que o Acadêmico Professor Evanildo Cavalcante Bechara pode fazer esse pequeno relatório.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que todos conhecem a generosidade do Acadêmico Eduardo Portella, de modo que de suas palavras têm de descontar o que vai por conta da amizade e do carinho que os unem. Antes de dar início ao seu relatório, lembrou ao Presidente que, como houve interesse da Editora Campus em distribuir o *VOLP*, a Academia está num pequeno impasse porque a Reforma Ortográfica de 1990 está totalmente aprovada, cabendo apenas a Portugal dizer quando esta ortografia entra em vigor. Afirmou que as mudanças não são muitas, mas substanciais, e acredita que uma edição agora, antes de adaptar o *VOLP* à reforma, é prematura. O Acadêmico Evanildo Bechara disse que a equipe de lexicógrafos está dividida em duas tarefas prementes. De um lado, um grupo de três se aplica a preparar o *Dicionário Escolar*, com cerca de 30.000 entradas, para entregar à Companhia Editora Nacional

os originais no prazo indicado pelo Contrato firmado entre essa editora e a ABL. De outro, três se detêm no levantamento do *corpus* literário e não-literário que irá integrar o rol de abonações que aparecerão no *Dicionário* maior, com cerca de 100.000 entradas. Estas atividades estão a exigir o investimento de mais recursos de pessoal e equipamentos, que não puderam ser ainda atendidos pela situação financeira temporária por que passa nossa instituição. Como há prazos a serem cumpridos em relação ao *Dicionário Escolar*, espera que o mínimo das necessidades seja atendido tão cedo quanto possível. Afora estas atividades, debruça-se a Comissão em corrigir lapsos de revisão e residuais das edições anteriores que se mantiveram na edição de 2004. Teceu também o mesmo Acadêmico considerações sobre a futura necessidade de adaptar o *VOLP* à reforma ortográfica recentemente aprovada.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que é sempre bom aprender com quem sabe, pois estava entusiasmado com a proposta da Editora Campos, mas diante das palavras do Acadêmico Evanildo Bechara terá que retardar um pouco essa publicação. Agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara toda essa notícia que nos dá da Comissão de Lexicologia e Lexicografia que, como todos sabem, vai a todo vapor, ainda que na medida do possível.
- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Antonio Olinto apresentou um completo trabalho sobre o Acadêmico Oliveira Vianna. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto essa percuciente e singular rememoração que nos fez do Acadêmico Oliveira Vianna, porque, apesar daquela filiação àquele pangermanismo que tanto grassou no início do século XX no Brasil, o Acadêmico Oliveira Vianna conseguiu deixar obra historiográfica de notável coerência e de uma visão realmente profunda da realidade brasileira. Lembrou que no ano passado, no ciclo *Intérpretes do Brasil*, Oliveira Vianna foi esplendidamente retratado por José Arthur Rios. Agradeceu a todos e declarou encerrada a sessão.

ACADEMIAS DE LETRAS  
DE ILHÉUS E ITABUNA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Representando V. Ex.<sup>a</sup> e esta Academia, tive a honra, na semana passada, de visitar as cidades baianas de Ilhéus e de Itabuna, cujas Academias de Letras prestavam na ocasião comoventes homenagens aos nossos confrades Jorge Amado e Adonias Filho.

Lá, tive oportunidade de fazer uma conferência sobre eles dois, mas tive também a felicidade de, mais uma vez, testemunhar pessoalmente o quanto esta Casa é querida e respeitada por este Brasil afora, tão grande e tão carinhosa foi a hospitalidade oferecida.

Seus habitantes – Prefeito, Bispo Diocesano, Vereadores, jornalistas e empresários – fizeram-me portador de muitas mensagens de gratidão à nossa ABL, por estar presente lá, entre eles, naqueles momentos tão importantes para as suas vidas.

De Jorge e de Adonias, senhor Presidente, os habitantes daquela região cacauera têm motivos de justo orgulho, porque ambos foram realmente dois acadêmicos e intelectuais baianos, que muito engrandeceram e honraram esta Academia, a Bahia e o Brasil.

---

\* Proferidas na sessão do dia 23 de março de 2005.

## A AMAZÔNIA É NOSSA

Oscar Dias Corrêa\*

Vi contristado, há pouco, as notícias de estudos que ambientalistas, sobretudo norte-americanos, veicularam, em conferência sobre a Amazônia, a propósito da situação daquela parte importante do nosso território, e que muitos, muitíssimos, teimam em pretender internacionalizar.

Os argumentos, repetidos há dezenas de anos, são os mesmos: que a Amazônia é um “pulmão da humanidade”, uma “reserva universal da biodiversidade” etc., etc. e que a exploração deve se fazer em benefício da humanidade e tendo em vista o interesse das nações mais desenvolvidas, que não podem admitir se lhes sonegue o direito ao gozo das potencialidades e riquezas do território.

Nessa argumentação, aliam-se cientistas, políticos e empresários do mundo globalizado, orquestrados na pretensão de transformar a região em patrimônio universal a ser explorado pelas nações mais poderosas, em condições materiais de fazê-lo, ao contrário do que aconteceu com o Brasil até agora. Não conta, nem lhes interessa, a soberania brasileira sobre o vasto território, que vêem como simples detenção, afastável pelo interesse e pela força daquelas nações.

O mais esquisito é que indicam como o território deve ser explorado e os efeitos da exploração, mas não se dispõem a ajudar o país, que lhe tem o domínio, a tentá-lo, preferindo eles mesmos fazê-lo, como lhes aprouver e como se fosse coisa sua.

---

\* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 23 de março de 2005.

O mais grave é que, solidárias com essas teses, organizações não-governamentais e missões ditas religiosas se prestam a colaborar na desnacionalização e internacionalização da área, atuando como ponta-de-lança de penetração e invasão, por todos os meios de que dispõem. E são todos, dos materiais (econômicos, financeiros) aos ideológicos.

Com isso, dia a dia, se faz mais grave a situação, tanto mais quando temos exemplos recentes de ação, até mesmo militar, para atender aos interesses de certas potências. E, no caso da Amazônia, o interesse é generalizado, como generalizada é a convicção de que o Brasil não está em condições de dar-lhe o desenvolvimento necessário, nem de defendê-la dos que lhe ambicionam o domínio e o controle.

Estranhamente, não temos de nossos governos, até agora, uma palavra séria, ponderada e categórica que faça entender a esses interessados que a Amazônia não é terra de ninguém: tem dono e quem a defenda. Outra não pode ser a nossa posição declarada, clara e peremptoriamente.

A questão da soberania não admite tergiversações, conversações, menos ainda concessões. O Brasil deseja desenvolver (explorar conveniente e racionalmente) a região, mas não dispõe, no momento, de recursos imediatamente realizáveis que o possibilitem. Nem, infelizmente, de vontade política que o imponha, com a presteza e a eficiência política que exigem.

Não se pretende exploração irracional e predatória; e se aceita a colaboração das demais nações que, se interessam tanto por isso, devem dispor-se a colaborar, em condições que lhe autorizem, possibilitem e facilitem o cumprimento do anseio nacional e internacional.

Temo-lo dito que há 50 anos, quando formulamos, na Câmara dos Deputados, requerimentos de informações ao governo sobre a atuação das missões ditas religiosas, na região, e as respostas oficiais confirmaram o abuso de sua atuação, com os riscos conseqüentes.

Ainda bem que o Sivam poderá defender a nossa soberania, impedindo o avanço dos invasores, aos quais deve ser oposto o argumento necessário, inclusive a força.

E ainda bem que, no Congresso, uma CPI começa a cuidar das ONGs, examinando-lhes a situação, para regulá-la dentro dos limites de nossa soberania.

Pena é que os recentíssimos acontecimentos na área ainda não tenham evidenciado a falta de efetiva proteção aos direitos individuais e coletivos e aos interesses nacionais. O que, entretanto, serviu para alertar o governo quanto aos riscos de não atender, imediatamente, à concretização das garantias inerentes ao império da lei. Que deve dar-se sem necessidade de fiscais do FBI.

É mais do que hora de provar que a Amazônia é nossa!

## OLIVEIRA VIANNA

*Palavras do Acadêmico Antonio Olinto\**

Oliveira Vianna pensou o Brasil, analisou o Brasil, fixando-nos – a nós, habitantes da Terra – com uma percuciência que poucas vezes tivemos em nossos analistas. Dedicado a estudos sociais de vasta abrangência, percebeu como ninguém o que éramos, o que fazíamos e o que precisava ainda ser feito. Fluminense de Saquarema fazia parte de um grupo de membros da inteligência brasileira em que se achava também o poeta Alberto de Oliveira, tendo os dois ocupado a mesma Cadeira n.º 8 da Academia Brasileira de Letras em que hoje me encontro.

Sem a dramaticidade de Euclides da Cunha, Oliveira Vianna mapeou nosso território analisando-lhe a população e identificando seus movimentos políticos e sociais. Interessava-lhe especialmente a população rural do país. Nela via a base da nacionalidade que se formara nos séculos I, II e III de nossa História. Chamo logo a atenção para a decisão de Oliveira Vianna, em seus livros, de considerar os séculos brasileiros como prioritários e de com eles mencionar cada acontecimento de nossa História. Assim, os 500 seriam o nosso século I, os 600 o nosso século II, os 700 o século III, os 800 o século IV, os 900 o século V e este começo de um milênio sendo o nosso século VI. Nem uma só vez dá ele a forma internacional à numeração dos séculos. Usa sempre o ano brasileiro e talvez não tenhamos tido modo melhor de alguém ser nacionalista. Que o era.

---

\* Proferidas na sessão do dia 23 de março de 2005.

Vejam a data de seu nascimento: 1883 – na década em que chegávamos à lei que abolia a escravidão e dava começo à República. Terminaria o curso de Direito em 1906. Seus anos de formação foram, assim, os primeiros da República. Desde cedo estudou e investigou as questões e os diversos aspectos da formação do Brasil como país e como nação. Daí surgiram os dois volumes de *Populações Meridionais do Brasil*, o primeiro saído em 1922 e o segundo postumamente. Fazem ambos o levantamento do Centro-Sul do Brasil (Rio de Janeiro, Minas e São Paulo) e o mundo pastoril do Rio Grande do Sul, quando o Brasil buscava a ostentação através do uso de sedas, pedrarias e damascos e uma grande paixão por cavalladas, touradas e outros jogos. Isto mostrava, nos primeiros séculos, uma vida urbana rudimentar, em contraste com uma vida rural da maior intensidade. A vida rural tinha seus caudilhos que demonstravam uma grande capacidade na sua organização militar e na formação de seus clans guerreiros.

Em Campos dos Goitacazes o poderio dos caudilhos chega a proclamar, durante algum tempo, o território como independente do Brasil e de Portugal. Até o século IV (os Oitocentos), os caudilhos mandaram. O espantoso é que essas rebeldias não atingiam a unidade brasileira. Essa unidade devemos-la a que milagre? Para Oliveira Vianna, Portugal evitou o esfacelamento do Brasil, fenômeno que ocorreu com os espanhóis no resto da América Latina. O outro Oliveira – Oliveira Lima – sugere que, no século IV de Oliveira Vianna, a presença de D. João VI no Brasil teria evitado que nos dividíssemos em cinco ou seis países.

Numa obra tão vasta e difícil, deixou Oliveira Vianna tudo anotado, explicado, corrigido. Quando morreu, ficou a Editora José Olympio como encarregada de publicar toda a sua obra. Em testemunho dos técnicos da editora – entre os quais se achava nosso falecido confrade Marcos Almir Madeira – Oliveira Vianna deixou tudo pronto. Consta do parecer desses técnicos os seguintes trechos: “Era de ver os originais: já datilografados, não lhes faltava nada. Traziam, quase todos, as últimas emendas, os últimos caprichos do estilista.” Depois do mundo rural de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, no segundo volume de seu tratado analisou a sociedade pastoril do Rio Grande do Sul.

Trabalhando com Getúlio Vargas, participou Oliveira Vianna da criação da lei trabalhista dos anos 30. Diga-se que Getúlio foi de esquerda num tempo, de direita noutra e outra vez de esquerda no final. Permitam-me essa digressão a este escritor que viveu parte de sua vida sob Getúlio. Quando chegou vitorioso ao Rio, Getúlio vinha quase como emissário e herdeiro dos tenentistas, de que a Coluna Prestes não deixou de ser um lado heróico. Ao criar a lei trabalhista, parecia de esquerda. Em 1937 (Hitler e Mussoline estavam no auge), ficou na direita. Mais tarde, eleito pelo povo, lutou pela Petrobras e de certa maneira mostrou-se homem da esquerda. Nos seus quinze anos de poder, contou com a presença de Oliveira Vianna na luta pelo trabalho.

Para quem lê hoje um livro inteiro de Oliveira Vianna, quero chamar a atenção para seu estilo. É dos mais límpidos e lúcidos que já tivemos. Principalmente seu livro *O Ocaso do Império*, que se lê como um romance. Pode parecer que, no comparar um livro de história a um romance, fique o livro de história diminuído. Ao contrário, pois o que Oliveira Vianna quis, nesse livro, foi narrar, foi contar uma história real acontecida em seu tempo. Sua narrativa começa com a queda de Napoleão e o Congresso de Viena, quando os Príncipes – fossem quais fossem – quiseram recuperar suas velhas prerrogativas. Mas a idéia de Parlamento já se firmara. Depois daquele ano de 1815 (século XIX para eles, século IV para Oliveira Vianna), a narrativa de nosso autor destaca o ano de 1868, quando caiu o Gabinete Zacarias. Diz Oliveira Vianna: “Pode-se dizer que o grande processo de desintegração do sistema monárquico data daí.” A partir do desaparecimento do Gabinete Zacarias conta Oliveira Vianna, passo a passo, tudo o que houve, com a atuação de Benjamin Constant minando por dentro a posição dos monarquistas. O deputado Afonso Celso Júnior dizia em 1888, um ano antes da Proclamação da República: “A mocidade que surge das Academias, dos Seminários, do Exército ou Armada é francamente republicana.” O que mais causava espanto em Oliveira Vianna era que aquele homem – D. Pedro II – caía sem que ninguém, absolutamente ninguém, o defendesse. Deixaram-no partir em silêncio. Só. Nem uma palma agradecida. Nem um rumor breve de aplauso. Nem um só grito de protesto. E, no entanto, nenhum rei, como ele, dizia Oliveira Vianna, fazia jus àquela glorificação ardente contida nas palavras de

Isaías: “Porque vós saireis em alegria e sereis conduzido em paz. Os montes e os outeiros cantarão diante de vós cânticos de louvor e todas as árvores do país baterão com as mãos dando aplausos.”

Talvez tenham sido estas palavras a única homenagem que D. Pedro II recebeu, no centenário de seu nascimento, feita por um futuro membro da Academia Brasileira de Letras, que tinha seis anos de idade quando D. Pedro II foi colocado num navio rumo à Europa.

### SESSÃO DO DIA 31 DE MARÇO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; João de Scantimburgo, Diretor da Revista Brasileira; Eduardo Portella, Diretor dos Anais da Academia Brasileira de Letras; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 23 de março. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva fez a entrega do livro *Mensagens a Marcantonio*, de Maria do Carmo e Marcos Vinícios Vilaça. Afirmou tratar-se de um belo livro sob todos os aspectos, desde o aspecto gráfico até o ponto final. Um livro de comovedora saudade no qual se incluem não só numerosos depoimentos de Maria do Carmo e Marcos Vinícios Vilaça sobre o filho morto, portanto o cântico do calvário desses dois grandes amigos, mas também uma série de testemunhos sobre Marcantonio e uma bela entrevista por este concedida. Falou da amizade que o

unia à família Costa e Silva, logo pôde testemunhar o quanto ele era respeitado pelos meios artísticos europeus, norte-americanos e latino-americanos. Disse que esse livro é mais um testemunho do amor de Maria do Carmo e Marcos Vinícios Vilaça e é bom que fique na Biblioteca da Academia como o testemunho deste amor e da amizade que todos temos por seus pais. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, emocionado, agradeceu as palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, fazendo, também de público, um agradecimento à Acadêmica Ana Maria Machado, que fez um prefácio muito generoso. Disse que nessas ocasiões se socorre de uma frase de Mía Couto. Ele diz que “um morto amado nunca pára de morrer”.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que se encontra na Sala Joaquim Nabuco um membro da Academia das Ciências de Lisboa, Prof. Antonio Dias Farinha, e pediu licença ao Presidente para introduzi-lo na Sala do Plenário.
- O Prof. Antonio Dias Farinha foi saudado com uma salva de palmas.
- Associando-se às palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, o Presidente Ivan Junqueira disse que nada mais justo, nada mais oportuno, nem nada mais bem recebido por todos neste plenário do que essa lembrança a Marcantonio Vilaça.
- Com a palavra, o Acadêmico Murilo Melo Filho falou da noite de autógrafos na qual a Acadêmica Ana Maria Machado lançou o livro *Palavra de Honra*, no qual confirma suas extraordinárias qualidades de grande romancista. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- A Acadêmica Ana Maria Machado agradeceu muito essas palavras tão generosas do Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, Presidente da Comissão do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, passou a ler o parecer, do qual foi relator o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, e propõe que a láurea seja conferida a Berenice Cavalcante, autora de *Passaporte para o Futuro – Afonso Arinos*

*de Melo Franco, um Ensaísta da República.* (O texto do parecer será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras.*)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu à Comissão do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco e submeteu o parecer ao plenário, que o aprovou. Comunicou que o vencedor do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco é então Berenice Cavalcante, autora de *Passaporte para o Futuro – Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República.*
- Com a palavra, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara nomeou as Comissões dos prêmios da Academia Brasileira de Letras, assim constituídas:

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS – Para conjunto de obras:

José Sarney  
 Eduardo Portella  
 Tarcísio Padilha  
 Alberto da Costa e Silva  
 Alfredo Bosi

PRÊMIO ABL – Poesia:

Lêdo Ivo  
 Carlos Nejar  
 Antonio Carlos Secchin

PRÊMIO ABL – Ficção – Romance, Teatro e Conto:

Nélida Piñon  
 Moacyr Scliar  
 Ana Maria Machado

PRÊMIO ABL – Ensaio, Crítica e História Literária:

Evaristo de Moraes Filho  
 Candido Mendes de Almeida  
 José Murilo de Carvalho

PRÊMIO ABL – Literatura Infanto-Juvenil:

Arnaldo Niskier  
Murilo Melo Filho  
Zélia Gattai Amado

PRÊMIO ABL – Tradução:

João Ubaldo Ribeiro  
Sábato Magaldi  
Carlos Heitor Cony

- A Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes foi indicada para a apreciação do plenário que não fez nenhuma alteração, ficando assim constituída:

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

Marcos Vinícios Vilaça  
Alberto Venancio Filho  
João de Scantimburgo  
Antonio Olinto  
Affonso Arinos de Mello Franco

- O Presidente Ivan Junqueira comunicou a renúncia do Acadêmico Alberto Venancio Filho para a coordenação e preparação do livro da Academia sobre os 200 anos da Imprensa Régia no Brasil e submeteu a aprovação do plenário para substituí-lo os nomes dos Acadêmicos Murilo Melo Filho e Cícero Sandroni. O plenário aprovou os novos nomes. Deu ao plenário uma notícia que considera das mais alvissareiras. Foi-lhe entregue hoje, pelo Acadêmico João de Scantimburgo, Diretor da *Revista Brasileira*, o número em que a Academia homenageará as relações de quase cinco séculos entre o Brasil e a França. Disse que todos os esforços serão feitos para que esse número esteja pronto a tempo de ser levado

para a reunião com a Academia Francesa, no dia 23 de junho. Nesse número foram contemplados diversos e distintos aspectos do relacionamento França-Brasil, abrangendo diferentes áreas da cultura, da diplomacia, da história, da política, da educação e da sociologia.

- O Presidente Ivan Junqueira passou a palavra para o Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou à Biblioteca da Academia o livro *L'Indien Brésilien et la Révolution française*, tradução do livro *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, do Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco, que ocupou a Cadeira n.º 25 durante vários anos e tem a honra de suceder. Fez um breve relato sobre o livro, que foi editado em 1937, quando Afonso Arinos acumulava o cargo de advogado do Banco do Brasil com o de professor de Civilização Brasileira na Universidade do Distrito Federal, cadeira esta que foi criada por Anísio Teixeira, e teve como primeiro Reitor o Acadêmico Afrânio Peixoto e o segundo Reitor, que o convidou para essa Casa, Acadêmico Afonso Pena Júnior. Disse que esse livro corresponde a uma reflexão de Afonso Arinos sobre o problema desde o final da década de 20, quando estudou em Genebra com o professor Sechaye, e se dedicou, sobretudo, às figuras de Montaigne e Rousseau. Lembrou que Afonso Arinos estava entusiasmado com essa cadeira de professor, quando, em 1937, veio a Constituição do Estado Novo, proibindo as acumulações. Afonso Arinos pensou em continuar na cadeira da UDF e largar o cargo de advogado no Banco do Brasil. Dois anos depois a Universidade do Distrito Federal era extinta e Afonso Arinos continuou como advogado do Banco do Brasil, escrevendo a sua história. Em 1943 assina o Manifesto dos Mineiros, começa sua carreira política e se dedica aos livros de biografias de Afrânio de Melo Franco e Rodrigues Alves. Veio a guerra, as relações entre Brasil e França ficaram tênues e Afonso Arinos, que era desligado da sua obra literária, nunca pressupôs que esse livro fosse uma contribuição importante da cultura brasileira à história das idéias universais. Lembrou que, por influência da Editora José Olympio, só foi feita uma reedição em 1975. Em 2002, a editora Topbooks reeditou a 3.ª edição com um belo prefácio do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Finalizou dizendo que, com a come-

moração do Ano Brasil na França, por influência do Presidente Ivan Junqueira e a contribuição desse grande brasileiro à história das idéias, o livro fará um grande sucesso.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a apresentação do Acadêmico Alberto Venancio Filho, no plenário, dessa importantíssima contribuição de Afonso Arinos de Melo Franco e disse que ele próprio se empenhou muito para que chegasse a bom termo a tradução de Monique Le Moing que, num primeiro relance, lhe parece correta e até mesmo venturosa. Desejou ao livro, neste ano em que se comemora o centenário de nascimento de Afonso Arinos de Melo Franco, o maior sucesso na Europa e em todas as partes do mundo. No capítulo das Efemérides, passou a palavra ao Acadêmico José Murilo de Carvalho para falar sobre o Acadêmico Cândido Motta Filho.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez uma linda exposição sobre a vida e a obra do Acadêmico Cândido Motta Filho. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico João de Scantimburgo disse que o Acadêmico José Murilo de Carvalho, no capítulo das Efemérides, não fez referência à nomeação do Acadêmico Cândido Motta Filho para o Ministério da Educação e fez uma breve referência sobre o assunto. Disse que Arthur Bernardes Filho foi a São Paulo para tratar da nomeação para esse Ministério, que estava destinado a São Paulo. Lá se encontrou com Altino Arantes e conversaram sobre política e sobre a dificuldade da escolha de um ministro que servisse aos interesses do Partido Republicano. A certa altura, no Viaduto do Chá, passava em sentido contrário o Acadêmico Cândido Motta Filho. Quando Altino Arantes o viu, disse a Bernardes Filho: “Está aí o Ministro.”
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico João de Scantimburgo e ressaltou a precisão, o colorido e o senso de oportunidade com que o Acadêmico José Murilo de Carvalho lembrou a passagem de Cândido Motta Filho pela vida nacional.

*MENSAGENS A MARCANTONIO,*  
DE MARIA DO CARMO E MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

*Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva\**

Senhor Presidente, eu queria fazer a entrega, à Biblioteca da Academia, do livro *Mensagens a Marcantonio Vilaça*, de Maria do Carmo e Marcos Vinícios Vilaça. Trata-se de um belo livro, sob todos os aspectos, desde o aspecto gráfico até o ponto final. Um livro de saudade, de comovedora saudade, no qual se incluem não só numerosos depoimentos de Maria do Carmo e Marcos Vinícios Vilaça sobre o filho morto – e, portanto, um cântico de Calvário desses que se fazem apenas a grandes amigos – como também uma série de testemunhos sobre Marcantonio Vilaça, juntamente com uma bela entrevista que ele concedeu.

Tive o privilégio de ser amigo de Marcantonio. Hospedou-se ele mais de uma vez nas embaixadas do Brasil de que fui titular e em casas de meus filhos, em outros lugares do mundo. E pôde a família Da Costa e Silva apreender o quanto Marcantonio Vilaça era respeitado pelos meios artísticos europeus, norte-americanos e latino-americanos. Era uma pessoa de conversa inesgotável e rica, conversa a que não faltava a ironia e, às vezes, até mesmo, a ponta de sarcasmo. Mas a conversa de uma pessoa extremamente curiosa por todos os aspectos da vida, e não apenas pelos aspectos artísticos.

Grande amigo, coração amplo, capaz de deixar-se envolver por todas as manifestações da beleza. Ainda lembro o encantamento com que ele foi à estação de ônibus de Bogotá ver a saída dos velhos ônibus para o interior,

---

\* Proferidas na sessão do dia 31 de março de 2005.

inteiramente coloridos, todos decorados de figuras, com suas capotas cobertas de frutas, de verduras, de animais domésticos, cabras, cabritos, porcos, galinhas, a caminho do interior. E ele voltou mais de uma vez à estação de ônibus para assistir àquele espetáculo extraordinário, que é a arte transbordando nas mãos do povo, nas coisas mais simples e corriqueiras, nas coisas mais elementares.

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos, este livro é mais um testemunho do grande amor de Maria do Carmo e de Marcos Vinícios Vilaça por Marcantonio. É bom que ele fique em nossa Biblioteca como testemunho deste amor e da amizade que todos nós temos por seus pais e que alguns de nós, que tiveram o privilégio de conhecê-lo, por ele também tiveram.

*PALAVRA DE HONRA, DE ANA MARIA MACHADO**Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Durante uma concorrida noite de autógrafos, na Livraria Argumento, a nossa estimada Acadêmica Ana Maria Machado lançou, segunda-feira, este seu novo livro *Palavra de Honra*, no qual confirma as suas extraordinárias qualidades de grande romancista.

Nem sei o que nele mais admirei: se a bonita história de José, um corajoso imigrante português, que transpôs o Atlântico e aqui, sob sua liderança de grande patriarca, construiu toda uma geração de Almadás; se o texto escrito com absoluto respeito à sintaxe, à regência, à concordância, à gramática e à ortografia das palavras – fenômenos que andam cada vez mais raros e mais escassos na nossa paisagem literária; se a urdidura e o texto romanescos que transcorrem, impávidos, límpidos e fagueiros, aos olhos do leitor, da primeira à última página, como aconteceu comigo mesmo, nestes últimos dias.

O Prefácio de *Palavra de Honra* é do nosso Acadêmico Alfredo Bosi, para o qual, no encerramento do romance, já é impossível distinguir a narrativa do pensamento, numa trama e num enredo simplesmente inesquecíveis.

Parodiando o Bosi e a Autora, eu diria apenas que, também para mim:

– Esta é a nossa “Palavra de honra”.

---

\* Proferidas na sessão do dia 31 de março de 2005.

## PRÊMIO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

*PASSAPORTE PARA O FUTURO –  
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO,  
UM ENSAÍSTA DA REPÚBLICA*

A Comissão do Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, após examinar cuidadosamente todos os trabalhos que lhe foram apresentados, propõe que a láurea seja conferida a Berenice Cavalcante, autora de *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República*. Trata-se de um estudo bem documentado, bem pensado e bem urdido, no qual se analisam as idéias de Afonso Arinos, a partir, sobretudo de suas experiências de viagem, tanto na geografia quanto nas estantes de livros. No primeiro caso, a primeira estada e os sucessivos encontros com Roma servem de paradigma; no segundo, as constantes leituras de Montaigne. No trabalho, ressalta-se a centralidade que a reflexão sobre a condição humana teve no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco, cuja evolução tem nesse ensaio uma boa história.

Rio de Janeiro, 31 de março de 2005

Lêdo Ivo – *Presidente*  
Alberto da Costa e Silva – *Relator*  
Sergio Paulo Rouanet  
José Murilo de Carvalho  
Alberto Venancio Filho

## CÂNDIDO MOTTA FILHO

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho\**

“Nunca fui de aspirações definidas. Quis ser engenheiro, quis ser médico, quis ser pintor, quis ser militar, quis ser o que não podia ser e acabei bacharel como toda a gente e jornalista como muita gente. O resto foi mais imaginação do que desejo.”

Cândido Motta Filho fez essa confissão em seu livro de memórias, *Dias Lidos e Vividos* (p. 41). Sem que isso tenha sido seu propósito, apontou com clareza na confissão as opções profissionais abertas a jovens de classe alta no século XIX, e mesmo na Primeira República, como era o caso do autor, nascido que fora em 1897. Direito, medicina, engenharia, jornalismo, artes. Ao mencionar a carreira militar, não deixou claro se referia à Marinha ou ao Exército. Caso se referisse ao último, seria uma pequena surpresa. No século XIX, só procuravam o Exército filhos de militares e da pequena burguesia, o que não era o caso de Cândido Motta Filho, descendente de tradicional família paulista, filho de pai bacharel, jurista e político, típico da elite oitocentista.

A confissão ilustra ainda a opção afinal adotada por esses jovens, o direito, quase todos, e o jornalismo, muitos. De preferência, as duas coisas ao mesmo tempo. As duas coisas e mais alguma coisa. Como muitos outros de sua geração, Cândido Motta Filho, além de advogado e jornalista, foi político, magistrado, crítico literário, biógrafo e memorialista, sem que a diversida-

---

\* Proferidas na sessão do dia 31 de março de 2005.

de das tarefas afetasse a qualidade do desempenho. É que as fronteiras entre os vários campos de atividade estavam ainda mal definidas na própria sociedade que recentemente se livrara da escravidão, fator simplificador dos papéis sociais.

Mas a confissão contém um ingrediente que não é generalizável para toda a classe a que pertenceu Cândido Motta Filho. “Nunca fui de aspirações definidas”, diz ele. Seguramente, muitos de seus contemporâneos tiveram aspirações definidas. Ele parece ter pertencido a esse tipo de pessoas, não sei se privilegiadas ou não, para as quais as coisas vão acontecendo naturalmente, como se pré-definidas, e às quais se vão adaptando sem questionamento, passando a desempenhar com competência as tarefas que a vida lhes apresenta. Formou-se em Direito, envolveu-se logo em política pelas mãos do pai, elegeu-se para o primeiro cargo, juiz de paz, sem fazer um discurso, foi feito deputado estadual sem fazer campanha, foi eleito, com surpresa, para a Academia Paulista de Letras, e assim sucessivamente até chegar ao topo da escada social e política na condição de Ministro de Estado em duas pastas e de membro do Supremo Tribunal Federal. Só o acesso a esta Casa lhe deu trabalho, pois teve que tentar duas vezes.

Outra marca de Cândido Motta Filho, esta de novo compartilhada com sua geração, foi o interesse pelas letras. Formou-se em 1919, pouco antes da agitação provocada pela Semana de Arte Moderna. Dessa agitação participou intensamente, com direito a vaia, amigo que era de vários dos paulistas que nela se envolveram. Aderiu com entusiasmo ao grito de “Morra a Academia!”, lançado nesta Casa por Graça Aranha, em episódio vividamente descrito há pouco em palestra do Acadêmico Murilo Melo Filho. Ao longo da vida, relacionou-se com inúmeros homens de letras, exerceu a crítica literária e fez das letras parte de sua vida. Nada melhor para exemplificar esta simbiose entre vida e literatura do que o título de seu último livro de memórias, *Dias Lidos e Vividos*. Memórias, sobretudo dos outros, quase uma coleção de reportagens, *Dias Lidos e Vividos*, assim como *Contagem Regressiva*, revelam a presença constante e intensa das leituras do autor nas conversas que tem, nos episódios que descreve, nas avaliações que faz. Essa característica pode ter sido herdada do Modernismo. Como observa Eduardo Jardim de Moraes, tanto a esquerda modernista, capitaneada por Oswald de Andrade, como a direita,

liderada por Plínio Salgado, e da qual se aproximou Cândido Motta Filho, foram marcadas pelo esforço de aproximar a literatura da ação política, o escritor do político.

O Modernismo, ao colocar o Brasil no centro das preocupações intelectuais, ao decretar que o estudo do nacional era condição para se atingir o universal, deve ter também contribuído para desenvolver o interesse de Cândido Motta Filho pelo político, definido como um campo de atuação e conhecimento mais amplo do que o da simples política. O primeiro testemunho desse interesse foi sua participação em 1929, em São Paulo, na criação da Ação Nacional do Partido Republicano Paulista, grupo inspirado nas idéias de Alberto Torres. Em 1932, Cândido Motta Filho foi um dos fundadores da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, criada com o objetivo de promover estudos sobre o país. Em 1955, como Ministro da Educação e Cultura, criou o ISEB, aproveitando projeto existente no Ministério, mas seguramente também inspirado em proposta de Alberto Torres, feita em 1914, de se criar um Instituto de Estudo dos Problemas Nacionais, que também chamou de Centro de Estudo de Problemas Brasileiros.

Falando do ISEB, faço um parêntese para corrigir afirmação feita em meu discurso de posse. Baseado em depoimento de um dos criadores da instituição, afirmei que o projeto original fora apresentado ao ministro Antônio Balbino por seu chefe de gabinete, Gilberto Amado. O chefe de gabinete era Amado, mas não era Gilberto. Era Gilson. Irmãos embora, não devem ser confundidos. Agradeço a Alberto Venancio Filho ter chamado minha atenção para o equívoco.

Voltando a Cândido Motta Filho, anoto que a preocupação com o político em seu sentido amplo e em sua dimensão nacional refletiu-se também na escolha que fez de seus biografados: Bernardino de Campos, Alberto Torres, Eduardo Prado, Rui Barbosa. Eduardo Prado e Alberto Torres constam de qualquer lista de intérpretes do Brasil. Rui Barbosa, muito criticado à época do Modernismo, continuava e continua sendo um dos clássicos de nosso pensamento liberal. Bernardino de Campos destacou-se entre os fundadores do partido republicano paulista por sua lucidez e firmeza doutrinária. Dos quatro, foi sem dúvida Alberto Torres quem maior influência exerceu sobre

Cândido Motta Filho, como o indica o próprio título da biografia que este publicou em 1931, com prefácio de Plínio Salgado: *Alberto Torres e o Tema da Nossa Geração*. A insistência de Torres em estudar o Brasil, em recusar o mimetismo de idéias e instituições estrangeiras, em valorizar a política como instrumento de organização nacional, em promover o nacionalismo, eram, segundo Motta Filho, a receita de que sua geração precisava para sair da perplexidade e da paralisia em que se achava. Coincidentemente, a preocupação de Torres foi também a dos modernistas, à esquerda e à direita.

As memórias de Cândido Motta Filho, no entanto, ocupam-se também da política e dos políticos. Com freqüência, somos surpreendidos pela descrição de episódios desconhecidos, por revelações preciosas, por citações deliciosas. Escolho uma delas para terminar. No dia anterior ao golpe 1937, em meio à intranqüilidade e receio generalizados, Cândido Motta Filho foi ao Senado onde o senador Costa Rego buscou acalmá-lo: “Não há motivo de sustos, seu Motta. O Brasil não é tão feio quanto se pinta! [...] Ouça o que vou dizer-lhe: O Brasil tem uma virgem santa protetora, que se chama Nossa Senhora da Sem-Vergonhice. Ela é que nos encaminha e nos impede de ir pelo caminho continuado da violência. Os povos fracos e pobres costumam usar da violência como um desabafo de sua insignificância. Porém, o Brasil compreendeu, desde sua independência, que o adesismo é a única arma que tem um povo pobre para defender-se. [...] Alguns poetas falam no brasileiro como homem cordial. Que cordialidade, qual nada! O homem cordial é o homem que adere. Se fecharem o Congresso e surgir a ditadura civil ou militar, o que se tem de fazer é desmanchar a violência pelo adesismo.” (*Contagem Regressiva*, p. 116) Falou e convidou Cândido Motta Filho a ir ao cinema. No dia seguinte, 10 de novembro, o Estado Novo foi decretado. As palavras de Costa Rego revelaram-se proféticas, sua receita foi usada por muitos, até mesmo por Cândido Motta Filho.

### SESSÃO DO DIA 7 DE ABRIL DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Sábato Magaldi, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 31 de março. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs a concessão da Medalha João Ribeiro, da ABL, ao escritor Paulo Nunes, que é uma figura representativa da literatura no Nordeste e é Presidente da Academia Piauiense de Letras há mais de 20 anos. Paulo Nunes reorganizou e reconstruiu essa Academia, que é uma das mais operosas do Nordeste e é também Presidente do Conselho Estadual de Cultura. Mas a razão principal por que propõe este nome é o fato de ele ser um ensaísta, um pesquisador literário do mais alto relevo e autor de ensaio sobre Graciliano Ramos.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo a proposta que lhe faz para a concessão da Medalha João Ribeiro ao ensaísta Paulo Nunes, a quem conhece pessoalmente e cuja obra muito estima. Propôs ao plenário que dispensasse a deliberação da Diretoria sobre a pertinência dessa proposta e a submeteu ao plenário, que a aprovou.
- O Presidente declarou que a Medalha João Ribeiro foi concedida ao ensaísta piauiense Paulo Nunes.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha fez um belo pronunciamento sobre a perda do Papa João Paulo II, grande estadista e grande líder espiritual e moral da humanidade. (O texto será transcrito e incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha essas sábias, oportunas e comoventes palavras que acabou de pronunciar sobre o Papa João Paulo II. Disse fazer suas e, acredita, de todo esse plenário, as palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha.
- Associando-se às palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha, o Acadêmico Carlos Heitor Cony falou também sobre o Papa João Paulo II. (Esse texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony esse depoimento também muito importante para o plenário.
- O Presidente Ivan Junqueira comunicou que se encontram em visita à Academia os membros de uma Delegação Francesa, tendo como motivo as comemorações que se farão em Paris, durante o Ano do Brasil na França. Essa delegação está composta pelo Sr. André Siganos, Diretor Adjunto da Direction de la Coopération Scientifique et Universitaire; o Sr. Bernard Bosredon, Presidente de Paris III e 2.º vice-presidente da Conférence des Présidents d’Université; o Sr. M. Rhym, Directeur des Relations Internationales et de la Communication; o Sr. Nelson Vallejo-Gomez, Chefe do Departamento Américas, Direction des Relations Internationales et de la Communication para o Fórum dos Reitores; Olivier Audeoud, Président de la Commission des Relations Extérieures, de la Conférence des Présidents d’Université; a Sra. Martine Dorance,

Conselheira de Cooperação e de Ação Cultural, e o Sr. Rémy Lestienne, Adido Científico da Embaixada da França; Cônsul Geral, Philippe Dupont, e Jean-Paul Lefevre, Adido de Cooperação e de Ação Cultural. O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida apresentou os componentes da delegação francesa, falou sobre o programa de cooperação entre o Governo da França e a Academia Brasileira de Letras, fazendo chegar a cada um dos acadêmicos uma cópia desse programa. Discorreu também sobre a importância do encontro, que está marcado para o dia 28 de junho próximo.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida a exposição que acabou de fazer a respeito das possibilidades que podem ser desenvolvidas em Paris e indagou se algum dos representantes dessa delegação gostaria de fazer uso da palavra.
- O Professor Bernard Bosredon, Presidente de Paris III, em nome da delegação, agradeceu a saudação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, falou sobre a programação desse encontro em Paris e presenteou a Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente agradeceu as palavras do Sr. Bernard Bosredon e a presença da delegação francesa na Academia Brasileira de Letras. Pediu ao Acadêmico Candido Mendes para proceder às despedidas, ocasião que fará um pequeno intervalo para que a sessão ordinária possa ter seguimento normal.
- O Acadêmico Candido Mendes apresentou as despedidas, em nome da delegação francesa, e voltou a falar sobre a programação que será desenvolvida em Paris.
- O Presidente Ivan Junqueira, dando prosseguimento aos trabalhos da sessão ordinária, disse que na sessão passada havia esquecido de nomear o Presidente da Comissão para o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes e nomeou o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça para a Presidência dessa Comissão. No capítulo das Efemérides, passou a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier para lembrar a figura de José Veríssimo.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier fez uma belíssima exposição sobre o Acadêmico paraense José Veríssimo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a palestra feita pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre o Acadêmico José Veríssimo, por ser a vertente educacional na obra de José Veríssimo muito importante nos dias de hoje. Tem a impressão de que todos conhecem bem o ensaísmo e a crítica literária de José Veríssimo. Disse que foi muito oportuno lembrar esse lado da obra do grande escritor paraense já que estamos às vésperas da votação de uma reforma educacional, que ainda não se tornou consenso nem no Congresso Nacional, nem nas Universidades. Nada mais havendo a tratar, convidou os Acadêmicos para a conferência do escritor angolano José Eduardo Agualusa, na Sala José de Alencar, e deu por encerrada a sessão.

## FALECIMENTO DO PAPA JOÃO PAULO II

*Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha\**

Sr. Presidente, tomo a iniciativa de me pronunciar, a respeito desta perda de um estadista, de um líder espiritual e moral da humanidade, o Papa João Paulo II. Pensei maduramente antes de solicitar a palavra, uma vez que a Academia há que se manter distante de confissões religiosas, de partidos políticos. Mas, a personalidade em questão ultrapassa essa barreira, daí o reconhecimento em escala planetária que se vem observando de forma exponencial. Procurarei ser breve, uma vez que pessoalmente poderia dar um depoimento longo, por haver conhecido o Santo Padre três meses após a sua investidura. E daí por diante os contactos foram numerosos, assim eu poderia dar testemunho de diversos aspectos da sua vida.

Quero salientar, primeiramente, que João Paulo II foi, antes de tudo, um polonês. Isto facilitará enormemente a compreensão de todas as suas atitudes, das suas iniciativas. A Polônia, como um país que ficou esmagado entre a bota nazista e a bota stalinista, sempre recorreu à Igreja Católica para afirmar-se nacionalmente. O patriotismo e a religiosidade do povo se fundiam, porque eram um imperativo a sobrevivência desse povo. Mas, esta é uma consideração de caráter geral. Eu preferia aprofundar os dados para coonestar e corroborar esta assertiva. Daí porque, com os contactos havidos no Vaticano e mesmo fora dele, tive a ocasião de conhecer, eu diria, as quatro pessoas mais ligadas ao Santo Padre: primeiramente, o seu secretário, Stanislaw Dziwisz, que aparece a todo instante nos meios de comunicação, bem assim três escri-

---

\* Proferidas na sessão do dia 7 de abril de 2005.

tores, que foram Josef Tischner, Stanislaw Grygiel, Tadeusz Styczen e S. Swiezawski, ex-professor de filosofia do Papa. Dois deles filósofos, sendo que este último sucedeu o Santo Padre na cátedra de Ética da Universidade de Lublin. E Grygiel é mais um teólogo de cunho literário, o seu estilo é belíssimo. Estas pessoas me passaram exatamente as tradições da Polônia, e assim fizeram-me compreender mais o Papa, e, por conseguinte explicam muitas das suas atitudes extremamente fiéis à tradição e que geraram, para ele, o julgamento simplificado e simplista de um Papa meramente conservador.

Acredito que, progressista ou conservador, neste caso, seria uma forma reducionista de lhe interpretar a biografia, uma vez que foi o Papa de uma grande abertura para o mundo, para as outras religiões, para os outros espaços. Numa nova espécie de geopolítica inovadora, ninguém se comunicou tanto quanto ele. Daí porque estou a supor que, na verdade, ele foi um Papa missionário. Em função desta condição de missionário é que nós podemos acoplar esses outros aspectos: o estadista, o comunicador, o homem carismático, atento a todas as nuances dos desafios dos novos tempos. Tudo isto, a afirmação em torno dos direitos humanos, tudo está ajustado a uma missão: a missão evangelizadora que ele se propôs – aliás, para isto fora eleito. A verdade é que ele levou aos extremos esta opção e quis, por outro lado, firmar de maneira extremamente chamada conservadora a identidade da Igreja Católica. E por quê? Porque havia sido precedido por dois papas reformadores, um dos quais abriu o caminho, com o Concílio Vaticano II, e o outro completou a obra, e daí resultou certa turbulência para os ajustes de uma nova mentalidade aos religiosos, alguns dos quais até abandonaram a sotaina, padres, freiras, religiosos e religiosas, assustando Paulo VI a ponto de ele falar em autodestruição da própria Igreja.

Então, eu entendo que, a par de ser o polonês aferrado às tradições, ele também se compenetrou de que não podia tergiversar em matéria doutrinária, porque a Igreja passara pela crise do pontificado anterior. Mas, por assim dizer, no mecanismo de abertura, foi o Papa do diálogo, intensificou o diálogo ecumênico e também o diálogo inter-religioso, ou seja, o diálogo com as confissões cristãs diversas e o diálogo com as outras religiões. Em alguns casos foi bem mais feliz do que em outros. No que concerne, por exemplo, aos judeus, foi inquestionável o seu êxito, e isto se explica pela sua biografia:

ele tinha vários amigos judeus que trazia da juventude, um dos quais, Grygiel, teria sido talvez alguém que lhe sugeriu a ida à Sinagoga de Roma – fato marcante na história das religiões. Hoje, ao tomarmos conhecimento do seu testamento espiritual, dois nomes só são citados: o de seu secretário particular, Stanislaw Dziwisz, e o do rabino da Sinagoga de Roma, Elio Toaff. Não cita outros nomes. É extremamente significativo, pois, a consciência que ele tinha de que os judeus são efetivamente os irmãos mais velhos dos cristãos. Esta não é só uma verdade histórica, como é uma verdade teológica que João Paulo II afirmou e reafirmou numerosas vezes.

Sua atuação no que concerne ao plano da política externa é conhecida de todos. Foi e ainda será durante algum tempo uma presença na história dos homens e da relação entre as nações. A sua posição em favor dos direitos humanos granjeou-lhe este respeito, às vezes até uma quase veneração por parte de alguns, o que para ele causaria surpresa, porque ele era um homem extremamente afirmativo, mas extremamente simples na convivência. Não foi um asceta, é um erro supô-lo. Ele amava a vida, amava as pessoas. Havendo ficado órfão por todos os lados – perdeu todos os parentes aos vinte anos – ele então passou a amiudar contactos com colegas, que se tornaram seus amigos, e esse clima de convivência ele levou para o Vaticano, onde ele não fazia refeição sozinho. O noticiário do dia, para ele, começava com o café da manhã. Ou seja, as pessoas que lhe traziam informações novas, de que ele se alimentava para os seus pronunciamentos. Mas tudo isso servido por embasamento filosófico extremamente apurado.

Ele, de certa forma, foi, à distância, um discípulo de Roman Ingarden, grande mestre da fenomenologia na Polônia, um talento excepcional, e através dele travou contato com uma polonesa norte-americana, que era presidente da Sociedade de Fenomenologia, que o lançou nesse mundo da cultura. Ele começou a participar de congressos, em diferentes países, e aí apreendeu o núcleo das culturas que antes conhecia só livrescamente. Essa polonesa, por sinal, ocupou-se da tradução do seu livro *A Pessoa em Ato* (*The Acting Person*). Tenho esse livro em diversas línguas, e no confronto se vê que a tradução inglesa representou um grande acréscimo dessa filósofa, que queria fazer prevalecer suas idéias fenomenológicas, e o Papa discretamente procurou fazer com que o livro não circulasse tanto. A tradução italiana é a melhor,

mais fiel ao pensamento do papa. Pensamento este que eu resumo em duas palavras, para concluir. É uma espécie de conciliação entre a fenomenologia e o tomismo da tradição ainda vigente àquela época nos seminários e nas universidades. Karol Wojtyła doutorou-se em Filosofia, com uma tese sobre Max Scheler, exatamente porque ele via o filão fenomenológico como uma abertura e um enriquecimento do pensamento filosófico, e de fato o é, e ainda doutorou-se em Teologia, com uma tese sobre San Juan de la Cruz. Lecionou Ética, durante vinte anos, e Tadeusz Styczen continuou seu trabalho, como segue até hoje.

É claro que se poderia dizer muita coisa, poderíamos ficar aqui uma tarde toda a falarmos de João Paulo II, mas não é o caso e há outras pessoas que desejam falar, e Candido Mendes trouxe aqui visitantes, que certamente gostarão de ouvir o próprio Candido. Então, quero dizer-lhes que o Papa foi, antes de tudo, um filósofo, calcado numa visão ontológica da pessoa. O núcleo da pessoa é a grande realidade, e o núcleo da pessoa gera o que eu chamo a ética do respeito. Respeito pelas pessoas, pelas instituições e pelas nações. Nenhuma nação merece ser tratada diferentemente por uma outra por ser mais poderosa, disse ele. Ele foi afirmativo, não se curvou a injunções, nunca falou em obediência aos desejos da platéia. Ele sempre disse o que pensava. E por esta fidelidade aos seus valores e aos seus princípios, por essa energia que foi buscar nas fímbrias de sua alma, ele veio até os nossos dias. E ao falecer deixou um grande legado. O fundamental é que sejamos dignos desse grande legado.

## PAPA JOÃO PAULO II

*Palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony\**

Senhor Presidente, eu queria acrescentar alguns pontos às palavras sábias de Tarcísio Padilha. Antes de mais nada é preciso ver que João Paulo II transcendeu completamente à liderança religiosa. Ele se tornou realmente num homem do mundo, no bom sentido. Não foi à toa que, hoje, os jornais publicaram a foto de dois ex-presidentes e do presidente dos Estados Unidos reverenciando o Papa. Ele transcendia à religião. Todos os três são protestantes praticantes. Um deles, por sinal o que está no poder, recebeu severas admoestações por conta da guerra do Iraque. No entanto, reconheceu que afigura de João Paulo II era de fato muito mais importante para o mundo do que qualquer significado religioso.

Mas entrando no ponto de vista religioso propriamente dito, tenho a dizer que as grandes murmurações feitas contra a política dita conservadora de João Paulo II são, digamos assim, mesquinhas. Hoje mesmo escrevi um artigo, que será publicado no sábado, na *Folha de S. Paulo*, sob o título de “O Papa e a camisinha”. O povo diz: “O Papa é grande, e a camisinha?” Lembro-me de uma história que Otto Maria Carpeaux me contava, de um grande crítico de artes plásticas austríaco, que Carpeaux levou para conhecer as obras do Aleijadinho, em Congonhas do Campo. Esse crítico austríaco ficou espantado e disse: “Mas como, o profeta Daniel, em vez de ter um leão tem um cachorro com cara de macaco!” Carpeaux explicou-lhe que Aleijadinho nunca tinha visto um leão. Ele conhecia macaco, mas não conhe-

---

\* Proferidas na sessão do dia 7 de abril de 2005.

cia leão. Então, fez um cachorro com cara de macaco, e achou que isso bastava para ser leão. Esse austríaco viu o quê? Viu o detalhe, viu o que não importava, não percebeu a beleza barroca do profeta Daniel, que é o mais belo de todos os profetas de Aleijadinho. Ou seja, olhou um gigante e viu-lhe apenas o dedo mindinho.

## JOSÉ VERÍSSIMO

*Palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier\**

A primeira lembrança de José Veríssimo vem à minha memória a partir de uma visita feita à Oficina Literária Afrânio Coutinho (OLAC), no Leblon. Discutimos o futuro da educação brasileira e ele me aconselhou a ler o que pensava o autor paraense, nascido em Óbidos, em 1857. Havia idéias que, já naquela época, se adotadas continham uma nítida característica de modernidade. O nosso grande crítico literário subiu as escadas da sua biblioteca e trouxe lá do alto um volume fininho, mas denso, que me deu carinhosamente de presente. Jamais me afastei dele.

Depois, pude me deter mais sobre a vida e a obra de José Veríssimo, que chegou a estudar engenharia no Rio de Janeiro, sem concluir o curso, voltando para o seu Estado, onde fundou e dirigiu a *Revista Amazônica*. Autor de diversos ensaios sobre a Amazônia retornou ao Rio, onde exerceu o magistério na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Foi fundador e primeiro ocupante da Cadeira n.º 18 da Academia Brasileira de Letras.

Como crítico, acompanhou no *Jornal do Brasil* as reformas implantadas por Benjamin Constant em 1890, quando nasceu o primeiro Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Foi a base do seu clássico *A Educação Nacional*, editado em 1906. Não se deteve apenas nas insuficiências da educação escolar, mas repassou com uma límpida visão de sociólogo muito da realidade de uma vida doméstica e social do Brasil daquele tempo, com os

---

\* Proferidas na sessão do dia 7 de abril de 2005.

vícios que a corrompiam, e que o secular regime da escravidão havia arraigado profundamente nos nossos costumes.

José Veríssimo dirigiu a terceira fase da *Revista Brasileira*, de 1895 a 1899, e na ABL recebeu João Ribeiro em 30 de novembro de 1899, tendo sido secretário-geral de 1909 a 1912. Chegou a presidir a Academia nas diversas ausências de Rui Barbosa e participou de acaloradas discussões sobre filosofia e questões ortográficas.

Faleceu em 1916, deixando notáveis obras como a *História da Literatura Brasileira*. Constituiu com Araripe Júnior e Sílvio Romero a trindade crítica da era naturalista, com pontos de vista bastante distintos. A sua crítica tem a permanente presença do equilíbrio e da ordem, a que ele juntava pensamentos filosóficos e morais, reforçando o crítico no educador. Para ele, criticar é compreender.

Deixou diversos estudos e ensaios, como *Cenas da Vida Amazônica*, *A Amazônia* e, na Pedagogia, *A Instrução Pública e a Imprensa*. Foi um crítico da escolha de Benjamin Constant para a Pasta da Educação, citando a sua falta de competência, apesar da “benemérita inspiração superior com que executou a sua tarefa”. A reforma dos ensinos primário e secundário, em 1890, pecou pela excessiva liberalidade dada aos Estados e Municípios, já na ocasião sem recursos financeiros para essas tarefas.

Assunto ainda oportuníssimo, criticou a prevista gratuidade nos estudos superiores, sem um meio adequado de fiscalização dos cursos. Trazendo para os dias de hoje, a crítica permanece atualíssima, o que dá bem a dimensão do pensamento avançado do grande educador brasileiro, que se manifestou favorável à ação do Estado, sem abrir mão da colaboração da iniciativa privada.

## UM ESTORVO AO BRASILEIRISMO

José Veríssimo escreveu há mais de 100 anos sobre características da educação nacional com as quais, em parte, ainda convivemos. A escola deveria ser a cadeia heterogênea que ligasse todos os elementos da Nação. Isso não ocorreu, infelizmente. Permaneceram diversidades de raça, de religião e de costu-

mes. Nossa escola primária, assim, deixou de exercer a devida influência na formação do caráter e no desenvolvimento do sentimento nacional.

“Várias causas acudiram a estorvar em nós o brasileiro: a extensão do país, a falta de comunicações, os estudos superiores em país do exterior, como é o caso de Portugal, o nosso provincianismo conhecido como bairrismo, a falta de organização consciente da educação pública e a péssima instrução pública que não procurou jamais ter uma função na integração do espírito nacional, além do iletrado brasileiro – ainda há pouco 84% da população – nada encontrou que, impressionando seus sentidos, lhe falasse da pátria e a seu modo fosse também um fator da sua educação.” Muitas ilações podem hoje ser feitas, decorrido mais de um século dos fatos referidos por Veríssimo, que ainda acrescentou:

“Não há museus, não há monumentos, não há festas nacionais. O que frequentou a escola, onde lhe não fizeram conhecer e amar, desadorando a leitura e o estudo, não procurou fazer-se a si próprio uma educação patriótica.”

“... A educação pública deixou que houvesse essa indiferença pelas coisas nacionais, sendo paupérrima a nossa literatura nacionalística. Não possuímos uma única revista que leve a todos os cantos do país os trabalhos dos seus escritores, dos seus pensadores, dos seus artistas e os estudos no país feitos. Não temos ilustrações por onde fiquemos conhecendo os diversos aspectos da variada paisagem brasileira, ou as obras e construções no Brasil e por brasileiros feitas, nem os nossos homens e sucessos notáveis, nenhum algo raro monumento erguido.”

São frases para reflexão. Algumas naturalmente se tornaram envelhecidas pela ação do tempo. Outras, com as devidas correções, podem ser lembradas pela oportunidade da sua referência. Querem um exemplo? Os cadernos de literatura dos grandes jornais, onde a proporção de autores estrangeiros citados e endeusados é muito maior do que as citações modestas do que se faz no Brasil em matéria de literatura. Quando não se tem de implorar por uma nota, como se não fosse obrigação desses jornais acompanharem com carinho o que se faz na própria terra em matéria de literatura.

Estamos vivendo um tempo de reforma educacional. O MEC deseja começar pelo ensino superior e colocou a sociedade para discutir a sua pri-

meira versão, a que sucederá outra, de teor ainda desconhecido. De saída, dos 100 artigos propostos, 32 são visivelmente inconstitucionais. Mau começo. O que se deve pretender, lembrando o patriotismo de José Veríssimo, é que haja uma proposta inteligente de integração nacional, com a valorização do brasileiro, de que andamos um pouco divorciados. Esse é o ponto de partida que enfaticamente propomos, ao assinalar a saudade e o respeito com que José Veríssimo é hoje aqui lembrado.

### SESSÃO DO DIA 14 DE ABRIL DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 7 de abril. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. O Acadêmico Alberto da Costa e Silva fez um reparo na ata da sessão do dia 31 de março, que será feito.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Tarcísio Padilha, que aniversaria no próximo dia 17 de abril, e uma salva de palmas também para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que comemora o seu aniversário no dia 19 do corrente. Comunicou ao plenário a renúncia do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, indicado para a comissão do Prêmio ABL de Poesia, e indicou para substituí-lo o Acadêmico Antonio Olinto.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho, em apoio às magníficas palavras aqui proferidas pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, e na qualidade de católico praticante, apresentou um belo trabalho sobre o grande pontífice, uma semana após os funerais do Papa João Paulo II. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho essa lembrança que acabou de fazer sobre Sua Santidade e passou a palavra ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça deu um pequeno depoimento sobre o Papa João Paulo II, depois do que ouviu do Acadêmico Tarcísio Padilha e Murilo Melo Filho. Lembrou os ensinamentos do último livro do Padre Ávila, que lhe serviram para emitir uma palavra de apreço ao Papa João Paulo II e de agradecimento ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Disse que, por iniciativa do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, foram levados ele, sua mulher e Roseana Sarney, à Capela privativa do Papa. Contou emocionado, com detalhes, como transcorreu esse encontro que o marcou profundamente. Esteve mais três vezes com o Papa João Paulo II, em outras oportunidades.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça essas palavras tão comovidas.
- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou que em 1984, foi à Cracóvia e a Varsóvia lançar *A Casa da Água*, em tradução polonesa. Depois seguiu para Roma, onde o mesmo livro foi lançado em italiano. Chegando a Roma, pensou em fazer chegar à Sua Santidade o seu livro em polonês. Foi à Embaixada do Brasil, junto ao Vaticano, que tornou viável a sua pretensão. Discorreu sobre esse encontro no qual teve ocasião de entregar ao Papa João Paulo II um exemplar do seu livro e receberam, ele e D. Zora, a bênção de Sua Santidade.
- O Presidente agradeceu também o testemunho do Acadêmico Antonio Olinto e passou a palavra ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila contou que participou da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz, e que o Cardeal Roger Echegarray

que dirigia esta Comissão lhe pediu para redigir o texto de uma das reuniões. Contou também que o mesmo Cardeal o apresentou a Sua Santidade o Papa João Paulo II, que o saudou.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que apreciou muito as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho, mas houve um pequeno senão quando citou Pio XI como o segundo Papa de maior pontificado. Não foi Pio XI e sim Pio IX. Lembrou que Pio IX, como o Papa João Paulo II, não fez concessões dogmáticas nem morais.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse ter tido a felicidade de aqui, na Academia, ter feito amizade com Dom Lucas Moreira Neves e de ser conduzido, por ele, à presença do Papa João Paulo II, juntamente com sua esposa. A essa recordação do Papa João Paulo II agrega a figura de D. Lucas Moreira Neves, a quem também quis fazer uma homenagem. Esteve outra vez com Sua Santidade em 1980, levado ao Sumaré pelo Cardeal Dom Eugênio Sales, para um encontro de que, tem a impressão, outros acadêmicos também participaram. Discorreu sobre esse encontro no qual o Papa foi apresentado pelo Acadêmico Carlos Chagas Filho a cada um dos presentes. Por intermédio de Dom Marcos Barbosa, na ocasião da apresentação, o Papa ficou sabendo que ele era filho de poloneses e Sua Santidade disse “muito bem”. Lembrou ainda um dos discursos mais bonitos que ouviu em toda sua vida, proferido por Alceu Amoroso Lima, contando todo o seu reencontro com a Igreja Católica Apostólica Romana. Disse que esteve três vezes com o Papa, o que fez muito bem a sua vida, ao seu pensamento, e as suas esperanças de paz no mundo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier o depoimento tão comovido sobre o Papa João Paulo II.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha fez três registros. O primeiro com relação ao Acadêmico Alceu Amoroso Lima que, em seu depoimento, registrou um discurso extremamente importante quando Sua Santidade proferiu uma conferência para cerca de 100 intelectuais, no Sumaré. Frisou a importância desse pronunciamento e contou que quando Alceu tinha vinte anos, na cidade de Veneza, não havendo encontrado nenhum sentido para a existência sobre a face da terra, pensou no suicídio. Disse que

este episódio foi contado por ele, que oito anos depois se converteu ao catolicismo. Ele viveu o drama agonístico antes de fazer a sua opção religiosa no famoso adeus à disponibilidade. Outro registro, já de caráter mais subjetivo, com relação a Dom Lucas Moreira Neves, ocorreu no *Angelicum*, onde João Paulo II a convite proferiria uma conferência. Estava com sua Senhora, à espera da conferência, quando, momentos antes do Papa dar entrada no recinto, quem entrou foi o Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, que foi acolhido entusiasticamente por todos. Imediatamente perpassou no seu espírito que, se naquele momento, houvesse uma eleição para Papa, Dom Lucas estaria no limiar dessa possibilidade. Finalizando, felicitou o pronunciamento do Acadêmico Arnaldo Niskier mostrando que compreendeu bem o trabalho desenvolvido pelo Papa João Paulo II no que concerne a uma lenta, segura, consistente e definitiva aproximação com a religião judaica.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que ainda muito se falará sobre João Paulo II nesse plenário. Ressaltou que Sua Santidade dominou as últimas três décadas como um artífice da paz e, como disse muito bem o Acadêmico Tarcísio Padilha, um artífice da aproximação entre católicos, judeus, muçulmanos, enfim, todas as crenças de que se nutre ainda o mundo em que hoje se vive.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que ouviu atentamente os confrades que falaram sobre Sua Santidade e muito aprendeu sobre esta figura exponencial da Igreja. Gostaria também de dar seu depoimento, mas, como escreveu sobre a primeira visita do Papa João Paulo II, no *Jornal do Brasil*, está recolhendo esse material para posterior publicação, que será enviada aos acadêmicos. A seguir, lembrou uma frase do poeta Lêdo Ivo: “A poesia é uma criação da cultura, mas esta deve permanecer invisível na poesia”. Diante desta frase do Acadêmico Lêdo Ivo, pediu que fosse transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o belíssimo artigo do Acadêmico Antonio Olinto, publicado na *Tribuna da Imprensa*, sobre as obras completas de Dante Milano que a Academia Brasileira de Letras acaba de publicar, com uma bela introdução do Acadêmico Ivan Junqueira. Acha que, por todos os motivos, o artigo do Antonio Olinto deve constar dos nossos *Anais* por ser uma análise percuciente como poucas

que tem lido na imprensa brasileira sobre a obra de Dante Milano. Pediu também a transcrição, nos *Anais da Academia Brasileiras de Letras*, de uma entrevista do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que leu, há dois dias, num tablôide pouco conhecido, chamado *Rio Letras*, onde o Acadêmico define e descreve tudo aquilo que queríamos saber sobre a poesia em geral. Ressaltou que a entrevista do Acadêmico Antonio Carlos Secchin demonstra, de uma forma cabal, como é indispensável a poesia. Finalizou dizendo ter sido informado que o poeta e Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi substituído pelo Acadêmico Antonio Olinto na Comissão de Poesia, mas tem certeza absoluta que essa Comissão vai confirmar o fato de que a poesia é realmente necessária e que o prêmio será dado a um poeta de mérito.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Cícero Sandroni sobre o Acadêmico Antonio Carlos Secchin e sobre a constituição da Comissão de Poesia. Passou a palavra ao Acadêmico Moacyr Scliar.
- O Acadêmico Moacyr Scliar comunicou que, na semana passada, foi lançada em São Paulo a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Disse ser um evento surpreendente que tem uma dimensão absolutamente inesperada. É destinado a professores de literatura e, freqüentemente, reúne de quatro a cinco mil pessoas. Nele participam escritores, críticos e poetas de todo mundo. Esse ano, a jornada vai homenagear a Academia Brasileira de Letras e convidou acadêmicos, que falarão sobre clássicos da literatura brasileira. Disse que é uma oportunidade muito boa e que realmente devemos nos congratular com um evento tão importante.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu e concordou enfaticamente com as palavras do Acadêmico Moacyr Scliar e disse que estará presente em Passo Fundo. Disse que é muito importante esse lado da descentralização da Academia. É importante que a ABL vá aos estados já que os estados, pelos seus membros, vieram a ela. Será uma outra forma de se praticar o ecumenismo. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Ivo Pitanguy, uma pessoa muito rara, mas que só de raro em raro aparece nessa Casa.

- O Acadêmico Ivo Pitanguy agradeceu as palavras do Presidente Ivan Junqueira e disse que se enriquece muito cada vez que vem a Academia.
- O Presidente Ivan Junqueira, na Ordem do Dia, falou sobre a Galeria Manuel Bandeira. Informou que, antes de a Galeria iniciar os seus trabalhos, houve a necessidade de uma pequena obra porque, em tempos anteriores, os curadores responsáveis pelas exposições ocupavam uma pequena parte da Galeria, tirando um espaço substancial a qualquer exposição. No fundo da Galeria há um depósito de dimensões razoáveis para abrigar as duas pessoas que estão lá, que são o poeta Alexei Bueno e a sua Assessora de Divulgação. Essas obras foram recentemente concluídas e esse espaço físico da Galeria está totalmente liberado. Disse que a Galeria funciona sem dotação orçamentária, porque na época da revitalização do espaço não havia condições de dotá-la de um orçamento. Tem observado cotidianamente o zelo e o dinamismo com que Alexei Bueno vem conduzindo a Galeria. Disse que o Departamento de Apoio Cultural da Petrobras demonstrou interesse muito grande em apoiar, através do financiamento do PRONAC, exposições a serem feitas durante esse ano. Já foram apresentados verbalmente os projetos das três exposições, cuja documentação final será entregue no dia 18 de abril. Esses projetos nos quais o Departamento de Apoio Cultural da Petrobras manifestou muito interesse são: a exposição dos desenhos feitos pelo caricaturista Cássio Loredano de todos os patronos e fundadores da Casa; os desenhos de Francisco Brennand e a outra seria uma mostra intitulada Tesouros da Academia. Finalizou dizendo que tem a impressão, pelas informações que recebeu, de que a sua definição está muito próxima. Há ainda outras três mostras programadas, com relação às quais a Petrobras também demonstrou um vivo interesse, que são as exposições *A Arte Naif Brasileira*; *A Nova Figuração*; e *A Arte do Inconsciente*. Há uma proposta interessante que partiu da Companhia Estadual de Gás, interessada em montar uma exposição que acompanharia o lançamento de um livro relativo a história da iluminação pública brasileira. Finalizou dizendo que as perspectivas para a Galeria Manuel Bandeira são muito boas e bastante palpáveis. O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, em virtude do adiantado da hora, pediu ao Presidente para transferir para a próxima sessão a sua fala sobre Sílvia Romero.
- O Presidente Ivan Junqueira concordou com o pedido do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e, não havendo nada mais a tratar, deu por encerrada a sessão.

## VOTO DE PESAR – PAPA JOÃO PAULO II

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Transcorrida uma semana dos funerais do Papa João Paulo II, e em apoio às magníficas palavras aqui proferidas pelo estimado Acadêmico Tarcísio Padilha, também eu, na qualidade de católico e praticante, tenho a obrigação de dizer alguma coisa sobre o nosso Grande Pontífice.

Afinal de contas, nós aqui na Academia estivemos de luto seis dias, durante os quais a nossa bandeira permaneceu hasteada a meio pau.

Aconteceu também que ele foi um Papa muito ligado a esta Casa pelas audiências e pelos encontros pessoais que manteve diretamente, entre outros, com os nossos acadêmicos: Carlos Chagas Filho, Alceu Amoroso Lima, Dom Lucas Moreira Neves, Dom Marcos Barbosa, Afonso Arinos, filho, Alberto da Costa e Silva, Antonio Olinto, Candido Mendes, Eduardo Portella, Arnaldo Niskier, Padre Fernando Bastos de Ávila, Marcos Vilaça, José Sarney, Marco Maciel, Paulo Coelho, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha, dos quais recebeu, uns mais outros menos, importantes ajudas e colaborações.

Aconteceu ainda que João Paulo II foi um Papa realmente especial e fora de série, num dos três mais longos Pontificados de toda a História da Igreja, superado apenas pelos 37 anos de São Pedro e pelos 32 anos de Pio IX.

Ao eleger-se, era um Papa eslavo e um ilustre desconhecido, de uma humilde aldeia polonesa.

---

\* Proferidas na sessão do dia 14 de abril de 2005.

Ao empossar-se, recebeu de sua Igreja uma carta pétrea, com dogmas e doutrinas intocáveis, escrita há dois mil anos, e que lhe competia apenas cumprir, para, como está acontecendo agora, transmiti-la, intacta e indene, ao novo Papa, a ser eleito dentro de mais quinze ou vinte dias.

Não se enclausurou nos muros do Vaticano, nem foi preciso muito tempo para provar ao que viera: libertar a Europa Oriental do jugo soviético e derrubar o Muro de Berlim, sem um só canhão, um só soldado ou um só tanque, sem dar um único tiro, como chefe de um dos menores Estados soberanos, com apenas 44 hectares de superfície, mas que viria a ser talvez o maior líder do mundo moderno.

Era popularíssimo, sem ser popuralesco e sem fazer nenhuma concessão à demagogia e ao populismo, porque radicalmente contrário a diversas bandeiras populares e simpáticas.

Apesar disso, nunca houve um papa tão carismático como ele. Onde quer que estivesse, nos cinco continentes, arrastava e reunia multidões.

Como ator, soube usar a mídia para comunicar-se com todos os povos nos seus próprios idiomas e através de textos maravilhosos em todas as suas Encíclicas e Homílias.

Foi também o Papa que voou um total de quilômetros suficientes para cobrirem três vezes o itinerário da Terra à Lua e darem dez vezes a volta ao Globo terrestre.

Em 2002, aos 82 anos de idade, lançou o livro de poemas *Trilogia Romana*, onde, pela primeira vez, se referiu à sua própria morte, considerando-se preparado para ela e pedindo a Deus que iluminasse os membros do Sacro Colégio ao se reunirem, como agora se reúnem, para a escolha do seu sucessor.

Foi também um papa ecumênico e universal, inter-religioso e respeitado por todos os credos, sobretudo pelos judeus, que chamou de “irmãos”, reconhecendo o Estado de Israel, indo a Nazaré, a Belém, a Jerusalém e ao Muro das Lamentações, onde colocou seu envelope, com um pedido de desculpas pelo Holocausto e pela Inquisição.

Ultimamente, estava andando com muito sacrifício, mas assim mesmo continuava levando o Evangelho a toda a gente e deixando um rebanho de 1 bilhão e 100 milhões de católicos.

Sua autoridade espiritual crescia na proporção em que diminuía sua resistência física.

Nesta singela homenagem à sua memória e a fim de que ela fique devidamente registrada em nossos *Anais*, devo concluir dizendo que João Paulo II foi ainda um peregrino itinerante e missioneiro do amor e da paz, que esperou pacientemente a decisão divina de levá-lo para o outro lado da vida.

Agora, está morto, após cumprir o martírio do seu Calvário, numa “Imitação de Cristo”.

Morreu abraçado com a dor e o sofrimento, não fazendo nenhum segredo de uma ou do outro. Milhões de peregrinos do mundo todo, que ele visitou em 130 viagens, das quais três ao Brasil, despediram-se dele, na Praça de São Pedro, durante um comovente e inesquecível adeus.

## POETA COMO POUÇOS

Antonio Olinto\*

Houve, de certo modo, em muita poesia feita depois de 1914, uma ruptura interna, uma como que desintegração que foi, em relação ao assunto, até o excesso do surrealismo, e caiu, quanto ao ritmo, na quebra muitas vezes forçada e artificial do verso, com o abuso de alguns recursos postiços da divisão poética.

A fuga pura e simples ao que morto pudesse haver em parte da poesia antiga construiu um degrau necessário para a renovação poética havida em toda a parte depois de entre outros, Baudelaire, Rimbaud e Walt Whitman, até, do nosso ponto de vista, culminar com a Semana de Arte Moderna de 1922.

As diversas revoluções, que se anunciavam pelo mundo, viviam, como não podia deixar de ser, inundadas de teorias. Daí, também, o exagerado esteticismo de nosso tempo, na confusa discussão sobre assuntos estéticos, em palavras e expressões – “Gestalt”, “impulso volitivo”, “meaning” – que assumiam aspectos de magias renovadoras. A moda, gasta em várias partes da Terra, chegou ao Brasil e provocou uma onda de teorias normativas, às quais deviam os poetas, em nome de uma vanguarda abstrata, amoldar-se.

Desde que Alexander Gottlieb Baumgarten criou, em 1735, o termo “estética”, nunca se abusou tanto, como agora, dessa palavra. Contudo, o que Baumgarten queria era apenas realçar a velha distinção dos filósofos gregos e dos padres da Igreja, entre *aisthetá* – “coisas percebidas” – e *nontá* – “coisas

---

\* Artigo publicado na *Tribuna da Imprensa*, no dia 12 de abril de 2005.

conhecidas” – para dizer que a poesia era um ato de percepção e não um ato de lógica.

Neste sentido maior do que poesia é “coisa percebida”, não tivemos figura e obra mais emblemáticas, ao longo do século XX, do que as de Dante Milano. Foi ele um poeta plenamente inserido num estado de isolamento diante da realidade, o que o levava a tirar sangue de si mesmo no lidar com a poesia.

Não há, por isto, melhor notícia, neste ano quinto de um novo milênio, do que a da publicação da *Obra Reunida* de Dante Milano que, ao longo de mais de seiscentas páginas, junta os poemas do próprio Dante Milano, as traduções que fez do “Inferno” de Dante Alighieri, as de “38 poemas das *Flores do Mal*”, de Baudelaire, as de poemas de Stéphane Mallarmé e mais ensaios e textos em prosa sobre literatura, bem como cartas que escreveu a Mário de Andrade e ao escultor Celso Antonio.

Acentue-se a importância dessa edição que restaura a obra praticamente completa de um de nossos grandes poetas de qualquer tempo. Sua poesia é de justa simplicidade. Usa o poeta, em suas palavras, as mesmas que fazem parte do nosso dia-a-dia, dotadas, porém, de uma firmeza lírica de significados que eleva o tom de seu cântico. Para ele, a “pedra” é mesmo “Pedra do chão, face parada/ Indiferente à carícia da mão, / Figura inerte que não sente nada, / Corpo que dorme e a que me abraço em vão.”

Sua busca de essencialidade leva-o, inclusive, a criar poemas de um só verso, em que a poesia definitivamente repousa. Como nestes: “Sou poeta. Não sei me traduzir...” – “As palavras não sabem o que eu penso.” – “A lágrima não sabe por que chora.” – “É preciso sorrir da morte, como os mortos.” – “O vento desfolhou o pensamento.” – “Deus um dia disse ao homem: Vai, mas volta.” – “Entre dois seios, forma-se uma cruz.”

Como em quase todo bom poeta, o que Dante Milano faz é sair em busca do ser, esteja ele onde estiver, e então colocá-lo em versos – ou numa série de versos – submetidos a um ritmo, à música das palavras. Herbert Read chama a atenção para o fato de que “a poesia é um modo mais primitivo de expressão do que a prosa”.

Já Croce, comentando Vico, dissera: “O homem, antes de poder articular, canta; antes de falar em prosa, fala em verso; antes de usar termos técnicos, usa metáforas.” É nesse contexto que Dante Milano se adianta com sua forma intensamente poética de ver o mundo e conhecer as paixões das gentes. Tem ele o dom raro da unidade, numa coesão de palavras, de sons, de ritmo, dentro de um sentido poético primitivamente natural e de densa originalidade. O que permite faça ele um poema de amor simples chamado “Separação”: “Onde andarás sem mim nessas ruas enormes? – Quem te acompanha, quem contigo ri / Sob as mesmas cobertas com quem dormes? / Quem te ama, senão eu? Quem pensa em ti? / Vagas sem ter aonde ir e sem saber/ O que fazer, ou, sem prazer nenhum, / Em mãos alheias como um bem comum, / A outro te entregas sem lhe pertencer.// Estou pensando em ti.... Pensar é estar sozinho...”

Digna da melhor atenção é também a parte dedicada à prosa do poeta. Ensaaios sobre aspectos da literatura, sobre Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Graça Aranha, Joaquim Nabuco. Do tempo, diz que o tempo nos lê. Tal como nos versos, na prosa também adota, de vez em quando, o pensamento curto, algumas idéias às vezes colocadas em poucas palavras.

Como nestas: “As idéias são intuitivas, rápidas: qualquer ingênuo as capta. Os pensamentos são lentos, reflexivos, doloridos. Só os viciados...” Ou nestas: “Tirando a mulher, o resto é paisagem.” Em outra faixa de pensamento, de vez em quando dizia frases como esta: “É muito difícil ser crente. É muito fácil ser ateu.”

Grande serviço prestado à nossa cultura é, sem dúvida, a edição da obra de Dante Milano, que falou em nosso nome, um tanto em segredo, no jeito que tinha de fugir à notoriedade e analisar o mundo com a força de suas palavras, analisando-nos também com uma lucidez que nos via a todos por dentro, nas horas da solidão e do amor, do descaso e da ironia.

*Obra Reunida*, de Dante Milano, é uma edição da Academia Brasileira de Letras. Organização, pesquisa e estabelecimento do texto de Sérgio Martagão Gesteira, apresentação de Ivan Junqueira, revisão e produção editorial de Nair Dametto, projeto gráfico de Victor Burton.

ENTREVISTA COM O  
POETA ANTONIO CARLOS SECCHIN\*

*1 – Você retirou alguns poemas de seu primeiro livro nas edições seguintes com o intuito de definir mais sua direção poética? O que de fato faz com que você “diminua” seus livros?*

Acho que meu caminho na poesia talvez seja uma busca incessante e obsessiva de concisão, de depuração, sem por isso me refugiar no impasse do silêncio absoluto. Dizer apenas o que não pode deixar de ser dito – e para isso calar ou apagar tudo mais que não esteja visceralmente comprometido com as sucessivas versões de verdade que vão nos mostrando ou desmentindo o que seja viver e criar.

*2 – Atualmente temos muitos professores-escritores reconhecidos nacionalmente, fora do ambiente universitário. Apesar de terem estilos bem diferentes, teriam os poetas algum denominador comum, por serem professores?*

Poesia, como o samba, não se aprende no colégio. Como professores podemos no máximo, dar algumas sugestões sobre o que evitar, as armadilhas que circundam o texto – afinal, é tão mais fácil escrever um mau poema... caso contrário eles não proliferariam com tanta intensidade. Mas, na hora de partir para a escrita, é fundamental driblar qualquer expectativa ou subserviência ao “bom caminho” já previamente traçado para chegar ao poético. Como escreveu Carlos Pena Filho: “Mas ao chegar ao ponto em que se tece/dentro da escuridão a vã certeza/ ponha tudo de lado e então comece.”

---

\* Publicada no jornal *Rio Letras*, n.º 30, 2005, pp. 6-7.

3 – *O crítico e ensaísta influencia o poeta na hora da criação? A intertextualidade em sua obra se deve a sua formação acadêmica e ao exercício da crítica?*

O poeta é uma ilha cercada de poesia alheia por todos os lados: insulado em si, no seu compromisso radical de criar uma palavra tanto quanto possível própria, mas abastecido pelo manancial que flui dos mais diversos mares. Tudo alimenta o poeta: o crítico, o ficcionista, um certo azul nas manhãs de junho, o sobressalto amoroso, a procissão das formigas. Tudo são variações de espanto e de sensibilidade em busca de linguagem, de uma formulação irrepetível e irrecusável que resgate da morte a fulguração da beleza.

4 – *Como você nos explicaria esta sua frase: “O poema sabe mais do que o poeta”?*

O poeta, com alguma frequência, supõe que “sabe mais” sobre um poema pelo simples fato de o haver escrito. Consumada a operação da escrita, ele passa a ser um leitor da própria obra; autor ele foi, no passado; e o será no futuro, no momento de receber os direitos de publicação. Mas daí inferir que ele é forçosamente o melhor intérprete de sua criação vai uma enorme distância. Quantas vezes um crítico sagaz não percebe elementos que escaparam à intencionalidade expressa do poeta? Pode-se até mesmo chegar ao limite de contradizer o autor, comprovando-se que ele não disse o que supôs, ou que gostaria de ter dito.

5 – *Como é o seu processo de criação? Escreve normalmente pouco ou o rigor excessivo faz com que os livros tenham poucos textos?*

Difícilmente escrevo poesia num regime de continuidade. Às vezes surgem lampejos, versos, sinalizações de um texto – quando posso, anoto, e deixo o material de lado, até que me sinta irresistivelmente tentado a dar um destino àquele fragmento, seja num poema, seja na minha voraz lata de lixo.

6 – *Elementos nos parece um livro diferente dos demais. Se não estivermos enganados, haveria fases em sua obra? Quais seriam?*

*Elementos* é meu livro de poemas mais ambicioso e arquitetado, e, de certo modo, representa uma opção por uma linguagem altamente metafórica e

pouco porosa à comunicabilidade mais imediata. Extrema sensorialização de linguagem, na busca quase voluptuosa do “verso belo”. Para o bem ou para o mal (hoje não me reconheço nessa dicção) é obra de fatura muito homogênea. Depois de muitos anos sem escrever poesia, retornei com *Todos os Ventos*, que abriga novamente, e creio que com melhor resultado, a multiplicidade de linguagens que o livro de estréia (*Ária de Estação*) continha e que *Elementos* canalizou para a dicção “nobre”.

*7 – Apesar de ser tido pelo próprio João Cabral como o melhor especialista em sua obra, seus poemas, com exceção de algumas homenagens, não são cabralinos. Quais seriam verdadeiramente suas influências e preferências?*

Costumo dizer que devemos estudar muito um grande poeta exatamente para conhecermos a fundo o tipo de poesia que NÃO devemos fazer... Há muito pouco de Cabral no que escrevo, mas não sei se já há Secchin suficiente... Conforme disse, toda a busca do artista consiste em tentar encontrar sua voz em meio à tentação paralisante de diluir-se no coro ou tornar-se ventríloquo do discurso alheio. Por outro lado, é preciso, sempre, ouvir mais e mais vozes alheias, deixar que elas nos atravessem, conviver-las como inevitáveis hóspedes. Fascinados com o convívio, torna-se difícil desalojá-las. Meu primeiro, e talvez maior, hóspede foi Drummond. A descoberta, aos 13 anos, de *A Rosa do Povo* foi fundamental para que me lançasse à leitura e à criação de poesia.

*8 – E com os escritores contemporâneos? Com quais sua obra mantém afinidades?*

Gosto de me alinhar com os desalinhados, os que não têm fórmulas para salvar a poesia, os que experimentam por necessidade e não por alinhamento grupal, os que não desclassificam a priori um poema pelo fato de ele vir em verso livre ou regular.

*9 – Ária de Estação, seu primeiro livro, é publicado na época da poesia “marginal” no Rio de Janeiro, todavia, você jamais teve afinidade com a poesia discursiva e desleixada, optando, ao contrário, pelo poema que ser realiza*

*na linguagem. Como você agora, no início do século, o tratamento dado à linguagem poética pelos escritores iniciantes.*

Vejo com muita simpatia essa produção contemporânea que vem se pautando pela constância, consciência e consistência no que tange à “máquina do poema”. Cada vez mais (em oposição ao “espontaneísmo” algo ingênuo de muitos poetas ditos marginais) vê-se o interesse pela técnica do poema, o alargamento da reflexão poética, que se conecta voluntariamente a outros saberes e a outros discursos, a prática da tradução como exercício criativo, a multiplicação de periódicos de bom nível dedicados à poesia.

*I0 – Assim como há versos para “ferro e João”, haveria poemas-pluma e poemas-granito?*

Você aludiu a dois poemas, um em que homenageio Cabral, falando de “poemas para ferro e João”, e outro em que falo do texto como um “pombo de pluma e granito”. Observe que defendo a coexistência, e não a alternância, entre pluma e granito: um texto de andamento leve, sutil e ainda assim demolidor em seus efeitos. Para estender a comparação ao mundo esportivo, lembremo-nos de que o peso-pluma pode ser um grande nocauteador...

*II – Em Colóquio você debocha de críticos que apontam como defeitos certos fatos poéticos que, encontrados também em sua obra, não a caracterizam. As “regras poéticas” são feitas para serem descumpridas?*

O poema, com grande ironia, sustenta exatamente a impossibilidade de se julgar a poesia a partir de pontos de vista autoritários e cristalizados sobre o que “pode” e o que “não pode” entrar na composição. Nesse particular, o dogmatismo modernista foi tão ou mais intolerante do que o de seus antecessores. Sob o pretexto de libertar a poesia das amarras formalistas, estabeleceu uma série enorme de prescrições. Não creio que, no século XXI, se possa ainda fazer a poesia do século XIX. Mas tampouco me satisfaço com os renitentes epígonos de Oswald.

*I2 – Uma vez que a musicalidade está presente em sua obra, que diferenças haveria entre a musicalidade atual e a romântica ou simbolista?*

A música romântico-simbolista é mais explícita, fundada em aliterações e simetrias. A atual – sem desprezar tais recursos – amplia-os também com a experiência do choque, das colisões, dos deslocamentos acentuais no ritmo do verso. Li recentemente um trabalho extraordinário de Manuel Graña Etcheverry, que, a propósito das rimas em Drummond, demonstra como o conceito tradicional de rima não dá de seu inovador e desconcertante emprego por parte de nosso poeta.

*I3 – Em suas oficinas literárias você faz questão do uso de formas fixas; já em sua obra, você alterna o versilibrismo e a métrica. Como você vê a utilização da forma fixa na poesia contemporânea?*

Nas oficinas, enfatizo a forma fixa por ela comportar uma série de elementos técnicos objetivamente transmissíveis, mas sempre sublinho que não se trata, com isso, de ensinar a escrever poesia: trata-se de tornar disponível o domínio de um instrumental antes ignorado pelos alunos e com o qual eles poderão fazer bons ou maus poemas. Poderão até desprezar todo o material, mas sabendo em que ele consiste, em vez de rechaçá-lo por mera ignorância. Como creio que cada poema, na tensão entre som e sentido, vai demandando sua forma, a utilização do verso livre ou do medido é antes consequência do que estratégia do texto.

*I4 – A metalinguagem é uma característica de todas as artes do século XX. Ela seria só um modismo, ainda em vigor, ou um exercício natural do poeta que tem consciência de seu fazer literário?*

Talvez tenhamos sido nós do século XX, metalingüísticos em excesso. Considero acertadas as duas hipóteses formuladas na pergunta. Tanto houve/há a metalinguagem como visão original do universo de formas e temas de um grande artista, quanto existe a diluição inócua do processo, quando, não tendo mais do que falar, e não desejando retornar à amada, às flores e às estrelas, o poeta circunvoluciona-se em torno do próprio umbigo do texto.

*I5 – Sua poesia dialoga com a série literária (Arcadismo, Romantismo, Simbolismo, Parnasianismo...) ora como reconhecimento da tradição, ora*

*como paródia e crítica. No momento em que vários autores têm medo da “tradição”, como situa a sua obra no quadro atual da poesia brasileira?*

Como você observou, eu visito a tradição nem sempre para reverenciá-la; com certa constância o tom é irônico. Reverência absoluta, para mim, só diante daquilo que não se pode mover – que já está morto. Sinto vivíssimos muitos poetas nossos predecessores, tão vivos quanto os contemporâneos – e confesso sentir-me feliz ao constatar que a criatividade se insere numa história, se entrelaça num processo, não é atributo privativo dos que hoje declaram a reinvenção semanal da literatura (porque que os suplementos não são diários). A tradição, nesse sentido, é um aparato contra a arrogância, ao mesmo tempo em que nos conclama para um desafio algo petulante: o de herdeiros, desrespeitarmos as palavras fundadoras. Conhecê-las, sim, mas apontar para sua superação – paradoxalmente, única maneira de declará-las vivas, isto é, humanas, isto é, não divinizadas. Eis o processo dialético que Cecília Meireles tão bem resumiu ao escrever sobre os poetas, que são os elos de “alguma interminável música”.

*I6 – Relendo os seus livros, o crítico Secchin verificaria temas recorrentes capazes de criar uma área de interesse e preocupação que daria identidade ao poeta?*

O poeta só se conforma com uma identidade quando vai ao Félix Pacheco. Fora isso, é máscara pura, nas quais ele insere suas precárias verdades ficcionalizadas. Nenhum poema me retrata, mas acredito estar, mais ou menos íntegro, em todos eles. Quanto aos temas recorrentes, é provável que as seções de *Todos os Ventos* indiquem pistas bem freqüentadas: artes (e não só arte literária) – dez sonetos da circunstância (maneiras de não morrer) – variações para um corpo (artimanhas do jogo amoroso) – primeiras pessoas (algumas explorações de “eus” que talvez ou de vez em quando estejam em mim).

*I7 – O humor, a irreverência e seriedade e profundidade convivem na sua visão de mundo. Haveria em sua obra a construção de um eu-lírico duplo, geminiano?*

Num poema já bem antigo dos *Elementos*, escrevi que buscava “o não-assinalado/o lado além/ do outro lado”. Para ser sincero, acho o duplo muito pouco...

*18 – A literatura é o retrato no qual o poeta se admira? São a linguagem e o tempo (e a traição de ambos) as questões fundamentais de sua obra?*

Achei excelente essa sua formulação. Linguagem, tempo, traição. Com o adendo de que o poeta não é apenas vítima, mas também agente nesse processo. Sem traição à traíçoeira linguagem, não há poesia. Se o tempo nos trai, desse desastre também podemos fazer poesia, triunfo da palavra contra o abismo: “E em meio a nós escorre sorradeira / a canção da matéria e da ruína.”

## SESSÃO DO DIA 20 DE ABRIL DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Oscar Dias Corrêa, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 14 de abril. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Hélio Jaguaribe, que aniversaria no próximo dia 23 de abril.
- Passando à Ordem do Dia, o Presidente comunicou que a partir desta data, 20 de abril, o site Machado de Assis já pode ser acessado na sua nova estrutura. Trata-se de um trabalho do Centro de Memória, que mantém a identidade visual do site, lançado no ano 2000, mas apresenta uma total reformulação como: nova disposição dos segmentos principais; novo sistema de navegação; novos sistemas de busca (com 6 opções, quando anteriormente o site contava com apenas uma). Originalmente o

site tinha 8 segmentos principais, e agora oferece 12: Biografias, Bibliografias, Adaptações, Teses e Monografias, Depoimentos, Conferências, Busca, Machado de Assis na Imprensa, Obras Digitalizadas, Machado na ABL, Espaço Machado de Assis, Fontes e Referências. Foram também feitas inserções de referências em todos os segmentos: artigos, teses, lançamentos e, ainda, o conteúdo integral do “Inventário do Arquivo Machado de Assis”, que foi publicado no final de 2003. Agregou-se, ainda, a Visita Virtual à Sala Machado de Assis do *Petit Trianon*. Esse site, em breve, oferecerá mais filmes baseados na obra de Machado e gravações do nosso Arquivo. Acentuou a importância deste site para a Academia Brasileira de Letras, posto que há uma incidência altíssima de acessos. Lembrou que no ano passado foram mais de mil acessos e é realmente uma das grandes janelas desta Casa para o público. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- No capítulo das efemérides, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco apresentou um belo trabalho sobre a vida e a obra de Sílvio Romero, que considera um dos intelectuais mais incansáveis e fecundos, mais polêmicos e combativos, que a literatura, a historiografia, a filosofia, a etnografia, a sociologia e a cultura popular brasileira já produziram. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco essa lembrança tão viva, precisa e oportuna da obra de Sílvio Romero. Lembrou que se remontarmos às origens da nossa crítica e da nossa historiografia literária, sempre encontraremos aquela tríade formada por Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. Disse que ainda era uma crítica científica, uma crítica impressionista, mas, de qualquer maneira, foi daí que nasceu a crítica literária brasileira, assim como toda a nossa historiografia das letras.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila disse tratar-se apenas de uma curiosidade. Indagou se o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco tinha idéia a que países Sílvio Romero aludia quando mencionou três grandes países imperialistas.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco esclareceu que Sívio Romero se referia a quatro grandes países imperialistas, e presume que fossem Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos, ou Império Austro-Húngaro.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco felicitou o Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila e contou que na época em que morou em Roma, sempre que cruzava com o Cardeal Ratzinger ao ar livre – carregando a sua pasta preta – estava ele com uma boina igual à que está sendo usada pelo Acadêmico Pe. Ávila, o que, sem mencionar a solidariedade doutrinária, já implica, de certo, em adesão indumentária.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila disse que o motivo de uso de sua boina era apenas frio na cabeça.
- O Presidente Ivan Junqueira lamentou a brevidade do convívio de hoje e declarou encerrada a sessão.

## NOVA ESTRUTURA DO SITE MACHADO DE ASSIS

*Relatório da Chefe do Centro de Memória*

*Irene Moutinho\**

Hoje, 20 de abril de 2005, está na WEB o site Machado de Assis com nova estrutura.

Este trabalho do Centro de Memória mantém a identidade visual do site lançado no ano 2000, mas apresenta uma total reformulação:

- Nova disposição dos segmentos principais;
- Novo sistema de navegação;
- Novos sistemas de busca (com 6 opções, quando anteriormente contávamos com apenas uma)

Originalmente, o site tinha 8 segmentos principais e agora oferece 12: Biografias, Bibliografias, Adaptações, Teses e monografias, Depoimentos, Conferências, Busca (citada acima), Machado na imprensa, Obras digitalizadas, Machado na ABL, Espaço Machado de Assis, Fontes e referências.

Neste período de reformulação, foram feitas inserções de referências em todos os segmentos: artigos, teses, lançamentos e, ainda o conteúdo integral do “Inventário do Arquivo Machado de Assis” em formato PDF.

Agregou-se também a Visita Virtual à Sala Machado de Assis do *Petit Trianon*.

Constantemente atualizado e ampliado, o site oferecerá, em breve, mais filmes baseados na obra de Machado e gravações do nosso Arquivo.

---

\* Apresentado na sessão do dia 20 de abril de 2005.

## RECORDANDO SÍLVIO ROMERO

*Palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco\**

Não é fácil abordar sucintamente a vida e a obra de Sílvio Romero, um dos operários intelectuais mais incansáveis e fecundos, mais polêmicos e combativos, que a literatura, a historiografia, a filosofia, a etnografia, a sociologia e a cultura popular brasileira já produziram. Exponente da gloriosa geração de 1870, geradora entre outros, na política e nas letras, de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Castro Alves.

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, filho de um comerciante português, nasceu em Lagarto, Sergipe, a 21 de abril de 1851. Feitos os primeiros estudos na cidade natal, partiu, aos doze anos, para o Rio de Janeiro, onde completou os preparativos no Ateneu Fluminense. Em 1868, de volta ao nordeste, matricula-se na Faculdade de Direito do Recife, onde já encontra Tobias Barreto, três anos mais adiantado. Formam então, com outros moços, a chamada Escola do Recife, destinada a influenciar profundamente aquela geração. Dentro dos seus parâmetros, Sílvio toma posição contra o romantismo, qualificando a própria postura de crítico-filosófica. Adere ao positivismo, muito em voga na época, mas distinguindo-se dos seus adeptos no Rio, onde Miguel Lemos orientava o comtismo para o terreno religioso. E abraça a filosofia evolucionista de Spencer, já em busca de métodos objetivos de análise e crítica do texto literário.

---

\* Proferidas na sessão do dia 20 de abril de 2005.

Ainda no segundo ano da Faculdade, passa a atuar na imprensa pernambucana, como ensaísta, crítico e poeta, e publica a monografia *A Poesia Contemporânea e sua Intuição Naturalista*.

Formado em Direito, exerce a promotoria em Estância, elegendose depois, aos 23 anos, deputado à Assembléia Estadual de Sergipe. Sempre inquieto, renuncia logo à cadeira parlamentar, e regressa ao Recife. Ali, faz concurso para o Colégio de Artes, classificando-se em primeiro lugar, porém a Congregação anula o concurso. Combatente incansável, defende, então, tese de doutorado na Faculdade de Direito do Recife, mas entra em choque com a Congregação da Faculdade, que o processa.

Chegara a hora do batalhador buscar outra arena de luta. Regressa ao Rio, é nomeado juiz municipal em Parati. Em 1878, tenta a poesia, com os *Cantos do Fim do Século*, em cujo prefácio proclama ser o romantismo “um cadáver, e pouco respeitado”. Ao analisá-los, Machado de Assis foi curto e grosso: “O Sr. Romero não possui a forma poética.” Sílvio Romero, nos *Estudos de Literatura Contemporânea*, reagiria com veemência, tratando seu crítico de “pequeno representante do pensamento retórico e velho no Brasil”. Para Josué Montello, o sergipano não suportava que o sucesso de Machado suplantasse o do seu conterrâneo, Tobias Barreto, por ele colocado acima de Castro Alves. Mas Sílvio não deixou de dar razão, na prática, ao mestre do Cosme Velho, ao publicar, cinco anos depois, os *Últimos Harpejos*. Era, de fato, a derradeira experiência lírica de um poeta sem inspiração e sem sucesso.

Em 1880, Romero presta concurso para a cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II, obtendo-a com a apresentação de tese sobre a *Interpretação Filosófica dos Fatos Históricos*.

E o publicista continua em sua atividade frenética, escrevendo para *O Repórter*, de Lopes Trovão, uma série de perfis políticos. Torna-se professor da Faculdade Livre de Direito e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Volta-se novamente para a política, é eleito por Sergipe deputado provincial, e depois federal, no governo Campos Sales. Como relator da Comissão dos Vinte e Um, encarregada de debater o projeto de Código Civil, defende muitas das suas idéias filosóficas. E verbera, implacável, as eleições legislativas de então, com críticas que ainda se mantêm atuais: “Aos que

exerceram o monopólio de nos governar em nome do direito divino dos reis, sucederam os que exercem o mesmo monopólio em nome da esperteza, da audácia, da mentira, da corrupção. Contra esses é que é preciso bater, bater, bater, no intuito de desbravar o caminho dos tropeços que o entulham.”

Sílvio Romero foi um pesquisador bibliográfico sério e minucioso, estudando autores e obras sob o prisma sociológico. Suas idéias gerais eram fortes e abrangentes, profundo e poderoso o sentimento de brasilidade que o animava. Não se pode menosprezar a importância da sua contribuição para a história literária brasileira.

Uma relação das obras publicadas pelo trabalhador gigantesco, mesmo parcial e, decerto, enfadonha, demonstra, todavia, a amplidão do seu horizonte cultural: *Cantos do Fim do Século* (1878), *A Filosofia no Brasil* (1878), *Interpretação Filosófica dos Fatos Históricos* (1878), *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1882), *O Naturalismo em Literatura* (1882), *Últimos Harpejos* (1883), *Estudos de Literatura Contemporânea* (1885), *Contos Populares do Brasil* (1885), *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* (1888), *Etnografia Brasileira* (1888), *História da Literatura Brasileira* (1888), *A Filosofia e o Ensino Secundário* (1889), *A História do Brasil ensinada pela Biografia dos seus Heróis* (1890), *Parlamentarismo e Presidencialismo na República* (1893), *Ensaio de Filosofia do Direito* (1895), *Machado de Assis* (1897), *Novos Estudos de Literatura Contemporânea* (1898), *Ensaio de Sociologia e Literatura* (1901), *Martins Pena* (1901), *Parnaso Sergipano* (1904), *Evolução do Lirismo Brasileiro* (1905), *Evolução da Literatura Brasileira* (1905), *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1906, em colaboração com João Ribeiro), *Zeveirissimações Ineptas da Crítica* (1909), *Da Crítica e sua Exata Definição* (1909), *Provocações e Debates* (1910), *Quadro Sintético da Evolução dos Gêneros na Literatura Brasileira* (1911), *Minhas Contradições* (1914).

Passando pelas *Zeveirissimações Ineptas da Crítica*, verriam contra o desafeto José Veríssimo, lembremos que a catilinária constante do livro sobre *Machado de Assis* foi acolhida serenamente pelo seu alvo, como lição de humildade. Tanto assim que, em 1906, Machado designaria Romero para receber Euclides da Cunha em nome da Academia. E, ao saudar Euclides, Sílvio pro-

feriu palavras proféticas, indicativas não só do pessimismo costumeiro na época e do seu nacionalismo vigoroso, como algumas, infelizmente, válidas até os nossos dias:

“O Brasil progredirá, é certo; porque ele tem de ser arrastado pela enorme reserva de força, poder e riqueza, que está nas mãos das três ou quatro grandes nações postadas à frente do imperialismo hodierno. Progredirá, quase exclusivamente, com os braços, os capitais, os esforços, as idéias, as iniciativas, as audácias, as criações dos estrangeiros, já que não queremos ou não podemos entrar diretamente na faina, ocupando os primeiros lugares como colaboradores. Progredirá, certo; porque, afeiçoado o país pouco a pouco a seu jeito, eles, de posse das grandes forças produtoras, de todas as fontes de riqueza, virão chegando oportunamente e tomando posição seleta entre os habitantes da terra; e, se não estivermos aparelhados, apercebidos, couraçados por todos os recursos da energia do caráter para a concorrência, iremos, nós os latino-americanos, insensivelmente e fatalmente, para o segundo plano... Assistiremos, como ilhotas, ao banquete dos poderosos; ficaremos, os da elite de hoje, na mesma posição a que temos, mais ou menos geralmente, condenado os africanos e índios e seus filhos mais próximos que trabalham para nós.”

A *História da Literatura Brasileira*, publicada no ano da abolição da escravatura, foi, talvez, o livro mais importante de Sílvio Romero, uma verdadeira síntese da cultura e da civilização nacionais. Com ele, teve início a crítica sociológica, propondo se abordasse a obra literária em função de suas causalidades antropológicas e sociais. Foi um pioneiro em tentar sistematizar a produção literária brasileira, visando explicar o nosso caráter nacional.

Para Antonio Candido, ao “analisar a situação cultural brasileira, com vistas a uma reforma intelectual, ligada à reforma social, ele se viu, de certo modo, obrigado a estender demasiadamente o conceito de literatura, até fazê-lo englobar todos os produtos de criação espiritual, da ciência à música. Na prática, todavia, diferenciou devidamente os setores aos quais se dedicou: filosofia, sociologia, etnografia, folclore. Mas, ainda assim, os incluía sempre nos

seus panoramas literários.” Wilson Martins viu na obra “o primeiro documento importante do nacionalismo como critério de grandeza em criação literária”. Alfredo Bosi afirma que Sílvio Romero inicia a era intelectual da paixão inteligente pelo homem brasileiro. Gilberto Amado, julgando o autor “um temperamento hercúleo, um historiador avisado, às vezes profundo”, reconheceu naquele “livro desengonçado e admirável [...] a maior contribuição que ainda tivemos para a compreensão do problema brasileiro, em toda a sua complexidade”. Na escala de valores intelectuais, Roquette-Pinto considerou Sílvio Romero “um dos mais altos, pela visão larguíssima dos nossos destinos, pelos quadros amplos e seguros da nossa evolução nacional, que ele soube definir à luz de uma cultura formidável”. Na sua obra, os aspetos sociais se articulam com os políticos, acarretando, assim, uma riqueza crítica propiciada pela amplitude da percepção. Sílvio tinha horror ao nosso atraso, contra o qual apelava sempre ao patriotismo. Por tudo isso, ao apontar a *História da Literatura Brasileira* como o zênite dos seus escritos, Laudelino Freire atribuiu muito mais valor e importância ao historiador que ao crítico.

Como Von Martius, Romero entendia que a História do Brasil é “antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, [...] em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias. Os operários deste fato inicial têm sido: o português, o negro, o índio, o meio físico e a imigração estrangeira”. Mas, para ele, o futuro estaria no embranquecimento da população: “O tipo branco irá tomando a preponderância, até mostrar-se puro e belo como no Velho Mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuíram largamente para tal resultado: de um lado, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, de outro a imigração européia.” A tais laivos racistas, entretanto, se contrapunha a nostalgia das vozes d’África: “Temos a África em nossas cozinhas, como a América em nossas selvas, e a Europa em nossos salões. [...] Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, caçangas, [...] vão morrendo.”

Sílvio Romero via, na mistura das raças, um fator decisivo do desenvolvimento democrático entre nós, ao afirmar, no início de sua *Introdução a*

*Doutrina contra Doutrina*, que “o Brasil é, fatalmente, uma democracia”. Diria ainda ter “a República [...], assim, um esteio etnográfico”.

Apesar dos seus excessos, o grande polemista foi sempre acolhido com respeito pela elite intelectual, e não apenas entre nós. Membro da Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desta Academia, onde fundou a cadeira que tenho a honra de ocupar, o jequitibá tombaria afinal, aos 63 anos, no Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1914, às vésperas de explodir a primeira guerra mundial. E deixava uma grande clareira aberta na paisagem cultural do Brasil.

### SESSÃO DO DIA 28 DE ABRIL DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 20 de abril. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Arnaldo Niskier, que aniversaria no dia 30 de abril, e para a Acadêmica Nélida Piñon, que comemora sua data natalícia no dia 3 de maio próximo. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho deu contas de como transcorreu a inauguração da Primeira Bienal do Livro de Goiás, que contou com a presença, entre outros, do Governador Marconi Perilo, ocasião em que teve a honra de representar a Academia Brasileira de Letras. Participaram tam-

bém da Primeira Bienal do Livro de Goiás os Acadêmicos Carlos Heitor Cony, Lygia Fagundes Telles, Ana Maria Machado e Moacyr Scliar. Disse ainda que essa Bienal prestou também uma comovente homenagem ao Acadêmico Bernardo Élis. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por, mais uma vez, ter representado de forma condigna a Academia Brasileira de Letras nesse importante evento que foi a Primeira Feira do Livro de Goiás.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça ofereceu à Biblioteca da Casa, em nome do autor, Flávio Perri, o livro de poemas *Vulcano*, tradução e apresentação de Luciana Stegagno Picchio. Na apresentação diz ela que “este livro de Flávio Perri revela sugestiva homologia entre as palavras e a paisagem que as subentende” – a paisagem é a do arquipélago de Thera. A seguir, manifestou a satisfação pessoal, que é naturalmente de toda a Casa, pelo prestígio concedido na Galiza à presença da Acadêmica Nélida Piñon. Os jornais da Galiza têm registrado isso, com certo orgulho galego. A certa altura, em *La Voz de Galicia*, se diz que “as criações de Nélida Piñon só se entendem se conhecida a sua privilegiada trajetória, seu refinamento, sua paixão pelo estudo, seus avós, o valor da cozinha, a pátria das nostalgias, o amor pela palavra, a história, sempre a história, do século XII e XVI. Também lhe interessa o Islã, os amores de Catarina a Grande, da Rússia, e de Bárbara de Bragança, que namorou o nosso Fernando VI”. Disse tratar-se do testemunho da Galiza pela presença da Acadêmica Nélida Piñon, cujo valor e repercussão contaminam, na boa semântica, toda a nossa Casa. Prosseguindo, deu notícia da reedição, em Pernambuco, das obras de Pereira da Costa, os *Anais Pernambucanos*, o *Folclore Pernambucano*, *Subsídios para a História da Poesia Popular em Pernambuco*, o *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres* e o *Vocabulário Pernambucano*. Afirmou tratar-se de um trabalho muito valioso da Companhia Editora do Estado e que tem a coordenação de Mário Hélio, um intelectual de muita qualificação e de crescente prestígio em Pernambuco. Lembrou que Câmara Cascudo uma vez lhe disse que considerava o *Folclore Pernambucano*, de Pereira da Costa, o melhor tra-

balho que já lera nesse gênero. Isso dito por Câmara Cascudo dispensa que se faça qualquer outro tipo de abonação.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o livro de Flávio Perri, um poeta já seu conhecido de longa data. Agradeceu, também, as lembranças que trouxe a esta Casa da Acadêmica Nélida Piñon, da qual temos recebido muitas informações de sua passagem por Madri e pela Galiza. Agradeceu, ainda, a notícia da reedição da obra de Pereira da Costa, sobre a qual se deteve Mário Hélio, seu velho amigo do Recife, e um dos maiores jornalistas hoje atuantes na imprensa pernambucana. Passou a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo.
- O Acadêmico Lêdo Ivo apresentou, para conhecimento da Diretoria e apreciação do plenário, o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Poesia, do qual foi relator o Acadêmico Carlos Nejar. Passou a ler o parecer, que divide o prêmio entre duas poetas, Neide Archanjo, com *Todas as Horas e Antes*, editora Girafa, SP, e Vera Lúcia de Oliveira, com *Chuva nos Ruídos*, editora Escrituras, SP. (O parecer lido será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira apresentou à aprovação do plenário o parecer do relator da Comissão do Prêmio ABL de Poesia, que acabou de ser lido pelo Presidente da Comissão, Acadêmico Lêdo Ivo.
- O plenário aprovou o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Poesia, que este ano dividirá o prêmio entre as poetas Neide Archanjo e Vera Lúcia de Oliveira.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho comunicou ter sido designado relator da Comissão encarregada de atribuir o Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária para 2005 pelo Presidente dessa Comissão, Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, da qual faz parte, também, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Disse que, neste tipo de tarefa, muito lhe preocupa ser o mais justo possível na atribuição do prêmio. Pediu aos Senhores Acadêmicos, em especial ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que se tiverem alguma sugestão de títulos que possam lhe passar, levará em consideração na indicação daquele que lhe parecer merecedor do prêmio.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho o seu posicionamento dentro da Comissão e crê que assim será feito, com a indicação dos demais membros dessa Comissão.
- Passando à Ordem do Dia – parcerias com ALERJ e canais de educação da TV brasileira – o Presidente disse que se trata de um assunto delicado e não pôde decidir sobre essa matéria sem consultar o plenário. Trouxe ao conhecimento da Casa duas propostas de parceria com a ABL. Uma, precedente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e outra, de uma empresa que está associada aos Canais de Educação da TV Brasileira. Resumindo, disse que as propostas visam dar mais visibilidade televisiva à Academia. A proposta da TV Alerj, que está no ar desde março de 2004, no Canal 12 da NET, consiste em gravar, às terças-feiras, os ciclos de conferências e, uma vez por mês, a mesa-redonda. O material gravado será exibido na grade de programação do final de semana. A TV Alerj também se compromete a doar os programas exibidos para o acervo da Academia. Outro ponto desta parceria seria a exibição dos programas já existentes no acervo da ABL, como, por exemplo, os depoimentos dos acadêmicos colhidos ao longo dos anos. É importante ressaltar que não haverá custo para a Academia Brasileira de Letras. Acredita ser uma fórmula para a Academia chegar um pouco mais a esse enorme público da televisão. A outra proposta foi feita pela Empresa Lumen Produções, que propõe, em resumo, a possibilidade de três minutos de visibilidade da Academia numa espécie dos chamados “Interprogramas”, que ocupam o espaço de um intervalo comercial nas emissoras de TV. Discorreu sobre a idéia, o conteúdo, o formato, e a veiculação do que foi apresentado à Academia pelas produtoras Tânia Celidônio e Cristina Aragão, que são as donas da Lumen Produções e que estão associadas a Globonews. Disse que as produtoras especificaram, com muita precisão, estes três minutos da ABL, que é a série que se propõe a aproximar a Casa de Machado de Assis desse público alvo. Os canais de educação da Televisão Brasileira são TVE, TV Escola, TV Senac, Canal Futura, UTV, TV Câmara, TV Senado e o próprio site da ABL. Também, neste caso, não haverá nenhum custo para a Academia.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco acredita que, quando o Presidente se referiu à Televisão Brasileira, devia estar se referindo à Rede Brasil, que engloba a TVE e outras iguais.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier considerou uma boa idéia trabalhar com a TV Alerj, que está no Rio de Janeiro e carece de bons programas. É um órgão público, portanto não tem dúvida nenhuma em aprovar inteiramente a primeira idéia. Quanto à segunda proposta, a sua dúvida é com relação à garantia que as produtoras têm de obter espaço nas estações de televisões educativas, para a inserção desses três minutos da ABL. Não havendo essa garantia, se posiciona contra essa proposta. Com o seu conhecimento de televisão, discorreu sobre vários aspectos que considera importantes, como a capacidade técnica do grupo, garantia da Academia sobre o programa elaborado, a garantia de que o programa vai ao ar e o perigo de que a ABL perca o controle dessa imagem. Lembrou uma pesquisa da Data Folha, que foi encomendada pelo Acadêmico José Sarney, e deu 84% de aprovação do povo brasileiro em relação à Academia Brasileira de Letras, como órgão de importância cultural em nosso país. Felicitou o Presidente pela idéia da abertura de parcerias e informou que esteve ontem, durante uma hora, com o Ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, e que, nessa ocasião, ele mostrou grande interesse pela valorização da Língua Portuguesa. Colocou à disposição da Academia todos os Órgãos do Ministério das Comunicações, o que envolve televisões abertas e fechadas, para que fosse possível desenvolver um grande projeto de Língua Portuguesa de forma internacional, alcançando o que ele chama de lusofonia.
- O Presidente disse que queria responder às dúvidas justíssimas do Acadêmico Arnaldo Niskier. Quanto às duas pessoas que fizeram essa última proposta, são jornalistas muito conceituadas da Globonews e têm uma larga experiência dentro da televisão brasileira e em nenhum momento lhe pareceu que estivessem fazendo uma proposta que pudesse lesar o patrimônio da Academia. O que despertou o interesse dessas jornalistas é o enorme acervo audiovisual de que dispõe a Academia Brasileira de Letras. Acrescentou, ainda, que as jornalistas dispõem de cerca de duzentos e quatro mil reais para fazerem esse programa. Não quis tomar uma

decisão solitária como Presidente porque acha que essas questões demandam consulta ao plenário. No caso da segunda proposta, disse achar as observações do Acadêmico Arnaldo Niskier absolutamente pertinentes e vai sondar esse terreno para que a Academia não corra o risco de ser lesada em momento algum.

- O Acadêmico Cícero Sandroni esclareceu que a empresa Lumen fez o vídeo sobre a vida do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho que, na época, foi exibido aqui na Academia Brasileira de Letras, e um outro, que está sendo mostrado nas televisões da exposição sobre Hans Christian Andersen, também na ABL. Acha que não fica muito bem para a Academia participar da grade de televisão da Assembléia Legislativa, embora considere que de qualquer forma trata-se de uma oportunidade de divulgação dos nossos trabalhos. Existem outras televisões, como a TV comunitária e a TV universitária, que seriam mais próprias para esse projeto. Em relação à proposta da Lumen, não gostaria que fosse recusada antes que se examinem os currículos dos profissionais da empresa.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que ele é membro da Academia Brasileira de Letras, dirige um órgão público que cuida de projetos a incentivos fiscais. Esse órgão distribuiu, no ano passado, cento e setenta e três projetos, que movimentaram a quantia de trinta e dois milhões de reais. Este ano conseguiu que o Governo ampliasse a renúncia fiscal para trinta e seis milhões de reais, destinados a projetos culturais, com todo o aspecto desse que foi apresentado aqui. São quotas de duzentos e setenta mil reais que podem ser somadas. Este órgão se situa na Rua México e nunca ninguém lhe pediu para falar sobre isso. Fica perplexo com a falta de interesse da Academia em mandar buscar um formulário, cuja concessão ele mesmo assina. Disse que não pode aceitar uma proposta que não vai garantir nada à Academia Brasileira de Letras, quando o próprio Estado pode ajudar a fazer isso. Seguiu dizendo que a Petrobras é um grande patrocinador. Toda a reforma do distrito cultural da Lapa está sendo feita com o interesse da Petrobras, por intermédio de uma lei que beneficia a empresa com a renúncia fiscal. Se a Academia pede, a Petrobras tem que tirar do dinheiro dela própria. Se faz isso por intermédio da Secretaria Estadual de Cultura, a Petrobras não precisa dispor do dinheiro

dela, apenas deixa de recolher ao ICMF, ficando assim muito mais fácil a cessão para a ABL.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que a Academia procurou a Petrobras, a Caixa Econômica, o Banco do Brasil, todas as respostas são no sentido negativo. Sem um patrocinador, como a Academia irá conseguir captar o ICMS? Acredita que essa é uma discussão para muito tempo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier por alertar, mais uma vez, que o caminho talvez seja pela intermediação da Secretaria de Estado da Cultura.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que é preciso ter cuidado com a questão do tempo de exposição. No que se refere à TV Alerj, se for na grade de sábado, é preciso saber o que é exibido nessa grade, porque não viu, no projeto, a taxa de tempo dentro do qual esses programas vão ser garantidos. Para finalizar, distribuiu aos acadêmicos o *Relatório da Conferência de Ancara e de Istambul*. Discorreu sobre essa II.<sup>a</sup> Conferência do Simpósio da Latinidade, realizada de 12 a 16 de abril, em Ancara e Istambul. Salientou a importância das esplêndidas contribuições dos acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, sobre diferença, globalização e a vivência do Estado Nacional, e do Acadêmico Helio Jaguaribe, discutindo o diálogo das civilizações. Disse que a conferência mostrou ao mundo turco o que é o pensamento latino, como o lado flexível do Ocidente dentro da organização do anfiteatro mediterrâneo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida as observações que fez quanto às duas propostas de parceria e por essas boas notícias que nos trouxe de Ancara e do mundo islâmico.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila contou ao plenário a experiência agradável de ter ouvido o Acadêmico Antonio Carlos Secchin num programa de meia hora, com indagações muito pertinentes e resposta de extraordinária lucidez. Disse que pelo rádio as pessoas não se interessariam em ouvi-lo e pediu que não se rompesse totalmente a possibilidade da participação da televisão na difusão cultural, do que é produzido aqui na Academia.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Pe. Ávila a oportuna observação que fez a respeito dessa possibilidade da Academia ganhar uma maior visibilidade nos canais de televisão. Foi justamente por isso que submeteu à avaliação do plenário essas duas propostas que recebeu. Pensa que, diante da opulência dos arquivos e do material audiovisual da Academia, seria de todo rentável para a imagem da Casa que a Academia estivesse nas telas de televisão. Essa massa de informação audiovisual, trancada como se fosse um tesouro inatingível, nunca lhe pareceu correto. Disse que acha pertinentes as observações do Acadêmico Arnaldo Niskier, tendo que aprofundar com essas duas jornalistas qual será exatamente o aproveitamento desse material que vão levar à televisão.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que as instituições mais tradicionais não devem fechar as portas para a modernização. A Academia, nos últimos oito anos, iniciou um processo de abertura de tal maneira que os seus ciclos são muito freqüentados, assim como as visitas guiadas e as exposições. As sucessivas administrações têm caminhado nessa direção. Não é assim surpreendente que agora se cuide de, eventualmente, ampliar a presença da Academia com a utilização dos meios de comunicação mais modernos. Não se situa contra a proposta. Apenas deve-se meditar um pouco mais sobre essa proposta, para que a Academia tenha o controle dessa programação. Esse rico acervo não pode ser depositado em mãos de pessoas, por mais respeitáveis que sejam, porque a Academia ainda é mais respeitável. Disse que a Presidência deve fixar um prazo para que se possa meditar sobre a proposta e modificá-la no que couber, dando sugestões para aprimorá-la.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que as palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha assim como as do Acadêmico Arnaldo Niskier justificam o cuidado que teve ao trazer essas propostas ao Plenário. Concorde em que seja dado um certo tempo para que essas idéias sejam amadurecidas para um futuro próximo e que qualquer uma dessas parcerias só seria possível através de um contrato de intenções, que necessariamente passaria pela divisão jurídica da Casa para que a Academia não ficasse exposta a nenhuma perda.

- O Acadêmico Affonso Arinos, para dar anuência ao que disse o Acadêmico Tarcísio Padilha, reiterou que deve haver um controle restrito e rigoroso sobre a programação da Academia que irá ao ar. O cuidado para que se evite qualquer aproximação espúria com as formas de publicidade que possa ser dada envolvendo o nome da Academia e dos Acadêmicos que porventura possam fazer parte dessa programação.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça propõe ao plenário que considerasse qual o universo a ser atingido pela televisão que vai veicular nossos programas, para que não se municipalize ou estadualize a nossa Academia.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que todas essas indagações serão objeto de discussão da Diretoria quando trazer de volta esse assunto ao Plenário.
- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que a Academia Brasileira de Letras devia traçar diretrizes sobre a política de comunicação com a população e o público em geral.
- O Presidente, em virtude do adiantado da hora, propôs ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin a transferência, para a próxima sessão, da sua fala sobre Antonio da Silva Melo.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin concordou com o adiamento.
- Nada mais havendo a tratar o Presidente declarou encerrada a sessão.

## PRIMEIRA BIENAL DO LIVRO DE GOIÁS

### *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Representando V. Ex.<sup>a</sup> e esta Academia, tive a honra, na semana passada, de visitar as cidades baianas de Itabuna e de Ilhéus, cuja Academia de Letras empossava o Acadêmico João Hygino Filho na sua Presidência para o biênio 2005-2006, ao mesmo tempo em que comemorava o 46.º Aniversário de sua fundação e os 158 anos de nascimento do poeta Castro Alves, nosso Patrono, além de prestar uma comovente homenagem ao nosso confrade Jorge Amado.

Em Ilhéus, tive oportunidade de fazer uma conferência sobre Jorge, mas tive também a felicidade de, mais uma vez, testemunhar pessoalmente o quanto esta Casa é querida e respeitada por este Brasil afora, tão grande e tão carinhosa foi a hospitalidade oferecida.

Seus habitantes – Prefeito, Bispo Diocesano, Vereadores, jornalistas e empresários – fizeram-me portador de muitas mensagens de gratidão à nossa ABL, por estar presente lá, entre eles, naqueles momentos tão importantes para as suas vidas.

De Jorge e de Adonias os habitantes daquela região cacauieira têm motivos de justo orgulho, porque ambos foram realmente dois acadêmicos e intelectuais baianos, que muito engrandeceram e honraram esta Academia, a Bahia e o Brasil.

### PRÊMIO ABL DE POESIA

---

\* Proferidas na sessão do dia 28 de abril de 2005.

*Parecer lido pelo Acadêmico Lêdo Ivo*

A Comissão reunida do Prêmio de Poesia, desta Academia Brasileira de Letras, tendo em vista os livros publicados em 2004, lembrando a lúcida sentença de W.H. Auden: Ainda que alguns livros possam ser esquecidos, “nenhum é lembrado sem razão”. E não é sem razão que lembramos os arrolados, a seguir, tendo em vista a qualidade poética das obras, o rigor, a invenção imagética, acompanhada de visão do mundo, cumprindo o que observava André Malraux: “Le monde réel n’existe pas. Nous le faisons.” Achamos por bem de dividir o Prêmio entre duas extraordinárias poetisas, Neide Archanjo, *Todas as Horas e Antes*, editora Girafa, São Paulo, e Vera Lúcia de Oliveira, com *A Chuva nos Ruídos*, editora Escrituras, São Paulo.

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2005

Lêdo Ivo — *Presidente*

Carlos Nejar — *Relator*

Antonio Olinto — *Membro*



### SESSÃO DO DIA 5 DE MAIO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Sergio Corrêa da Costa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se havia algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 28 de abril. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Sábado Magaldi, que aniversaria no dia 9 do corrente, e para o Acadêmico Antonio Olinto, que comemora sua data natalícia no dia 10 de maio próximo. Passou a palavra ao Acadêmico Antonio Olinto.
- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que se vão inaugurar este mês duas bibliotecas populares, e deu a uma delas o nome de Biblioteca Jorge Amado, situada na Favela da Maré. Convidou a Acadêmica Zélia Gattai Amado para ser a madrinha dessa inauguração, que lhe informou estar

proibida de viajar por uns três meses. A outra Biblioteca será em Santa Cruz, com o nome de Rachel de Queiroz, e terá Maria Luísa de Queiroz como madrinha. Comunicou que não poderá permanecer por muito tempo na mesa-redonda comemorativa dos 300 anos de Antônio José da Silva, o Judeu, porque, quase na mesma hora, deverá participar de uma outra reunião, na qual o Instituto Antonio Olinto faz um acordo de parceria com outro Instituto. Deu uma palavra sobre Silva Melo, que também era de 10 de maio, e que durante uns 20 anos comemoraram juntos essa data. Contou um episódio ocorrido numa dessas comemorações, na qual conheceram o atual Vice-presidente da República, José Alencar. Relembrou Silva Melo, que considerava um homem extraordinário, com o seu humanismo que encontrou, muito raramente, em outras pessoas.

- O Presidente Ivan Junqueira parabenizou o Acadêmico Antonio Olinto pela inauguração de mais duas bibliotecas, na Favela da Maré e em Santa Cruz, lugares, a rigor, carentes de tudo, e também pelas palavras que proferiu sobre o saudoso Acadêmico Antonio da Silva Melo.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse ser com muito pesar que faz o registro do falecimento de Fernando de Mello Freyre, que foi, por muito tempo, Diretor da Fundação Joaquim Nabuco, presidiu o Conselho Estadual de Cultura, Membro da Academia Pernambucana de Letras, do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano e colaborador dos principais jornais do Recife. Marcou a sua vida de servidor público desde os tempos de Oficial de Gabinete do então Governador Paulo Guerra. Falou da sua atuação marcante na vida cultural do Estado. Fernando Mello Freire recebeu de Mauro Mota a Fundação Joaquim Nabuco, na maturidade, e a expandiu, fazendo com que a Fundação fosse, a um só tempo, um centro de pesquisas sociais, no sentido mais específico da sociologia, mas igualmente no plano da economia, da pesquisa da língua e preservação de valores lingüísticos regionais. Ampliou a Fundação até a Amazônia, difundiu livrarias da Fundação em Brasília, em Manaus e no Recife. Lembrou que Fernando tem na sua história uma atuação muito significativa no plano editorial, porque editou e reeditou obras nascidas na Fundação, e obras de Pernambuco e do Nordeste. Montou interfaces com instituições assemelhadas, no mundo inteiro, que são significativas.

Nesses dois últimos anos dedicou-se à implantação da Fundação Gilberto Freyre, pois a família doou todo o seu patrimônio, tudo que Gilberto Freyre reuniu ao longo da vida. Falou também sobre a receita do célebre “conhaque de pitanga”, que Gilberto passou ao filho Fernando e espera que tenha passado ao filho dele, Gilberto Freyre Neto, que é hoje quem assume a presidência da Fundação Gilberto Freyre. A respeito de Fernando Freyre, disse que quem conhece muito da sua história de administrador e de homem de cultura é o Acadêmico Eduardo Portella, que o manteve na direção da Fundação Joaquim Nabuco, ao seu tempo de Ministro da Educação. Propôs que a Casa se dirigisse à família de Fernando, à viúva Cristina Suassuna Freyre, à Fundação Joaquim Nabuco, à Academia Pernambucana de Letras e ao Conselho Estadual de Cultura, manifestando solidariedade. A seguir, registrou e comunicou que vai fazer chegar aos arquivos da Academia a excelente palestra do Ministro Eros Grau, do Supremo Tribunal Federal, sobre o saudoso Acadêmico Hermes Lima. Lembrou que foi sucessor de Hermes Lima na Cadeira n.º I da Academia Brasileira de Letras. Considera que importa muito a Casa saber que a memória de Hermes Lima está sendo cultivada, sobretudo em estudo do eminente jurista e notável homem de letras que é o Ministro Eros Grau.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça esse retrato que nos traçou de Fernando de Mello Freyre, que teve a honra de conhecer em 1999, e as notícias que deu do funcionamento da Fundação Gilberto Freyre.
- O Acadêmico Eduardo Portella fez suas as palavras de Marcos Vinícios Vilaça. Disse ter acompanhado essa história de perto, como expectador atento, e foi o responsável pela transformação do Instituto Joaquim Nabuco em Fundação. Coube-lhe essa honra e esse dever para com Gilberto Freyre, que era um amigo muito fraterno, com uma sensibilidade impressionante, capaz de adivinhar, em vocações mal definidas, possíveis e reais vocações. Referiu-se a um episódio, ocorrido com ele na casa de Gilberto Freyre, com relação ao licor de pitanga, que ele considerava conhaque. Quanto a Fernando Freyre, disse que o acompanhou como executivo cultural. Assinalou que no Brasil se costuma muito deslocar pessoas para tarefas executivas no plano cultural. Às vezes a pessoa tem uma legítimi-

dade na produção intelectual, mas não é exatamente um administrador público, falta uma visão de conjunto, falta um conhecimento mais amplo, falta a sensibilidade e vontade executiva. Considera que Fernando foi um modelar executivo cultural, e, por esse motivo, se sentiu obrigado, por todas as razões, a se associar às palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- Fazendo suas e de todo o plenário, o Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Eduardo Portella, e passou a palavra ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se às palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, no que se refere a Hermes Lima, que foi seu professor, muito ligado a seu pai e muito seu amigo. O seu livro *Travessia* dá uma clara idéia da absoluta integridade da vida desse grande brasileiro e grande baiano que foi Hermes Lima, em todos os cargos que exerceu, como professor, como Deputado Federal e depois como Chanceler. Foi o último Primeiro Ministro, Chefe de Governo no Parlamentarismo, antes da volta ao presidencialismo. Lembrou que esta Casa teve um papel da maior importância para levantar o espírito de Hermes Lima, prestes a ser aposentado no Supremo Tribunal, quando foi eleito para a Academia. Tomou posse nesta Casa ao mesmo tempo em que teve a sua aposentadoria declarada no Supremo por um ato de exceção do regime militar. Foi o grande acadêmico e o grande companheiro dos acadêmicos que tenham sido seus colegas. Finalizando, deixou consignada a sua homenagem àquele que foi um grande brasileiro de sua geração.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco essas palavras tão verdadeiras e tão oportunas que acaba de dizer sobre Hermes Lima.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva associou-se às palavras pronunciadas pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça sobre Fernando de Mello Freyre, que era também seu amigo e teve a oportunidade de acompanhar, em boa parte da sua vida, o trabalho admirável que ele fez na Fundação Joaquim Nabuco e, sobretudo, a permanente devoção que ele tinha ao nome do pai. Era um filho extremado, qualidade que muito preza e muito

estima. Contou como recebeu, de maneira dolorosa, a notícia da sua morte, porque naquela ocasião se preparava para responder a um convite dele para fazer uma palestra na Fundação Gilberto Freyre sobre “Gilberto, os trópicos e a África”. Falou da grande falta que ele vai fazer a Pernambuco. Afirmou ter ele morrido amargurado, triste e deprimido. Sofreu injustiças nos seus últimos dias e é bom que se ressaltem essas injustiças, porque o Brasil maltrata os que o servem. É um país que se habituou a não ter consideração pelo serviço dos demais, onde quem sucede menospreza aquele que o antecedeu e antecipa dificuldades para aquele que lhe sucederá. Disse que ficou profundamente triste com a morte de Fernando Freyre.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony associou-se ao que aqui foi dito sobre Fernando Freyre. Prosseguiu, voltando a um assunto que já foi ventilado no ano passado. Disse tratar-se da concessão da Medalha João Ribeiro ao Ministro Tarso Genro. Lembrou que, embora ele não seja um especialista em Educação, é um político hábil e que tem conseguido liberar verbas para universidades como a do Amazonas e a do Paraná, que estavam em dificuldades, coisa que o antecessor não conseguia. Discorreu sobre o seu trabalho e sua habilidade política. Acredita que esse político a serviço da Educação merece a homenagem dessa Casa, concedendo-lhe a Medalha João Ribeiro.
- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se às palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony para dizer que o Ministro Tarso Genro fez uma excelente administração na Prefeitura de Porto Alegre, e que já foi, durante um período da sua vida, um crítico literário militante. Talvez pouca gente saiba dessa faceta quase secreta dele. Como disse o Acadêmico Carlos Heitor Cony, ele fez um esforço sobre-humano para conseguir desbloquear as verbas da Educação, porque no Brasil não se investe em Educação – ela não está na escala de prioridades.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida considera este ano muito denso de atividades, e acredita que, por essa razão, estão deixando passar um evento fundamental. Trata-se do livro do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, feito no fim do ano passado, que é *A Alma de um Padre*.

Comunicou que estão realizando, na primeira semana de junho, um seminário sobre este trabalho, no Centro Alceu Amoroso Lima e na Universidade Candido Mendes. Discorreu sobre a importância desse livro. Disse que não há, na literatura brasileira desse gênero, um livro dessa importância. Falou do extraordinário esteticismo e disse ser um poeta que está em cada página desse trabalho. É a visão estética da vida que ele transforma a cada momento.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que folga em saber que o livro do Pe. Fernando Bastos de Ávila está tendo toda essa merecida repercussão nos meios intelectuais, e, sobretudo nos círculos religiosos, porque, ao escrever esse livro, como muito bem o Acadêmico Candido Mendes observou, a conduta do autor foi muito menos a de um religioso do que a de um verdadeiro poeta. Foi com essa frase, inclusive, que o filólogo Sergio Pachá encerrou a sua resenha no Caderno *Prosa e Verso* de *O Globo*.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que poderia ficar horas falando sobre o Acadêmico Hermes Lima, mas o Acadêmico Affonso Arinos de Melo Franco traçou os fatos importantes de sua vida com muita precisão, o que subscreve de todo o coração.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho concordou com o Acadêmico Carlos Heitor Cony, quando se referiu à capacidade administrativa do Ministro Tarso Genro ao conseguir liberação de verbas para as universidades públicas, que se encontram numa situação de penúria muito grande, inclusive liberando os concursos que há muito tempo não se fazem nessas universidades. No que se refere à proposta da Reforma Universitária, falou que existe uma inquietação em vários aspectos. A imposição das quotas fixas – um caráter bastante corporativista – a imposição das eleições diretas para reitores; inclusive uma ênfase em parte justificada, mas também exagerada, na obrigação das universidades de atender às demandas sociais que não estão claramente definidas; e também uma exagerada hostilidade à Universidade privada. Certamente, os reitores estão bastante felizes porque o problema deles é o recurso. No entanto, na parte de professores há essas ressalvas que ele gostaria de deixar registra-

das. Informou, portanto, que não votará a favor da concessão da Medalha João Ribeiro ao Ministro Tarso Genro.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, a propósito da observação feita pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre o Projeto de Reforma Universitária, acrescentou que assistiu a uma palestra de Célio Borja, que é um ilustre professor de Direito Constitucional e membro de várias instituições importantes, onde se referia especificamente ao que ele considerava uma quase inconstitucionalidade global. Citou vários artigos que seriam inconstitucionais. Ele considera que é um projeto de lei eivado de inconstitucionalidade. O que ouviu do professor Célio Borja o impressionou, sobretudo pelo que ele demonstrou e pelo que outras pessoas demonstraram. Havia de ser uma reação muito grande contra esse Projeto de Reforma Universitária.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e esclareceu, apenas no que toca a essa polêmica Reforma Universitária, que no final de fevereiro esteve em São Paulo, participando de uma mesa-redonda promovida pelo Banco Itaú Cultural sobre o problema da leitura. Foi um seminário muito dinâmico e muito oportuno. No sábado, ao abrir o jornal *O Estado de S. Paulo*, se defrontou com um artigo maravilhoso, assinado pelo Acadêmico Miguel Reale, onde ele situava muito bem a total e absoluta inconstitucionalidade de diversos pontos dessa Reforma Universitária. É uma questão polêmica, para ele difícil de abordar, sobretudo porque não é educador, mas é uma proposta que vem sendo negociada com a sociedade, e que não sabemos ainda qual vai ser o resultado. No que toca à Medalha João Ribeiro, a proposta vai ser levada à Diretoria e numa data oportuna apresentará o assunto ao plenário para saber se a concessão da Medalha João Ribeiro será aprovada ou não.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que, em decurso da sua formação, foi obrigado a estudar os aspectos da Reforma Universitária. Foi designado pela Confederação Nacional do Comércio para coordenar um grupo de trabalho de que fez parte o professor Célio Borja e foi ali, pela primeira vez, que ele pôde manifestar a sua discordância com relação a boa parte

dos artigos que estão nesse projeto de lei. São cem artigos onde Célio Borja prova que trinta e dois deles são notoriamente inconstitucionais. Disse que escreveu um artigo na *Folha de S. Paulo* sob o título “A Reforma que não é Reforma”, onde critica bastante esse projeto. Seguiu-se outro artigo no jornal *O Globo*, em que comentou outros ângulos da Reforma e a criticou da mesma maneira. A reação do Ministério, pela figura do Ministro Tarso Genro, diante das várias críticas que surgiram, foi recolher o anteprojeto e fazer uma segunda versão, agora em junho. Ressaltou que, num exercício de coerência, podemos discordar do primeiro anteprojeto pela inconstitucionalidade e pela falta de visibilidade de onde sairão os recursos, pelo desrespeito flagrante à iniciativa privada, o que, portanto, é uma das inconstitucionalidades. Ali se diz que a educação deve fazer a convivência entre o ensino público e particular. Tem a sensação, como Acadêmico, que se está levando esse assunto para o ângulo político. Esse assunto foi apresentado no plenário em dezembro do ano passado, e nunca mais se voltou a falar nele. No caso da concessão da medalha ao Ministro Tarso Genro, diz que o Regimento deve ser respeitado. Não concorda com o adiamento da votação, levando-a à consideração da Diretoria porque é uma prerrogativa do plenário. O plenário é quem diz sim ou não à proposta. Disse que não vê razão em postergar este assunto. O plenário pode dizer se quer dar ou não a medalha ao Ministro Tarso Genro. Pediu que o presidente colocasse o assunto à votação porque foi cumprido o Regimento.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que foram aduzidas várias considerações a respeito do Projeto de Reforma Universitária. O Acadêmico Arnaldo Niskier comunicou que o Projeto foi recolhido para um aprimoramento que virá no mês de junho. Se há uma discussão tão séria em torno desse assunto, que é extremamente prioritário e relevante, não vê por que não devemos esperar a nova versão do Ministro Tarso Genro.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier pediu um aparte e disse que não se estava julgando a Reforma Universitária. Disse que, quando concedemos prêmios, julgamos apenas a pessoa. Pediu que o Acadêmico Tarcísio Padilha considerasse esse aspecto.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha, continuando, disse que há uma polêmica que envolve um aspecto fundamental da atividade do Ministro Tarso Genro e entende que não é o momento para cogitar premiá-lo. Elogiou todos que falaram, inclusive o Acadêmico Arnaldo Niskier, que nos traz esse dado relevante de que o Projeto foi recolhido para exame, mas entende que antes desse novo Projeto não se deve votar.
- O Presidente Ivan Junqueira fez um esclarecimento de ordem regimental de que a Medalha João Ribeiro foi instituída para ser atribuída para quem prestasse serviços relevantes no campo da cultura e no campo editorial. Em princípio, não vê por que dar essa medalha ao Ministro da Educação.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que o Ministro Tarso Genro está distribuindo milhões de livros. A educação está inserida na cultura. A educação é parte da cultura.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que esta polêmica está transitando em torno de uma iniciativa dele, que foi quando lhe coube propor a instituição da Medalha João Ribeiro. Não se trata de ações futuras realizadas pelas personalidades, e sim de ações passadas que têm autoridade para dizer que o Ministro Tarso Genro já prestou esse serviço. Foi convidado para ir ao Rio Grande do Sul, quando ele era Governador, e ficou impressionado com o seu trabalho no Instituto Estadual do Livro, inclusive promovendo a edição das obras completas de Augusto Meyer. O problema é que quando ensaístas brasileiros morrem, as editoras não se interessam mais por essas obras. Várias obras de escritores gaúchos têm sido publicadas por este Instituto, graças ao Ministro Tarso Genro. Finalizou dizendo que, pelo Regimento, não pode haver adiamento da votação. O Acadêmico propõe ao Presidente que se proceda a votação e o Presidente a submete ao plenário.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu e acolheu as observações do Acadêmico Lêdo Ivo, pediu autorização do plenário para que, em virtude do adiantado da hora, a Ordem do Dia fique para a próxima semana, como também o depoimento do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre Silva Melo. Concordou que a proposta da concessão da Medalha

João Ribeiro seja feita de imediato e passou a palavra ao Acadêmico Eduardo Portella.

- O Acadêmico Eduardo Portella disse que se sentiu obrigado a dizer alguma coisa sobre Hermes Lima porque ocupa a Cadeira que era de Hermes Lima e Anísio Teixeira na Academia Brasileira de Educação. Vê esses dois brasileiros como dois estadistas. Um estadista que chegou ao Estado pela educação, que é Anísio Teixeira, e o outro, Hermes Lima, que chegou à educação pelo Estado. De maneira que esses brasileiros merecem todas essas homenagens que ouvimos. Hermes Lima foi um grande estadista num momento fundamental da história republicana moderna no Brasil e soube afirmar a sua condição plena de intelectual livre e emancipado. Por todas essas razões, não poderia se calar sendo o ocupante atual de sua Cadeira na Academia Nacional de Educação.
- O Presidente Ivan Junqueira perguntou ao Acadêmico Eduardo Portella se havia algum parecer que poderia ser dado ainda hoje.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que a Comissão Machado Assis propõe que o Prêmio Machado de Assis, neste ano de 2005, seja concedido ao poeta Ferreira Gullar. (O texto do Parecer será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). Este texto foi escrito por um poeta, um ensaísta, um historiador ilustre desta Casa. Afirmou ter concordado imediatamente com o relator porque considera Ferreira Gullar e João Cabral de Melo Neto aqueles que prestaram um extraordinário serviço de estancar a hemorragia verbal modernista. São poetas econômicos sem deixarem de ser afetivos e vibrantes e, ao mesmo tempo, um filósofo com um veio reflexivo bastante acentuado.
- O Presidente Ivan Junqueira submeteu ao plenário o Parecer da Comissão Machado de Assis, que o aprovou.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que assinaria em baixo esse Parecer que concede o Prêmio Machado de Assis ao escritor Ferreira Gullar.
- O Presidente Ivan Junqueira colocou para o plenário as seguintes questões fundamentais: em primeiro lugar, não cabe ao plenário dar ou não

dar a Medalha João Ribeiro ao Ministro Tarso Genro com base nessa Reforma Universitária. Isto não é função da Academia. Disse que essa discussão tem que ser feita hoje. A Medalha será dada pelos méritos no campo editorial. Submeteu ao plenário a proposta inicial de concessão da Medalha João Ribeiro ao Ministro Tasso Genro. Feita a votação, a proposta foi aprovada por maioria.

- Nada mais havendo a tratar o Presidente declarou encerrada a sessão e convidou a todos para a mesa-redonda que assinalará os 300 anos de Antônio José da Silva, o Judeu, da qual participarão o Acadêmico Arnaldo Niskier, Barbara Heliadora e Paulo Roberto Pereira.

## PRÊMIO MACHADO DE ASSIS – 2005

*Parecer lido pelo Acadêmico Eduardo Portella*

A Comissão Machado Assis propõe que seja o prêmio concedido, neste ano de 2005, ao poeta Ferreira Gullar. Autor de dois livros que já entraram na história da literatura brasileira, *A Luta Corporal* e *Poema Sujo*, toda a sua obra poética é original, densa, tensa, sentida e humana. Não se sai de seus livros morno ou indiferente. Os seus versos aguçam a nossa inteligência e a nossa emoção. Saem das mãos de um mestre, que domina as mais diversas formas de cantares, ele que, em *Rozeiral*, longo poema incluído em *A Luta Corporal*, parecia duvidar de que a linguagem como a temos fosse capaz de expressar o que sonhava, sentia e sofria. Em *Poema Sujo*, como em outros poemas escritos antes e depois desse grande mergulho na São Luís de sua infância, vejam-se, por exemplo, os que reuniu em seu livro *Muitas Vozes*, as palavras simples e quotidianas mostram-se como na realidade são, quando as diz um verdadeiro poeta, novas, limpas, a denotar a vida.

Rio de Janeiro, 5 de maio de 2005

José Sarney  
Eduardo Portella  
Tarcísio Padilha  
Alberto da Costa e Silva  
Alfredo Bosi

## SESSÃO DO DIA 12 DE MAIO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 5 de maio. Após reparo feito pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que aniversaria hoje, dia 12 de maio. Pediu também uma salva de palmas para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles que, depois de longa ausência, se encontra presente à sessão de hoje.
- O Acadêmico Carlos Nejar apresentou alguns livros que ofereceu à Biblioteca da Academia. *Poética em Razão da Crítica – Dodecatlo Meta-poético Comentado – Elenco Bibliográfico Geral*, de Amadeu Torres

(Castro Gil), de Viana do Castelo, Portugal, grande filólogo e filósofo, um poeta curioso, com grande inventividade numa poética próxima de Fernando Pessoa. Falou também sobre o livro *Poesia straniera – Portoghese e Brasiliana*, de Luciana Stegagno Picchio, e também o livro *Meu Brasil Angolano*, de Raul de Taunay. Sobre Raul de Taunay, falou do trabalho extraordinário que esse diplomata está fazendo na Itália, onde cuida dos assuntos culturais da Embaixada do Brasil, chefiada pelo Embaixador e ex-Presidente da República, Itamar Franco. Nesta ocasião, propôs que a Academia conceda ao Ministro Raul de Taunay a Medalha João Ribeiro, como reconhecimento da Academia Brasileira de Letras pelos relevantes serviços culturais por ele prestados.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar pelos livros que oferece à Biblioteca da Academia. Disse que, como já fez de vezes anteriores, consultou o plenário quanto à possibilidade de concessão da Medalha João Ribeiro a Raul de Taunay.
- O plenário aprovou a concessão da Medalha João Ribeiro a Raul de Taunay.
- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles recitou versos de Guimarães Passos, expressando a sua alegria ao retornar a esta Casa depois de quase um ano de ausência. Falou da satisfação imensa de ter ouvido ontem a belíssima conferência de Alfredo Bosi e, em seguida, ter comparecido ao lançamento dos livros do Presidente Ivan Junqueira pela Editora Girafa. Teceu comentários a propósito de um dos ensaios do Presidente Ivan Junqueira sobre Manuel Bandeira, que muito a impressionou, e que a reportou à década de 70, quando conheceu Pasárgada e viu o túmulo do Rei Ciro. A seguir, ofereceu à Academia um documentário sobre ela, feito por seu filho Gofredo Telles Neto e Paloma Rocha, filha do Gláuber Rocha, que considera uma obra-prima. O documentário versa sobre a sua posse e tem a duração de 20 minutos.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho pediu um aparte para dizer que nessa posse a Acadêmica Lygia Fagundes Telles foi saudada pelo Acadêmico Eduardo Portella.

- O Presidente agradeceu à Acadêmica Lygia Fagundes Telles essas palavras tão generosas que disse sobre um dos seus ensaios, justamente sobre o poeta notável que foi Manuel Bandeira. Quanto à fita, preferia levá-la para casa porque assim teria maior oportunidade de assistir a ela.
- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que é com muita honra que apresenta o livro *Como no Céu*, do jovem poeta gaúcho Carpinejar, filho do Acadêmico Carlos Nejar, como uma prova de que poesia está no genoma, porque realmente surgiu como uma revelação, não apenas na poesia, como também no jornalismo, e é um dos talentos mais promissores do Rio Grande do Sul. Prosseguindo, congratulou-se com o Presidente pela declaração que ele fez para a televisão a respeito da censura imposta ao livro do jornalista Fernando Morais, a propósito de uma passagem sobre a história de uma agência de publicidade, que não apenas tirou o livro de circulação, como proíbe o autor de falar da obra. Acredita que é um gesto absolutamente inusitado e que nos remete aos piores períodos de censura deste país, e a Academia não podia se omitir diante deste atentado à liberdade de imprensa. Está certo de que isso nos sugere que a Academia, em outra qualquer situação que diga respeito à criação literária e à cultura neste país, mesmo não solicitada pela imprensa, deve se manifestar.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar para dizer que o apóia em relação a Carpinejar, que é realmente um dos melhores poetas da nova geração, e o felicita por essa intervenção. Quanto ao que disse à Rede Globo, era o mínimo que um Presidente desta Casa poderia fazer. Percebe que está retornando certa época de obscurantismo neste país, e a censura prévia é uma coisa intolerável.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comunicou que, designado pelo Presidente Ivan Junqueira, esteve na inauguração da Exposição sobre Roquette-Pinto no Museu da Ciência. Disse tratar-se de uma exposição muito bem feita, que aborda todos os aspectos desse eminente brasileiro e acadêmico, dando grande destaque à passagem de Roquette-Pinto, durante trinta anos, por esta Casa. Comunicou que essa exposição vai ser levada a outros estados e que é um trabalho da Casa Oswaldo Cruz, dirigida pela Professora Nísia Trindade Lima, que vem realizando um trabalho cultu-

ral da mais alta importância, inclusive o lançamento desse livro sobre Paulo Carneiro, que ocorrerá ainda hoje. Passou a outra comunicação que não considera tão relevante. Trata-se da carta que o Embaixador do Brasil na França enviou ao Presidente Ivan Junqueira e este a encaminhou a todos os acadêmicos. Nessa carta, o Embaixador se refere ao Ano do Brasil França e à sessão na Academia Francesa. Diz também que o Ministro da Cultura indicou um representante para acompanhar esses entendimentos. A esse respeito lembrou que o Ministro da Cultura está no cargo há dois anos e meio e nunca veio a esta Casa, razão por que não vê nenhum motivo para o Ministro da Cultura interferir nessa iniciativa, que é puramente das duas Academias. Disse que, em seu nome pessoal, quer que conste de ata a sua manifestação de estranheza por essa intromissão indébita.

- O Presidente Ivan Junqueira disse ao Acadêmico Alberto Venancio Filho que a estranheza não é só dele, pois para ele foi maior ainda por se tratar de um acadêmico que pouquíssimo frequenta esta Casa. Acha que o Ministro da Cultura, antes de fazer esta nomeação, deveria ter consultado a Academia Brasileira de Letras. De qualquer forma, disse que o protesto está lavrado e o apóia integralmente.
- O Acadêmico Sábado Magaldi, como Presidente da Comissão do Prêmio de Tradução, passou a ler o parecer dessa Comissão, assinado por ele e pelo Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. E divide essa láurea entre os tradutores Ivo Barroso e Eduardo Brandão. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente submeteu o parecer da Comissão de Tradução ao plenário que o aprovou. Anunciou, a seguir, que o Prêmio ABL de Tradução, de 2005, foi dividido entre os tradutores Ivo Barroso e Eduardo Brandão.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier, na condição de Presidente da Comissão do Prêmio de Literatura Infante-Juvenil, apresentou o parecer do relator deste prêmio, Acadêmico Murilo Melo Filho, assinado também pela Acadêmica Zélia Gattai Amado. A Comissão escolheu o livro *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*, do escritor Rogério Andrade Barbosa.

(O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente submeteu ao plenário o parecer da Comissão do Prêmio de Literatura Infanto-Juvenil, que acaba de ser lido pelo Presidente da Comissão, Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O plenário aprovou o parecer por unanimidade e o Presidente anunciou que o Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil de 2005 será conferido ao livro *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*, do escritor Rogério Andrade Barbosa.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida secundou a posição do Presidente Ivan Junqueira, com relação ao que se deu com Fernando Moraes. Disse que não crê que o problema seja de censura prévia, porque a matéria não é um ato nem do Legislativo, nem do Executivo. Trata-se de uma sentença judicial, mas que também será submetida, evidentemente, a uma revisão. Considera que a gravidade maior é que essa onda de repressão no Brasil está atingindo o terceiro poder.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que faz suas as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- A Acadêmica Ana Maria Machado falou da alegria de estar aqui de volta depois de várias viagens profissionais e queria deixar o registro de uma delas. Contou que, em Portugal, foi convidada pela Câmara Municipal da Trofa para um Encontro Lusófono para Crianças. Trofa é um Conselho que se desmembrou na região do grande Porto no ano de 2000. É também o mais novo município de Portugal, com quarenta mil habitantes. Como surgiu em 2000, ano da comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, resolveram que as crianças da Trofa precisavam conhecer este país. Organizaram um Coral com vinte e cinco crianças locais para virem ao Brasil. Essas crianças se apresentaram no Real Gabinete Português de Leitura e no Museu Imperial, onde cantaram com os Canarinhos de Petrópolis. Depois, foram ao Recife e se apresentaram na Fundação Joaquim Nabuco. Voltaram tão encantadas com o Brasil que houve um ambiente favorável para que esse projeto continuasse de alguma forma. Dois anos depois, a Câmara Municipal da Trofa trouxe àquele município

vinte crianças dos sete países que falam português, além de Portugal. Essas cento e quarenta crianças ficaram um mês em Trofa e, desde então, há um intercâmbio enorme entre escolas desses oito países, pela Internet. A consequência disso foi esse Encontro, realizado este ano, com escritores dos países que falam português, patrocinado pela Câmara Municipal daquele lugar. Disse que o encontro foi emocionante, com mil e setecentas crianças participando. Acredita que merecia as congratulações da Academia.

- O Presidente agradeceu as palavras da Acadêmica Ana Maria Machado sobre a intensidade um pouco maior do trânsito da nossa querida Língua Portuguesa, reunindo inclusive um contingente de quase duas mil crianças e, evidentemente, abrindo fronteiras para a expansão do idioma de Camões.
- O Acadêmico Carlos Nejar referiu-se à emoção que teve ao ler a poesia do Acadêmico Ivan Junqueira, *A Sagração dos Ossos*, que não é apenas a sagração e o reconhecimento da existência da morte, mas a sagração do rigor da palavra. Uma palavra que sabe iluminar, uma palavra que sabe ver e, sobretudo, uma palavra que sabe ser humana. Concordou com a colocação do Acadêmico Moacyr Scliar, apoiada por essa Presidência, a respeito do livro de Fernando Morais, porque acha todo tipo de censura abominável. Finalizando, agradeceu o que foi dito a respeito do seu filho Fabrício Carpinejar.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Carlos Nejar, sobre o apoio que manifesta de público por uma posição sua assumida em nome de toda a Casa, e também agradeceu às boas palavras que disse sobre sua poesia. No que toca a Fernando Morais, foi muito claro no que disse à televisão e que a Academia Brasileira de Letras estará sempre contra qualquer tipo de censura e contra qualquer tipo de arbítrio.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que há uma diferença fundamental entre expressão e opinião. Mantém há cinco anos, junto com alguns companheiros, um programa na CBN chamado *Liberdade de Expressão*. Está correndo um processo contra eles, numa das varas de São Paulo, porque comentaram um determinado fato e estão sob a pena de serem

multados ou mesmo presos simbolicamente pelo período de três meses. Foi uma expressão que usaram e que o juiz fez a distinção entre expressão e opinião. No seu entender, a constituição e os bons costumes lhe garantem qualquer opinião sobre qualquer assunto, mas a expressão, segundo o juiz, está condicionada à verdade dos fatos. A pessoa prejudicada, no caso do comentário, disse que o fato comentado por eles não era verdadeiro e o juiz está apurando, através de provas, para saber se cometeram um delito de expressão ou de opinião. Se for expressão, serão condenados, se for de opinião, serão absolvidos.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony a distinção feita pelo juiz, mas acha que se trata de uma questão estritamente jurídica. No seu caso disse que se sentiu muito molesto com o recolhimento de toda uma edição e a proibição de que um autor e o próprio editor pudessem dizer alguma coisa em sua defesa. Sobre a Ordem do dia, a “Academia Brasileira de Letras e o Bicentenário da Imprensa Régia”, o Presidente disse que no primeiro mandato do Presidente Alberto da Costa e Silva levantou-se a possibilidade e a obrigação desta Casa no sentido de preparar uma obra que celebrasse, de alguma forma, os 200 anos da Imprensa Régia no Brasil. Naquela época, a missão de tocar adiante essa publicação foi confiada ao Acadêmico Alberto Venancio Filho que, durante certo tempo, cobrou deste plenário uma colaboração que acabou não vindo, de maneira que não chegou a surpreendê-lo o seu pedido de renúncia da Comissão. No início deste ano, decidiu nomear os Acadêmicos Cícero Sandroni e Murilo Melo Filho, para cuidarem do assunto. Pediu ao plenário que ouvisse as palavras dos Acadêmicos Cícero Sandroni e Murilo Melo Filho, aos quais passou a palavra.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que não considera que o Acadêmico Alberto Venancio Filho tenha renunciado, porque ele realizou o trabalho que lhe foi proposto. Disse que o projeto é irretocável e o que cabe a ele e ao Acadêmico Murilo Melo Filho é levar adiante o projeto e tentar cobrar dos Acadêmicos o trabalho que está proposto, com algumas sugestões que apresentaram, como incluir a *Gazeta de Notícias*, que foi o jornal que deu a primeira notícia sobre a criação da Academia Brasileira de Letras, e o *Correio Mercantil*, que foi o jornal em que trabalharam duran-

te muito tempo Francisco Otaviano e José de Alencar, este um grande colaborador. Conversou com o Acadêmico Murilo Melo Filho e pediram aos acadêmicos José Murilo de Carvalho e Eduardo Portella para, juntos, coordenarem o trabalho dos acadêmicos, como também de especialistas não acadêmicos no assunto, que, nesse caso, seriam remunerados. Finalizando, disse que está na hora de colocar mãos à obra e pediu aos Acadêmicos que aceitem as missões para as quais serão convidados.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho ressaltou que a proposta do Acadêmico Alberto Venancio Filho, há dois anos apresentada ao plenário, é um trabalho respeitável e cuidadoso, com um roteiro preliminar digno de todo respeito e admiração. Foi com esse espírito que ele e o Acadêmico Cícero Sandroni receberam essa colaboração do Acadêmico Alberto Venancio Filho, como ponto de partida e como ponto de chegada para a missão delegada pelo Presidente desta Academia, que estão começando a cumprir. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao entusiasmo e ao empenho com que os acadêmicos Cícero Sandroni e Murilo Melo Filho abraçaram essa causa da publicação sobre a Imprensa Régia. Crê que dependendo de um planejamento bem cuidado, esse livro sairá a tempo e, com certeza, será uma realização marcante desta Casa. No capítulo das Efemérides, passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, antes das Efemérides, falou algo em complemento ao que se disse a respeito das comemorações da Casa. Além de toda justiça com que se deva comemorar o segundo centenário da Imprensa Régia no Brasil, pela primeira vez evocou uma outra data que acontecerá em 2008, que será o primeiro centenário da morte de Machado de Assis. Acredita que devemos nos ocupar com essa celebração tanto quanto estaremos ocupados com a celebração da Imprensa Régia no Brasil. No capítulo das Efemérides, teceu um belo registro sobre a vida do Acadêmico Silva Melo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre Silva Melo, que não era lembrado nesta Casa já há algum tempo. Louvou o cuidado do Acadêmico com relação à data extraordinária do centenário da morte de Machado de Assis, que também será em 2008, e nomeou uma comissão de cinco membros que se ocupará, com vagar e sabedoria, a respeito do que fazer para lembrar o nosso grande bruxo. Essa Comissão será composta pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin e Alberto da Costa e Silva. Nada mais havendo a tratar, convidou a todos para a mesa-redonda sobre o livro *Ciência, Política e Relações Internacionais – Ensaio sobre Paulo Carneiro*, da qual participam o Acadêmico Alberto Venancio Filho, os senhores Jorge Werthein, José Israel Vargas e Marcos Chor Maio. Finalmente, comunicou que a seguir à conferência acontecerá, no saguão do Centro Cultural do Brasil, o lançamento do livro que foi organizado por Marcos Chor Maio, com apresentação de José Israel Vargas e orelhas do Acadêmico Alberto Venancio Filho.

## PRÊMIO ABL DE TRADUÇÃO – 2005

*Parecer lido pelo Acadêmico Sábato Magaldi*

Na condição de presidente da comissão designada para conceder o Prêmio de Tradução da Academia Brasileira de Letras referente ao ano de 2005, acolho o parecer do relator, no sentido de que a láurea seja atribuída aos consagrados tradutores Ivo Barroso e Eduardo Brandão.

Um dos mais ativos tradutores brasileiros, reconhecido e premiado por seu trabalho, entre outros com o Jabuti (1992 e 1997), e o da Biblioteca Nacional, Ivo Barroso já traduziu para o português mais de meia centena de textos de autores clássicos, entre os quais William Shakespeare, Arthur Rimbaud, August Strindberg, Herman Hesse, André Malraux, Margerite Yourcenar, Italo Svevo, Romain Rolland, Umberto Eco e inúmeros outros. Em 2004 a editora Arx publicou um dos seus trabalhos mais recentes, o volume *Teatro Completo de T.S. Eliot*, recebido com grandes elogios pela crítica.

Eduardo Brandão trabalha em traduções de ensaios desde a década de 1970 para grandes editoras brasileiras, a exemplo da Martins Fontes e a Companhia das Letras. Na área história e filosofia Brandão traduziu obras de Voltaire, Diderot, Unamuno, Foucault, Braudel, Le Goff, Durkheim, Tocqueville e Ginsburg, entre inúmeros outros. Traduziu também ensaios e estudos sobre literatura de autores como Jorge Luis Borges, Julián Marías, Muñoz Molina e R. Bolaño. Na sua produção de 2004 destaca-se a tradução de *O Espírito da Filosofia Medieval*, de Etienne Gilson, pela Martins Fontes, com excelente recepção crítica.

Rio de Janeiro, 12 de maio de 2005

Sábato Magaldi  
João Ubaldo Ribeiro

## PRÊMIO ABL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL – 2005

*Parecer lido pelo Acadêmico Arnaldo Niskier*

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Como membros da Comissão designada por V. Ex.<sup>a</sup>, temos a honra de encaminhar-lhe, para que o submeta ao plenário, o nosso voto no Prêmio de Literatura Infantil deste ano de 2005.

Após uma pesquisa sobre os livros lançados em 2004, fixamos nossa preferência no *Contos Africanos para Crianças Brasileiras*, do escritor Rogério Andrade Barbosa, um professor pós-graduado em Literatura Infantil Brasileira na UERJ.

Trata-se também de um participante do PROLER, programa de incentivo à leitura da Fundação Biblioteca Nacional, um autor participante das Feiras de Frankfurt e Guadalajara, que esteve no II Encontro Ibero-Americano de Literatura para Crianças e Jovens, realizado em Havana; e que participou do 27.º Congresso Literário de Cartagena, da Feira do Livro Infantil de Bolonha e de um Congresso do IBBY, de Genebra, em 2002.

Trata-se ainda do primeiro Presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, com obras publicadas na Alemanha, México, Argentina e Estados Unidos.

Entre essas obras, distinguidas como “Altamente recomendáveis para crianças”, figuram os quatro volumes de *Bichos da África*, com o Prêmio Jabuti; *Contos ao Redor da Fogueira*, *Rômulo e Julia*, *O Príncipe Leão*, *Viva*

*o Boi Bumbá, SOS Tartarugas Marinhas, Histórias Africanas para Contar e Recontar, A Carta do Pirata Francês e O Filho do Vento.*

Este é o nosso voto unânime.

Rio de Janeiro, 12 de maio de 2005

Arnaldo Niskier  
Murilo Melo Filho  
Zélia Gattai Amado

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
E O BICENTENÁRIO DA IMPRENSA RÉGIA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente. Senhoras e senhores Acadêmicos.

Devo ressaltar, antes de qualquer coisa, que a proposta do Acadêmico Alberto Venancio Filho, há dois anos apresentada a este plenário, é um trabalho respeitável e cuidadoso, com um roteiro preliminar, digno de todo o nosso respeito e consideração.

E foi com este espírito que eu e o Acadêmico Cícero Sandroni recebemos esta colaboração do Acadêmico Alberto Venancio Filho, como ponto de partida e também como ponto de chegada, para a missão a nós delegada pelo Presidente desta Academia e que justamente agora estamos começando a cumprir.

Sabíamos que se tratava de uma tarefa longa e exaustiva, que teremos de executar nestes próximos três anos.

Além do trabalho pessoal e direto na redação de vários textos, seremos nós ambos uma espécie de articuladores e de coordenadores de uma extensa frente de trabalho, para a qual esperamos contar com a importante ajuda de Vossas Excelências, em particular dos Acadêmicos Eduardo Portella e José Murilo de Carvalho, nos assuntos referentes à Crítica Literária e à História.

---

\* Proferidas na sessão do dia 12 de maio de 2005.

Há poucos dias, eles dois foram contatados pelo Acadêmico Cícero Sandroni e se mostraram dispostos e decididos a emprestar a colaboração e a ajuda, que todos nós temos o direito de esperar da sua competência e da sua cultura.

Reconhecemos que todos os acadêmicos já enfrentam muitos compromissos e deveres profissionais, mas mesmo assim temos a petulante pretensão de muito contar com a cooperação de todos.

Além dos acadêmicos (e como o trabalho é muito vasto), estamos pensando em recorrer a jornalistas e escritores estranhos aos nossos quadros e que igualmente serão convidados a colaborar conosco, pois a idéia inicial é produzirmos um painel abrangente da participação dos nossos acadêmicos nos principais órgãos e nas mais importantes etapas da Imprensa Brasileira, ao longo destes dois séculos.

O Acadêmico Cícero Sandroni e eu chegamos até a dividir os meses que temos pela frente, mais ou menos do seguinte modo:

Primeiro: este ano de 2005 será dedicado ao planejamento e à divisão do trabalho de cada colaborador, com os prazos respectivos, bem como à produção dos nossos próprios textos, e ao recebimento de sugestões e propostas dos nobres acadêmicos, que serão sempre muito bem-vindas.

Segundo: o próximo ano de 2006 será usado na cobrança e no recebimento das tarefas distribuídas, dentro dos prazos dados anteriormente.

Terceiro: o ano seguinte, de 2007, será utilizado na diagramação e na produção gráfica do livro, que, pelo menos por enquanto e salvo uma decisão posterior, está indicado para figurar na Coleção Austregésilo de Athayde.

Quarto e último item: esse livro já tem até uma data marcada para o seu lançamento, que será feito no dia 13 de maio de 2008, quando se completam exatamente 200 anos de criação da nossa Imprensa Régia, com a assinatura de um decreto pelo Príncipe Regente Dom João VI e quando também estará cumprida a nossa missão de editar um livro tão importante, como este, para as tradições históricas da nossa Academia.

## ANTÔNIO DA SILVA MELO

*Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin\**

Quarto ocupante da cadeira I9 da Academia Brasileira de Letras, Antônio da Silva Melo nasceu em Juiz de Fora, no dia 10 de maio de 1886. Temperamento inquieto, curiosíssimo, voltou-se desde a adolescência para a área médica, e logo demonstrou insatisfação com a má qualidade do ensino de Medicina no país. Decidiu prosseguir os estudos na Alemanha. Em 1916, defendeu, em Berlim, tese intitulada “A influência do tório X sobre o sangue”. Especializou-se em clínica médica. A experiência mais dramática de sua vida provavelmente terá sido a de um naufrágio, quando o navio em que viajava de regresso ao Brasil foi torpedeado no Mar do Norte. Antônio salvou-se, mas tudo o que trazia – uma vasta biblioteca, seu laboratório, vários trabalhos inéditos – foi por água abaixo. Impedido de retornar à Alemanha, devido à deterioração das relações teuto-brasileiras na I Guerra Mundial, acabou permanecendo por mais dois anos na Suíça. Retornou ao Brasil em 1918. Foi aprovado em concurso para catedrático de Clínica Médica na então Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Aprofundou-se na área da nutrição e desenvolveu inúmeros estudos sobre as conseqüências da radioatividade no organismo humano. Deve-se a ele a divulgação dos efeitos benéficos das areias negras e monazíticas de Guarapari, região que freqüentou nos anos de 1930, e a que consagrou artigos de grande sucesso, publicados em *O Cruzeiro*, no *Jornal do Brasil* e no livro *Guarapari, Maravilha da Natureza*, de 1971. Nessa cidade, em preito de gratidão, Silva Melo é hoje nome de escola e de rua.

---

\* Proferidas na sessão do dia 12 de maio de 2005.

Silva Melo fundou, em 1944, e dirigiu até o fim de seus dias – morreu no Rio, em 19 de setembro de 1973 – a *Revista Brasileira de Medicina*. Citam-se, entre seus principais livros, *O Homem – Sua Vida, sua Educação, sua Felicidade*, de 1945; *Mistérios e Realidades deste e do outro Mundo*, de 1948; *Nordeste Brasileiro*, de 1953; *Estados Unidos – Prós e Contras*, de 1958; *Estudos sobre o Negro*, de 1958; e *A Superioridade do Homem Tropical*, de 1967. A observar, em sua obra, a ênfase positiva atribuída à etnia negra e à cultura mestiça e tropical do brasileiro. Ainda que supervalorizando aspectos do instinto e da constituição física do homem dos trópicos, a posição de Silva Melo não deixa de ser bastante provocativa, a ponto de podermos interpretá-la como a trincheira bio-antropológica do discurso histórico-sociológico de Gilberto Freyre. Essas afinidades, aliás, já foram salientadas pelo cientista social Gilberto Vasconcellos, num simpático perfil que traçou de nosso antecessor: “foi o crítico da ideologia do colonialismo na esfera da medicina, ideologia essa que calunia o sol, o trópico e o homem mestiço. Ele negou peremptoriamente a tese equivocada de que o calor ou o clima quente seja um fator desfavorável à cultura e ao desenvolvimento da inteligência.” Esse traço contestador reflete-se em muito do que escreveu. O título de uma de suas obras – *Estados Unidos, Prós e Contras* – fez alguns leitores pensarem que ele se havia esquecido de encaminhar à gráfica o capítulo dos “prós”.

Silva Melo dedicou-se a uma pormenorizada investigação acerca dos mistérios deste e do outro mundo, para concluir que em nenhum dos mundos havia mistério algum. Américo Jacobina Lacombe, que o sucedeu na Cadeira 19, não deixou de registrar no discurso de posse que, apesar do espírito incrédulo de seu antecessor, patente na exaltação da ciência como a única via da verdade, Antônio poderia servir de comprovação a um axioma de Elisabeth Leseur, segundo o qual não haveria ateu lógico. Para corroborar a afirmativa, Lacombe leu um trecho do livro mais conhecido de Silva Melo, *O Homem*: “Fui invariavelmente levado à convicção de que os fantasmas não existem e que, portanto, não me devem amedrontar. Mas, apesar disso, continuo a ter medo deles. [...] Por essa simples razão nunca ousei dormir sozinho numa casa isolada, ou mesmo num quarto afastado de outros habitados. Eis a situação em toda sua ridícula simplicidade.”

Sua bibliografia comporta 17 títulos, além do discurso de posse na Academia, cuja extensão praticamente o transforma num décimo-oitavo livro: trata-se de um texto com 104 páginas, 90 das quais dedicadas a Gustavo Barroso, antecessor imediato de Silva Melo na Cadeira 19. Lido na íntegra, demandaria 4 horas de locução e, ao que consta, apenas o discurso de Álvaro Lins o suplanta nesse quesito. Tendo atuado como pedagogo, pensador, antropólogo, nutricionista e cientista social, Silva Melo simboliza o intelectual afeito e aberto às inúmeras aventuras do conhecimento, que ele, como poucos, soube pôr a serviço de um pensamento plural, mas tecido a partir de inflexões e perspectivas marcadamente brasileiras.



### SESSÃO DO DIA 19 DE MAIO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lygia Fagundes Telles, Marco Maciel, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira indagou se há algum reparo a ser feito na ata da sessão do dia 12 de maio. Após reparo feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a ata foi aprovada.
- O Presidente pediu ao plenário uma calorosa salva de palmas para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles que acaba de receber o Prêmio Camões.
- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles, emocionada, agradeceu a todos os seus confrades e lembrou o poema “Visita à casa paterna”, lembrado por ela, na sessão passada, atribuindo-o a Guimarães Passos. Disse que o Acadêmico Carlos Heitor Cony devia suceder a João Condé, nos Arquivos Implacáveis, porque tem uma memória extraordinária, lembrando que

o autor do poema é Guimarães Filho. Agradeceu aos queridos amigos a generosa solidariedade e o belíssimo artigo que o Acadêmico Carlos Heitor Cony escreveu sobre ela. Falou sobre a memória tão ingrata no Brasil, que rapidamente esquece seus grandes escritores, e lembrou um artigo que leu no *Le Monde*, no qual assinalava que para o escritor permanecer varando o tempo era preciso, em primeiro lugar, que o país tivesse uma estrutura dentro das suas Universidades e dos seus Centros Culturais, para justamente manter acesa essa palavra escrita. A segunda condição era que o descendente do escritor se interessasse pela permanência do nome e da obra do seu antecessor na vida cultural do país. Disse que havia um terceiro motivo, que infelizmente não lembra neste momento. Saudou, ainda, o Presidente Ivan Junqueira pelo belíssimo ensaio sobre Dinah Silveira de Queiros, em torno de *Margarida La Rocque*. Disse ser uma injustiça enorme o esquecimento desse livro de Dinah Silveira de Queiroz, que também não tem sido lembrada. Prestou uma homenagem às mulheres que pertenceram e pertencem a esta Casa. Rachel de Queiroz, que foi a primeira a ter a honra de entrar para a ABL antes de Marguerite Yourcenar entrar para a Academia Francesa. A segunda foi Dinah Silveira de Queiroz. Ela foi a terceira. Depois, Nélida Piñon, que foi Presidente desta Casa (fato inédito no mundo literário). A seguir, vieram Zélia Gattai e Ana Maria Machado. Agradeceu a todos e se despediu muito comovidamente.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse à Acadêmica Lygia Fagundes Telles ter a impressão de que descobriu qual o terceiro motivo do artigo do *Le Monde*, que ela não conseguiu lembrar. Reportou-se ao ano de 1976, na vigência do AI-5, e a uma Portaria do Ministro Alfredo Buzaid que permitia ao Governo Militar invadir livrarias, editoras e até tipografias para apreender livros. Foram apreendidos mais de quatrocentos títulos, sendo que três deles causaram grande escândalo: *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, *Aracelli, meu Amor*, de José Louzeiro, e *Zero*, de Inácio Loyola Brandão. Lembrou que na época houve um movimento, do qual a Acadêmica Lygia Fagundes Telles participou muito ativamente, no sentido da defesa da liberdade de expressão. Esse movimento produziu um manifesto que ficou conhecido como Manifesto dos Mil, que muitos aca-

dêmicos assinaram, e que devia ser levado ao Ministro da Justiça, Armando Falcão. A primeira pessoa que se voluntariou foi a Acadêmica Lygia Fagundes Telles e a segunda foi a Acadêmica Nélida Piñon, as mulheres corajosas. O terceiro foi Hélio Silva e acredita que o quarto foi Jeferson Ribeiro Andrade, escritor mineiro, que foram levar o manifesto ao Ministro da Justiça. O Ministro não recebeu os escritores, mas conseguiram que o manifesto fosse publicado. Lembrou que a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que neste momento recebe o Prêmio Camões, e Rubem Fonseca, que também o recebeu há dois anos, são pessoas que foram peças fundamentais na organização desse manifesto, publicado depois por toda a imprensa. Posteriormente, mais de mil intelectuais assinaram esse documento. Acredita que o terceiro motivo a que ela se referiu no artigo do *Le Monde* é essa capacidade de liderança e de resistência do escritor. Depois da publicação do manifesto, nenhum outro livro foi censurado nem apreendido em livraria ou editora do Brasil. Acha que isso tem que ser lembrado, porque a Acadêmica Lygia Fagundes Telles recebeu o Prêmio Camões pela sua trajetória literária, mas há um outro lado da mulher corajosa que, em pleno AI-5, desafiou os poderes em defesa da literatura e da atividade do escritor.

- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles disse ao Acadêmico Cícero Sandroni que com essa memória poderia também se inscrever nos candidatos aos Arquivos Implacáveis, de João Condé, juntamente com o Acadêmico Carlos Heitor Cony. Rememorou e agradeceu aqueles momentos relatados pelo Acadêmico Cícero Sandroni.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse não precisar falar sobre a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, pois ela sabe da admiração e do apreço que tem por ela. Felicitou o Acadêmico Cícero Sandroni por relatar esse episódio, mas esclareceu um ponto. Disse que o livro *Feliz Ano Novo* foi proibido por uma Portaria do Ministro Armando Falcão, baseado num Decreto-Lei do Regime Militar, que considerava esse livro um atentado à moral e aos bons costumes. Lembrou que vários escritores, em casos semelhantes, na época, entraram com um Mandado de Segurança e ganharam. Porém, Rubem Fonseca preferiu entrar com uma Ação Ordinária, que se prolongou por mais de vinte e cinco anos e que, afinal, teve o

resultado favorável, embora tenha tido uma indenização ridícula, arbitrada pelo Tribunal Regional Federal. O importante, nesse caso, foi que o perito nomeado pelo Juiz da Vara Federal era o Acadêmico Afrânio Coutinho, cujo laudo foi publicado em livro com o título *O Erotismo na Literatura Brasileira*. Foi um trabalho monumental sobre a matéria. Lembrou também que o assistente técnico de Rubem Fonseca era o saudoso Acadêmico Francisco de Assis Barbosa. Assinalou que a sentença de Primeira Instância considerou que o livro não era contrário à moral e aos bons costumes, mas incitava à violência, e por isso o Juiz denegou a Ação Ordinária e o Tribunal Regional Federal reformou a sentença dando ganho de causa ao escritor Rubem Fonseca. Esses eram os esclarecimentos que queria fazer.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que durante todo o processo a sociedade reagiu, e quando isso aconteceu o Governo recuou.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu os esclarecimentos do Acadêmico Alberto Venancio Filho e passou a palavra ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que já demonstrara o seu contentamento com a concessão do Prêmio Camões à Acadêmica Lygia Fagundes Telles, transmitiu o carinho de seus netos, traduzidos em beijos carinhosos. A seguir, passou à Biblioteca da Academia o livro *Livre Sintonia*, da companheira da Academia Cearense de Letras, Beatriz Alcântara.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a doação desse livro de Beatriz Alcântara, a quem conheceu há dois anos, quando esteve em Fortaleza acompanhado do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, numa ocasião em que fizeram duas palestras na capital cearense.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin associou-se ao júbilo da Casa pela vitória da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que é a vitória do escritor brasileiro, e disse que teve a honra, juntamente com o Acadêmico Ivan Junqueira, de integrar o Júri desse Prêmio Camões. Ressaltou que a vitória de Lygia foi por unanimidade. No Júri, além dos dois jurados brasileiros, encontravam-se dois escritores portugueses e dois escritores africanos

de língua portuguesa. Fez, a seguir, uma pequena ressalva à identificação do autor do poema “Visita à casa paterna”, que não é de Luís Guimarães Filho e sim de Luís Guimarães Júnior, que era o pai do Guimarães Filho. Disse, também, que esse soneto se notabiliza pela rima.

- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se a tudo que foi dito sobre a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Tem ligações pessoais enormes e a admira muito. Teve a alegria de lhe fazer o discurso de recepção nesta Casa e também a introdução da coleção de seu livro *Cem Melhores Histórias Curtas*, que está na vigésima primeira edição. Disse que, graças a ela, conseguiu se transformar num best-seller. Além disso, falou da excelente companheira de viagem.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lembrou que há alguns anos assistiu num canal de televisão cultural em Brasília, a uma entrevista com o Acadêmico Eduardo Portella. O entrevistador perguntou o que ele achava da Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Ele disse que era uma das maiores contistas do Brasil, uma mulher extraordinária, e contou que, quando Jorge Luis Borges esteve no Brasil, ficou maravilhado com a sua beleza. O entrevistador perguntou como Borges poderia dizer isso se ele era cego; o Acadêmico Eduardo Portella respondeu dizendo que a beleza da Acadêmica Lygia Fagundes Telles é tão fulgurante que até um cego vê.
- O Presidente Ivan Junqueira falou ao Plenário das sucessivas e justificadas queixas que tem recebido por parte de vários confrades quanto ao processo aqui implantado para a concessão da Medalha João Ribeiro. O Regimento deixa o Presidente muito descoberto. Esses acadêmicos vêm se queixando de um certo constrangimento na hora em que a Medalha é proposta ao plenário. Acha que a concessão da Medalha João Ribeiro, que é uma das mais importantes comendas desta Casa, tem que ser um pouco mais disciplinada e melhores definidos os critérios que devem presidir à concessão da mesma, de modo que decidiu criar uma comissão para estudar esse caso e preparar um parecer que submeterá ao plenário da Casa. A comissão será formada pelos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Oscar Dias Corrêa e Affonso Arinos de Mello Franco. Comunicou que no dia 25 de maio, logo após a sessão plenária, haverá uma conferên-

cia do Acadêmico Oscar Dias Corrêa na Sala José de Alencar, alusiva aos setecentos e quarenta anos de nascimento de Dante Alighieri, sob o título de “Viagem com Dante”. Comunicou também, particularmente aos acadêmicos que irão a Paris, a carta que recebeu do Embaixador Sérgio Amaral, que será enviada a todos os acadêmicos, convidando para um coquetel na residência da Embaixada, no dia 22 de junho, às 19 horas, onde estará presente a Sra. Hélène Carrère d’Encausse.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que submeteu um programa seqüente ao que foi colocado, já com a organização do que vai ser a apresentação, não mais apenas no quadro da Academia Francesa, mas no quadro da apresentação da Paris 3, com todo elenco dos expositores que ali desenvolverão durante todo dia, na Salle Louis Liard, a nossa presença diante da Universidade. Disse que a Academia estará oferecendo um jantar no Hôtel de Crillon, dia 24, à Academia Francesa, e nela estará presente, apesar de seus 96 anos, Lévi-Strauss. Tudo isso está já definido e situado diante dos acadêmicos que irão comparecer ao encontro de Paris.
- O Presidente Ivan Junqueira perguntou qual o custo que a Academia Brasileira de Letras vai ter com relação a este jantar oferecido por ela.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que não haverá custos para a Academia. Disse que entregou o projeto ao Presidente Ivan Junqueira e ao Acadêmico Eduardo Portella, não como um fato consumado, apenas como uma informação, sendo evidente que isto se resolva em conjunto. Tudo em função do Colegiado que irá resolver e é em função dele que se chegará a uma definição absoluta do que se irá fazer.
- O Presidente Ivan Junqueira ressaltou que esse colegiado se resume a uma tríade, por isso propôs que os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Eduardo Portella e ele se reúnam o mais breve possível para que se possa bater o martelo sobre essa programação.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida lembrou que, na última reunião que tiveram, esse enunciado foi aflorado e debatido junto com o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que a proposta será estudada de uma maneira célere porque o tempo está ficando muito curto para que algo se realize.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que na semana passada trouxe à baila o tema do centenário de Machado de Assis, em 2008. Por uma feliz coincidência, teve um contato com o Ministro Tarso Genro e obteve dele a mais viva demonstração de boa vontade e de empenho de auxiliar a Academia no que for possível no âmbito de um grande projeto relativo às comemorações do centenário de Machado de Assis. Muito em breve será estabelecido um protocolo de intenções, por parte do MEC, para dar apoio logístico. Também porá à disposição da Academia tudo o que esta necessitar para que se faça do ano de 2008 o Ano Machado de Assis. Sugeriu ao Ministro, que aceitou, encaminhar a instâncias federais essa proposta de que 2008 seja oficialmente declarado Ano Machado de Assis.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu essa importante comunicação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin e perguntou-lhe se o Ministro agendou alguma vinda à Academia para receber a Medalha João Ribeiro.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que o Ministro Tarso Genro se manifestou muito feliz com a homenagem, mas não falou sobre nenhuma data para receber a Medalha João Ribeiro.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony perguntou se a Academia está pensando em fazer alguma homenagem ao centenário de Érico Veríssimo, já que neste ano se comemora o seu centenário de nascimento.
- O Presidente Ivan Junqueira, respondendo ao Acadêmico Carlos Heitor Cony, disse que está prevista na programação da ABL uma mesa-redonda em homenagem a Érico Veríssimo.
- Com relação à Ordem do Dia, Biblioteca Rodolfo Garcia, o Presidente lembrou que a Academia está acompanhando há algum tempo a criação da Biblioteca, desde aquele momento em que o Acadêmico Arnaldo Niskier reservou o segundo andar do Palácio Austregésilo de Athayde até o momento em que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva levou a cabo as obras relativas à instalação da nova Biblioteca. Mês após mês acompanha

os trabalhos das Bibliotecárias, do Diretor Acadêmico Murilo Melo Filho, das propostas que, felizmente, estão agora muito palpáveis. Pediu ao Diretor da Biblioteca que apresentasse um pequeno relatório de como andam os trabalhos e de como está o planejamento para a efetiva inauguração da Biblioteca Rodolfo Garcia.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho leu o relatório relativo aos trabalhos da Biblioteca Rodolfo Garcia. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pelo relatório detalhado e oportuno sobre as atuais condições da Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que o relato do Acadêmico Murilo Melo Filho é preciso, minucioso e reflete um esforço que ele soube liderar com competência e com fraternidade. Ele foi assessorado por grandes brasileiros como o Acadêmico Alberto da Costa e Silva que, além de historiador e homem de letras, tem um raio de preocupação muito amplo e por isso mesmo esteve presente em vários territórios intelectuais; pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, o nosso grande filólogo, que se ocupou da área das ciências da linguagem; Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, que não estava inicialmente designado para a Comissão, mas vem prestando serviços realmente inestimáveis. Deve-se também a Murilo Melo Filho a iniciativa de evitar que houvesse ciúme entre a Biblioteca do *Petit Trianon* e a Biblioteca Rodolfo Garcia, conseguindo um clima de co-habitação impecável. Tem feito reuniões conjuntas e todas elas se revelam extremamente produtivas. Finalizou dizendo que o Acadêmico Murilo Melo Filho merece o reconhecimento de todos.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella as palavras que acaba de proferir e lembrou a todos que ele é parte fundamental de todo esse processo.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho agradeceu às palavras do Acadêmico Eduardo Portella e disse ter sido ele um grande companheiro nas reuniões das terças-feiras. Da sua sabedoria tem recolhido importantes sugestões e conselhos.

- O Presidente Ivan Junqueira perguntou ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila se poderia deixar as palavras sobre D. Marcos Barbosa para a próxima sessão devido ao adiantado da hora. Lembrou que, em virtude do feriado, a próxima sessão será na quarta-feira, dia 25 do corrente mês. Nada mais havendo a tratar deu por encerrada a sessão.

TRABALHO REALIZADO  
NA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA

*Relatório do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Como assunto da Ordem do Dia, cabe-nos fazer-lhes um relatório, tanto quanto possível sucinto, embora detalhado, sobre esta reta final de instalação da nossa Biblioteca Rodolfo Garcia.

Temos a satisfação de comunicar a Vossas Excelências que, nestes últimos três meses, (de março, abril e maio), conseguimos, na área da Informática, avançar bastante na batalha para catalogação e inserção no programa Sofia, de *software*, de milhares de livros e periódicos, que poderão ser acessados por um triplice critério: pelo seu título, pelo nome do seu autor e pelo seu assunto.

Esta fase de implantação informática tem sido tão difícil e tão trabalhosa quanto à nossa primeira fase de construção.

Agora, as nossas instalações já estão praticamente prontas, faltando apenas alguns poucos detalhes, como, por exemplo, a construção de 36 escaninhos, para a guarda de bolsas, pastas e embrulhos dos freqüentadores.

Os nobres Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Corrêa da Costa, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara, membros da Comissão de Seleção, têm sido simplesmente admiráveis e insuperáveis, nas nossas reuniões das tardes de todas as terças-feiras, oferecendo horas inteiras, com carinho e dedicação comoventes, na tarefa de selecionar 50 mil dos 120 mil livros trazidos dos nossos Depósitos da Metropolitan e da Rua Uruguaiana, muitos dos quais em péssimas condições de conservação, (com bichos, brocas, cupins e

---

\* Apresentado na sessão do dia 19 de maio de 2005.

fungos), necessitados de higienização, de recuperação e de encadernação, para evitar que contaminassem estantes novas como as da nossa Rodolfo Garcia.

Além desse trabalho de seleção, executado inicialmente com a assessoria técnica do Professor Edson Néri da Fonseca, trazido por uma feliz idéia do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, cujo trabalho foi concluído depois pela Bibliotecária Adriana Vilaça, essa Comissão tomou decisões importantes e fez várias recomendações, todas aceitas, como as seguintes:

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva recomendou que tivéssemos em nossas estantes os grandes livros da cultura humanística, como a Enciclopédia Britânica, por exemplo, da qual, aliás, já possuíamos as primeiras edições, além de outras importantes obras de referência e de consulta.

– O Acadêmico Eduardo Portella sugeriu que adquiríssemos os “Clássicos das Literaturas Brasileira e Estrangeira”, geralmente muito buscados, e que já estão sendo adquiridos, pouco a pouco, na medida das nossas disponibilidades financeiras e orçamentárias.

– O Acadêmico Evanildo Bechara indicou a necessidade de termos ao alcance dos nossos usuários e consulentes os grandes Dicionários nacionais e estrangeiros, como referências filológicas, de aceitação e de uso generalizados.

– O Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, com base nas suas experiências como embaixador em várias capitais do mundo, aconselhou-nos uma solução prática para resolvermos o problema do acesso público às nossas instalações, como veremos em seguida.

Outra decisão importante da Comissão foi a de definir qual o nosso público-alvo.

Havia, então, dois critérios a seguir:

O primeiro era o de limitarmos os freqüentadores a um público mais seleto e restrito de pós-graduados, de universitários, de jornalistas com a carteira de trabalho, de pesquisadores comprovados e de leitores de certo nível.

Essas restrições partiam da precaução, muito razoável e justa, segundo a qual toda a cautela e todos os cuidados ainda seriam poucos, sobretudo em se

tratando de um Acervo como o nosso, com tantas obras raras e de tanto valor.

O segundo critério era o de sermos realmente uma Biblioteca Pública e de abrirmos as nossas portas a toda a sociedade, partindo do pressuposto de que não haveria nenhum sentido em nós nos empenharmos tanto para termos instalações tão modernas como estas nossas e depois, numa decisão elitista, permitirmos o seu acesso apenas a setores restritos e privilegiados.

A Comissão de Seleção, agindo como sempre dentro de uma linha de equilíbrio e de bom senso, sábia e ponderada, houve por bem adotar um terceiro critério, equidistante do primeiro e do segundo, anteriormente explicados.

Esse terceiro critério, finalmente adotado, com base na sugestão do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, foi o de que todos os usuários, sem distinção de origem social, educacional ou profissional, sejam prévia e devidamente inscritos e cadastrados em nossos computadores, com nome próprio, foto e endereço, aos quais será por nós fornecido um cartão personalizado de frequência, que nos permita, em casos de urgência, localizá-los rapidamente.

Esse cartão, além de vincular individualmente cada frequentador, servirá como uma seleção natural, sem traumatismos ou discriminações e, ao mesmo tempo, nos defender e nos preservar de usuários inconvenientes e até perigosos.

Esse critério intermediário de identificação permitiu-nos sair desse delicado impasse, em que nos encontrávamos.

Pergunto agora: por que foi esta a decisão liberal e democrática que tomamos?

Simplesmente porque durante todos esses últimos meses, presenciamos cenas realmente comovedoras, no saguão do prédio e nos elevadores: eram modestas secretárias, humildes moças e rapazes ajudantes de escritório, que nos interpelavam, curiosos e ansiosos, para saberem se teriam ou não acesso aos nossos livros.

Imaginem os nobres Acadêmicos se, após tanta expectativa, eles fossem simplesmente barrados em nossa entrada, apenas porque não tinham um diploma de curso superior.

Imaginem também se de uma hora para outra fôssemos criticados por termos construído uma instituição elitizada?

Senhor Presidente:

Até então, a nossa experiência se limitava à Biblioteca do *Petit Trianon*, muito prestigiada por todos os Presidentes desta Casa, mas em particular pelos Presidentes Austregésilo de Athayde, Josué Montello e Nélide Piñon, até então, insisto, a nossa experiência se limitava a essa Biblioteca inicial, fundada por uma proposta do Acadêmico Rodrigo Octavio, em cujo escritório, à Rua da Quitanda 47, a ABL então se reunia.

Rodrigo Octavio, segundo consta em Ata, que tenho agora aqui em minhas mãos, de uma reunião do ano de 1905, viu-se designado para dirigir a Biblioteca interinamente, onde se lê “até a eleição do Membro que há de ser encarregado desse serviço”.

Essa Biblioteca instalou-se depois neste *Petit Trianon*, bem aqui atrás, e continuará destinada, como até agora foi, mais aos livros de autoria dos Acadêmicos, além de edições raras, já contando hoje com cerca de 17 mil títulos.

Na época de sua criação, coube ao Acadêmico Valentim Magalhães, nosso fundador da Cadeira n.º 7, fazer a nova Biblioteca aceitar a primeira doação: um exemplar do seu romance *Flor de Sangue*, que até hoje é muito procurado por um fato pouco comum, aliás, por uma errata, que dizia o seguinte:

– Na p. 285, quarta linha, em vez de “estourar os miolos”, leia-se “cortar o pescoço”.

Um levantamento recente, por exemplo, relacionou em nosso Acervo do *Petit Trianon* cerca de 250 obras editadas entre os anos de 1500 e de 1850, ao longo, portanto, de 350 anos.

A mais antiga, que possuímos, é *Metamorfose*, de Ovídio, datada de 1553 e editada por uma oficina alemã, da Basiléia.

Seguem-se *A Arte Poética*, de Horácio, de 1758; as *Sátiras* de Juvenal, de 1770; *A Década Décima*, de Diogo do Couto, de 1788; até as *Obras* de

Diderot, de 1818; *A Lógica*, de Kant, de 1840; e *A História das Ciências*, de Banville, de 1850.

Uma casa de escritores, professores e jornalistas, como a nossa, tem todo o direito, e até mesmo o dever, como Vossas Excelências sabem, de possuir uma Biblioteca, para arquivar os livros escritos pelos seus membros, mas ao mesmo tempo para conservar, com absoluta segurança, toda a extensa bibliografia confiada à sua guarda e preservação.

O valor dessas obras é sobremodo inestimável, porque algumas estão muito esgotadas, não existindo delas mais nenhum exemplar, a não ser numa ou noutra coleção, como é o caso da nossa.

Esse patrimônio muito nos preocupa, porque temos de redobrar os cuidados para bem protegê-lo, a fim de evitar desvios e desaparecimentos, que em outras Bibliotecas são freqüentes e danosos.

Agora, tínhamos de enfrentar um novo desafio, tentador e instigante: o de instalarmos uma Biblioteca Pública, batizada pelo Acadêmico Josué Montello, com o nome de Rodolfo Garcia, direcionada para estudantes, jornalistas, historiadores, escritores, turistas, visitantes e pesquisadores.

Nunca tivemos a petulante pretensão de cobrirmos os gêneros de todo o universo literário, como acontece com as Bibliotecas do Congresso em Washington, a de Alexandria no Egito e ou a própria Biblioteca Nacional, aqui no Rio. Seria necessário um espaço praticamente impossível. A nossa abrangência foi delimitada pela Comissão de Seleção em cinco campos: Filologia, Filosofia, Literatura, História e Ciências Humanas.

Senhoras e senhores Acadêmicos.

O projeto desta nova Biblioteca havia nascido na gestão do Acadêmico Arnaldo Niskier, que lançou a idéia da sua construção e cujas primeiras providências foram exatamente a de “fabricar” para ela um espaço que simplesmente não existia.

Fez-se aí a desocupação de um andar inteiro, justamente o 2.º andar do nosso Palácio Austregésilo de Athayde.

As desocupações foram conduzidas pelo Presidente Arnaldo Niskier com bastante sensatez, equilíbrio e habilidade, junto aos inquilinos, muito compreensivos, em negociações amistosas e amigáveis, que não deixaram qualquer queixa ou seqüela.

Essa idéia prosseguiu, sem nenhuma interrupção, em todas as administrações posteriores, dos Presidentes Tarcísio Padilha e Carlos Nejar, até chegar à presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, ao qual coube dar a grande arrancada na construção da nova Biblioteca, e também à presidência de V. Ex.<sup>a</sup> Senhor Presidente, que tem sido impecável no apoio e na ajuda à nossa Biblioteca Projeto, a fim de que ele seja, dentro de mais quatro meses, uma sólida e vitoriosa realidade.

Modéstia à parte, ela será talvez a mais moderna Biblioteca brasileira, toda computadorizada, toda sonorizada, à prova de qualquer buzina ou ruído exterior e também toda climatizada, porque os nossos livros (alguns raros e valiosos) não podem ficar sujeitos, como Vossas Excelências tanto sabem, às oscilações de frio e de calor.

Para chegarmos ao atual estágio, fomos obrigados a vencer uma batalha de vários anos, porque tínhamos de adaptar a uma biblioteca a mesma área de 1.300 metros quadrados daquele Andar, que antes era ocupada por bancos, empresas, escritórios de advocacia e consultórios médicos.

Durante todo esse tempo, foram executadas muitas obras civis de engenharia, com a demolição e o revestimento de paredes; chãos de granito; trabalhos de alvenaria e de marcenaria; divisórias de gesso, cerâmica, vidro e alumínio; milhares de quilômetros de fios e de condutos nos pisos e nos forros; instalações elétricas, hidráulicas, telefônicas, de computação e de combate automático a incêndios, (com jatos de gás e não de água, para não danificar os livros); cortinas, estantes, móveis e equipamentos, com o fiel cumprimento de todos os prazos então estabelecidos.

No *hall* dos elevadores, instalaram-se três painéis históricos, projetados pelo escritório de Aloísio Magalhães, sendo um com a foto e a biografia do patrono Rodolfo Garcia; outro, com as fotos de seis fundadores da Academia (Lúcio de Mendonça, Machado, Nabuco, Rodrigo Octavio, Silva Ramos e Inglês de Sousa); e o terceiro painel, com a foto de Athayde e dos acadêmicos

presentes ao lançamento da pedra fundamental do nosso novo Edifício, que aí está construído com 33 andares.

Instalaram-se ainda uma sala para recepção e identificação dos usuários; outra sala com cabines especiais para consultas informatizadas; um salão de leitura, com seis mesas e quatro cadeiras em cada uma delas, dotado de estantes com 15 mil títulos de referências e de consultas, para anuários, dicionários, enciclopédias, obras clássicas e coleções de periódicos; uma sala de multimídia, com uma tela e quatro receptores, além de 16 cadeiras, fones de fala e de audição; uma Central de Informática; um salão para guarda do acervo de 50 mil livros, com 75 estantes, visíveis dos dois lados, e, finalmente, uma Sala de Videoconferência.

E aqui entro num assunto que nos deverá render algumas alegrias nos próximos meses.

O assunto é o seguinte: no Palácio Austregésilo de Athayde, alguns dos nossos inquilinos, que têm sido muito bons, pontuais e corretos, sempre nos aconselhavam a instalação no prédio de uma Sala de Videoconferência, para que eles pudessem falar, de corpo presente, com suas matrizes, seus presidentes e seus diretores, de Londres, Nova York, Paris, Roma, Tóquio e Zurich, dispensando-os, assim, de se deslocarem até a Embratel, para manterem essas conversas e contatos freqüentes.

O então Presidente Alberto da Costa e Silva propôs à nossa Arquiteta, Dra. Cláudia de Carvalho, que reservasse, uma área de 100 metros quadrados na ponta de cá da nova Biblioteca destinada a esta Sala de Videoconferência, dotada do mais sofisticado equipamento de *software*, para, simultaneamente, reunir e contatar seis cidades de vários continentes, o que faz da nossa Academia a primeira e talvez a única no mundo, a dispor de uma Sala de Videoconferência, que serve inclusive como referencial importante para a valorização do nosso Edifício e que também será para nós, dentro de pouco tempo, uma razoável fonte de renda, como se verá a seguir.

Após oito meses de muitas correções, experiências e testes, esta Sala de Videoconferência já está no mercado do Rio de Janeiro, com os seus equipamentos sendo alugados por clientes, que, inclusive, fazem economia de passagens e de hospedagens no exterior, encontrando-se e debatendo, através da

Internet, com seus diretores e colegas, como se estivessem reunidos e presentes na mesma sala.

Até este dia de hoje, 19 de maio, já executamos contratos assinados com várias empresas, tais como a Reuters Foundation, Odemburg Marketing, Nation-wide, Schlumberger Serviços de Petróleo, Minasgás, Veirano e Advogados Associados, Faculdade Evandro Lins e Silva, S.H.V. Gás e BB-Tur.

E por coincidência, justamente amanhã, estaremos acertando contrato com a Empresa de Cursos e Eventos MKP. Consultores pelo prazo dos próximos três meses (de junho, julho e agosto), com um aluguel de 12.500 reais por mês, num total de 37.500 reais, no trimestre.

Outra informação animadora.

Na semana passada, recebemos duas visitas importantes: do Sr. Pedro Renato Eckadorff, presidente da ANATEC (Associação Nacional de Editores de Publicações) e do Sr. Fernando Costa, Diretor de Assinaturas da Editora Abril, que visitaram as nossas instalações e ficaram simplesmente maravilhados.

Naquele mesmo dia, os dois voltaram para São Paulo, a fim de participarem de uma reunião da FIESP – a todo-poderosa Federação das Indústrias de São Paulo.

E lá, o Sr. Fernando Costa, diretor de uma empresa que edita, entre várias outras, a revista *Veja*, pediu a palavra e, segundo o relato que nos fez o seu colega Pedro Renato Eckadorff, disse mais ou menos o seguinte:

– Antes de começar a nossa reunião propriamente dita, preciso comunicar-lhes que estou chegando do Rio, onde tive a grata satisfação de conhecer a Sala de Videoconferência da Academia Brasileira de Letras, com uma tecnologia de ponta acima de qualquer expectativa e que nada fica a dever aos equipamentos de que dispomos aqui em São Paulo.

E, literalmente, aconselhou aos seus colegas empresários o seguinte:

– “Vale a pena conhecer essas instalações, que são dignas de Primeiro Mundo.”

Senhores Acadêmicos.

Tenho hoje e aqui a grata alegria de comunicar a Vossas Excelências que já marcamos uma data para a inauguração da nossa Biblioteca Rodolfo Garcia.

A escolha desse dia é muito importante, porque, em função dele, passam a transcorrer os nossos prazos, cronogramas e contagens regressivas. (O Presidente Juscelino Kubitschek costumava dizer-me que se não tivesse marcado o dia 20 de abril de 1960 para a inauguração de Brasília, até hoje ela estaria para ser inaugurada.)

A data escolhida e acertada de comum acordo com V. Ex.<sup>a</sup>, senhor Presidente, é a quinta-feira, dia 22 de setembro próximo, quando teremos então a felicidade de inaugurar a nossa nova Biblioteca Rodolfo Garcia.

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Concluindo este Relatório, que espero não tenha sido demasiado enfadonho, devo repetir-lhes uma verdade que Vossas Excelências já conhecem muito bem, segundo a qual as bibliotecas, como a Nacional, as estaduais e as municipais, cumprem um papel muito importante na cultura e na educação de um povo. Elas, como as livrarias, são intermediárias entre o leitor e o livro, que fica inteiramente ao alcance dos interessados.

No próximo dia 22 de setembro, repito, estaremos, então, inaugurando a nossa nova Biblioteca Rodolfo Garcia, que será certamente mais um motivo de orgulho para todos nós, acadêmicos, e que muito nos aproximará da juventude e da sociedade brasileiras.

## SESSÃO DO DIA 25 DE MAIO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 19 de maio. Após retificação feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha comunicou que há poucos dias a cultura perdeu o grande pensador Paul Ricœur, aos 92 anos de idade. Discorreu sobre o pensador francês, considerado até 20 de maio o maior filósofo francês, que reunia a profundidade especulativa a uma abertura dialogal raramente encontrada no nível por ele atingido. Disse que, com razão, foi assim chamado o filósofo de todos os diálogos. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha esse belo e comovido retrato que acaba de fazer de Paul Ricœur que,

morto aos 92 anos, foi seguramente um dos grandes nomes da filosofia do século XX. Passou a palavra à Acadêmica Ana Maria Machado.

- A Acadêmica Ana Maria Machado fez a leitura do parecer da Comissão Julgadora do Prêmio de Ficção, que esse ano escolheu como vencedor o romance *O Fotógrafo*, de Cristóvão Tezza. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira submeteu à aprovação do plenário o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ficção, de 2005.
- O plenário aprovou o parecer por unanimidade e o Presidente anunciou que Cristóvão Tezza é vencedor do Prêmio ABL de Ficção, de 2005, com o seu romance *O Fotógrafo*.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que depois da excelente reconstituição crítico-histórica da figura de Paul Ricoeur, pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, se permitiria apenas selecionar outros episódios escolhidos por ele próprio. O primeiro deles é a intransigência ideológica que levou Ricoeur, um pensador de vanguarda e progressista, a ter que deixar a cena universitária. Deixou a Universidade de Nanterre, onde era o Reitor, foi para a Bélgica e, em seguida, para os Estados Unidos, onde formou uma escola hermenêutica que, no final da sua vida, tinha um prestígio muito grande. O segundo, mais para evocar o brasileiro Roberto Alvim Corrêa, que era grande amigo de Albert Béguin, da Revista *Esprit*, revista da esquerda católica francesa. Ricoeur pertenceu a esse grupo de Béguin, que trouxe muitos temas para a reflexão católica e intelectual no Brasil. O terceiro item é a obra em três volumes intitulada *Temps et récit*, que abre perspectivas de compreensão da literatura para além dos gêneros literários. O alargamento do conceito de narrativa se deve basicamente a estes três volumes do Ricoeur que passaram a ter uma enorme influência no ensino de letras em todo o mundo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu esses esclarecimentos sobre a abrangência do pensamento de Paul Ricoeur, inclusive com repercussões diretas no ensino de Letras no Brasil e em outros países.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que a intervenção do Acadêmico Eduardo Portella lhe despertou a lembrança dos últimos dias de vida de Albert Béguin quando, por acaso, teve a oportunidade, de poder conviver com ele, em Roma, nos anos 50. Lembrou uma excursão que fez a Subiaco, berço da Ordem dos Beneditinos, juntamente com seu querido amigo Murilo Mendes, que era Adido Cultural e Prof. da Universidade de Roma, e Albert Béguin, que chegara repentinamente a Roma e foi convidado a fazer parte dessa viagem. Disse que Albert Béguin, grande biógrafo de George Bernanos, tinha pelo Brasil um enorme interesse. Discorreu sobre detalhes dessa excursão a Subiaco. Foi uma viagem um tanto cansativa porque, até chegar ao Mosteiro de Subiaco, havia uma grande rampa e notou que Albert Béguin ficou um pouco pálido depois da subida. No dia seguinte, Murilo Mendes lhe telefonou comunicando que Albert Béguin tinha tido um enfarto, vindo a falecer dias depois, em consequência de complicações advindas do mesmo. Esteve na missa de Sétimo Dia, na Igreja de São Luiz dos Franceses. De modo que as últimas pessoas que conviveram com Albert Béguin, o grande diretor da revista *Esprit*, sucedendo a Emmanuel Mounier, foram ele e Murilo Mendes. Disse que quis dar esse depoimento em homenagem a um grande amigo do Brasil, pensador católico, biógrafo e escritor.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco o seu depoimento a respeito do diretor da revista *Esprit*.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier assinalou a 7.<sup>a</sup> edição do *Dicionário de Gíria*, bastante completo, em termo de significados e modismos lingüísticos do jornalista, antropólogo e sociólogo J. B. Serra e Gurgel. Disse tratar-se de um grande jornalista, que trabalhou durante muitos anos no Rio de Janeiro e vive atualmente em Brasília, onde realizou essa obra que já alcançou a 7.<sup>a</sup> edição. Comunicou que em tempo oportuno certamente o autor enviará um exemplar para ser incorporado à Biblioteca da Casa.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier a comunicação sobre a 7.<sup>a</sup> edição desse *Dicionário de Gíria*, expressões que, como todos sabem, entregam o idioma que usamos todos os dias.

- Na Ordem do Dia – Solar da Baronesa, o Presidente trouxe, mais uma vez, ao plenário o problema que envolve esse Solar. Lembrou o parecer da Comissão, presidida pelo saudoso Acadêmico Evandro Lins e Silva, que apresentou custos para o Solar com os quais a Academia jamais poderia arcar. Discorreu sobre as tentativas feitas pela ABL, começando pelo Comodato, assinado com a Universidade Norte Fluminense, na gestão do Acadêmico Josué Montello, que não deu certo. O Presidente Tarcísio Padilha chegou à conclusão de que o melhor caminho seria o da doação para a Prefeitura de Campos, não conseguindo dar uma definição à questão porque o Ministério Público cobrava à Prefeitura de Campos urgência quanto às obras de restauração e preservação daquele imóvel, com as quais o Município de Campos teria de arcar. No final do ano passado, voltou a falar com o Dr. Marcos Bruno, advogado que cuida dessas questões da Academia, em Campos, e havia uma possibilidade remota, com relação a essa doação à Prefeitura, assinada pelo então Secretário de Fazenda do ex-Prefeito, que acabou não se concretizando. Foi eleito o novo Prefeito, que já não está mais no cargo. Lembrou que o tumulto político em Campos foi muito grande para que se lembrassem de dar continuidade ao instrumento de doação preparado pela Academia. Anunciou ter uma comunicação a fazer mas, antes, gostaria de que os Acadêmicos tomassem conhecimento do estado atual do Solar da Baronesa. Informou ter solicitado ao Museólogo Anselmo Maciel que fosse ao Solar da Baronesa e fotografasse tudo que fosse necessário para que se tivesse uma idéia de como se encontra aquele importante patrimônio. Foram projetadas as fotografias numa tela e o Museólogo Anselmo Maciel ia fazendo um relato da situação real do imóvel no momento.
- O Presidente Ivan Junqueira ressaltou que o mais importante no momento foi uma carta que recebeu da Professora Regina Coeli Sardinha Silva, que é Diretora da Faculdade de Filosofia de Campos e Pró-Reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Fluminense. (A carta lida será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.) O Presidente Ivan Junqueira disse que a Professora da Faculdade de Campos não tem idéia do custo inicial com o qual terá de arcar para criar, dentro do Solar da Baronesa, uma escola de Artes Cênicas, e muito menos um Campus para uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pediu ao Dr. Marcos Bruno

que entrasse em contato com os representantes do Centro Universitário Fluminense e com a Faculdade de Filosofia de Campos. O Dr. Marcos Bruno se dispôs a levar essas pessoas ao Solar da Baronesa e, ao contrário de demonstrar qualquer desinteresse, demonstraram um interesse maior ainda e se dispõem, através de parcerias, a dar início ao processo de recuperação e manutenção do Solar da Baronesa. Tudo através de um contrato a ser assinado por esta Casa. Pediu autorização ao plenário para encaminhar essa questão e finalizou dizendo que não vê, neste momento, nenhuma outra possibilidade de salvar da destruição total o Solar da Baronesa.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que esse assunto ficou muito aquecido no início da gestão do Acadêmico Josué Montello, que conversou com o Acadêmico Darcy Ribeiro sobre a possibilidade do Estado se interessar pelo Solar da Baronesa. Lembrou que, na época, foi assinado um acordo entre o Estado e a Academia Brasileira de Letras e perguntou se ainda não estaria em vigor para evitar que sejam conflitantes.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, sobre o assunto, disse que o convênio foi com a Universidade Norte Fluminense e não com o Estado.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que quem paga o custeio da Universidade Norte Fluminense é o Estado.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que quando a Comissão presidida pelo Acadêmico Evandro Lins e Silva chegou à conclusão de que seria possível o instrumento de doação para a municipalidade de Campos já não existia mais citado convênio.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que nessa ocasião, o Acadêmico Evandro Lins e Silva designou o Acadêmico Murilo Melo Filho para ir a Campos. Informou que o Acadêmico fez um relatório sobre essa matéria e pediu que ele o relembresse a Casa.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que foi pego de surpresa, tem esse relatório em casa e poderia mandar uma cópia para todos os acadêmicos o mais breve possível.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que o debate, naquela ocasião, foi acalorado. Fez uma série de indagações à Comissão e todas ficaram

sem resposta. Disse que o Acadêmico Evandro Lins e Silva chegou a afirmar que, se fosse obrigado a responder às questões que estavam ali colocadas, se consideraria desprestigiado e largaria tudo. Optou-se por andar com o processo, mas as perguntas que fez e que devem ainda estar em Ata, relativas ao assunto, ficaram sem resposta.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que o Acordo era de cinco anos, podendo ser renovado. Por falta do cumprimento das obrigações, o Acordo foi automaticamente rescindido com a Universidade.
- O Presidente Ivan Junqueira lembrou que, na época, as objeções do Acadêmico Arnaldo Niskier diziam respeito da possibilidade de doação, porque perderíamos completamente a posse do Solar da Baronesa. O que está se propondo agora é um comodato com um prazo estipulado. Portanto, a Academia não perderá o domínio sobre o Solar da Baronesa.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que está apenas alertando o Presidente para que, antes de se assinar qualquer contrato, é preciso anular o instrumento anterior. Disse estar informado de que o Governo do Estado pretende fazer à Academia um apelo para que ali se instalar, sobre a responsabilidade do Estado, um museu do açúcar e do petróleo.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que, quando exerceu a Presidência da Casa, cuidou muito desse assunto. Recebeu o Secretário de Ciências e Tecnologia do Governo do Estado, que manifestou um grande interesse em ocupar o Solar da Baronesa, porque a Universidade tinha se desinteressado do Projeto. Na época, já se havia cumprido o prazo de cinco anos do Comodato sem que a Universidade nada tivesse feito. Naquele momento, já era claro que juridicamente o Comodato com a Universidade Norte Fluminense estava esgotado.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que antes de entrar para a Academia já ouvia falar do Solar da Baronesa. Mal informado, como sempre, pensava que se tratava de um romance do Acadêmico Josué Montello e que seria muito interessante que se fizesse um livro com o título Solar da Baronesa. Disse que a Universidade Norte Fluminense foi feita para atender aos delírios patrióticos e bem intencionados do Acadêmico Darcy Ribeiro, que, na realidade, não se concretizaram. Lembrou que no dia da

inauguração da Universidade, o Acadêmico Darcy Ribeiro falou que viriam pessoas de todas as universidades do mundo para dar cursos na Universidade Norte Fluminense. Comentou que está fazendo um trabalho com o Acadêmico Ivo Pitanguy sobre a Ilha Grande, onde o Banco de Boston restaurou uma igreja de duzentos anos. Perguntou se não era o caso de vender essa idéia a um desses bancos.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que aqueles que se interessam em fazer melhorias no Solar da Baronesa esbarram com as exigências do Ministério Público, no que toca a vultosas obras de preservação e reedificação. Essa Faculdade de Filosofia e o Centro Universitário demonstraram um interesse muito vivo de investir para recuperar. Finalizando, pediu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony que escrevesse esse romance que acabou de prometer.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony respondeu ao Presidente Ivan Junqueira que vai esperar a recuperação do Acadêmico Josué Montello para saber se ele não tem um projeto de fazer mais um livro.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que, se o Acadêmico Carlos Heitor Cony precisar, poderá dar detalhes sobre o Solar da Baronesa e colocou à sua disposição o arquivo do Acadêmico Austregésilo de Athayde, que o construiu e o restaurou.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez a leitura do parecer do Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária, que este ano escolheu o escritor Mário Chamie. Disse que, atendendo à solicitação que tinha feito ao plenário, vários acadêmicos enviaram sugestões de livros a serem considerados. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a exposição do Acadêmico José Murilo de Carvalho e submeteu ao plenário o Parecer do Prêmio ABL para Ensaio, Crítica e História Literária que o aprovou e será entregue ao escritor Mário Chamie.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária, formulado desta maneira, dá a entender que o Prêmio exclui obras de história propriamente dita. Pediu que se

colocasse uma vírgula diante da palavra crítica. Teve dificuldades no julgamento porque havia livros de história muito importantes para serem avaliados. Interpretando estritamente como está escrito não cabem livros de história ou ciências sociais.

- O Presidente Ivan Junqueira esclareceu que, no passado, o prêmio já foi concedido a ensaio historiográfico ou econômico.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que concorda inteiramente com a opinião do Acadêmico José Murilo de Carvalho, mas essa modificação exige uma alteração também no Regimento da Casa. Portanto, deve ser convocada uma reunião com a finalidade de alterar o Regimento.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que o prêmio é de Ensaio, Crítica e História Literária e que já foram conferidos a livros que realmente não poderiam ter sido premiados. Sugeriu que algum Acadêmico apresente uma alteração ao Regimento, criando na Academia Brasileira de Letras um prêmio de história destinado a livros de história.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que a Coleção Afrânio Peixoto tem uma parte de literatura e outra de história.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho que faça essa proposta numa próxima sessão.
- A Acadêmica Ana Maria Machado sugeriu que em vez da vírgula trocasse a ordem para Ensaio, História e Crítica Literária.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que a tradição da Academia, desde o início, é de premiar ensaios de natureza literária. Propôs a criação de um prêmio de história e ciências sociais.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que os prêmios deveriam ser dados a obras inscritas concorrendo aos prêmios da Academia.
- O Presidente Ivan Junqueira convidou a todos para a conferência do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, sobre a passagem dos 740 anos de Dante Alighieri, e pediu ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila que deixasse para a próxima sessão o seu depoimento sobre Dom Marcos Barbosa. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

## O GRANDE PENSADOR PAUL RICCEUR (1913-2005)

## Uma breve Introdução

*Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha\**

Até 20 de maio corrente Ricœur era o maior filósofo francês. Reunia a profundidade especulativa a uma abertura dialogal raramente encontrada no nível por ele atingido. Foi chamado, com razão, o filósofo de todos os diálogos.

Proveio de família de tradição protestante. Seu pai era professor de inglês. Ricœur era *pupille de la nation*, isto é, órfão de pai morto na I.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Sua mãe morreu meses antes do pai. Daí a orfandade precoce, semelhante ao que ocorreu com Karol Wojtyła. Disse ele: “não compreendi a figura da mãe senão através da maneira como minha mulher era percebida pelos seus filhos. A palavra mamãe foi uma palavra pronunciada pelos meus filhos, jamais por mim”.

Sempre foi participante das coisas da política, à base de reflexões profundas, com marcante sensibilidade social. A leitura dominava sua casa, mas de fato ele descobriu por si mesmo a *sua* leitura. Entre 12 e 15 anos, leu Jules Verne, Walter Scott, Dickens e, mais tarde, Rabelais, Montaigne, Pascal e ainda Stendhal, Flaubert, Tolstoi e, especialmente, Dostoievski, que o fascinou. Adiante, Nietzsche exigirá um lugar especial na mente de Ricœur.

Recebeu duas influências familiares opostas: protestantismo liberal e protestantismo pietista. Daí possivelmente haver vivido entre dois pólos: um bíblico e outro racional e crítico. Também houve uma tensão nele entre Karl

---

\* Proferidas na sessão do dia 25 de maio de 2005.

Barth e Henri Bergson. Admirava e muito *Les Deux sources de la Morale et de la Religion*.

É bom lembrar que Ricoeur fora feito prisioneiro durante cinco anos, ao longo da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial e, no cativeiro, vinha traduzindo o primeiro volume das *Idéias Diretivas para uma Fenomenologia Pura* de Husserl e mesmo iniciado sua tese doutoral.

Foram muitos os sofrimentos, mas tudo indica que Ricoeur se preservava da adversidade estudando, lendo, meditando. É que ele e outros intelectuais franceses feitos prisioneiros criaram uma semi-universidade e implantaram uma biblioteca suficiente para levar adiante suas reflexões pessoais. Tudo isto em plena Pomerânia. O mesmo sucedeu com Georges Gusdorf em Giessen, onde Gusdorf, com outros professores, conseguiu implantar uma universidade. Foi igualmente em Giessen que Louis Lavelle, feito prisioneiro na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial redigiu em minúsculos pedaços de papel sua tese doutoral, sem recurso a qualquer livro (*La Perception visuelle de la profondeur*).

Quem o impulsionou para a filosofia foi Roland Dalbiez, que descobriu a filosofia através de Jacques Maritain. Era um escolástico que elegeu o idealismo como a *bête noire* que ele caricaturava e até definia como um desrealismo patológico. Dalbiez escreveu um famoso livro sobre psicanálise, o que bem explica o interesse que o filósofo devotará ao tema, como filósofo. O benefício real da docência de Dalbiez foi a preocupação permanente com a argumentação. É o que Ricoeur denominou intrepidez filosófica, e que o haveria de acompanhar para sempre.

Gabriel Marcel desempenhou um papel fundamental em Ricoeur. Os contatos eram semanais durante um certo tempo, que marcaram profundamente o robusto pensador francês. Isto porque Marcel timbrava em pensar diretamente sem intermediação de filósofos em que se ancorasse. Ricoeur deve ainda a Marcel o seu despertar para a fenomenologia. Ao contrário do cenário da Sorbonne, lá erudição se impunha. Assim, a docência de Ricoeur se operou, durante muito tempo, fora da Sorbonne, onde lecionou durante alguns anos. Seus anos mais felizes se deram em Strasbourg, quando, juntamente com Gusdorf, formou centros de especulação, com debates densos. Ricoeur sucedeu a Jean Hipolyte e Gusdorf a Canguilhem. Isto entre 1948-1957,

considerados por Ricœur “os mais felizes de sua vida universitária”. Segue-se a experiência pouco gratificante da Sorbonne (entre 1957-1969), onde perdeu o contato com os alunos, tão desmesuradamente amplos eram os anfiteatros freqüentados por centenas de estudantes. E Ricœur jamais conheceu as esposas de seus colegas da Sorbonne, escreveu ele, para mostrar o distanciamento entre os professores. Era cada um por si mesmo. E logo numa época em que o departamento de Filosofia constituía uma constelação de valores, como Raymond Aron, Georges Gurvitch, Vladimir Jankélévitch, Jean Wahl, Henri Gouhier, Georges Canguilhem, Gaston Bachelard. A seguir vemo-lo em Nanterre, de que se tornou reitor, após a crise de 68, sem vocação para o desafio. Era um ser puro no meio de uma mocidade rebelada, incontrolável. Com dignidade suportou até agressões e em 1970 resigna o posto para se exilar em Louvain em cuja universidade católica lecionou por três anos. Na volta a Nanterre se fixou lá em definitivo até sua aposentadoria em 1981. Os Estados Unidos entraram em cena e arrebanharam Ricœur da Europa. Na América, ele lecionou por muitos anos até sua substituição por Jean-Luc Marion, em virtude de sua saúde já então precária.

Parte importante de seu tempo Ricœur dedicará à famosa *Revue de Métaphysique et de Morale*, bem assim ao *Institut International de Philosophie*. É agraciado com muitos títulos de *doctor honoris causa*, mais de 30!

Conheci Ricœur em simpósios do *Institut International de Philosophie*. À época eu ainda era coordenador da bibliografia filosófica e, certa feita, almoçamos juntos, ocasião em que pude sentir mais de perto a profundidade de seu pensar. Vi a meu lado um filósofo voltado para a *finesse* das mediações, estranho aos saltos qualitativos da especulação intuicionista. Por outro lado, lícito me parece assentir que Ricœur sorveu as contribuições dos mais diversos campos do saber, por maneira a lhes detectar os liames. E isto com igual percuciência a atestar sua vivência de um mundo de saberes conectado a um pensar soberano em seu primado: a filosofia. Neste sentido, poder-se-ia talvez avançar ousadamente para dizer que ele viveu intensamente, primeiro a interdisciplinaridade, com consciência das interfaces epistemológicas e de conteúdo. Até captar com suas poderosas antenas o plano mais audacioso da transdisciplinaridade e, a partir daí, progredir em direção a um pensar puro e abrangente que jamais perseguiu um ideal abstrato da sistematização. Era sis-

temático sem sentir a vertigem do sistema sempre à espreita de um grande espírito filosófico.

O que impressiona na figura intelectual de Ricoeur é a amplitude de sua cultura e a vastidão de seus interesses temáticos. Transitam em seu percurso o cristianismo, a fenomenologia a hermenêutica, a psicanálise, a lingüística, a história.

Um dos grandes méritos de Ricoeur foi sua imersão e persistente busca de compreensão da cultura anglo-saxã e do mundo filosófico de rara densidade como o alemão. Sua primeira obra, em colaboração com o seu dileto amigo Mikel Dufrenne, foi publicada em 1957 com o título de *Karl Jaspers et la philosophie de l'existence*. A esta obra se seguiram dezenas e dezenas de outras, destacando-se o painel representado pela trilogia “A Filosofia da vontade”, em que principiou por uma descrição do voluntário e do involuntário, com fulcro na redução eidética husserliana. Decidir, mover e consentir se abrem ao escopo de emergir a essência mesma do querer. Ricoeur avança na análise da finitude e da culpa, onde detecta a simbologia do mal. “De l'Interprétation. Essai sur Freud”, em que o filósofo sustenta que “é por ser uma interpretação da cultura que a psicanálise entra em conflito com qualquer outra interpretação do fenômeno humano”. “La métaphore vive” gira em torno do fenômeno da inovação semântica. Aí o pensador gaulês se situa num *Treffpunkt* da filosofia francesa e da filosofia anglo-saxã. E para estruturar uma teoria da metáfora caminha da retórica clássica, avançando pela semiótica e pela semântica e se adentrando na hermenêutica, seu solo preferencial. *Temps et récit* é um mosaico gigantesco a revelar o quanto Ricoeur sorveu a magnitude literária e histórica com a dimensão prevalente da filosofia. Aí o tempo desempenha papel de relevo e o faz volver inicialmente sobre dois gênios, Aristóteles e Agostinho, além de Kant, Husserl e Heidegger. Para aprofundar a sua hermenêutica, Ricoeur publica *Soi-même comme un autre*. Jean Greisch sustenta que “a atestação mostra o caminho para implicações ontológicas da hermenêutica de si: o elo dialético entre ipseidade e alteridade encontra aqui sua base última numa tríplice figura da alteridade-passividade: o corpo ou a carne, a alteridade do outro e a alteridade da consciência”.

Não se pode obliterar a relevância do influxo de Marcel sobre Ricœur e também os contactos mantidos com Emmanuel Mounier, chefe de fila do personalismo gaulês. É bem de ver que Mounier, à semelhança de Jackson de Figueiredo, impressionava pela presença, mais do que pela solidez de sua filosofia. Em verdade o paradigma de especulação filosófica com a temática religiosa que desafiou o filósofo de Nanterre muito se deveu aos colóquios com Mounier e, sobretudo, com Marcel. Ricœur jamais se considerou discípulo de outro filósofo. Tinha luz própria e, com a independência dos grandes espíritos, criticou a voluntária ausência de rigor conceitual de Marcel, a quem deve, antes de tudo, o dealbar de seu interesse pela fenomenologia.

Ricœur não conheceu Sartre pessoalmente. Escreveu sobre uma de suas peças e recebeu do filósofo existencialista um tratamento “cordial e generoso”. Percebeu o quanto Sartre desprezava Marcel, enquanto Marcel admirava o autor de *L'Être et le Néant*.

Na verdade, entre Sartre e Merleau-Ponty, Ricœur se sentiu mais próximo do segundo a indicar seu desapareço pelos modismos, ainda que talentosos.

Visitou Karl Jaspers, cujo talento reconhecia e Heidegger, cujo gênio proclamava.

Christian Delacampagne afiança que “numa época em que as duas disciplinas (psicanálise e hermenêutica) são mal conhecidas em França, Ricœur, tendo consciência do débito a Schleiermacher e a Gadamer, passando por muitos teólogos protestantes, encara a hermenêutica como um esforço por aplicar os instrumentos da exegese bíblica aos conteúdos da filosofia moral. A psicanálise remete em questão o narcisismo do cogito clássico”.

Com respeito pela obra de Micea Eliade, Ricœur valoriza os símbolos que são chãos onde os homens pisam, mas cuja decifração é busca sem fim e ilimitado horizonte.

Na década de 70 Ricœur, desiludido da política, enceta pertinaz estudo sobre a linguagem e, por assim, se encontra com a filosofia analítica, à época com forte presença no universo anglo-saxão.

Numa conversa ao pé do fogo com dois amigos, Ricœur discerne os dois estuários de suas reflexões: “não é sobre a base dos mesmos textos que eu

empreendo o meu caminhar filosófico e que eu me sinto integrando uma comunidade e uma tradição cristãs. Filosoficamente, há uma lista mínima: Platão, Aristóteles, Kant, provavelmente Hegel e, entre os modernos, hesitaria entre Nietzsche, Bergson, Husserl, Heidegger, Nabert, Jaspers. [...] Quanto às escrituras bíblicas, por elas entendo a Bíblia Hebraica, o Novo Testamento da Igreja primitiva e o que é mais diretamente teológico e exegetico nos Padres”.

Ricœur nos convida a uma distinção relevante entre a crítica e a convicção. O filósofo reconhece o estatuto altamente singular da reflexão atinente ao patamar religioso. Tem o cuidado de não radicalizar, como se a crítica não abrisse espaço para a convicção e vice-versa. É tentativa genuína de um pensar capaz de abarcar mundos havidos como isolados em método e conteúdo, por forma a não ensejarem reflexão filosófica e teológica intercambiáveis. O que não cabe é o desconhecimento de cada lado da especificidade do outro. Ambos, porém, iluminam nossos caminhos e nos conduzem a uma vida em que há lugar para o amor, a esperança e a justiça.

PRÊMIO ABL DE FICÇÃO – 2005  
*O FOTÓGRAFO*, de Cristóvão Tezza

*Parecer lido pela Acadêmica Ana Maria Machado*

A Comissão Julgadora do Prêmio ABL de Ficção – 2005, após reuniões e troca de opiniões por meio de correio eletrônico – decidiu escolher como vencedor o romance *O Fotógrafo*, de Cristóvão Tezza (Rocco, Rio, 2004).

Nascido em 1952 em Santa Catarina, o autor é radicado no Paraná, onde é professor de Lingüística da Universidade Federal. Esse é seu décimo segundo romance. Alguns deles foram premiados (inclusive o Machado de Assis da Biblioteca Nacional) e se somam a três ensaios na construção de uma obra cujo reconhecimento se consolida. Concentrando a ação em um único dia curitibano, *O Fotógrafo* traz ao leitor um instantâneo bem iluminado, que capta o presente na objetiva, ao mesmo tempo em que intui futuros possíveis.

A Comissão considera que, com esse romance, Cristóvão Tezza confirma sua consistência narrativa, sua linguagem bem modulada e seus sutis poderes de observação dos matizes psicológicos de personagens urbanos de nossa contemporaneidade.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2005  
Ana Maria Machado  
Moacyr Scliar  
Nélida Piñon.

## SOLAR DA BARONESA

*Carta da Diretora da Faculdade de Filosofia  
de Campos ao Presidente da ABL\**

Ilmo. Sr.  
Dr. Ivan Junqueira  
MD Presidente da Academia Brasileira de Letras

Senhor Presidente,

Estando o Solar da Baronesa, situado neste município, junto às propriedades da Usina Sapucaia, atualmente sofrendo a irreverência do tempo, visto o projeto de implantação do Centro Internacional de Língua Portuguesa, do pranteado Acadêmico Austregésilo de Athayde, não se tornar mais viável, vimos através deste manifestar o nosso interesse de ocupar aquele precioso espaço, através de um comodato ou quaisquer outros instrumentos plausíveis nesses casos.

Nosso UniFlu, único centro universitário genuinamente campista, através de sua unidade operacional Fafic, planeja a instalação, naquelas dependências, de uma Escola de Artes Cênicas, destinada à formação de atores e técnicos de teatro, e um *campus* do curso de Arquitetura e Urbanismo, áreas de estudos importantes para a juventude estudiosa, não só desta cidade mas, também, de

---

\* Lida na sessão do dia 25 de maio de 2005, pelo Presidente Ivan Junqueira.

outras no sul do Estado do Espírito Santo e no leste do Estado de Minas Gerais.

Estamos nos colocando à disposição de V. Sa. para conversarmos sobre o assunto, considerando o argumento de que o uso das instalações do Solar, construído em 1843 pelo Barão de Muriaé, visa, em primeiro plano, sua manutenção física e, depois, a sua valorização enquanto patrimônio histórico tombado pela IPHAN.

Aguardando suas prezadas ordens, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

Professora Regina Coeli Sardinha Silva

Diretora da Faculdade de Filosofia de Campos

Pró-Reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão

Centro Universitário Fluminense – Uni-Flu

## PRÊMIO ABL DE ENSAIO, CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA

*A PALAVRA INSCRITA – Mário Chamie**Parecer lido pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho*

Mário Chamie é personalidade de relevo na história da literatura brasileira contemporânea. Autor de vasta obra poética, cuja alta qualidade é reconhecida nacional e internacionalmente, desempenhou papel decisivo no destino de nossas vanguardas artísticas, a partir da segunda metade do século vinte. O movimento Práxis de renovação estética que Mário Chamie criou e lançou, em 1962, com seu hoje clássico livro *Lavra Lavra*, mereceu acolhida intelectual, desenvolvimento teórico e prática criativa de autores, então jovens ou consagrados, como José Guilherme Merquior, Murilo Mendes, Cassiano Ricardo e Antonio Candido, entre outros. Enquanto colaborador da revista *Práxis*, fundada e dirigida por Mário Chamie, é que José Guilherme Merquior publicará os estudos seminiais de seu livro de estréia *A Razão do Poema*. Por sua vez, Cassiano Ricardo e Murilo Mendes, na linha dessa renovação, concebem e redigem suas respectivas obras-primas *Jeremias sem Chorar* e *Convergências*.

Fazendo da leitura sacerdócio, Mário Chamie, em sua trajetória, não se limita apenas às exigências de contemporaneidade. Na sucessão de seus quinze livros de poemas e quatorze consistentes livros de ensaios, ele dialoga com a tradição (moderna ou clássica), movido pelo mesmo espírito de pesquisa e descoberta. É assim que redescobre a ficção de *Madame Pommery*, do esquecido Hilário Tácito, e a reincorpora à linhagem ficcional de um Manuel Antônio de Almeida. É assim, também, que introduz em suas abordagens de textos díspares e distantes, no espaço e no tempo, o método dialógico que o leva a fazer releituras surpreendentes, pela sua fundamentada originalidade, tanto da *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, quanto de *Macunaíma*, de Mário

de Andrade ou da Antropofagia, de Oswald de Andrade. A análise a que procede da *escrita* e dos autores sobre os quais Chamie se debruça é sempre pautada pela busca dos seus significados mais intrínsecos e primordiais.

As quatrocentas páginas do seu livro *A Palavra Inscrita* (Editora Funpec), publicado em 2004 e objeto deste Parecer, dá cabal testemunho desse seu procedimento interpretativo. O livro distingue-se por sua concepção própria. É uno na multiplicidade de temas e problemas que o autor investiga e deslinda. Em *A Palavra Inscrita*, Chamie trabalha com pressupostos e parâmetros que permeiam nossa produção cultural, ligando o arcaico ao novo, o popular ao erudito, segundo a perspectiva de que o valor de uma obra literária se reatualiza na continuidade de suas releituras históricas. Dessa óptica, e nesse sentido, Mário Chamie redimensiona a contribuição peculiar e fecunda que trazem poetas e autores da magnitude de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, Abgar Renault, Mauro Mota, Raul Bopp, João Cabral de Melo Neto, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Drummond e Cruz e Sousa, para citar os de notoriedade que nos falam mais de perto. Acresce a essa redimensão o seu magistral ensaio, incluído em *A Palavra Inscrita*, denominado “Trópico: uma Cultura Transgressora”. Neste trabalho, Chamie examina os fundamentos da ‘estética maleável’, que caracterizaria o ‘ethos’ da transgressividade tropical.

Com sua ampla abrangência, *A Palavra Inscrita*, já de consulta obrigatória na sua área de interesse, vem enriquecer e consolidar a obra ensaística de um autor que, há cinqüenta anos, devota-se de modo exemplar à Literatura de nosso país.

É merecedor, portanto, do Prêmio que a Academia Brasileira de Letras concede.

Este é o Parecer.

Rio de Janeiro, 18 de maio de 2005

Evaristo de Moraes Filho – *Presidente*  
José Murilo de Carvalho – *Relator*  
Candido Mendes de Almeida – *Membro*



## SESSÃO DO DIA 2 DE JUNHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira estiveram presentes os Acadêmicos: Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Antônio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente comunicou que seria feita a entrega do Prêmio Literário CIEE/ABL – Escritor Universitário “Alceu Amoroso Lima” (Tristão de Ataíde). Encontravam-se presentes o Prof. Paulo Nathanael Pereira de Souza, Presidente da Comissão de Administração do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) e o Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, Presidente Executivo do CIEE. Anunciou os vencedores deste prêmio, na sua versão de 2005: 1.º lugar – José Heber Camargo, do curso de Matemática da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; 2.º lugar – Lara Tzanno Branco Martins, do curso de Arte e Tecnologia Têxtil da Universidade de São Paulo; e 3.º lugar – Jaciel Alves dos Santos, do curso de Letras do Centro Universitário São Camilo. Passou a palavra ao Prof. Paulo Nathanael Pereira de Souza, que

falou sobre a imensa alegria dos dirigentes do CIEE pela volta a esta Casa, num momento de tamanha significação porque marca a vitória de três jovens, num concurso nacional, que buscou identificar, segundo a ótica de cada um deles, a melhor poesia do Brasil. Agradeceu ao Presidente Ivan Junqueira e aos acadêmicos que honraram com a sua presença essa reunião solene de premiação.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Professor Paulo Nathanael Pereira de Souza e o parabenizou pelo prosseguimento deste programa, em particular nesse ano quando a poesia está sendo privilegiada. Passou a palavra ao Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, Presidente Executivo do CIEE.
- Dr. Luiz Gonzaga Bertelli falou sobre as finalidades desta premiação, cujo objetivo é mostrar a juventude brasileira que o único caminho para o aprimoramento da sua formação cultural é a leitura; assim como fazem os nossos escritores maiores.
- O Presidente Ivan Junqueira congratulou-se com os premiados e fez uma breve pausa nos trabalhos desta sessão para acompanhar os visitantes até a saída. Ao reiniciar a sessão, passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho entregou à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, em nome do Dr. Paulo Marchiori Buss, Presidente da Fundação Oswaldo Cruz, a segunda edição do livro *Vida e Obra de Oswaldo Cruz*, do escritor Clementino Fraga que foi editado pela Fundação Oswaldo Cruz. Lembrou que Clementino Fraga foi um acadêmico ilustre, esteve nesta Casa mais de trinta e um anos, sempre muito atuante, muito afirmativo e fazia parte daquela constelação de médicos ilustres e homens de Letras junto com Afrânio Peixoto, Alúcio de Castro, Miguel Osório de Almeida e vários outros. O livro tem prefácio do Professor Clementino Fraga Filho, filho do autor, que se tornou médico humanista e é muito ligado a várias personalidades da Casa.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, igualmente ao Dr. Paulo Marchiori Buss, por esse presente para a Biblioteca da Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que inaugurou, na Rocinha, a Biblioteca Jorge Amado. Disse que ainda há novas Bibliotecas para serem inauguradas: a Biblioteca Infantil Rachel de Queiroz, na Cidade das Crianças, em Santa Cruz, e a Biblioteca Fernando Sabino, em Curicica. Com isso completam-se vinte e oito bibliotecas populares dentro da Cidade do Rio de Janeiro, além de nove bibliotecas volantes que vão a regiões da cidade onde não há bibliotecas.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto todo esforço no sentido de dotar o nosso Estado de um número de bibliotecas públicas que seja compatível com as nossas necessidades.
- O Acadêmico Sábado Magaldi propôs a concessão da Medalha João Ribeiro à crítica Barbara Heliodora e ao diretor e cenógrafo Gianni Ratto, que tanto têm contribuído para o teatro e, por extensão, à arte brasileira. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Sábado Magaldi pelas fundamentadíssimas propostas para a concessão da Medalha João Ribeiro a Barbara Heliodora e a Gianni Ratto. Em seguida, avisou ao Plenário que a Diretoria decidirá, oportunamente, sobre a concessão das medalhas, em razão da constituição de uma comissão que buscará disciplinar a concessão da referida láurea. Disse que não há problema algum quanto à concessão, mas a Diretoria se reserva o direito de analisá-las e trazer a proposta ao plenário, na próxima semana, para que ela seja votada.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho esclareceu que, na ausência do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, a Comissão encarregada de redigir o regulamento para a concessão da Medalha João Ribeiro já se reuniu e trará a sua decisão na próxima sessão.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a presteza da Comissão nessa tentativa de disciplinar um pouco mais a concessão desta medalha.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida propôs a concessão das Palmas Acadêmicas ao escritor Claude Lévi-Strauss. Entende que, no quadro das solenidades que estão se organizando, não há na França, hoje,

ninguém que mais mereça essas Palmas do que Lévi-Strauss, que está com noventa e seis anos, em absoluta lucidez, e que é a maior expressão do pensamento francês ligado essencialmente à temática brasileira. (A carta lida será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida a proposta que fez à Casa, e criou uma Comissão que vai deliberar sobre a concessão das Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss. A Comissão foi formada pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet e Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs a concessão das Palmas Acadêmicas ao poeta, escritor e tradutor argentino Rodolfo Alonso. Disse que Rodolfo Alonso é uma das personalidades literárias mais notáveis da Argentina, além de poeta e ensaísta internacionalmente consagrado. Destaca-se pelo seu profundo conhecimento da literatura brasileira, a cujo serviço se colocou há vários decênios. À sua criação pessoal acrescenta-se o trabalho de tradutor de grandes poetas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima e muitos outros. (O parecer lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo a proposta para a concessão das Palmas Acadêmicas a Rodolfo Alonso. Para analisar a concessão das Palmas Acadêmicas nomeou uma Comissão constituída pela Acadêmica Nélida Piñon, Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Antônio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony pediu um voto de pesar pelo falecimento do escritor Antonio Carlos Villaça, que recebeu o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Disse que Villaça foi um grande memorialista e exerceu, durante algum tempo, uma militância na imprensa em uma sessão de notícias e comentários religiosos. Acompanhou de perto o Concílio Vaticano II, pois era um católico fervoroso e grande admirador de Alceu Amoroso Lima. Disse que trabalhou com Antonio Carlos Villaça no *Jornal do Brasil* e revelou a ele que tinha vontade de escrever um livro intitulado *Messa pro Papa Marcello*. Daí em diante,

sempre que se encontravam, ele cobrava o livro. De maneira que, ao morrer, prestou mais um serviço à literatura brasileira porquanto este livro jamais será escrito.

- O presidente Ivan Junqueira agradeceu às palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony sobre o saudoso escritor Antônio Carlos Villaça.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva falou sobre Antonio Carlos Villaça. Acompanhou toda a sua trajetória intelectual. Foi seu amigo desde 1945 quando, com dezessete anos de idade, publicou seu primeiro livro *Perfil de um Estadista da República*, uma biografia que ele escreveu para concorrer ao prêmio que o Itamaraty havia criado em honra do grande Chanceler. Foram amigos de todas as horas, foi em sua casa na Gávea que ele trocou, a conselho de sua mulher, os nomes dos monges que aparecem em *O Nariz do Morto*, livro que está na literatura brasileira como *O Ateneu*, de Raul Pompéia, mais do que como um livro, mas como um pedido de socorro. Livro extraordinário que faz com que toda a sua obra, que é de altíssima qualidade, fique por ele empalidecida. Foi um homem bom, amigo que fazia muitos amigos, com uma vocação extraordinária para a vida literária. Quis muito ser um dos membros desta Casa, mas que para ela nunca teve coragem de se candidatar, e onde tinha grandes amigos, antes de nós e entre nós. Os seus livros de ensaio revelam a sua tentação pela santidade, porque era daqueles que desafiavam as regras normais de conduta os que deles mereciam melhor atenção e maior carinho. Era dono de um estilo inconfundível, inimitável, que não se confundia com ninguém. Não precisava assinar os seus textos para que soubéssemos que eram escritos por ele. Foi por isso um grande escritor. Pediu que a Academia lhe prestasse uma homenagem.
- O Acadêmico Affonso Arinos solidarizou-se com os Acadêmicos Carlos Heitor Cony e Alberto da Costa e Silva no que acabaram de dizer sobre Antonio Carlos Villaça. Lembrou que há 29 anos fizeram juntos um programa de entrevistas na TV Educativa, e ele foi o autor da orelha do segundo livro que publicou. A generosidade, a bondade daquele espírito dentro de um corpo muito sofrido, resistindo admiravelmente, sempre encorajando as pessoas, sempre atuando no sentido de fazer o melhor que

pudesse pela literatura e pela vivência dos seus amigos dentro da literatura. Salientou que assistiu à fraternidade generosa do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, cuidando de Antônio Carlos Villaça durante os últimos tempos de sua vida. Foi um amigo fraterno que levou até o fim outro amigo fraterno.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida ressaltou sobre a perda do escritor Antonio Carlos Villaça, com a pungência do momento, a presença da intensidade e da força dos companheiros que estiveram no funeral. Havia uma Academia presente na exigüidade, na intensidade daquele momento tão ligado à Academia. Lembrou que, antes do cuidado do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, o Acadêmico Marcos Almir Madeira deu a Antonio Carlos Villaça o balcão sobre a baía, isto é, a condição extraordinária, quando ele chegava ao máximo da imobilidade, da dignidade do olhar, da reflexão, da presença e da moldura. Falou que Villaça tinha a sofreguidão da santidade com seus alunos e colegas de PUC, entre a inspiração do Padre Leonel Franca e o Diário de Alceu Amoroso Lima. Em Villaça havia esta contraposição que levou toda a vida entre o absoluto e o salão. Acredita que nesse sentido a exigência do absoluto nunca o tirou de uma profunda vivência coloquial. A vocação para a Academia era uterina em Villaça. Disse que nunca viu Villaça fora desta idéia, da colegialidade e do que representava de fato esta perspectiva. Lembrou que Alceu Amoroso Lima dizia que Villaça tinha o cuidado da contundência, a capacidade da denúncia e a coragem de um desassombro que fez *O Nariz do Morto* exatamente um livro de confissão, que põe em causa a maturidade de uma cultura com um olho no olho que nunca se pensou dentro dessa perspectiva. Disse que Villaça foi o primeiro que denunciou Gustavo Corção. A capacidade que Villaça teve de rasgar esse ensandecimento dos bons servindo à ditadura. Finalizou ressaltando a importância da amizade do Acadêmico Alberto da Costa e Silva nos últimos anos de sua vida.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha falou que depois do que foi dito sobre Antonio Carlos Villaça estaria dispensado dessa tribuna. Não conhece nas suas relações culturais alguém que tenha sido mais escritor do que Villaça. Ele foi “o escritor”. Acha que ele carregou essa infância ao longo

da vida, paralelamente a uma espécie de agonística da fé, porquanto, na verdade, ele sempre buscou esta harmonia interior, que jamais encontrou, nas sucessivas tentativas de galgar o patamar da santidade a que se referiu o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. É um anseio de toda uma geração que se deixou muito conduzir pelo exemplo de Léon Bloy, que era o extremo da busca da santidade, rasgando na própria carne, pretendendo reproduzir a própria Paixão de Cristo. Villaça sofreu muito com isto. Acha que foi um problema aparentemente não resolvido, mas o Acadêmico Alberto da Costa e Silva tem provas de que ele, no fim da vida, afirmou sua condição de católico. Villaça nunca deixou de sê-lo, mas essa condição também foi causa de tormento. Não encontrou a pacificação que a fé poderia lhe proporcionar. Por isso tem, de um lado, a criança que não morreu, daí a inapetência para enfrentar os problemas materiais da vida, até que encontrou Cirineu na pessoa do Acadêmico Alberto da Costa e Silva que o ajudou a carregar a sua cruz no final, e que merece também aqui o respeito de todos. Finalizou dizendo que pretende escrever sobre Antonio Carlos Villaça mais profundamente.

- O Presidente Ivan Junqueira fez suas todas as palavras que foram ditas, e até as que foram esquecidas de ser ditas sobre Antonio Carlos Villaça. Conheceu Villaça há vinte e cinco anos, por uma carta que lhe enviou quando publicou um volume de poemas chamado *A Rainha Arcaica*. Um conhecimento que deriva do aplauso com que ele recebeu o seu livro. Enalteceu todo o papel que desempenhou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva durante esses últimos e difíceis anos de vida de Antonio Carlos Villaça.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin encaminhou à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro *Bibliografia Machadiana – 1959-2003*, de Ubiratan Machado. Disse tratar-se de uma seqüência de outro livro notável que se chama *Fontes para o Estudo de Machado de Assis*, de Galante de Souza. Esse estudo foi interrompido em 1958 e dava conta de toda a bibliografia de Machado de Assis e sobre Machado de Assis a partir de 1857 até 1958. Disse que, neste livro, Ubiratan Machado compulsou três mil duzentos e oitenta e duas referências bibliográficas sobre Machado de Assis, no Brasil e no exterior. Jornalista aposentado, grande

historiador da literatura, com esse livro fundamental se qualifica como um dos grandes historiadores não só da nossa literatura, mas também da vida literária no Brasil. Finalizando, solidarizou-se com todas as palavras ditas sobre o grande escritor Antonio Carlos Villaça.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin a oferta do livro *Bibliografia Machadiana – 1959-200*, do escritor Ubiratan Machado. Um dos homens mais silenciosos e operosos que já conheceu em toda a sua vida. É um privilégio para a Biblioteca da Academia Brasileira de Letras contar com este livro sobre Machado de Assis. Finalizando, consultou o Plenário, devido ao adiantado da hora, se poderia deixar para a próxima sessão a Pauta que seria discutida sobre o Ano do Brasil na França. Pediu ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila que adiasse seu depoimento sobre o Acadêmico Dom Marcos Barbosa. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

CONCESSÃO DA MEDALHA JOÃO RIBEIRO  
A BARBARA HELIODORA E GIANNI RATTO

*Proposta do Acadêmico Sábado Magaldi\**

Senhor Presidente:

Venho propor a Academia Brasileira de Letras a Medalha João Ribeiro à crítica Barbara Heliodora e ao diretor e cenógrafo Gianni Ratto, que tanto têm contribuído ao teatro e por extensão à arte brasileira. Doutorado em artes na área de teatro, pela Universidade de São Paulo, Barbara é oficial da Ordem des Arts et Lettres da França, e recebeu a medalha Connecticut College, sendo professora titular e professora emérita da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRio). Crítica de teatro mais atuante do País, colaborou no *Jornal do Brasil* de 1958 a 1964, na revista *Visão* de 1985 a 1990 e se encontra no *O Globo* desde 1990. São numerosas suas atividades profissionais, fundadora e duas vezes presidente do Círculo Independente de Críticos Teatrais do Rio de Janeiro, foi membro dos júris do Prêmio Molière e do Prêmio Mambembe, integrante da equipe de jurados para as bolsas da RioArte na área de teatro e membro de júris e de incontáveis publicações.

Barbara Heliodora traduziu cerca de 40 livros de vários gêneros e autores e número semelhante de peças de teatro já editadas, assinalando-se 16 peças de Shakespeare e três ainda por publicar. Seus livros enriquecem a estante especializada: *A Expressão Dramática do Homem Político em Shakespeare*, *Falando de Shakespeare*, em Martins Pena – uma introdução. Encontra-se

---

\* Apresentada na sessão de 2 junho de 2005.

também capítulos ou artigos seus em livros como *A História da Cultura no Brasil*, editado pelo Ministério da Educação e Cultura; *O Barroco*, do Museu Nacional de Belas Artes; *Theater Company of the Worlds* e *Cenários dos mundos* – Centro de Documentação Teatral da Espanha. Não são menos assinaláveis seus artigos.

Gianni Ratto era cenógrafo do Picollo Teatro de Milão quando a atriz Maria della Costa e seu marido, o empresário Sandro Polônio, o convidaram para dirigir sua companhia em 1954, no Teatro Maria della Costa construído em São Paulo. Enquanto na Itália Gianni realizou uma seqüência ininterrupta de mais de 100 trabalhos, desdobrando-se no teatro lírico e dramático, musical, dança e revista. Atuou ao lado dos maiores nomes da dramaturgia e da encenação e das músicas européias, entre os quais Dimitri Mitropoulos e Herbert von Karajan e Maria Calas. Participou da fundação do Teatro Estabile de Gênova e de Florença. Foi co-fundador do Picollo Teatro de Milão, dirigido por Strelles e Paulo Graci. Suas obras fazem parte do acervo do museu do Teatro Scala e do Picollo Teatro, achando-se documentadas em diversas publicações internacionais. Do brilhante grupo de artistas italianos, que após a Segunda Guerra vieram ao Brasil, assinalando-se Adolfo Celli, Luciano Slauti e Flaminio Bollettieri, Gianni Ratto preferiu fixar-se no Brasil como seu compatriota Aldo Calvo.

A significativa presença de Gianni Ratto abrange os vários aspectos da linguagem teatral, direção, cenografia, indumentária, iluminação, tradução de textos, fundação de grupos de teatro, cursos de formação de atores e cenógrafos, escola de comunicações e de artes, na Escola de Artes Dramáticas de São Paulo, na escola de teatro da Universidade da Bahia, na Funterj, no Rio, e em Curitiba. É importante evocar que desde sua chegada ao Brasil Gianni reivindicou a presença de autores brasileiros no nosso palco. Aqui já trabalhou em mais de 170 espetáculos teatrais que lhe valeram numerosos prêmios, como o Saci, do jornal *O Estado de S. Paulo*; Mambembe, do Instituto Nacional de Artes Cênicas; Molière, APETESP, Associação Paulista de Críticos Teatrais e Associação Paulista de Críticos de Artes, SHELL e Ministério da Cultura. Citam-se entre os principais trabalhos de Gianni no Brasil: *O Canto da Cotovia*, de Jean Anouilh, *A Moratória*, de Jorge Andrade, *O Mambembe*, de Artur Azevedo, *Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come*, de Oduvaldo

Viana Filho, *Dom Giovane* e a *Flauta Mágica*, de Mozart, *O Guarani*, de Carlos Gomes, e *Rigoletto*, de Verdi. Gianni colaborou em diversas publicações, redigindo prefácios para vários livros, artigos para obras coletivas, e para jornais e revistas, revista da USP, Caderno *Mais* da *Folha de S. Paulo* entre outros. Por fim, menciono os cinco livros escritos por Gianni: *A Mochila do Mascate*, *Antitratado de Cenografia*, *Crônicas Improváveis*, *Ipocritando* e *Noturnos*. Conquistas das mais ilustres para o Brasil, Gianni Ratto, nascido em Milão em 1916, festejará no ano próximo 90 ricos anos.

CONCESSÃO DAS PALMAS ACADÊMICAS  
A CLAUDE LÉVI-STRAUSS

*Proposta do Acadêmico Candido Mendes\**

Excelentíssimo Senhor  
Acadêmico Ivan Junqueira  
DD. Presidente da  
Academia Brasileira de Letras  
Rio de Janeiro

Senhor Presidente,

Os acadêmicos abaixo-assinados, na forma do determinado pelo Parágrafo II do Art. 52 do Regimento Interno, propõem a V. Ex.<sup>a</sup> a concessão das Palmas Acadêmicas ao membro da Academia Francesa Claude Lévi-Strauss.

A proposta se funda na alínea “b” desse mesmo artigo 52, que prevê a concessão da láurea a homem de letras de notável merecimento, que não seja sócio correspondente da Academia. Inscreve-se também na oportunidade das comemorações do Ano Brasil na França e do relevo que nelas deverá merecer o incremento do intercâmbio entre a Academia Francesa e a Academia Brasileira de Letras.

Candido Mendes	COMISSÃO:
Tarcísio Padilha	Eduardo Portella
Antonio Carlos Secchin	Sergio Paulo Rouanet
	Affonso Arinos de Mello Franco ( <i>Relator</i> )

---

\* Apresentada por carta na sessão do dia 2 de junho de 2005.

## CONCESSÃO DAS PALMAS ACADÊMICAS A RODOLFO ALONSO

*Proposta lida pelo Acadêmico Lêdo Ivo*

Propomos à Academia Brasileira de Letras a concessão das Palmas Acadêmicas ao poeta, escritor e tradutor argentino Rodolfo Alonso.

Assim procedemos fundamentados na cláusula “b” do Artigo 52 do Regimento Interno, que institui a concessão em apreço “a homens de letras de notável merecimento que não sejam sócios correspondentes da Academia”.

Rodolfo Alonso é uma das personalidades literárias mais notáveis da Argentina. Além de poeta e ensaísta internacionalmente consagrado, destaca-se pelo seu profundo conhecimento da literatura brasileira, a cujo serviço se colocou há vários decênios. À sua criação pessoal acrescenta-se o trabalho de tradutor de grandes poetas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima e muitos outros.

Em convênio com a ABL, foram publicadas na Argentina as suas primorosas antologias poéticas de Manuel Bandeira e Olavo Bilac, as quais têm logrado merecida repercussão, num processo de recepção que se irradia pelas outras nações do Continente.

Cumpra ainda acentuar que, há mais de trinta anos, Rodolfo Alonso se projetou como o primeiro tradutor de Fernando Pessoa na América Hispânica.

Integrando a delegação Argentina ao XIII Festival Internacional de Poesia realizado em maio último em Bogotá, Rodolfo Alonso pronunciou, no Instituto Cultural Brasil/Colômbia, uma conferência sobre a poesia brasileira contemporânea que testemunha não apenas o seu carinho pelo nosso país,

como ainda um penetrante conhecimento de nosso cenário poético; falou não apenas dos poetas consagrados, mas ainda daqueles que, nas províncias, alteiam ou tentam altear as suas vozes.

Rio de Janeiro, 2 de junho de 2005

Lêdo Ivo  
Alberto Venancio Filho  
Alberto da Costa e Silva

### SESSÃO DO DIA 9 DE JUNHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário, Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca, Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Hélio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Marco Maciel, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 2 de junho. Após retificação feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco solicitou a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo que o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho escreveu, publicado no *Jornal do Brasil* do dia 8 de junho sobre “Alceu Amoroso Lima e sua empatia pela humanidade”. Disse que vivemos hoje numa época sombria, e que os eventos que nos são dados a conhecer no mundo, no continente, no país, no Estado e na cidade, não são de molde a inspirar maior simpatia pelo que está ocorrendo, porque estamos vivenciando fatos lamentáveis e carência de idéias. Nesse momento, essa lembrança de trazer a volta de um homem que sus-

citava, sobretudo, a esperança, que foi talvez, a maior figura cultural do Brasil no século passado, pela extensão das leituras, pelo volume do trabalho, pela quantidade de obras publicadas, pela dimensão dos seus conhecimentos, e é retratado nesse artigo por uma outra grande figura, com a nobreza de caráter parecida com a de Alceu Amoroso Lima, que é o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Finalizando, leu os últimos parágrafos do artigo, que será transcrito na íntegra nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco essa lembrança comovida e, sobretudo, oportuna de Alceu Amoroso Lima. Disse que, na época em que vivemos, as idéias caíram no desuso. O artigo do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho é o testemunho de um homem que, durante muito tempo, esteve num campo oposto ao de Alceu Amoroso Lima. Isso não o impediu de reconhecer o valor extraordinário de Alceu Amoroso Lima.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva encaminhou à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, em nome da autora, o livro *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – Século XX*, da escritora Lélia Coelho Frota. Disse que é um livro fascinante porque, sendo um dicionário, contém as informações essenciais sobre cada um dos artistas que nele estão incluídos, e estão incluídos quase todos os grandes artistas populares brasileiros. É, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a criação popular e uma reflexão sobre o estilo de cada um deles. É um trabalho primorosamente escrito e apresentado, que faz honra à cultura brasileira.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva a doação do livro *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – Século XX*, da escritora Lélia Coelho Frota, há tanto tempo dedicada a museologia e aos assuntos de arte popular.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez dois registros com muita satisfação. O primeiro, a respeito do Segundo Centenário de Machado de Assis, que já começa a ganhar forma e substância, por iniciativa do Acadêmico Marco Maciel que, no Senado Federal, apresentou um Projeto de Lei instituindo 2008 como o Ano Nacional Machado de Assis. O

segundo foi o de transformar a denominação da Ordem do Mérito das Comunicações para Ordem do Mérito das Comunicações Jornalista Roberto Marinho. Parabenizou o Acadêmico Marco Maciel pelas iniciativas e manifestou o desejo de ouvi-lo falar sobre ambas.

- O Acadêmico Marco Maciel disse que apresentou o Projeto de Lei instituindo o ano de 2008 em Ano Nacional Machado de Assis. A proposta já foi despachada para a Comissão de Educação, Ciência, Tecnologia e Cultura do Senado Federal, e será examinada na Comissão com parecer terminativo. Falou que, uma vez aprovado o Projeto de Lei, será encaminhado imediatamente à Câmara dos Deputados. Considera oportuno que, enquanto o projeto não se transforme em lei, com a sanção do Presidente da República, que se continue a pensar, em alguma coisa que possa ser feita para celebrar a Efeméride. Lembrou que a Academia ainda não tinha editado as obras completas de Machado de Assis devidamente comentadas, e isso pode ser feito independente da conversão do Projeto em Lei. Sobre a mudança da denominação da Ordem do Mérito das Comunicações para Ordem do Mérito das Comunicações Jornalista Roberto Marinho, disse que o Senado Federal aprovou e já foi encaminhada a Câmara dos Deputados. Esta Ordem foi criada pelo Decreto n.º 87.009, de 15 de março de 1982, e não tinha patrono até então. Finalizando, disse que está feliz porque de alguma forma será homenageado um ilustre Acadêmico que muito concorreu para o desenvolvimento das comunicações no Brasil, e para fazer com que nossa língua e nossa cultura fossem mais conhecidas no exterior.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que são auspiciosas as notícias que o plenário acaba de receber. Como auspiciosas foram também as iniciativas do Acadêmico Marco Maciel personalizando a Ordem do Mérito das Comunicações com o nome do Jornalista Roberto Marinho e também a possibilidade, que já se pode ver agora, de uma tentativa de publicar, finalmente por essa Casa, as obras completas de Machado de Assis. Já foi criada, no plenário, uma Comissão Especial de Acadêmicos para tudo aquilo que se haverá de fazer em 2008 e a criação oficial desse Ano Nacional Machado de Assis chamará mais ainda a atenção de uma data que, para esta Casa, é absolutamente magna.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça congratulou-se com o Acadêmico Marco Maciel. Disse que a idéia do Ano Nacional Machado de Assis é absolutamente pertinente e pontualiza o seu aplauso no sentido de que a iniciativa, no âmbito do Congresso Nacional, tenha se principiado no Senado, que é a casa mais adequada para que isso acontecesse. Lembrou que transcorreu, na semana passada, o trigésimo quinto aniversário da morte de Álvaro Lins, o grande crítico literário, homem da política, ilustre caruaruense como Austregésilo de Athayde, Vitalino, e como os Condé. Álvaro Lins produziu um livro no plano político intitulado *Missão em Portugal*. É um livro relevante, e Pernambuco se sentiu na obrigação de trazer Mário Soares para que fosse o conferencista principal dessa semana de louvor e de reconhecimento a Álvaro Lins. Tudo aconteceu com o brilho que se pode imaginar, e com o detalhamento da visão portuguesa sobre o desempenho de Álvaro Lins como Embaixador brasileiro. Juntou o fato de que todas as comemorações foram lideradas pela Fundação Joaquim Nabuco. Na mesma linha de recordação, lembrou que, dias atrás, aconteceu o sexagésimo aniversário da primeira publicação do Boletim Sentimental da Guerra no Recife. Numa época de conflitos presentes como do Iraque e do Afeganistão, esse poema do Acadêmico Mauro Motta é um poema da paz, preconiza os valores da paz, que analisa sob o ponto de vista sociológico, histórico, político e lingüístico o que foi a presença de tropas americanas em Pernambuco. O poema foi publicado primeiro nos jornais do Rio de Janeiro, nas colunas literárias do *Correio da Manhã*, por José Condé; *Diário de Notícias*, pelo próprio Álvaro Lins; *Jornal de Letras* por Elisio Condé, e na *Revista Literária* por Barbosa Melo. Cavalcante Proença, ao concluir uma análise sobre a obra de Mauro Mota, disse ser um dos mais importantes poemas escritos em língua portuguesa, principalmente porque a ressonância do choro dos filhos sem pais e dos pais que perdem os filhos continua por motivos diversos, embora se fazendo ouvir Brasil afora.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça todo esse rememoração de Álvaro Lins, da iniciativa da Fundação Joaquim Nabuco, do poema de Mauro Mota relativamente à presença das tropas norte-americanas em Pernambuco e também da pre-

sença do Sócio Correspondente Mário Soares, quando se evocou toda a trajetória literária e política desse grande crítico que foi Álvaro Lins.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho doou a Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro organizado pelo Professor Carlos Lessa, ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, intitulado *Enciclopédia da Brasilidade – Auto-Estima em Verde e Amarelo*. São mais de cinquenta autores, quatro deles Acadêmicos, e o recomenda como um antídoto às notícias que se lêem sobre o País diariamente. Finalizou lendo a Proposta da criação do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente submeteu ao plenário o Parecer do Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que essa é uma emenda do Regimento que tem tratamento pelo artigo 80.
- O Presidente pediu que o Acadêmico Alberto Venancio Filho lesse a emenda.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho leu a emenda “Qualquer modificação deste Regimento se fará mediante proposta que o Presidente comunicará, por escrito, a todos os membros Efetivos da Academia, com o parecer da Diretoria, e, duas semanas depois da expedição deste comunicado, será incluída na ordem do dia, para votação global ou parcial, não admitidas novas emendas, devendo ser aprovada por maioria absoluta dos presentes”.
- O Presidente agradeceu o esclarecimento do Acadêmico Alberto Venancio Filho e disse que, na verdade, a consulta que fez ao plenário, quando submeteu o Parecer aos acadêmicos, era de uma adesão à idéia da criação desse novo prêmio, com a qual pessoalmente concorda. Depois de alterada a redação do Regimento, será trazida novamente ao plenário para que seja submetida a votação pelos acadêmicos.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, com relação aos itinerários que serão desenvolvidos a partir da semana que vem no contexto do Ano

do França na Brasil, falou do desejo do atual Ministro das Relações Exteriores da França, Philippe Douste-Blazy, de estar presente à reunião da Academia no Quai Conti. Pediu ao Presidente para oficializar o pedido de que o Ministro do Exterior da França, um dos três maiores atores do Governo Francês, esteja presente na nossa reunião do dia vinte e três de junho próximo, na França. Trouxe um assunto que está dentro do bom entendimento da Casa e está relacionado ao pedido que foi feito de Palmas Acadêmicas para Claude Lévi-Strauss. Falou que o Governo brasileiro está se articulando para também entregar a Lévi-Strauss a Ordem do Cruzeiro do Sul. Disse que Lévi-Strauss não está bem de saúde e perguntou ao plenário se fará precedente abreviar o processo e dar as Palmas Acadêmicas, em *Articulum Mortem*, fora do prazo dos sessenta dias.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que não vê nenhum problema em abreviar o processo da concessão das Palmas Acadêmicas a Claude Lévi-Strauss, sobretudo em razão de sua atuação neste país, das sementes que deixou. Perguntou ao plenário o que pensa desse processo de abreviação das Palmas Acadêmicas, considerando a avançada idade do escritor.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que acha um precedente muito perigoso infringir o Regimento. Lembrou, no tempo em que foi deputado, que há um processo que se chama urgência urgentíssima no Senado e na Câmara, que se pode infringir a tramitação normal de qualquer assunto e que está prevista no seu Regimento. O que se poderia fazer é uma pequena emenda ao Regimento para que, em casos excepcionais, estivesse dentro do Regimento da Casa a possibilidade de encurtar prazo, sem que houvesse uma ruptura da prescrição regimental.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa disse que basta que se leia o artigo cinquenta e dois, para ver que o prazo é pré-fixado no Regimento e não pode ser desautorizado ou descumprido. Não se pode dispor quanto a este artigo, tendo em vista se alguém suporta ou não o prazo para o recebimento das Palmas Acadêmicas. Leu o artigo que estabelece que se fará mediante proposta escrita, fundamentada e assinada por três Acadêmicos, sobre a qual emitirá parecer uma comissão especial. Se aprovada, entrará na Ordem do Dia, na primeira sessão ordinária. Percorrido o prazo de

sessenta dias, será votada em escrutínio secreto. Isto é norma regimental e como tal independe da nossa vontade.

- O Presidente Ivan Junqueira considerou muito oportuna e muito grave essa reflexão que acaba de fazer o Acadêmico Oscar Dias Corrêa. Concordeu com o Acadêmico Oscar Dias Corrêa quanto à previsibilidade da morte de alguém. Disse que Lévi-Strauss está numa idade avançadíssima, mas ninguém pode garantir a data em que morrerá. Disse que há um impedimento de caráter regimental e precisa ouvir o plenário.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que está apenas colocando a questão de uma pessoa que está muito no fim da vida. Este é um fato objetivo dentro da situação de uma pessoa a quem o Brasil deve muito. Não está discutindo o Regimento.
- O Presidente Ivan Junqueira não tem dúvidas de que as Palmas Acadêmicas serão efetivamente concedidas a Claude Lévi-Strauss.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que se permitiu apenas uma ponderação de circunstâncias, porém, reconhecendo perfeitamente contra tudo o que se tem que enfrentar nesse particular. Apenas avaliou a excepcionalidade de que esta pessoa, em vida, pudesse ter uma compensação brasileira.
- O Acadêmico Affonso Arinos disse que, estando o Acadêmico Helio Jaguaribe em fase de silêncio, transmite a sugestão dele de que nada impediria que fosse manifestada imediatamente a Claude Lévi-Strauss a intenção da Academia Brasileira de Letras de ofertar-lhe as Palmas Acadêmicas.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que essa seria a melhor solução. Claude Lévi-Strauss será comunicado de que ganhará as Palmas Acadêmicas. Disse que, diante de certas ponderações do plenário, prefere preservar o contexto regimental.
- O Acadêmico Eduardo Portella reforçou a imprevisibilidade da morte. Lembrou que quando estava em Paris, na direção-geral da UNESCO, adjunto, conviveu com o Acadêmico José Guilherme Merquior nos seus últimos dias, que foram muito penosos para ele porque Merquior era um

querido amigo e o admirava muito. Viu-o se esvaír de uma maneira vertiginosa, num espaço curtíssimo de tempo. Na solidão dos fins de semana se permitiu fazer uma reflexão, ele era o mais jovem membro da Academia Brasileira de Letras, então pensou: eu não sabia que José Guilherme Merquior era mais velho do que Barbosa Lima Sobrinho e Austregésilo de Athayde. Começou a pensar que a idade do homem se mede pela morte e não pelo nascimento. José Guilherme Merquior desapareceu como um ancião e, quando voltou ao Brasil, encontrou Barbosa Lima Sobrinho com cento e três anos e Austregésilo de Athayde com noventa e tantos anos. De maneira que, contra essas previsibilidades, tem dificuldade de se associar ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, mas quanto à preocupação dele de gerar uma excepcionalidade, que não represente exatamente um conflito regimental, está de acordo com o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, porque Lévi-Strauss é realmente um dos grandes intérpretes do Brasil, em todos os tempos. A formação de novos antropólogos, sociólogos e etnólogos do mundo todo dependeu substancialmente das lições de Claude Lévi-Strauss, que transformou basicamente as ciências sociais, inclusive acrescentando um nível filosófico que ele tinha muito bem. Em *La Pensée Sauvage*, que é dedicada a Maurice Merleau-Ponty, foi um freqüentador assíduo de Sartre, foi um dos fundadores dos *Temps Modernes*, logo nos primeiros números, e também estudou lingüística nos Estados Unidos com Roman Jakobson, que lhe permitiu, a partir do modelo da lingüística sincrônica e diacrônica, propor algumas alterações substanciais nos modelos das ciências sociais. Estamos realmente diante de um caso excepcional, seja para o conhecimento no século XX, seja especificamente para compreensão do Brasil e para as formações das gerações universitárias, para a qual ele contribuiu desde seu período paulista até os últimos períodos quando os brasileiros iam a Paris fazer o seu doutorado com Claude Lévi-Strauss, como foi o caso de José Guilherme Merquior.

- O Presidente Ivan Junqueira pediu à Comissão encarregada de conceder as Palmas Acadêmicas a Lévi-Strauss que corra com o processo a um tal ponto que se possa, já em Paris, comunicar-lhe que irá receber as Palmas Acadêmicas. Ressaltou que prefere não infringir a ordem do Regimento.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que a Academia Brasileira de Letras é uma Casa de escritores e poetas. Sem entrar no mérito da questão das Palmas Acadêmicas a Lévi-Strauss, lembrou um fato histórico e poético. Uma cidadã chamada Inês que depois de morta foi rainha. Tem a impressão de que, independente da fatalidade biológica que atinge a todos, as Palmas Acadêmicas devem ser concedidas a Lévi-Strauss, vivo ou morto. Espera que vivo, e por muitos anos.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony a oportuna reflexão.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que as Palmas Acadêmicas não podem ser conferidas se Lévi-Strauss estiver morto. Pelo parágrafo quinto do artigo cinquenta e dois, Lévy-Strauss tem que aceitar a concessão para ser conferida. A explícita aceitação faz que o outorgado seja vivente.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin enfatizou a realização da posse do Acadêmico Tarcísio Padilha na Academia Brasileira de Filosofia, no dia 13 de junho, às vinte e uma horas, sendo recebido pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho fez um pequeno reparo a toda essa discussão sobre Lévi-Strauss. Falou que recentemente o caderno *Mais*, da *Folha de S. Paulo*, publicou um suplemento inteiro sobre as atividades de Lévi-Strauss entre os Nambiquaras e lembrou que, quem primeiro estudou os índios Nambiquaras, no Brasil, foi Roquette-Pinto, em 1912, acompanhando a Missão Rondon. Escreveu um livro modelar chamado *Rondônia*. Naquela época, por Legislação Federal, Lévi-Strauss foi acompanhado de um antropólogo do Museu Nacional, Dr. Luiz de Castro Faria, que morreu recentemente, e que diz que a Rondônia foi o roteiro da expedição de Lévi-Strauss. Não acha justo que um jornal brasileiro dedique um suplemento inteiro a Lévi-Strauss, e não tenha uma linha a respeito de Roquette-Pinto. Finalizou lendo o Parecer da Comissão para concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira submeteu o Parecer ao plenário. Relevou a razão pela qual solicitou que essa Comissão alterasse as normas para a concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro, que lhe pareceu, num determinado momento, haver se tornado um pouco irresponsável. Submeteu ao plenário a proposta da Comissão que acaba de ser lida.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse ser uma emenda regimental que precisa ter a tramitação do artigo 80. Precisa antes ser enviada para todos os acadêmicos.
- O Presidente Ivan Junqueira ofereceu à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras três exemplares que acabaram de chegar a esta Casa. Esclareceu que, durante a Presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, a diretoria firmou um convênio com a Fundação Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires e com a Embaixada do Brasil na Capital Argentina, no sentido de promover traduções das obras de autores brasileiros em língua espanhola. No ano passado foram traduzidos, entre outros, *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Acaba de chegar uma seleta da poesia de Olavo Bilac chamada *Poesía Escogida – Selección, Traducción y Prólogo* de Rodolfo Alonso, numa edição bilíngüe. A edição está feita pela Ediciones de La Flor, com o apoio da Academia e daquela instituição de Estudos Brasileiros. Ficou pronta, também, uma seleta dos ensaios que escreveu José Guilherme Merquior sobre a literatura brasileira e portuguesa, entre 1964 e 1989. Esse volume foi publicado pela Corregidor sobre o título de *El Comportamiento de las Musas*. São mais dois livros de Acadêmicos, já falecidos, que saem dentro desta série de obras de grandes escritores brasileiros na Argentina. Apresentou ao plenário o *Tomo I* da nova edição dos *Discursos Acadêmicos*. Esse Tomo I acolhe os volumes primeiro, segundo, terceiro e quarto dos *Discursos Acadêmicos* e reúne os discursos feitos entre 1897 e 1919. Agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a sua tenacidade, a sua insistência e o entusiasmo com que se dedicou a edição deste volume indispensável, porque a segunda edição, de 1965, já está esgotada. Daqui em diante os *Discursos Acadêmicos* serão preservados em capa dura, num papel semelhante ao papel bíblia e dentro de muito pouco tempo teremos à disposição os discursos até anos mais próximos. Ainda nesse ano deverá sair uma última série de *Discursos*

*Acadêmicos*, ainda em brochura, mas o processo de acondicioná-los à nova indumentária já está deflagrado e não tem mais volta.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou a dedicação da funcionária do Setor de Publicações, Senhora Nair Dametto. No momento em que recebeu as instruções para fazer este volume, se dedicou a ele com o maior empenho, o cuidado que teve para a capa e em poucos meses o livro ficou pronto. Seria uma injustiça não mencionar o trabalho dessa funcionária.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a quem parabenizou por mais essa conquista como diretor da Comissão de Publicações.
- O Acadêmico Eduardo Portella perguntou quais os critérios das obras que vão sendo progressivamente traduzidas. Acha que os ensaios de José Guilherme Merquior são muito bons, como tudo o que ele fazia e tem dúvidas, no repertório de poetas brasileiros, se Olavo Bilac mereceria um tratamento preferencial.
- O presidente Ivan Junqueira disse que, no caso desse convênio com a Fundação Centro de Estudos Brasileiros, a proposta foi feita por eles porque Olavo Bilac, por mais estranho que pareça, é um poeta razoavelmente conhecido na Argentina. Pareceu-lhe justo que, havendo inclusive um tradutor que conhecia muito a obra de Bilac, chegássemos à conclusão de que seria oportuna essa publicação na Argentina. O que não impede que outros poetas, sejam simbolistas, parnasianos ou modernistas, venham a ser publicados ainda dentro desta série.
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que leva em consideração as explicações da repercussão desses poetas nesses países hispano-americanos, mas tem a experiência de quem morou muito tempo no exterior e não está certo de que, essa glória, que às vezes acontece sobretudo nos países periféricos, é uma glória espontânea ou se ela é produzida. No caso específico, se Bilac é tão conhecido e tão estimado na Argentina, supõe que esse argumento é exatamente desfavorável a Olavo Bilac porque, neste caso, outros poetas de grande importância, e que não dispõem dessa difusão e dessa recepção, mereciam talvez uma prioridade.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que no ano passado foi editada, também, uma antologia de Manuel Bandeira pela Fundação Centro de Estudos Brasileiros.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que as sugestões também são da Academia Brasileira de Letras. Concordou plenamente com a escolha de Olavo Bilac, embora pessoalmente preferisse que se fizesse a edição de poetas mais consistentes e mais influentes na nossa evolução. Talvez até menos conhecidos. Antecipou que, ao lado de Olavo Bilac, a Academia tem um acordo com a Academia Chilena de La Lengua e este ano estará saindo, como já saiu no caso de Gabriela Mistral e Cecília Meireles, um volume reunindo, em edição bilíngüe, poemas de João Cabral de Melo Neto e Gonzalo Rojas. Esta edição está sendo preparada pela Embaixada do Brasil em Santiago do Chile, com o apoio da Academia Brasileira e da Academia Chilena de la Lengua. Esse volume será lançado em outubro quando estará no Chile para participar do Festival Mundial de Poesia. Disse que em um ano teremos um poeta de uma época muito distante da nossa, e de outro que nos foi contemporâneo. Passando à Ordem do Dia, Ano do Brasil na França, apenas para recordar o que acontecerá em Paris, já que o que está tratado dificilmente poderá sofrer alguma modificação. A Academia participará especificamente dessa comemoração obedecendo ao formato que lhe cabe. Agradeceu a contribuição que prestou a Comissão Acadêmica dos Membros do Ano do Brasil na França, que está presidida por Eduardo Portella e da qual participam também o Acadêmico Candido Mendes, que acertou uma série de realizações e cerimônias em Paris, e também o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, que se encontra há mais de um mês na capital francesa, preparando o terreno para que tudo transcorra dentro da maior normalidade. Finalizando, o Presidente leu o Programa sobre as atividades de que a Academia participará em Paris para assinalar a presença da Casa de Machado de Assis, durante o transcurso do Ano do Brasil na França.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com o Presidente Ivan Junqueira pelo empenho, pela precisão e pela densidade do programa.

- O Acadêmico Cícero Sandroni perguntou, apenas por curiosidade, se numa sessão solene da Academia Francesa é exigido o fardão dos acadêmicos.
- O Presidente Ivan Junqueira disse que não será necessário o uso dos fardões.
- O Acadêmico Antonio Olinto disse que chegará um dia antes a Paris e irá imediatamente a Bruxelas. Falará sobre “Machado de Assis e Euclides da Cunha – um Paralelo”, no dia 18 de junho, para um grupo chamado “Os amigos da cultura brasileira”. O assunto não é novo, há muitos anos Alceu Amoroso Lima escreveu um livro, que saiu em Belo Horizonte, chamado *Três Ensaios sobre Machado de Assis*. Num deles ele faz este paralelo que é uma das melhores coisas que já leu de Alceu Amoroso Lima, Machado de Assis e Euclides da Cunha. No dia 20 de junho, será recebido pela Academia Real Belga de Língua e Literatura Francesa, onde falará sobre a poesia simbolista no Brasil. Vai ficar dois dias na Bélgica, chega a Paris dia vinte e um, na véspera da recepção na Embaixada. Disse que terá uma grande alegria de estar em Bruxelas, aonde não vai há quase quarenta anos.
- O Presidente agradeceu as informações ao Acadêmico Antônio Olinto e aproveitou para dizer que, antes de Paris, estará em Madri, onde fará uma conferência, a convite do Instituto Cervantes, sobre Cervantes e a Literatura Brasileira no Círculo de Belas-Artes. Pediu, mais uma vez, a compreensão e a paciência do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila para adiar seu depoimento sobre o Acadêmico Dom Marcos Barbosa. Convidou a todos para o lançamento do livro *Assassinato na Academia Brasileira de Letras*, do escritor Jô Soares, no Saguão do Centro Cultural do Brasil. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

ALCEU AMOROSO LIMA E SUA EMPATIA  
PELA HUMANIDADE

Evaristo de Moraes Filho\*

Com sua conversão em 1928, sucedendo a Jackson de Figueiredo, ainda mais ocupado e preocupado com o Brasil ficou Alceu Amoroso Lima. De homem de gabinete passou a homem de ação, um grande passo para ele, que se julgava incapaz de dá-lo.

Assume a direção do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem* e funda a Ação Universitária Católica. Faz conferências, pregando a sua nova fé, tendo em vista sempre a cristianização e a catolicização do Brasil, tirando-o do marasmo e de um certo comodismo católico. Não pára mais em sua pregação de reforma, embora com os exageros do cristão novo, mais pela autoridade do que pela liberdade.

Ao tomar posse na Cadeira n.º 40 da Academia Brasileira de Letras, a 14 de dezembro de 1935, sucedendo a Miguel Couto, ressalta que são de duas ordens as funções literárias da Academia: de tradição e de manutenção do que ficou de bom e que mereceu ser conservado; e de criação, de renovação da cultura nacional. Ambas se completam. A ABL não dá nem tira talento a quem quer que seja, sendo, afinal de contas, os próprios acadêmicos, em sua diversidade de temperamento e de vocações, não somente os atuais, mas os de todos os tempos, passados, presentes e futuros.

Acrescenta Alceu que há, sem dúvida, em pequeno número, os tímidos ou hesitantes e os que jamais desejaram candidatar-se à Academia, têm medo de

---

\* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 8 de junho de 2005.

perder a liberdade e receiam assumir compromissos até o fim de seus dias, como num casamento indissolúvel. Esses são indiferentes à Academia, dela não precisam para o maior brilho de sua glória, mas há também os nostálgicos, que aparentam desprezá-la, quando na realidade são apaixonados por ela. A Academia é aquilo que os acadêmicos fazem dela, pois não é uma entidade estática. Nela é possível a convivência de todas as escolas. Cada um é senhor de si e do seu destino intelectual, de suas opções, de suas crenças religiosas, de suas idéias filosóficas, políticas e sociais. Cada qual constrói por si a sua própria fortuna crítica.

Como São Francisco de Assis, Alceu via no amor o caminho para a verdadeira construção da morada do homem, na terra ou na vida eterna. Fez do amor o seu instrumento da crítica, da compreensão e do perdão para todas as criaturas.

Viveu às claras, numa típica transparência de homem de bem. Nunca teve nada a esconder, porque a sua história é quase uma lenda. Dos seus primeiros artigos na *Revista do Brasil*, em 1916, até os últimos no *Jornal do Brasil*, em 1983, transcorreram 67 anos de produção ininterrupta, sob qualquer forma de comunicação, em livros, jornais ou revistas, aulas, debates ou conferências.

Grande leitor, devorador de papel impresso, dominando pelo menos cinco línguas vivas, além do latim, manteve-se a par do que de melhor se produziu ou se vinha produzindo no mundo. A minha geração habituou-se, na segunda metade da década de 30, a buscar nos seus livros, notadamente nas cinco séries dos *Estudos*, o ensinamento da cultura nova.

Assistia à santa missa todas as manhãs e, de volta, escrevia longas cartas à filha monja beneditina, abadessa em São Paulo, que lhe respondia semanalmente.

Andarilho habitual, inventor do método Cooper, *avant la lettre*, deslocava-se nesta cidade do Rio de Janeiro, que tanto amou, de um ponto para outro dos seus compromissos diários, sempre apressado, em passos rápidos, a carregar uma enorme e pesada pasta preta, bojuda e surrada. Logo reconhecido, pouco se detinha, mas para todos tinha um sorriso e uma palavra amável. Homem alegre, sempre renovado, expansivo, paciente e atento, vivia em constante empatia com a humanidade. Sabia-se comprometido com o destino dos

humanos, seus irmãos e semelhantes, inteiramente sem pose, pois a simplicidade era o seu natural.

Essa alegria de viver e de estar vivo, esse otimismo e essa confiança na existência estão no cerne mesmo da sua personalidade, decorrendo do seu temperamento saudável, hígido de corpo e de espírito e de sua fé religiosa. A vida é o maior dos bens e, como dádiva de Deus, deve ser amada e não amaldiçoada. O cristianismo não é uma filosofia de tristeza e de morte, como queria Nietzsche. É uma filosofia de alegria e de vida, terrena e eterna, esta prolongando aquela e entre si fazendo uma perfeita unidade.

Assim foi um grande brasileiro, chamado Alceu Amoroso Lima, que em todos os momentos da sua existência, na construção da sua cidade futura – mais humana, realmente cristã, justa e livre – enfrentou em nome de Deus todos os obstáculos que lhe apareceram no caminho.

Nos seus últimos 20 anos de vida, a terceira fase, que chamava a dos acontecimentos – as duas primeiras foram a das formas e a das idéias –, entregou-se ele à denúncia dos abusos e violências de toda ordem, num combate direto contra os atentados à dignidade e à liberdade da pessoa humana. Constituiu-se na consciência viva do seu tempo, merecedor de respeito e de veneração do povo brasileiro, como exemplo inexcusável de grandeza moral e coragem cívica.

A sua presença fez-se carne e sangue e a todos os injustiçados acudiu sempre com a esperança. Continua entre nós e continuará enquanto houver no mundo alguém com sede de justiça e necessitado de amor. “Onde o despotismo duro cimentava servidões, a sua alegria sonora reclamava liberdade.”

## CRIAÇÃO DO PRÊMIO ABL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

*Proposta do Acadêmico José Murilo de Carvalho\**

Considerando que desde a fundação da Academia dela têm feito parte, como patronos ou membros efetivos, vários dos melhores historiadores brasileiros, como F. A. de Varnhagen, Oliveira Lima, Afonso de E. Taunay, Rocha Pombo, José Honório Rodrigues, Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe.

Considerando ainda que também dela tizeram parte, como patronos ou membros efetivos, vários dos nossos melhores pensadores sociais e políticos, como Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Eduardo Prado, Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Raimundo Faoro, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, Afonso Arinos de Melo Franco.

Considerando, por fim, que a Academia não possui prêmio que contemple trabalhos de história e ciências sociais, PROPONHO que se altere o art. 53 do Regimento Interno no sentido de ser acrescentado o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais.

---

\* Apresentada na sessão do dia 9 de junho de 2005.

## COMISSÃO DE MEDALHAS

### *Parecer para concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro*

A Comissão nomeada pelo Presidente Ivan Junqueira para dar parecer sobre a formulação de normas para a concessão das Medalhas Machado de Assis e João Ribeiro, examinou detidamente o assunto, se valeu do exame de estatutos equivalentes, e assim, vem propor a criação de Comissão, que, à semelhança da prevista para as Palmas Acadêmicas art. 52 § 2.º dê parecer sobre as propostas apresentadas.

Considerando que esta proposta exige a modificação do Regimento Interno, propõe a seguinte emenda, com o cancelamento do atual parágrafo único e o acréscimo de três parágrafos:

“Art. 65-...

§ 1.º *A proposta de atribuição dessas Medalhas será feita por qualquer acadêmico, justificadamente e por escrito, e encaminhada pela Diretoria a uma Comissão de três membros, por ela indicada, que emitirá parecer.*

§ 2.º *O parecer, submetido ao Plenário, ficará em pauta por duas sessões consecutivas, antes da votação, que se dará na terceira sessão.*

§ 3.º *A indicação, se feita em sessão, não sera objeto de notícia na ata dos trabalhos, senão quando aprovada.”*

Sala das sessões, 9 de junho de 2005

Oscar Dias Corrêa – *Presidente*

Alberto Venancio Filho – *Relator*

Affonso Arinos de Mello Franco

## SESSÃO DO DIA 16 DE JUNHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Marcos Vinícios Vilaça, Segundo-Secretário; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; João de Scantimburgo, Diretor da *Revista Brasileira*; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 9 de junho. Após retificação feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a ata foi aprovada.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que aniversariou no dia 10 do corrente, e para o Acadêmico Ariano Suassuna, que aniversaria hoje, dia 16 de junho. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, a propósito do Ano do Brasil na França, disse não ser possível deixar de lembrar Georges Dumas, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, que durante mais de

trinta anos se dedicou com afinco ao desenvolvimento das relações Brasil-França. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho essa lembrança comovida e muito oportuna de Georges Dumas, esse notável amigo do Brasil, que foi sócio correspondente e agora lembrado num momento absolutamente propício, porque dentro de poucos dias os acadêmicos estarão participando da sessão conjunta com a Academia Francesa.
- O Presidente Ivan Junqueira assinalou que a data de hoje é de júbilo e de gala para esta Casa. Pediu uma calorosa salva de palmas para a Acadêmica Nélide Piñon, que ganhou o Prêmio Príncipe de Astúrias deste ano. Ressaltou que se trata de um prêmio da maior importância e lembrou, também, que a Acadêmica Nélide Piñon concorreu a esse prêmio com alguns dos maiores escritores contemporâneos, como Philip Roth, Paul Auster e Amos Oz. Falou da amiga de muitos anos e recordou o tempo em que ambos eram apenas escritores que estavam começando o seu caminho. Recordou também que foi pelas mãos dela que começou a escrever crítica literária em *Cadernos Brasileiros*. Disse do orgulho infinito com que faz esta comunicação, porque é importante para esta Casa o prêmio que a Acadêmica Nélide Piñon acaba de conquistar e mais importante ainda para a literatura de língua portuguesa, porque abre uma perspectiva que não se pode avaliar por nenhum dos escritores brasileiros.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, associando-se às palavras do Presidente, recordou a sucessão de prêmios internacionais que ultimamente vêm consagrando as acadêmicas. Lembrou que há pouco tempo a Acadêmica Nélide Piñon recebeu os prêmios Juan Rulfo, no México, Jorge Isaacs, em Bogotá, e Menendez y Pelayo, em Santander. A Acadêmica Ana Maria Machado, quando ainda não era Acadêmica, recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, em Copenhague, e este ano a Acadêmica Lygia Fagundes Telles está recebendo o Prêmio Camões, em Portugal. Agora a Acadêmica Nélide Piñon vai receber o quarto prêmio internacional, o

Príncipe de Astúrias. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que a Acadêmica Nélide Piñon está vivendo hoje o instante mais luminoso da sua vida literária, com a atribuição do Prêmio Príncipe de Astúrias. A Acadêmica Nélide Piñon já foi distinguida com três grandes prêmios na esfera hispânica. Desejou, de todo coração, que o seu próximo prêmio venha da frígida Escandinávia.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que, mais uma vez, a glória chega a esta Casa pelas mãos da Acadêmica Nélide Piñon. Reportou-se ao ano de 1976, tempo em que a Academia não se beneficiava da presença de escritoras, e o poeta Carlos Drummond de Andrade, num momento de rara inspiração, vislumbrou o ano do centenário da ABL. Discorreu sobre a sua vida dedicada ao magistério e à literatura. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida transmitiu à Acadêmica Nélide Piñon recados telefônicos de dois ibéricos, Federico Mayor e Mário Soares. Referindo-se ao que foi dito pelos acadêmicos Lêdo Ivo e Tarcísio Padilha, disse à Acadêmica Nélide Piñon o que representou esta grande marca da cultura e da língua portuguesa. Falou a seguir da posse do Acadêmico Tarcísio Padilha na Academia Brasileira de Filosofia, onde os que lá se encontravam assistiram à mais bela lição sobre Octavio de Faria, seu patrono na Cadeira daquela Casa, com uma amplitude de visão, com a conexão entre a carga literária e a filosófica, com a presença de tantos e queridos confrades que ali estavam. Falou a seguir do telefonema que recebeu de Claude Lévi-Strauss para dizer que estará no jantar do dia 24 e agradeceu a distinção. Diante disso, o Fórum de Reitores do Rio de Janeiro lhe entregará uma medalha e um troféu, em nome da Universidade Brasileira, também na mesma ocasião. Afirmou ter ficado muito impressionado e agradecido ao que aqui disse o Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre Georges Dumas, que é também um momento desta brasileira que se vai estar levando a Paris.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se a tudo que foi dito sobre a Acadêmica Nélide Piñon, afirmando que tudo que se dis-

ser sobre ela é pouco. Declarou-se impressionado com a estatística levantada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. Disse que das quatro confrades desta Casa, três tão abundantemente premiadas, se deduz que é muito pouco dez por cento de mulheres na ABL para a quantidade de prêmios que elas dão à Academia. Disse que, como feminista convicto que é, o que deseja é aumentar o número de candidaturas femininas, para que esta Casa seja cada vez mais premiada.

- O Acadêmico Eduardo Portella, com relação à Acadêmica Nélide Piñon, disse que acompanha o seu trabalho rigoroso, sério e vertical, desde o seu primeiro livro, *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo*; e esse itinerário é capaz de trazer para a linguagem todo o fundo intercultural da cultura brasileira. Capaz de inventar uma linguagem. Os escritores que não inventam uma linguagem são escritores burocráticos, são, o que lhe dizia o seu amigo Felix Athayde, reescritores, aqueles que escrevem o que já foi escrito. A Acadêmica Nélide Piñon gerou um perfil autônomo logo de saída. Estava naquele período na crítica militante e teve a satisfação de registrá-la e foi acompanhando-a até a recente publicação de uma coletânea dela pelo Fondo de Cultura Económica do México, que teve a satisfação de prefaciá-la. Como se não bastasse, têm ambos uma ascendência comum. Revelou o que lhe disse D. Carmen, mãe da Acadêmica Nélide Piñon, que os chamava de irmãos. Considera a Acadêmica Nélide Piñon uma figura superiormente crítica e, assim sendo, só pode tratá-la de uma forma superiormente crítica. Nunca fez nenhuma gentileza intelectual com a Acadêmica Nélide Piñon, nenhum elogio vazio e sem conteúdo crítico. Tem, portanto, todas as razões pessoais, íntimas e críticas para dizer que a literatura brasileira, a cultura brasileira e esta Casa estão realmente de parabéns por esse reconhecimento internacional da Acadêmica Nélide Piñon. Discorreu sobre Cláudio Magris, o último ganhador deste prêmio, que é um professor da Universidade de Trieste, um narrador admirável das margens do Danúbio e um crítico da literatura austro-húngara. A Acadêmica Nélide Piñon também é uma ibérica radical e uma brasileira não menos radical, radical no sentido de tomar as coisas pela raiz. Congratulou-se com a Acadêmica Nélide Piñon e com toda a Casa.

- O Acadêmico Cícero Sandroni reivindicou o fato de ser o mais antigo amigo da Acadêmica Nélide Piñon. Ambos fizeram juntos o Curso de Jornalismo da PUC, no Palacete Joppert. Como disse o Presidente Ivan Junqueira, nem ele nem ela sonhavam com a Academia. Ela sonhava com a literatura, e os outros colegas do curso sonhavam com ela. Disse que queria ter naquele momento um pouco da poesia de *A Doce Canção de Caetana* para saudar a Acadêmica Nélide Piñon, porque ela nos deu o *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo*, guiou os contemporâneos na literatura e mostrou o que o Brasil poderia ser, n’*A República dos Sonhos*, tão melhor do que a de hoje, a república do pesadelo. Até ontem, as notícias que corriam pelo mundo sobre o Brasil eram muito ruins, até que veio esta notícia maravilhosa de que a Acadêmica Nélide Piñon receberá o Prêmio Príncipe das Astúrias. Agradeceu à Acadêmica Nélide Piñon o que ela faz pela literatura e pela dimensão planetária de sua obra. Prosseguindo, pediu a transcrição, nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, do discurso que o Acadêmico Tarcísio Padilha fez na Academia Brasileira de Filosofia, sobre Octavio de Faria, e o discurso com que o Acadêmico Candido Mendes o saudou. Lembrou, também, por ser hoje, 16 de junho, o Bloom’s Day, o saudoso Acadêmico Antônio Houaiss, tradutor de *Ulisses*, de James Joyce. Trata-se de uma tradução feita há quarenta anos, em condições difícilíssimas, e que hoje está sendo um pouco criticada em face de uma nova tradução, mas tem todo o valor, toda a importância de uma tradução pioneira, feita em 1965.
- O Presidente Ivan Junqueira solidarizou-se com o Acadêmico Cícero Sandroni com relação aos dois memoráveis discursos proferidos na posse do Acadêmico Tarcísio Padilha na Academia Brasileira de Filosofia e cuja transcrição nesta Casa será obrigatória. Tornou público um protesto pela maneira condenável como estão sendo comparadas as duas traduções de *Ulisses*. Acha que é uma prática condenável dizer-se que um texto não presta em relação a outro, que lhe é muito superior. Disse que o Acadêmico Cícero Sandroni lembrou muito bem as condições difícilíssimas em que o Acadêmico Antônio Houaiss, ao longo de um período curtíssimo de nove meses, conseguiu fazer uma tradução extraordinária, tão extraordinária que tem deslizes. Todas as traduções os têm. De maneira que,

ficar comparando uma coisa com outra, para dizer que uma é boa e outra é má, não é uma prática salutar na crítica literária brasileira.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin associou-se às manifestações de júbilo pela merecida vitória da Acadêmica Nélide Piñon. Não só pela trajetória e coerência de uma obra que ainda vai nos reservar outros patamares e outras consagrações, mas, também, pelo que isso representa de reconhecimento do escritor brasileiro e da literatura escrita nesta terra. Uma língua que é comum, a língua portuguesa, e com um matiz que é próprio ao criador e que nessa língua inscreve a sua marca. Finalizando, registrou com tristeza o falecimento do grande poeta português Eugênio de Andrade, uma das mais puras vozes líricas da língua portuguesa do século XX.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin e disse que todo plenário deve se associar nesse lamento pela morte do grande poeta português, que teve ocasião de conhecer, no Porto, no ano de 2000, quando lá esteve para um congresso Luso-Brasileiro.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se às palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Foi amigo do poeta Eugênio de Andrade. Este freqüentava assiduamente a sua casa, quando era Cônsul Geral na cidade do Porto. Tem uma foto ótima dele e da Acadêmica Agustina Bessa-Luís em sua casa. Foi um grande poeta, um grande amigo do Brasil, e as letras portuguesas e brasileiras estão de pêsames. Pediu que a Academia Brasileira de Letras fizesse uma referência oficial à Fundação Eugênio de Andrade, para manifestar o pesar da ABL pelo seu falecimento.
- O Acadêmico João de Scantimburgo associou-se às homenagens que a Acadêmica Nélide Piñon está recebendo hoje. Embora seja uma colecionadora de prêmios, pois já recebeu vários, inclusive o maior do México, não pode deixar de aplaudi-la por tudo que ela fez. Disse que, quando chegou à Academia Brasileira de Letras, encontrou-a na porta e, ao abraçá-la e cumprimentá-la, parecia que o coração ia bater fora, tanto emotiva ela estava no dia de hoje. Ela mereceu esse prêmio pelo seu amor à literatura, pela sua presença no palco mundial, dando testemunhos da literatura brasileira, que ela cultivava profundamente, e honra esta Casa com o seu apreço a tudo que nós fazemos aqui. Parabenizou o Acadêmico Tarcísio

Padilha pela posse na Academia Brasileira de Filosofia. Disse que é um grande nome da espiritualidade católica e do espiritualismo cristão na filosofia, discípulo de Louis Lavelle, que é um dos expoentes da filosofia cristã, embora seja muito contestado pelos doutos. Para finalizar, deu um testemunho ao Presidente Ivan Junqueira na sua recusa em usar a palavra *confreira*. Quando morreu Marguerite Yourcenar, estava na França, comprando jornais do dia e encontrou no *Carnet du Jour* do *Le Figaro* e no *Le Monde* a notícia de sua morte publicada, vinda da Academia Francesa, e a palavra usada foi *confrade*.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu o apoio do Acadêmico João de Scantimburgo quanto ao termo que não quis usar.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, aproveitando a expressão “silêncio obsequioso” que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida acabou de usar, depois de tantas pessoas terem dito coisas tão bonitas e tão suficientes sobre os méritos da Acadêmica Nélide Piñon, disse que só lhe resta retribuir as demonstrações de carinho que recebeu da Academia oferecendo o obséquio do seu silêncio. Está muito contente com este prêmio fantástico que a Acadêmica Nélide Piñon acaba de receber e com o qual homenageou a Academia inteira.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony, a propósito do Prêmio recebido pela Acadêmica Nélide Piñon, repetiu um personagem de Máximo Gorki em *Os pequenos Burgueses*: “Eu protesto em voz alta e apóio em silêncio”.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que, por cumprir exílio em Brasília, ainda por terminar este ano, perdeu a posse do Acadêmico Tarcísio Padilha na Academia Brasileira de Filosofia. Imagina a beleza dos discursos dele e do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, e todo o envoltório que significa de justiça e de gestos adequados da incorporação do Acadêmico Tarcísio Padilha àquela instituição. Pediu aos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Candido Mendes de Almeida que lhe mandem os seus discursos. Sobre o Prêmio recebido pela Acadêmica Nélide Piñon, não tem competência para dizer igual ao que já foi dito aqui. Tanto que, ontem, ao abraçá-la por telefone, se valeu de um artifício e chamou-a de Rainha das Astúrias. É o que poderia fazer como presença do seu abraço

e de sua mulher D. Maria do Carmo. Por fim, entregou aos arquivos da Academia Brasileira de Letras o discurso do Ministro Eros Grau sobre os noventa anos do Acadêmico Evandro Lins e Silva. É um discurso precioso, que faz uma imensa e adequada justiça à figura do saudoso confrade. Entregou também, a pedido do senhor Eros Grau, o livro *Vinte Anos de Democracia*, que são colaborações de brasileiros a respeito do governo José Sarney, e a plaqueta *Bibliografia da Obra de José Sarney*, admiravelmente bem feita e impressa pela Editora Brasiliense. Nesse livro há um prefácio de Pedro Costa, jovem intelectual brasileiro, poeta e arquiteto. Observou que lapso sempre acontece. No prefácio do jovem intelectual, filho do saudoso confrade Odylo Costa, filho, ao falar da vertente social do Governo Sarney, omitiu o trabalho da Legião Brasileira de Assistência, que foi, àquela época, a maior agência de desenvolvimento social da América Latina e do programa Nacional do Voluntariado – PRONAV – dirigido por D. Marly Sarney, que inovou na política de atenção à terceira idade, implantando o Centro de Convivência de Idosos em todo o país.

- O Presidente Ivan Junqueira, fazendo uma espécie de coroamento das homenagens que hoje foram prestadas a Acadêmica Nélide Piñon, ganhadora do Prêmio Príncipe de Astúrias, disse que, nos últimos vinte e cinco anos, ela esteve em companhia de José Hierro, Miguel Delibes e Gonzalo Torrente Ballester, Juan Rulfo, Pablo García Baena, Ángel González, Mario Vargas Llosa e Rafael Lapesa, Camilo José Cela, Carmen Martín Gaité, José Ángel Valente, Ricardo Gullón, Arturo Uslar Pietri, Pueblo de Puerto Rico, Francisco Nieva, Claudio Rodríguez, Carlos Fuentes, Carlos Bousoño Prieto, Francisco Umbral, Álvaro Mutis, Francisco Ayala, Günter Grass, Augusto Monterroso, Doris Lessing, Arthur Miller, Fatema Mernissi e Susan Sontag e Claudio Magris. Pensa que essa relação dá a dimensão do orgulho que essa Academia sente no momento com a premiação da Acadêmica Nélide Piñon.
- A Acadêmica Nélide Piñon tinha a intenção de ser muito discreta nessa passagem pelo plenário. Ficou muito comovida com os aplausos e com os carinhos que recebeu, porque, a partir de um certo momento da vida, o que mais deve pesar é o mundo do afeto, o mundo amoroso. Agradeceu aos Acadêmicos Murilo Melo Filho, Tarcísio Padilha, Candido Mendes

de Almeida, Affonso Arinos de Mello Franco, Eduardo Portella, Cícero Sandroni, Antonio Carlos Secchin, João de Scantimburgo, Sergio Paulo Rouanet, Carlos Heitor Cony, José Sarney, Marco Maciel e Acadêmicas Ana Maria Machado, Zélia Gattai e Lygia Fagundes Telles. Agradeceu a todos aqueles cujos nomes não mencionou, mas incorporaram-se ao aplauso. Disse que pertence a esta Casa, onde quer que esteja pertence à Língua Portuguesa; onde quer que viva. É uma brasileira apaixonada. Finalizando, disse que perguntaram onde ela ficaria agora, na Galiza, na Espanha ou no Brasil? Ela respondeu que não ficaria em nenhum lugar. É uma brasileira que ama a Espanha, ama a Galiza, seus mitos e seu território sagrado. Até hoje não aceita, de forma polida, o passaporte que lhe oferece constantemente o Governo de Madri. O seu passaporte único e singular é o passaporte brasileiro e, em nome desse passaporte, expressa seu amor pelo Brasil.

- O Acadêmico Eduardo Portella solidarizou-se com o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça porque acompanhou de perto, intimamente, a sua admirável e inovadora gestão à frente da Legião Brasileira de Assistência. Desculpou-se ao Acadêmico Tarcísio Padilha por não poder estar presente em sua posse na Academia Brasileira de Filosofia, e disse que o Acadêmico Tarcísio Padilha não é apenas um filósofo católico, é um filósofo que por determinação é católico. Essa adjetivação não qualifica, necessariamente, alguém que é filósofo. Evidentemente, no caso do Acadêmico Tarcísio Padilha, organizar de forma superior a reflexão e tem como centro o seu vínculo cristão. Ele é mais do que um filósofo católico, é simplesmente ou totalmente um filósofo.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella e concorda inteiramente com suas palavras. Na raiz do seu pensamento, o Acadêmico Tarcísio Padilha é basicamente um filósofo. O catolicismo é uma escolha, um problema de fé, que tem e não tem a ver com a filosofia.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que hoje é o dia da Acadêmica Nélida Piñon. Para agradecer as generosas palavras do Acadêmico Eduardo Portella, falou que não se considera um filósofo, é apenas um cultor da filosofia. Busca-a através de toda sua vida, dedicou-se inteiramente a

ela, mas ser filósofo é algo de diferente, é um criador, eventualmente, de um sistema, ou então assistemático, como muitos o são e, às vezes, por isso nem são reconhecidos. Agradeceu aos acadêmicos Eduardo Portella, Cícero Sandroni e a todos os que se manifestaram a respeito de sua recente posse na Academia Brasileira de Filosofia.

- O Presidente Ivan Junqueira disse que todos nesta Casa deram sempre uma lição de vida, uma lição de viver, mas crê que cada um dá também uma lição de morrer. E lembrou Montaigne quando diz que “Philosophe est apprendre à mourir”.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila disse que a Acadêmica Nélida Piñon o recebeu nesta Academia Brasileira de Letras; mas, alguns anos antes, ele a recebeu numa escola de sociologia e política que tinha fundado na Pontifícia Universidade Católica. A formação sociológica dela deve-se a essa escola fundada por ele. No capítulo das Efemérides fez um belíssimo discurso sobre a vida e a obra do Acadêmico Dom Marcos Barbosa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- Nada mais havendo a tratar o Presidente deu por encerrada a sessão.

## LEMBRANDO GEORGE DUMAS

*Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho\**

A Academia Brasileira de Letras se prepara para participar do Ano Brasil-França em sessão conjunta com a Academia Francesa e, por iniciativa do acadêmico Candido Mendes, irá conferir as Palmas Acadêmicas destinadas a “homens de letras de notável conhecimento” a Claude-Lévy Strauss. Seria interessante indagar como surgiram as relações de Lévy-Strauss com o Brasil.

Citemos o próprio Lévy-Strauss: “A minha carreira foi decidida num domingo de outono de 1934, às nove da manhã, com um telefonema. Era Célestin Bouglé, então diretor da Escola Normal Superior; tratava-me desde há alguns anos com uma boa vontade um pouco distante e reticente: em primeiro lugar porque eu não era um antigo aluno da sua escola; em segundo lugar e, sobretudo, porque, mesmo que o tivesse sido, não pertencia ao seu séquito em relação ao qual manifestava sentimentos muito exclusivos. Certamente tinha-lhe sido impossível fazer outra escolha, pois me perguntou de forma abrupta: – Continua a sentir o desejo de se dedicar à etnografia? – Sem dúvida! – Então apresente a sua candidatura como professor de Sociologia da Universidade de São Paulo. Os arredores estão cheios de índios, poderá dedicar-lhes os seus fins de semana. Mas tem de dar uma resposta definitiva a Georges Dumas até ao meio-dia.”

Assim, se formos falar de Lévy-Strauss e das relações culturais franco-brasileiras, não é possível esquecer o nome de Georges Dumas, que durante trinta anos se dedicou com afincamento ao desenvolvimento dessas relações.

---

\* Proferidas na sessão do dia 16 de junho de 2005.

Jean Maugué, professor de Filosofia da Universidade de São Paulo, mestre de Antonio Candido, confirmava:

“Recebi num dia de novembro de 1934 pelo correio uma carta, começando com o título ‘meu caro confrade’, e assinada por Georges Dumas. Ele me perguntava se eu não me interessaria de ir a São Paulo no Brasil, para ocupar a Cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que o Governo local ia criar. Clima de Nice, dizia a carta, e remuneração substancial a se adicionar ao salário-base. Não pensei por um momento no grande Georges Dumas, membro do instituto de que segui alguns cursos no Hospital de Santana. Respondi que estaria em Paris no sábado e iria dar uma resposta.

Penetrando na manhã de sábado no apartamento do velho mestre, na rua Garancière, encontrei-o no seu escritório, cheio de livros e de poeira, assentado numa cadeira, vestido com um pulôver, a testa coberta de uma cabeleira rude e nariz picante, os velhos traços sobre as sobrancelhas.

Confessei a Dumas tudo o que esperava de uma ida para São Paulo. Então, me confiou que um colega de Bordeaux o importunava com os telefonemas e com pedidos de esclarecimentos, e que iria dar prioridade à minha resposta.

Georges Dumas era assim. Era evidentemente um grande chefe, ele sabia. Era composto de um personagem de sábio, meio médico e psiquiatra, meio filósofo, conjugando seus cursos sobre as doenças mentais com obras sobre Augusto Comte.

Tinha um gosto vivo pelo pitoresco e pelo cômico dos seres e das coisas. Ora, esse maravilhoso país que era o Brasil havia feito um casamento de amor com Augusto Comte. Naturalmente este casamento se tornou o casamento do Brasil com Georges Dumas, e eu era o beneficiário.”

Georges Dumas formou-se pela Escola Normal Superior, fez depois estudos de medicina e tornou-se famoso pelos estudos sobre as emoções. Professor da Sorbonne publicou o Tratado de Psicologia em dez volumes. Era sócio correspondente de nossa Academia desde 1922.

Com a criação em 1907 do Grupamento das Universidades e das Grandes Escolas de França para as Relações com a América Latina, se aprofundaram as relações culturais, e em 1908 Georges Dumas faria sua primeira viagem ao Brasil.

De 1908 a 1938, durante trinta anos numa atividade constante, fez numerosas viagens pelo estreitamento das relações culturais franco-brasileiras, e, sobretudo, na criação das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que pôde ver realizadas em São Paulo em 1934 e no Rio em 1935.

Aqui realizou vários cursos, sendo de recordar a palestra que fez sobre Mistral, acentuando a semelhança encontrada do português com os versos do autor. Ficou registrado o curso dado sobre Expressão das Emoções na Escola Politécnica, assistida por um público numeroso e atento. Procurava contatos com grandes personalidades brasileiras, e assim se tornou amigo, entre outros, de Assis Chateaubriand, Medeiros e Albuquerque, Pedro Lessa e Júlio de Mesquita Filho.

Da primeira viagem, em outubro de 1908, Euclides da Cunha relatava em carta a Alberto Rangel:

“Apareceu em casa um quarentão de rosto pensativo e olhos profundos. Era o Professor Georges Dumas. Calcula o meu espanto e em torturas andou meu francês barbarizado. Passei com o grande sábio a hora mais ilustre da minha vida, com a felicidade de poder marcá-la com expressivo incidente: a revisão feita pelo próprio punho dele do seu artigo sobre Joana d’Arc publicado no número 29 da *Revue des Mois*.”

Em 1922 participou da criação do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, que teve entre os fundadores os nossos confrades Afrânio Peixoto e Miguel Osório de Almeida. Georges Dumas foi eleito sócio correspondente em 15 de junho de 1922 e foi recebido pelo acadêmico Medeiros e Albuquerque em 22 de setembro do mesmo ano.

É curioso que ambos os discursos mencionam que Georges Dumas iria retornar para a França logo em seguida, saindo do Silogeu para o Cais do Porto, motivo por que os discursos não foram longos.

Medeiros e Albuquerque mencionaria as atividades de Dumas pelas relações culturais franco-brasileiras, em viagens quase anuais ao Brasil e diria: “Vós exercéis há muito tempo em Paris um cargo público brasileiro. Diz-se correntemente que vós sois em Paris o cônsul intelectual do Brasil. E sois um propagandista do nosso país.”

Georges Dumas agradeceria a homenagem, faria o elogio do antecessor, John Casper Branner, e relataria suas visitas ao Brasil, a primeira em 1908, a convite da Sociedade de Psiquiatria e do nosso futuro confrade Maurício de Medeiros, e as viagens posteriores, percorrendo varias regiões do país, para dizer: “voltarei sempre”.

E se referindo às perguntas que lhe faziam em França sobre o Brasil, destacaria “a bondade da alma brasileira e sua unidade moral”.

Concluía dizendo que ao partir ele não deixava de todo o Brasil, pois encontraria na sua biblioteca, em Paris, os livros e o pensamento dos grandes espíritos brasileiros e “é com eles e por intermédio deles que se fundou para sempre a unidade intelectual de nossos dois países e saúdo em seus artistas, seus oradores e sábios os melhores artífices de nossa aliança eterna”.

Entre as duas guerras o Instituto promoveu o intercâmbio cultural entre os dois países, professores franceses estiveram em nosso país, Madame Curie, Pierre Janet e Paul Hazard, e para lá seguiram entre os nossos Amoroso Costa, Miguel Osório, Afonso Arinos e Gilberto Amado. Este falaria de Georges Dumas: “Apaixonado pelo Brasil, conhecia-o de norte a sul. Em voz de estrangeiro nunca ouvi o nome do nosso país pronunciado com tanto carinho.”

Afonso Arinos, que participou das atividades do Instituto em 1938 em Paris fazendo conferências sobre o “Índio Brasileiro e a Revolução Francesa”, falaria sobre o nosso homenageado: “Em 1939 eu jantava em Paris na casa de Georges Dumas, velho e admirável amigo do Brasil, que conhecera a França do princípio da Terceira República; estivera com o pai nos oitenta anos de Victor Hugo, estudante de medicina conversara com Renan no Bairro Latino.”

A maior contribuição de Georges Dumas seria na organização das universidades brasileiras pela qual sempre se empenhou. Júlio de Mesquita Filho

enviou à Europa o engenheiro e matemático Theodoro Ramos, futuro primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, para a escolha dos professores franceses da Universidade de São Paulo. Graças a Georges Dumas vieram grandes figuras como Fernand Braudel, Jean Maugué, Claude-Lévy Strauss, Roger e Paul Arbousse Bastide.

No Rio Anísio Teixeira, na grande obra de organização educacional, criaria a Universidade do Distrito Federal e chamaria para reitor o nosso confrade Afrânio Peixoto. Em visita à Europa foi através de Georges Dumas que obteve o concurso para a UDF de professores universitários do mais alto nível, entre os quais o grande historiador Henri Haurer, Eugène Albertini, Emile Brehier e Gaston Leduc. Enquanto para São Paulo foram escolhidos jovens “agrégés”, em início de carreira que depois tiveram grande destaque, para o Rio de Janeiro vieram professores já consagrados.

Em Paris, na missão da Universidade do Distrito Federal, escreveria Afrânio Peixoto para Anísio Teixeira: “O Dr. Georges Dumas anda pelos ministérios, pelas faculdades, e instituições sábias a proclamar que o Reitor da Universidade do Distrito Federal, que se dirigia à França, confiante e confiado, não podia ir senão com as mãos cheias de dons. E tudo se fará do bom e do melhor, dando à França quase tudo.”

Mais tarde, em outra comunicação:

“No dia 6 de julho embarca em Marselha no *Alsina* o Dr. Georges Dumas, cidadão carioca, professor da Sorbonne de psicologia, autor do monumental tratado, meu amigo, meu grande amigo, que agora fez tudo por mim e por nós, prestando imensos serviços. Procure-o, converse com ele, ele lhe dirá tudo isso e mais ainda por mim. Ouça-o e agrade-o. Faça-lhe festas. Leve-o ao ‘Garoto do Mercado’, à ABE, ao Instituto de Educação. Meu Anísio, agradeça-lhe por mim, por nós, com agrado, que bem merece dedicadíssimo à nossa vitória.”

Quando recebeu a informação da extinção da Universidade do Distrito Federal, teria dito: “É a décima terceira tentativa que falhou. Tentarei a décima quarta.”

Assis Chateaubriand, de quem ficou amigo, deu seu depoimento:

“Georges Dumas, a quem me prendem laços de uma velha estima, é um desses fascinados, a cuja sedução da palavra, ninguém que tem uma parcela de inteligência poderia resistir. Lembro-me quando há onze anos (1916) almoçávamos juntos na Rotisserie, Bruno Lobo, ele e o autor dessas linhas. Em plena guerra, Dumas, médico militar, fazia da guerra o alto senso de patriotismo. Era um encanto naqueles dias de acerbação dos espíritos, e só de guerra se falava, o grande filósofo guardando o amor das idéias gerais e o prazer de agitá-las, recolhendo a inteligência ao ambiente da filosofia, quando lá fora, de espada em punho, os seus semelhantes se projetavam em ação.

Reuníamos também para jantar, naqueles tempos, em casa de Pedro Lessa. Georges Dumas era um dos convivas queridos da mesa do grande juiz. Seria difícil dizer qual desses dois homens interessantes, admiráveis, prezava mais o outro. Mas não exagero afirmar que bem poucas criaturas vi quanto Pedro Lessa deixar se encantar tanto pelo espírito de Dumas.”

Em 1938 Georges Dumas voltava à França para não mais retornar ao Brasil. A guerra iria interromper as atividades culturais, e em 1946 seria enviado nova missão, chefiada em 1938 pelo professor Pasteur Valery-Radot, cujos resultados foram reduzidos.

Carlos Chagas Filho descreveu a despedida de Dumas na última viagem ao Brasil, pois faleceria em 1946:

“Georges Dumas foi uma figura exponencial. Professor de ciências comportamentais na Sorbonne, no que era pioneiro, dava, com sua presença, a impressão de um vulto saído das páginas de Anatole France ou de Martin Du Gard. Georges Dumas era, além de grande professor, um admirável organizador. Amante do Brasil, ao qual se uniu graças à sua amizade com os Osórios de Almeida, foi ele quem criou realmente o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura e melhor promoveu o intercâmbio entre o Brasil e a França antes da guerra de 1939. Dumas era um gentil-homem de extraordinária beleza física e moral. Altíssimo, de traços serenos, o rosto emoldurado por um cavanhaque sempre bem aparado, a voz bem postada, lembrava um varão de Plutarco.

Recordo-me da última vez em que o vi: foi em 1938. O navio *Formose*, da Companhia Chargeurs Réunis, levou de volta para a França alguns dos intelectuais franceses que aqui estavam. Fui a bordo despedir-me de Georges Dumas. Fui vê-lo no camarote, porque já estava adoentado, com uma broncopneumonia grave. Mesmo assim, veio à escotilha para dizer-me adeus. Vieram-me as lágrimas aos olhos porque senti, naquele momento, que o nosso mundo ia, sem dúvida, entrar em uma fase extremamente difícil e Dumas era um nítido representante dos tempos em que vivíamos, cheios de controvérsias intelectuais, mas que poderiam ser considerados tempos elísios comparados àqueles em que passaríamos a viver.”

Concluindo, no momento em que se comemora o Ano Brasil-França e se dá destaque às relações culturais, ainda que em nenhum outro lugar no Brasil ou na França se fale do grande papel de Georges Dumas, pelo menos aqui na Academia Brasileira de Letras, fiel às tradições de justiça e de dignidade, se profere ao menos esta pálida página de gratidão.

## NÉLIDA PIÑON E O PRÊMIO PRÍNCIPE DE ASTÚRIAS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Em apoio às palavras gostaria de chamar a atenção desta Casa para a sucessão de prêmios internacionais, que ultimamente vêm consagrando as nossas Acadêmicas. Ainda há pouco tempo, Nélide Piñon recebeu os Prêmios Juan Rulfo do México, Jorge Isaacs em Bogotá e Menéndez y Pelayo, em Santander. Depois, a escritora Ana Maria Machado, quando ainda não era Acadêmica, recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, em Copenhague. Este ano, Lygia Fagundes Telles está recebendo o Prêmio Luís de Camões, em Lisboa. E agora, Nélide Piñon vai receber um quarto prêmio internacional, o Príncipe de Astúrias, em Madri.

Elas três são dignas e merecedoras de todo o nosso respeito e admiração, – mas, sobretudo a esta verdadeira tetra-campeã, que é a Nélide – queremos dizer que estamos muito felizes e orgulhosos com mais esta sua premiação, que vem consagrar a obra de uma grande romancista, autora de *República dos Sonhos* e de vários outros livros de enorme sucesso – mas ao mesmo tempo, uma maravilhosa figura como pessoa humana, agradável, simpática e jovial que, como pródiga e como perdulária, esbanja o seu imenso arsenal de carinho, de cortesia, de doçura, de felicidade, de otimismo e de alegria.

---

\* Proferidas na sessão do dia 16 de junho de 2005.

## NÉLIDA PIÑON

*Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha\**

Mais uma vez a glória chega a esta Casa pelas mãos de Nélida Piñon. É mais um galardão com que a comunidade literária mundial lhe reconhece o imenso valor. Vamos, porém rebobinar o filme desta morada cultural em que pontificaram alguns dentre os mais talentosos homens de letras do País.

Corria o ano da graça de 1976. Ao tempo, a Academia Brasileira de Letras ainda não se beneficiava da presença de escritoras. O grande poeta Carlos Drummond de Andrade, num momento de rara inspiração, estugou o passo da história, e vislumbrou o ano do centenário da ABL. Imaginou que o timão ainda estivesse confiado ao ínclito presidente Austregésilo de Athayde. Então, com a luz exclusiva dos poetas, sentenciou: no ano de centenário da ABL, o presidente Athayde deveria durante dez minutos confiar a presidência a uma escritora.

À época, o poeta explicitava um sentimento cavalheiresco, sem que lhe fosse possível visualizar a radiosa realidade do centenário real. O imaginário correu célere ao encontro da senda do real.

Hoje, a Academia Brasileira de Letras se ajusta à modernidade e desmente a tese de que a tradição é refratária ao progresso. Fiel às profundas raízes da nossa cultura, a ABL inova e preludia os passos da sociedade brasileira, ao eleger, em 1997, para a sua presidência a brilhante acadêmica Nélida Piñon. Crescentemente, a sociedade brasileira vai abrindo espaços à atuação da

---

\* Proferidas na sessão do dia 16 de junho de 2005.

mulher, que emerge neste findar do século com o ímpeto criativo e sensível a humanizar a vida do país.

Nélida Piñon é mulher exuberantemente portadora das virtudes que ornaram a alma feminina, na generosidade dos atos de entrega à sua vocação e na sensibilidade do perene reconhecimento e acolhida das diferenças. Sua acuidade atesta irrefragavelmente a presença do sonho que se faz realidade e da realidade que se transmuda em sonho, nesta tensão dialética entre ser e aparecer que constitui o imperativo dinâmico do ser a caminho de seu dever/ser.

Professora, jornalista, escritora, Nélida Piñon inaugurou a disciplina Criação Literária em nossas plagas e ampliou sua atuação magisterial em diversas universidades dos Estados Unidos na cátedra de Literatura Brasileira.

É grande, quase incomensurável, o número de prêmios literários com que foi aquinhoadada e não menor o elenco de suas publicações, que se espriam pelo mundo em múltiplas traduções, consolidando o prestígio literário do Brasil no plano internacional.

Em Nélida Piñon, convivem pacificamente duas culturas, a brasileira e a galega, do que promanou um precipitado intelectual e de alta sensibilidade que explicam a rica e patente originalidade de suas obras.

No centenário da Academia Brasileira de Letras, quiseram os deuses que uma rainha das letras lhe dirigisse os destinos. E os deuses não são apenas eternos. São também infalíveis.

DISCURSO DE POSSE DE TARCÍSIO PADILHA  
NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

*13 de junho de 2005*

Os anos fluem vertiginosamente, os cabelos ganham tons de prata ou mesmo embranquecem como as neves. A biografia se abre para o reconhecimento do que cuidam haveremos feito ou simplesmente buscamos aconchego no convívio com nossos pares em academias e instituições culturais similares. Antônio Houaiss certa feita me confidenciou que os idosos vivem sós, nós, aqui na Academia, envelhecemos juntos. Isto talvez explique, pelo menos em parte, o enriquecimento dos *curricula vitae* de quantos se avizinham do crepúsculo da vida. Assim, não me surpreendi com a convocação para partilhar com os meus novos confrades o laivo de vida com que estou sendo aquinhoado.

A finitude sempre presente em nossa vida não consegue ocultar, porém, o halo de esperança que nos aponta para a consciência de que forcejamos por cumprir o nosso destino. De resto a esperança se insinua nas dobras da alma, como um pouso existencial invariavelmente disponível.

Uma palavra de agradecimento se impõe, não apenas na ritualística das academias, mas na explicitação de um sentimento de que os meus novos pares, num assomo de generosidade, houveram por bem propiciar este encontro marcado com o sinete da fidalguia intelectual manifestada por quantos integram esta Casa de Filosofia, nascida de um pujilo de pensadores ancorados no projeto de aqui, nesta cidade maravilhosa, plantarem as sementes de um novo amanhã para a Filosofia no Brasil.

Impende expressar meu sentimento fraterno de agradecimento ao imortal Candido Mendes por me receber nesta noite, ele, expoente de nossa geração. Em sucessivas décadas, Candido vem se constituindo crescentemente em

embaixador da cultura brasileira em quase todos os quadrantes do planeta, tomando iniciativas culturais a que acorrem alguns dentre os maiores pensadores da atualidade num reconhecimento explícito do valor intelectual de nosso confrade. Agora, com plena justiça, ele figura na galeria dos 25 intelectuais com maior presença no cenário mundial escolhidos pela prestigiosa revista parisiense *Le Nouvel Observateur*. Nela o talentoso pensador brasileiro é apresentado como um aristocrata barroco. Eis o seu retrato irretocável: “Avant d’être un penseur, Candido Mendes est une figure. À la tête d’une université prestigieuse portant son nom... il a su faire de cette institution au coeur de Rio l’instrument d’une réflexion originale et de premier plan sur les grandes questions sociales de notre temps.”

Ao ingressar nesta Academia Brasileira de Filosofia não posso sopitar minha admiração pelo trabalho de restauração da Casa de Osório, agora sede da instituição, uma vez que assim nasce um novo centro cultural no prédio onde residia o Marechal, o que empresta uma atmosfera cívica à especulação filosófica que aqui há de vicejar como em terra nativa. E o mérito cabe à direção da Academia e a seu presidente, o dinâmico acadêmico João Ricardo Moderno Carneiro.

As academias e instituições congêneres surgem com objetivos definidos e, no fluir do tempo, ampliam seu escopo. Academias de Letras, oriundas do intento de abrigar ficcionistas e poetas, acolhem cientistas sociais, cientistas tout court, filósofos e mesmo teólogos. Esta Academia parece seguir o mesmo caminho, ao incorporar intelectuais das letras e das ciências, enriquecendo o seu espectro cultural. Cabendo-me escolher o patrono da Cadeira que me cumpre ocupar, entendi poder optar por um escritor não conhecido graças a contribuições diretamente ligadas à filosofia. Minha escolha recaiu no romanista Octavio de Faria, cuja cultura evadiu os domínios do cinema, da filosofia, da política para, afinal se render à primazia insopitável das letras.

Octavio de Faria nasceu nas Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1908. Filho do acadêmico Alberto de Faria, autor de uma famosa biografia de Mauá, e de Maria Teresa de Almeida Faria, filha de Tomaz Coelho e Almeida, Ministro do Império e fundador do Colégio Militar, sua vida transcorria entre o Rio de Janeiro e a cidade imperial de Petrópolis e,

mais tarde, também em Teresópolis. Na cidade imperial viveu em casa tombada pelo patrimônio histórico que pertenceu ao Barão de Mauá, antes de ser adquirida pelo seu pai. O próprio Octavio desenhou o seu mundo: “meus cunhados Afrânio Peixoto e Alceu Amoroso Lima e a grande companheira de leituras e passeios, (minha irmã) Heloísa..., somados ao exemplo e carinho de meus pais e à afeição do mundo familiar, representaram o quadro quase completo das relações humanas de minha meninice. Não tive nenhum amigo na infância”. Conta Alceu Amoroso Lima que Octavio, em tenra idade, brincava com formigas e por um telescópio contemplava as estrelas do céu. Introverso, tímido à outrance, o romancista carioca vivia em seu mundo interior, parecendo concentrar-se para cumprir seu fecundo destino de escritor, um dos mais talentosos ficcionistas de nossa língua. Afrânio Peixoto desposou sua irmã Chiquita em 1914 e, quatro anos mais tarde, Alceu se casará com sua irmã Maria Teresa. A introversão do patrono da nova cadeira era patente. Morava com sua irmã no morro da Viúva. Lá foi entrevistado por Marisa Raja Gabaglia: “Você é casado?” Resposta: “Não. Não houve ocasião. Acho que teria dado certo.”

A adolescência iria mudar este quadro de isolamento infantil, incorporando numerosos amigos que haveria de conservar ao largo de sua vida de quase setenta e dois anos. Os autores mais afeitos ao gosto infantil e juvenil cederão lugar, dentre outros, a Byron, Shakespeare, Victor Hugo, Dostoievski.

Concluiu seus estudos primários e secundários no Colégio Santo Antonio Maria Zaccaria, dos padres barnabitas, de 1922 a 1926, e sua formação superior se deu na Faculdade Nacional de Direito, de 1927 a 1931 – ano em que se firmou como escritor, mercê da publicação de *Maquiavel e o Brasil*.

Sua personalidade introspectiva jamais o impediu de se firmar como líder intelectual que foi, já durante o curso de direito, quando adentrou o Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (o famoso Caju), com a apresentação de uma tese sobre *Desordem no Mundo Moderno*. Nele figuraram intelectuais de valor inquestionável como San Tiago Dantas, Antonio Galloti, Chermont de Miranda, Américo Lacombe, Helio Vianna, Thiers Martins Moreira, Álvaro Penafiel (meu padrinho), Vinicius de Moraes, Plínio Doyle, Mario Vieira de Melo, Clovis Paula da Rocha, Almir de Andrade e muitos outros escritores.

Havendo se imposto a intelectuais de elevado corte no início de sua fecunda vida literária, Octavio porejava uma seriedade madura e, por esta razão, se manteve distante de polêmicas, preservando a sua vida interior a alimentar os seus escritos. Sua liderança não era apenas política, mas também artística, no sentir de Francisco de Assis Barbosa.

Seu cunhado Afrânio Peixoto foi um mestre para o jovem escritor. Cinema e literatura se imiscuíram em sua biografia mercê de forte influxo de Afrânio. A Alceu Amoroso Lima Octavio deve, entre outros ganhos, a revelação de Leon Bloy.

Octavio assente que “depois de Nietzsche, foi o encontro mais importante de minha vida. Pode parecer estranho eu gostar de dois autores tão opostos, tão irredutíveis, diferentes”.

Leon Bloy, o trágico romancista gaulês, viveu a aventura solitária e também solidária com sua mulher e filhos. Octavio de Faria deixou-se imantar por seus escritos, parecendo redigidos com uma pena embebida em sangue. Afonso Arinos de Melo Franco obtempera que Octavio, em seus romances, havia rompido com a inocência, mas não com a pureza. Daí o porquê da menção privilegiada em sua obra à palavra fulgurante de fé, de entrega e de sofrimento existencial. Bloy escancara a alma, deixa-a inundar de lucidez, ao declarar enfaticamente: “só há uma tristeza: não sermos santos”. Nada mais apropriado e ajustado ao perfil espiritual de Octavio e de muitas de suas personagens. A perfeição nos acena de longe, nós nos encaminhamos para o grande encontro. Ela não nos acolhe em seu regaço. Octavio sabe que ela é inatingível, que o embate entre as potências praeter ou sobrenaturais propendem para dominar nosso espírito, a nossa carne, nossos instintos, nossas paixões. A perfectibilidade irrompe como limite natural, delineando as fronteiras de uma santidade frustrada. O romancista nos propõe, segundo Alceu, solução dramática, espiritual e sobrenatural aos desafios existenciais que ele mesmo cria e ocupam todos os espaços de nossa intimidade.

Sua introversão não o impediu de ser praticamente compelido por amigos a se candidatar à Academia Brasileira de Letras. Designadamente Adonias Filho se encarregou de angariar os votos necessários. Com o falecimento de

Levi Carneiro, Octavio ingressa na Casa de Machado de Assis, sendo lá recebido por Adonias Filho, em 6 de junho de 1972.

No dia 17 de outubro de 1980, Octavio de Faria participava de um almoço de atribuição do prêmio literário Fernando Chinaglia, no Clube Ginástico Português, quando sobreveio um derrame cerebral fatal. Octavio partiu para a eternidade legando-nos uma obra portentosa.

Qual o perfil existencial de Octavio?

Eis como ele mesmo se define: “sinto-me cristão, católico, católico mesmo, até às entranhas e no sangue que me corre nas veias”. E mais: “sou um católico que é ou pretende ser romancista”.

Coisa totalmente diferente me parece. Um autêntico romance não deve ser “católico”, isto é, visar a fazer moral católica – que é matéria dos manuais de apologética. Acontece, porém, que se o romancista, pessoalmente, for católico, e se escrever com total sinceridade, fatalmente seu romance terá de ser classificado como “católico”. Testemunhando sua verdade íntima, sendo absolutamente sincero na forma como mostra o mundo – o universo que Deus criou – e, sobretudo, como funciona, como se afasta e como se aproxima de Deus, de suas leis, o romancista estará certo, mas não poderá deixar de ser classificado como “romancista católico”.

Dedicou-se plenamente à sua vocação de escrever, como Marcel Proust e, no Brasil, Antonio Carlos Villaça. O múnus de escritor sufocou, com plena consciência dessa opção, quaisquer outras possibilidades de seu viver.

Comenta-se o estilo octaviano apontando-lhe um certo desleixo. Octavio não se defende. Apenas acentua o empenho de seu viver escrevendo: “trabalho muito, mas trabalho quando quero e sem nenhum horário rígido, prefixado”. E adiante, assente: “uma literatura com alma pode dar-se ao luxo de descuidar-se em alguma medida da perfeição do estilo”.

Mário de Andrade, após ler *Mundos Mortos*, o primeiro volume da *Tragédia Burguesa*, editado em 1937, escreveu a Octavio: “seu livro é muito bem escrito, numa linguagem natural que a gente nem percebe que é boa, tanto faz ela em não aparecer”.

Antonio Carlos Villaça, recentemente desaparecido, no mesmo sentido sustenta que “há alguma coisa de definitivo num texto, mesmo imperfeito, mesmo inacabado”, para acrescentar “a arte literária requer uma espécie de liberdade interior”.

Os reparos ao estilo de Octavio são recorrentes. Uma ou outra exceção confirma o veredicto. É bem de ver que a espontaneidade no ato de escrever é conatural à obra de Octavio. Ceder aos rogos de um purismo neste caso talvez equivalesse a lhe malbaratar a criatividade. Só o impulso de transferir para o papel as emoções, os sofrimentos pungentes, os dramas de consciência no preciso momento de seu nascimento poderia ditar regras ao autor.

Foi copiosa e farta a colaboração de Octavio de Faria em revistas e periódicos: *A Ordem*, do Centro Dom Vital, fundada em 1921 por Jackson de Figueiredo, passará a receber a colaboração de Octavio a partir de 1927. *A Literatura*, dirigida por Augusto Frederico Schmidt, abriu as portas ao romancista carioca com sua crítica literária e de cinema. *Letras e Artes*, *Leitura*, *Revista Acadêmica*, *Boletim Ariel*, *Pelo Brasil*, *Hierarquia*, *Revista de Estudos Sociais* e *Panorama* acolheram escritos do romancista que madrugara para as letras.

Suas primeiras obras respiram temáticas de cunho marcadamente político: *Maquiavel e o Brasil*, (1931) e *Cristo e César* (1937). O livro *Destino do Socialismo* (1933) recolheu as surpresas da era das ideologias e processou as confidências políticas de Octavio. É bem de ver que o autor partiu de convicções socialistas para, logo após, com elas romper e, numa época de opções radicais, ancorar no porto do outro lado de sua visão inicial.

A ideologia pende para a adoção de certezas, por constituir vezes sem conta um sistema apriorístico e até acético de idéias de deficiente organicidade. Havendo se desligado do socialismo, passou Octavio a lhe ver os escolhos e as deficiências estruturais. Criticou igualmente o liberalismo, aí restringindo seu espaço de escolha política.

Na década de 30, Alceu, com sua persuasão consistente, desviou o jovem escritor da militância convidativa e o romancista enveredou definitivamente para a sua genuína vocação de romancista – uma vitória da literatura. O ciclo político manifestado nos bancos universitários, e que prosseguiu com a publi-

cação dos três livros citados, haveria de ceder decisivamente com a publicação do primeiro dos quinze romances que compõem a obra imortal de Octavio, *Tragédia Burguesa*. O envolvimento com temas políticos nunca o levou à militância. Foi talvez um passo ideológico, numa curva da história em que as escolhas eram radicais de um lado e de outro dos extremos em conflito, nesta espécie de hemiplegia na expressão de Raymond Aron. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Octavio de Faria explicita a sua verdadeira prioridade, aquilo que constitui o solo preferencial de seu caminhar existencial: a defesa do Espírito.

Neste primeiro período de sua fecunda vida intelectual, Octavio se empolgou com a nova arte: o cinema. Em *Fan*, órgão oficial do Chaplin Clube, que havia fundado, publica dois ensaios, *O Cenário e o Futuro do Cinema* e *Significação do Far-West*, respectivamente em 1928 e 1930 e, em 1964, publicou *Pequena História do Cinema*. Imaginou os passos do progresso humano e se fixou nas surpresas que adviriam da sétima arte. Seguiu a palavra de Bergson: “o mecanismo de nosso conhecimento é de natureza cinematográfica”. Daí seu fascínio por Chaplin que costumava afirmar que “dar voz ao cinema é o mesmo que colocar palavras numa sinfonia de Beethoven”, para acrescentar “estão arruinando a grande beleza do silêncio”.

Octavio não via diferença entre escritores e diretores de filmes, ambos contribuindo igualmente para a cultura. Além de ser a arte do século XX, o cinema é testemunho da liberdade humana.

Houve um interregno no caminho de Octavio ao se lançar à desafiante tarefa de dramaturgo, quando publicou *Três Tragédias à Sombra da Cruz*.

De minha parte, julgo quase impossível para um cristão cavar fundo, com sua pena, o mistério da cruz, tal o envolvimento ontológico do escritor com a dimensão do desafio. Octavio enfrentou o óbice visceral e produziu três tragédias à sombra da cruz.

Das três, Judas é a mais comovente. Nela, o dramaturgo recolhe as fortes emoções que povoaram a alma de Judas. Seus pais são as personagens principais. Simão de Iscariotes, pai de Judas, sem atentar para a transcendência da traição, ante-sala do magno acontecimento da história dos homens, diz ao filho “amanhã não te lembrarás de nada”; “tudo se esquece, filho... Tudo...

Nada fica no coração dos homens por muito tempo”. “Nem o remorso, nem o sofrimento, nada...” Mas Judas processa a sua tormenta: “a face do Mestre, a face beijada por mim, não me sai dos olhos...”; “meu desespero é maior do que qualquer esperança”. Teologicamente está fixado o limite que nem Deus pode transpor. O perdão é pleno para quem se abre ao amplexo do amor divino. A rejeição total da mão estendida para o perdão exclui o homem do espaço da recuperação moral e espiritual e sela o divino respeito pela liberdade conferida aos mortais.

Mais uma vez, em seus escritos, Octavio confere ao homem o recanto da escolha plenamente assumida e o desdobramento existencial que dela decorre.

Octavio tinha verdadeiro fascínio pela poesia. Parafraseando Nietzsche se pergunta: será que “nós temos a poesia para não morrer da realidade?” O romancista e crítico aproxima a poesia do sofrimento, chegando a avançar que “o poeta é um enviado que vem de Deus aos homens para lhes contar o seu sofrimento, a sua caminhada pela terra”. Assim se confere ao poeta uma missão sagrada.

Em seu livro *Dois Poetas*, Octavio desvela a contribuição de Augusto Frederico Schmidt e de Vinicius de Moraes. Os aplausos ao *Canto da Noite* suplantam os limites da generosidade: “Não me resta a menor dúvida – dos livros de poesia escritos na nossa língua – dos que eu conheço pelo menos, e dos vivos como de mortos – *Canto da Noite* é o maior.”

Talvez o entusiasmo promanasse da consciência do romancista de que nele estivesse embutida a vocação de poeta que não emergiu. Afinal, a poesia não se confunde com o versejar. Versos vazios de poesia se acumulam em antologias à espera do ostracismo.

Octavio, com seu suporte filosófico, bem sabe que não se podem impunemente segregar poesia e filosofia como se foram universos impossíveis, medindo apenas a distância entre a metáfora e o conceito.

É o momento de abordarmos a grande obra da vida do romancista carioca: a *Tragédia Burguesa*, o cerne de seu legado.

Essa monumental obra, em que pôs todo o seu engenho e arte, foi prevista para vinte volumes, depois reduzida a quinze. O plano estava concluído

quando da publicação do primeiro volume, *Mundos Mortos*, em 1937. Trata-se do mosaico mais completo da sociedade carioca dos anos vinte e trinta. Ao primeiro romance haveriam de seguir-se *Os Caminhos da Vida*, *O Lodo das Ruas*, *O Anjo de Pedra*, *Os Renegados*, *Os Loucos*, *O Senhor do Mundo*, *Atração*, *O Retrato da Morte*, *A Montanheta*, *Ângela*, *A Sombra de Deus*, *O Cavaleiro da Virgem*, *O Indigno*, *O Pássaro Oculto*. *Atração* e *Montanheta* somente foram publicados após a morte de Octavio.

Este painel literário se alça a um patamar universal pela temática profundamente humana que a impregna e não pelo momento fugaz de uma crise da burguesia carioca das décadas de vinte e trinta. Suas personagens ganham vida na pena ágil de Octavio, por maneira a que os reconheçamos como se foram seres vivos diante de nós, com suas paixões, seus dramas de consciência ou sua inconsciência ética, e até seu intento por vezes angélico de perfeição. Todas as paixões humanas aí são desentranhadas, vividas ante nossos olhos atônitos, que não desgrudam da leitura que abrasa a alma do leitor, que acompanha com frêmito o desenrolar de biografias sempre à beira do precipício, a sinalizar situações-limite tal a dramaticidade de seus impulsos voltados para uma negatividade que parece tantas vezes impor-se a seres humanos desamparados de esperança e mais propensos a sorver o cálice existencial bem amargo que lhes é ofertado. A fé, a paixão, o amor verdadeiro, o adultério, o aborto, a dedicação, o perdão, a graça, o pecado, comparecem com os matizes diferenciais das personagens esculpidas com invulgar mestria a nos revelar a grandeza e miséria do homem.

A obra ciclópica mescla com originalidade os grandes temas da interioridade pessoal e os desvãos da vida social, numa rara harmonia de tratamento psicológico com a visão global da sociedade em processo de decadência moral e espiritual.

Pela vastidão e profundidade do projeto, *Tragédia Burguesa* pode ser comparada ao painel de grandes romancistas como Balzac, Proust, Faulkner, Dostoievski. Por suas páginas, as personagens Branco, Carlos Eduardo, Padre Luís, Remi, Pedro Borges, Ivo, Ângela, Lisa Maria e dezenas de tantos outros desfilam com suas entranhas cinzeladas com tal vigor que passam a viver conosco ao longo da vida, até porque o projeto nasceu no dealbar da trajetória

ria do autor, já inteiramente concebido. Durante décadas Octavio nos manteve atentos à sua grandiosa obra romaneada, iniciada em 1937 e, concluída em 1977. Quarenta anos de plena dedicação e mesmo devoção ao seu gigantesco projeto o consagrou como um dos maiores romancistas brasileiros. Mesmo quando apenas os dois primeiros volumes da grande obra haviam vindo a lume, já Mário de Andrade emitiu o juízo altamente encomiástico ao *opus magnum* de Octavio de Faria: (ele) “já nos deu dois romances de grande valor, obras que pela sua originalidade e força criadora estão entre as principais da nossa ficção. Só nossa?”

Muitos críticos se debruçaram sobre a obra ficcionista de Octavio de Faria. Seu amigo fraterno, Adonias Filho, soube captar a riqueza metafísica do romancista, ao sublinhar “o encontro de Octavio de Faria com a ficção existencialmente inquiridora e contemporânea de Mauriac, Bernanos, Chesterton, Graham Greene”. E situa a criatura “na condição de sofrimento entregue à própria liberdade para a salvação, herdeira de pecados, solidão e angústia”. Assinala ainda que “o ficcionista se move em torno de um valor ético, de uma consciência moral e de um sentido psicológico que se associa à introspecção. E é a introspecção que, provocando certo impulso metafísico, conduz o romance em direção ao roteiro de Deus, sua motivação fundamental. O romance... dirige todos os seus movimentos para Deus”.

Vilaça aponta três figuras mais expressivas do mundo mural de Octavio: o padre, o adolescente, o demônio. E continua o saudoso escritor, “o demônio não é folclórico, mas teológico, tragicamente verdadeiro sem uma negatividade absoluta, em seu élan de tudo pervadir, até as entranhas da alma humana, neste mister poderoso de aluir as bases da condição humana, retirando-lhe a razão de ser”.

Deus e o demônio terçam as armas e afinam sua acuidade para mais bem inspirarem o humano agir das personagens. É onde se reflete o influxo de Georges Bernanos e Julien Green no desempenho ficcionista de Octavio e por ele, de certo modo, reconhecido. Escreveu o autor em *A Ordem*, órgão do Centro Dom Vital: “A religião de Bernanos procura mostrar Deus e o caminho do paraíso. A de Green o diabo e o caminho do inferno.”

Eduardo Portella foi um sucessor à altura de Octavio. Recebido por Afrânio Coutinho, tomou posse em 18 de agosto de 1981.

Ao tratar da composição romanesca em Octavio de Faria, Eduardo Portella lhe reconhece o alcance metafísico, sem descuidar do sentido social e da “fruição dramática”. Realça o esforço octaviano para “resistir à derrocada do espírito nas malhas da razão instrumental”, num mundo empobrecido por perdas do paraíso, das ilusões e da linguagem, das ideologias. Em uma simples frase, Portella resume com raro senso de penetração crítica, ao assentir: “o que a ideologia desfez, a arte refez”.

Eduardo Portella sucedeu a Octavio de Faria. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Octavio sintetiza o seu escopo fundante:

“No pequeno horizonte de minha visão pessoal, outro ideal não tive, em toda a minha já hoje longa vida, senão esse de viver sem trair o espírito, de manter sempre acesa essa fidelidade que aprendi no berço e que meus mestres, os de meninice e os de maturidade, os de vida ensinada como os de vida vivida, sempre me fizeram colocar acima de tudo...

Minha geração foi uma geração que lutou, que sofreu, que sangrou, que se consumiu nessa batalha em torno da fidelidade ao espírito. E, se muitos erros cometeu, ao se deixar levar a posições extremadas quase inumanas às vezes, freqüentemente fronteiriças dos piores abismos — os que ladeavam a direita e os que ladeavam a esquerda — não duvideis, um só instante, de que somente uma preocupação a norteava: essa obsessão intemorata na defesa do Espírito.”

O mosaico complexo dos dramas que se entrelaçam apontam para um realismo subjetivo, na expressão de Alfredo Bosi, mas que não descuram o enfoque social que se percebe em torno da introspecção predominante.

Há uma riqueza de personagens que habita o universo romanesco de Octavio: Branco (o sofrido ser em busca de uma perfeição impossível), o Padre Luís (o conselheiro de todos, a absorver os dramas dilacerantes dos personagens que nele perseguem o intento de encontrar uma paz já então inatingível), Paulo Borges (o sedutor insensível aos mínimos reclamos éticos), Ângela (a moça solitária prestes a se deixar envolver em tramas diabolicamen-

te arquitetadas), Reni, (a infeliz encarnação do mal, alma catalizadora do Senhor do Mundo), Carlos Eduardo, (um adolescente que desapareceu conservando a sua inteireza), Ivo, (flutuando entre os degraus do pecado como forma de alcançar, adiante, a possível perfeição), e dezenas de outros figurantes da tragédia esmiuçados pelo romancista.

Branco é nome indicativo de um roteiro existencial. Fala da pureza ansiada, só detectada nas fimbrias dos romances de Octavio. É o adolescente que timbra em viver a retidão moral, um jovem católico impregnado pela busca de perfeição, sabendo embora que os seus pares não haverão de poupá-lo do rodamoinho das paixões, nem ele conseguirá distanciar-se da negatividade que envolve toda uma geração da classe burguesa. Ivo parece empreender a mesma caminhada. Mas o autor nos adverte, num cotejo entre Branco e Ivo: “o que Branco não compreende em relação a Ivo é que Ivo pertence a essa espécie de pessoas que precisam experimentar, um por um, todos os caminhos errados para então, no final, aceitar livremente o caminho certo (conclusão que, naturalmente, só se tira depois que se acaba de ler toda a *Tragédia Burguesa...*). Mas Branco, que pensa um momento nisso, logo no início, não pode compreender esse modo de ser de Ivo. Experimentar todos os caminhos significa, para Branco, perder-se, perder-se inevitavelmente. Pois ele pensa, de acordo com a sua natureza, que, na prática, o número de caminhos do mal é infinito. Uma série de combinações misteriosas faz com que nunca ninguém (assim pensa Branco, sempre de olhos abismados na sua natureza) chegue a considerar esgotados os caminhos do mal. E recomeça sempre. E não se salva nunca. Inútil insistir: basta lembrar que, para Branco, o grande perigo é justamente sair do caminho certo”.

Carlos Eduardo foi ceifado em sua inocência e, na visão cristã, a perda implica em redução humana significativa. É a comunhão dos santos, vaso comunicante entre todos os homens neste sobe e desce da contradição que permeia a terra dos homens.

Padre Luís está numerosas vezes no olho dos furacões que ocorrem à sua volta neste auto-aniquilamento da burguesia, sim, mas, sobretudo, de almas jovens que jamais encontram a paz, fruto de uma ordem interior buscada, porém nunca alcançada. Parece haver uma dicotomia, ou melhor, um mani-

queísmo vindo de Pascal e que vincou o tecido existencial de Octavio, transplantado para as folhas em branco. Antonio Carlos Villaça atira a barra mais longe e chegar a falar de jansenismo presente na visão cristã de Octavio. Ou então, como se o romancista vivesse circundado pelos muros da fortaleza de Carcassone, plena de cátaros, e haja sido assediado sem proteção diante da sedução do Senhor do Mundo. Como todos os reducionismos a propensão em abrir espaço para o demônio se mostra nos romances de Octavio com todo o seu cortejo de jogos em que a sedução prima sobre as demais manifestações da imperfeição conatural aos homens.

As dicotomias cristalizam o real, impedem o espírito de navegar em águas mais amplas e abertas a um olhar perquiridor prene de profundidade. Aqui, não. É o padre Luís vivendo as tragédias de uma classe burguesa em processo de autoflagelação permanente. Em sua solidão, o reverendo recorre a todos os argumentos e mesmo se vale de artifícios para redesenhar algumas almas, (na maioria jovens), jovens que buscam ou pressentem a aproximação, não de uns seres abstratos, com que Aristóteles nos presenteou, e sim à cata do Deus vivo e não do Deus dos filósofos. O padre acolhe confidências, numa escuta privilegiada. A verdade é que o sacerdote vive a sua *via crucis*. As personagens são as estações que o católico persegue nas igrejas e capelas a nos falar a linguagem do sofrimento ontológico de muitos que vivem, pascalianamente, gemendo, nesta certeza paulina de que a crucifixão de Jesus Cristo está em marcha. Nós a estamos completando diuturnamente. Assim, Ele está a nosso lado, em vigília e na acolhida da misericórdia. Branco, Pedro Borges, Ângela, Reni, Ivo, Lisa Maria, Paulo Torres e tantos, tantos outros recorrem ao padre Luis, cuja alma se despedaça no silêncio de seu refúgio em que a reflexão sobre os destinos que transitam pelos corredores de seu habitat faz contraponto com suas preces tingidas do sangue das dores, melhor dizendo do lodo das ruas.

Octavio se imiscui na narrativa e o faz com vigor. São momentos ou instantes privilegiados em que a tragédia firma o seu domínio e parece aluir as bases de sustentação das personagens. É como se ele, com seu intervencionismo, esperasse trazer um halo de paz às almas sofridas, às carnes dilaceradas, aos espíritos flutuando sem destino ao sabor de suas paixões incontidas e incontroláveis. Corre um frêmito qual grito de socorro e o escritor comparece em lágrimas à cena do romance e lhe empresta a sua solidariedade, feita de

permanente atenção à alteridade. Parece em tais momentos que a fé se estiola no palco escuro em que a vida não mais clama por si mesma, mas se entrega perdida aos ventos impiedosos do tempo vivido, da culpa que teima em habitar o coração das personagens, da malignidade que emerge dos dramas pungentes que bosquejam a arena do romance-rio. O mal por tal maneira se insinua e mesmo por vezes domina o cenário que somos tentados a cuidar que o Senhor do Mundo já não deixa espaço para o Bem. Com Octavio, o demônio faz sua entrada na literatura brasileira, como sublinhou Villaça. E nós adicionaríamos: pela porta da frente. Já o Deus escatológico comparece como um centro das súplicas, das preces sofridas e do conselho do padre para prosseguir na caminhada em que encontra muitos ouvidos moucos, já desembarcados do sentido da vida, despovoados axiologicamente porque entregues à desesperança.

O embate entre a luz e as trevas cifra e mesmo perpassa o projeto global e nos aponta para as fronteiras da santidade, convite aberto a todos, mas de difícil praticagem.

Octavio, ao buscar os caminhos da vida – para ele, da santidade – respira as dores do mundo, mergulha na condição humana e parece secretar certo pessimismo cristão. Pudera, não foram Pascal, Kierkegaard, Nietzsche, Bloy os seus inspiradores mais freqüentes?

Octavio mergulhou nas profundezas do mistério existencial e parece se identificar com as personagens, designadamente Branco. Diz ele: “Muitas vezes me pergunto se não estou caminhando para fazer de Branco eu mesmo. Vou, aos poucos, metendo no personagem tantas coisas que são minhas – e que não estavam absolutamente no personagem inicial – que não sei como acabará.”

As dimensões multifárias da cultura de Octavio nunca obscureceram a sua vocação medular de romancista, para quem “o verdadeiro romancista não morre. Se morreu, não era romancista”. Assinalamos o pessimismo cristão de Octavio, que tangencia o desespero. Este terá sido o vinco de seu recado. Mas, ao fim da obra ciclópica, no fecho do último volume da *Tragédia Burguesa*, Octavio se vê diante de Branco, na prisão, ele o cavaleiro da Virgem, o ser vocacionado para a santidade sofrida, e se insinua na gravidade do

momento uma réstia de luz e o jovem prossegue em sua oração “cada vez mais longe do mundo, da lógica ensandecedora dos seres. É quase madrugada. E, a seus pés, desfeito, jaz o Príncipe do Orgulho... É cedo, é manhã quase, é aurora... e os pássaros já começaram a cantar, em mim, em todos nós”.

O patrono desta nova cadeira da Academia Brasileira de Filosofia nos confia, nas derradeiras linhas de sua majestosa contribuição literária, a mensagem de que o mal, no início de um novo dia, terá sido ultrapassado e a aurora firmado o seu vigor. E, agora sim, os pássaros poderão cantar livremente simbolizando, mesmo no fundo do abismo, a Presença pela qual almejam as almas sequiosas de amor, esperança e justiça. Esta foi a derradeira mensagem do romancista-pensador Octavio de Faria.

## TARCÍSIO E NOSSOS TEMPOS DE TRANSCENDÊNCIA

Candido Mendes de Almeida

*Discurso de Recepção a Tarcísio Padilha  
na Academia Brasileira de Filosofia  
13 de junho de 2005*

Data já do meio do século passado a defesa de tese de Tarcísio Padilha, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *A Ontologia Axiológica de Louis Lavelle*. O estudo plantava-se, de logo, na maturidade antecipada do pensador brasileiro, a se constituir como referencial obrigatório, se não canônico, para a fixação de legítima vertente da modernidade filosófica do nosso tempo. Pude assistir à cadência e à segurança da sustentação, tão rara como prática, do nosso exercício da reflexão, rédea contida ao lampejo intuitivo, bridão à cata da trilha inovadora, na pobreza, então, das alternativas de nosso pensamento. Imobilizava-nos entre a exaustão marxista e do cientificismo agnóstico e o repetitivo da inquirição neotomista, que Alceu – expressão, à época, de Jacques Maritain no Brasil – começava a reconhecer, mesmo antes do *Paysan de la Garonne*. O esforço do Padre Penido, no melhor da hermenêutica trazida, com todo o sotaque, de Louvain, só a extremava.

Tratava-se dessa opulência do *corpus* de certeza, do “cavalheiro do absoluto”, farpeada, na geração de Tarcísio, pela insurgência existencial, em que brotava a complexidade contemporânea. Da interrogação epistemológica pós-husserliana; do ôntico heideggeriano *versus* o ontológico, nesse assento do relativo imposto ao caminho da transcendência.

Fomos colegas nesta Faculdade de Filosofia, ainda no Palacete Joppert, em que Franca, frente ao saber perene, quase de rigor numa neo-Universidade

Católica, já fazia de Blondel o seu pensador preferido. Era a marca específica da tensão do conhecimento, sugerida pelo pensar *aggiornado* que Tarcísio participaria, nessa precisão epistêmica, de par com o imperativo de abertura do conhecer sobre o concreto, só concertável em ação, ou nessa *filia*, se não nessa práxis, de nosso tempo, da deontologia como senda da metafísica.

Franca convocaria a cabeça jovem, e logo pressentida, de Padilha para a construção desse novo *Ursprung*, ou levante de uma arquitetura da subjetividade, frente à filosofia perene, como portadora, datada, da interrogação ontológica. O absoluto se compraz, sempre, na insaciabilidade com que o tempo se entrega numa episteme, em que é o próprio da transcendência reptar sempre o *cogito*. O constitutivo do homem, como do filosofar, é da rebeldia da nossa formação, como seres no mundo, em que a contingência esconde, ainda, o seu paradoxo, como infinito desvelamento da ambigüidade.

Todo o existencialismo, na marca fundante do século XX, adicionava à própria história do logos esse *caveat* para ficar, no que é essa decantação do absoluto instigante, incessantemente colhido pela ideologia, frente ao universo da realidade, só perceptível na purga do sistema como a inevitável redução do mesmo logos, ou da contínua reificação. A tal nos remetia o imperativo hermenêutico heideggeriano na pós-modernidade, em que se reencontrariam Lukács, Lyotard, Marion, Derrida ou Ricœur.

Tarcísio foi à escarpa sem concessões no cometimento epistemológico, *sub tegmine fagi*, nesse remontar que Lavelle trazia à exigência-limite da ontologia axiológica. A tese emprestava uma nova flexão ao *cogito* contemporâneo entre nós, num quadro em que um pensamento confessional tenderia a se manter cativo da aula magna, em que o Padre Penido, nos 50, reforçava a caução da “filosofia perene” a qualquer próprio à reflexão de um *hic et nunc* ou de um tempo histórico.

Na linha de Gabriel Marcel, a vereda de Tarcísio permeia-se pela contingência-circunstância, em que nunca nos evadiremos da *prima vocce* orteguiana, para buscar o tético na afirmação da contradita: a transcendência se implica no existencial da morte, como quer Peter Wust, e se enuncia como esperança, à busca da sua fundação.

A força do primeiro *opus* do brasileiro, no que intuía como o “mais” de uma práxis, no reclamo axiológico de Lavelle, manifesta-se, nessa antecipação da transcendência, como demasia existencial do concreto. O filósofo francês, entretanto, faria desse *plus* da participação o fio da revelação do valor como transcendência, antecipada e constitutivamente referida. O “Espero em ti por nós”, no remate de Gabriel Marcel, mesmo que num recurso pletórico a um espiritualismo *hic et nunc*, compõe-se, por Tarcísio, numa verdadeira devolução da radicalidade, em que o “ser no mundo” se transforma em “ser de liberdade”. E este só se dá como vir-a-ser, no modo da temporalidade que postula a esperança, ao contrário do desespero igualmente radical, ou do ceticismo da lucidez agônica. Ou preso à incompletude infinita, a que o excesso de cautela epistêmica poderia ter levado o específico relativismo contemporâneo à aporia e à hermenêutica vazia.

No fim do último século, desdobrou-se toda a riqueza das cauções do vir-a-ser, pedidas por essa provocação do absoluto feito história, em todo o reconhecimento em que se traduziu – mostra-nos Ricoeur – a gnose existencial. Na tradição do pensar da filosofia do espírito, Tarcísio passa, pela validação de Lavelle, ao real concreto; à dimensão essencial com que a mundanidade implica a transcendência. Todo o último século foi a esse trânsito do *cogito* ao reassento epistemológico de Husserl, concomitantemente à mirada da existência heideggeriana, no seu destaque final entre o ôntico e o ontológico.

A esperança de Tarcísio enfrenta o mesmo repto redutor mentável à *intentio* husserliana – de uma fenomenologia do desamparo –, não passasse pela experiência de Kierkegaard, para firmar-se num *a priori* tético, legitimamente deontológico, em que se constitui também o “ser de fundação” de Heidegger. A prospectiva se insinua nessa reflexão-limite como a pulsão simétrica à inserção: *exuda* ou transborda o sentimento de totalidade, prisioneiro da finitude defrontado por Lavelle, no cerne da intencionalidade do pensamento do filósofo brasileiro. Ou de seu contributo nessa *mentatio* à montante, como instância original, em que marcou a desconstrução pós-moderna, no desencapamento progressivo da infinita procura do primeiro referente, em que o modo de ser eidético se impõe, pós-Husserl, ao *cogito* tradicional, cuja carência torna-se implícita, na passagem sumária daquele ontológico ao deontológico do salto de Lavelle. Legítimo, mas em um *caveat* que seria suprido

por toda a linhagem de um pensar como o de Jean-Luc Marion, que tem em Tarcísio um companheiro de percurso.

Nosso filósofo alça o postulado a insuportável falta inicial: o etos é inseparável do vir-a-ser da subjetividade contemporânea e a esperança é o modo necessariamente plenário em que só se pode dar a percepção do absoluto como *plus* da existência, numa perfectibilidade sinônima da liberdade.

Nessa exigência axiológica-limite para o próprio enunciado do ser-no-mundo, Tarcísio mantém aberto o mais amplo dos leques fenomenológicos para a captura do transcendente, tão para além de todo reducionismo cartesiano. E a extrema modernidade do filósofo brasileiro está na conseqüência desses caminhos que levariam até à mesma linha pós-heideggeriana de reassentamento da metafísica de Wittgenstein ou, talvez, do filósofo da sua preferência, *in pectus*, Weizsäcker, assegurando a integridade vestibular da carência existencial. Postula o absoluto como um *a priori* do ser, no enunciado de vivência que se dá como esperança. Mesmo, inclusive, sem a triangulação de Marcel, para erigir a falta como fenomenologia fundadora do *esse*, e do ato que a denega, como primeira afirmação do ser. Tarcísio se louvaria em Lavelle para, por aí mesmo, transferir o *positum* da verdade para além do objeto e a validade metafísica ao plano da subjetividade, na adequação da vivência do *sursum* de Peter Wust, do plexo participação-esperança.

Marion se afastaria do brasileiro no negar-se o fundamento estritamente do *esse* na constituição do ego. Mas para também transpô-lo no postulado da finalística, no que, entretanto, vai mais além da afirmação de um *télos*, para lá do reconhecimento ôntico da direta e imediata expectativa do *sursum* radical de Padilha. Marion requer a finalística integral do “conforto” trazido à fenomenologia da “confirmação do outro”, mais que de sua participação: o corpo lhe vem como mediação obrigatória e o erotismo como um fenômeno de sustento indefinido dessa espera, habitada por uma decisão mais primitiva. Segundo Marion, a da *cogitatio* antes do *cogito*, caucionando o ego como fundador de um enunciado, de logo, “intermundos”, confrontador da realidade, aprioristicamente, no que é a vaidade de enunciá-lo.

A produção do eu se anteciparia, para Marion, à de um verdadeiro fazer, como pede a teleologia, e à margem de toda incoação de certezas, cujo enun-

ciado poderia permanecer, a conformar-se com sua mera aporética. Ou, para Marion, à estrita “vanidade afirmativa”. Tarcísio contrapõe-lhe, nesse verdadeiro *stase* inicial, a práxis fundante como imediato postulado da carência, tal a insuportabilidade de qualquer vão enunciado do esse pela retorção mais cúmplice da finalística. E o faz pela afirmação radical do ego, e do *plus* do seu mais-ser, assentado no *sursum*, ou no plexo fundador da esperança. Seu, pois, um *positum*, uma afirmação, tão distintos dos neo-escolasticismos, na afirmação da filosofia perene – que se assenta, sem transigência, na constatação fenomenológica –, ou dessa tensão fundadora da modernidade.

Em todo esse terçar da cabeça, o próprio de Tarcísio é o desse delineio de uma efetiva dialética reflexiva, como a exprimiu no II Congresso Interamericano de Filosofia, em São José da Costa Rica, em julho de 1961. Ainda se reporta a Lavelle, mas para destacá-lo também do método analítico. E tal em obediência ao *insight* de Bernard Lonergan, para ir à contínua descoberta do real concreto, do assento da intersubjetividade, como convívio entre as consciências e, por aí – como a práxis e a última ponte pênsil da verdade –, à passagem de uma “intimidade individual à intimidade universal”.

Na abundância continuada da obra, em sua mais de meia centena, o itinerário mantém vivo o seu alerta em títulos como *Filosofia, Ideologia e Realidade Brasileira, Uma Filosofia da Esperança, Privilégio do Instante, Uma Ética do Cotidiano, La Idea de Dios en la Filosofía Contemporánea, Lineamentos de uma Dialética Reflexiva, Existência e Transcendência, Existence et Participation, De la Philosophie de l'Être à la Philosophie de l'Amour, Vers une Philosophie de la Participation, La Importancia de la Familia en el Magisterio de Juan Pablo II e A Filosofia de Ortega y Gasset*.

É dentro desse passo fundador do nosso tempo, nesse tempo seu de pleno e sensibilíssimo resgate metafísico, que Tarcísio trouxe, como legítimo existencial concreto, a reivindicação do que seja uma efetiva ontologia do homem brasileiro. No seu interrogante, vai à crítica dos repertórios, mais ou menos impressionistas, de um primeiro olhar sobre a subjetividade à obra em nosso fluxo histórico – ainda que não compreensivo, no sentido diltheyano do conceito –, à busca da real hermenêutica, no sentido da filosofia da cultura, do que represente um verdadeiro vir-a-ser brasileiro.

Impõe-se, desse último prisma, analisar e resgatar o que seja por demais um *fiat*, se não uma entelêquia, no identificar-se um processo de mudança ainda não determinado pela sua toma de consciência. Impõe-se uma tarefa de desconstrução epistemológica desses *a priori*s categoriais, o balanço dos pontualismos históricos, das pseudo-abrangências de época, ou da marca, ainda, de um reconhecimento da sociedade “para outrem” antes de ser a nação para si, dotada de um reconhecimento fundador, para que se diga e se assente sua efetiva subjetividade coletiva.

No elenco dessas conotações clássicas da nossa identidade, pôde Padilha ressaltar como as decantadas cordialidades ou passivismos, ou conciliações, são apenas primeiras configurações, todas abertas a um *co-esse* nacional, ao qual tais atributos serviriam como tópicos de reconhecimento, mas sem, ainda, uma determinação do que venha a ser um “Brasil para si” a enunciar definitivamente a nossa entidade coletiva.

Em quadro como esse, no melhor sentido heideggeriano, do “ser arremesado” em nossa circunstância, que marcas trará — e exatamente como fundadora — a reflexão que venha de uma toma de consciência e do seu constitutivo de realidade? E é o filósofo que, nessa hermenêutica inicial, nos dirá, num quadro como o da pós-dependência da estrutura colonial, como se identificaria a verdadeira assunção do interrogante fundador e do quanto ele dependeria, ainda, dos simulacros; por onde a pergunta vara um intermundo, garante-se a descoberta de um país em reflexo, jamais em reflexão. Até onde o “eu” ou o “nós” dessa impersonificação coletiva enfrenta já a derelicção da cultura ornamental das elites prosélicas, a marginalidade social passada à anomia, perdido o corte do significante, ou o começo da verdadeira hermenêutica de uma compreensão nacional? Ou até onde já saímos do escapismo contumaz dos velhos ufanismos, transpostos em enunciados pleonásticos, como o de Câmara Cascudo, de que “o melhor do Brasil é o brasileiro”?

O que se sustenta, nessa queda das escamas dos olhos, do que seja a nossa identidade como práxis e também sua frustração? O que, nessa tarefa, de coexistência com o racional e o inconsciente coletivo transfere-se aos totens simbólicos, e não à verdadeira participação coletiva? E em que coletivo de enunciado da esperança, no *caveat* ontoaxiológico de Tarcísio, emergirá esse

homem brasileiro? A prática política concreta da toma de consciência avança hoje um *a-priori* mobilizador, nos riscos-limite de uma ação fundante, por sobre o verdadeiro decantar cumulativo de uma idéia nacional, que só como projeto se pode armar no reenvio entre a ação fundadora e o reconhecimento que possa impeli-la.

Desde o filosofar decidido de Tarcísio, na Aula Magna da UERJ, no falar, pela primeira vez no país, sobre Louis Lavelle, a densidade da reflexão nunca se demitiu do rigor metodológico, nem concedeu, na sua abrangência de dar-se, o *Étant Donné*. No dar-se, de Marion, ao Brasil de seu tempo, veio à tarefa institucional, em nosso ermo do pensar maior, do *cogito* à obra. Fundou a Associação dos Filósofos Católicos; foi vice-presidente e membro do Conselho Diretor da *Fédération Internationale des Sociétés de Philosophie*; foi eleito e reeleito para a *Union des Sociétés Catholiques de Philosophie*; ocupou a Vice-Presidência da *Metaphysical International Society*; promoveu, como vice-presidente, a *Asociación Interamericana de Filosofía*; dirige as revistas *A Ordem e Presença Filosófica*; é integrante de *Communio*, revista de teologia; e foi secretário-geral do Congresso Pastoral, em 1997, quando da última visita de João Paulo II ao Brasil. Em 1984, 72 filósofos colaboraram no livro em homenagem aos 40 anos de magistério e de atividades culturais. Em suma, Tarcísio desdobrou-se, na sucessão de seu tempo, em associar o rigor do pensamento confessional à abertura da sua problemática. Seria mais que natural a sua passagem ao comando, nas últimas décadas e após a morte de Alceu Amoroso Lima e Heráclito Sobral Pinto, do Centro Dom Vital, na linha de reflexão do pensamento brasileiro confessional, sobre a crise e o que fazer do nosso tempo.

Alceu assentara a entidade no pedido de Jackson, afogado na Joatinga nem chegado aos seus 50 anos, no desempenho, à época, do plantão confessadamente reacionário de uma torna à manifestação da crença, e de sua reflexão na cultura brasileira, ainda nas primícias de sua laicização. Tarcísio, após Tristão e Sobral Pinto, e já em outro quadro de problemática da modernidade, emprestou à sua palavra todos os *caveats* da *Gaudium et Spes*, e da práxis da verdade, no seio da História e seus sinais.

No seu trabalho de reconhecimento internacional no testemunho do laicato, foi nomeado para o dicastério pontifício da família, para, junto com Ruth, passar à linha de frente de uma das reflexões-limite no questionamento científico da doutrina da Igreja. E, diante do avanço das biotecnologias, pôde trazer, bem à face mais ameaçada dos equívocos, o que seja a palavra da fé, no reconhecimento do que seja o nosso patrimônio de “ser-no-mundo” e de expressão, e de testemunho de um absoluto, frente ao “ser do homem” e todos os homens na História.

É no quadro de toda essa reflexão que não transige Tarcísio, na amplitude do arco aberto à reflexão da pós-modernidade, e exatamente pelo repertório da sua ontologia axiológica, assenta-a à práxis da transcendência.

Seus percursos não temem, antes passam pela desconstrução como seqüência da leitura da *intentio* e permitem ao nosso pensador essa legítima instalação da esperança de exigência redobrada no universo da “civilização do medo”; das cruzadas da caricatura da fé, no seu fundamentalismo; desse tempo prenehe do outro, como nós mesmos de Ricoeur, e da operação infinita em que o reconhecimento consegue antecipar a epifania à esperança. Ou leva Tarcísio, também, no mesmo impulso da cautela de Marion em *Etant Donné*, ao intimismo comunicativo, em antecipação sobre a participação lavelliana. Venha-lhe, então, por acréscimo, o discurso retemperado das certezas, seus escolhos, suas hermenêuticas, mantidas ao fio da mais exigente mundanidade.

O filósofo que hoje acolhe esta Casa traz-nos o ser de precaução, no terçar com o absoluto no que seja uma práxis da verdade, tão esplendidamente trabalhada entre o logos e o verbo. Uma práxis tão segura do seu tempo que não é ainda a de um cotidiano da reflexão, mas já guarda, por Tarcísio, os interditos de por onde não mais prospera a retórica da nossa subcultura, em todos os seus álibis do pseudocientificismo ou da arrogância da afirmação impune.

## HOMENAGEM A DOM MARCOS BARBOSA

*Palavras do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila\**

Lauro de Araújo Barbosa nasceu em Cristina, Minas Gerais a 12 de novembro de 1915. Fez seus estudos ginasiais em Itajubá e, em 1934, vem para o Rio, onde inicia seu aprendizado jurídico na recém-fundada Universidade do Distrito federal.

São desta época seus primeiros ensaios literários, quando na capital da República, ainda se sentiam as agitações que iriam modificar os rumos de nossa história política e cultural. Eram os impactos da Semana de Arte Moderna, que criara tantas turbulências, no meio literário e cultural. No campo político, eram as turbulências da revolução de 30, a reação constitucionalista de 32, era a surda insatisfação nos quartéis que explodiria na chamada intentona comunista de 1935, ou seja, no ano seguinte da chegada ao Rio de Lauro Araújo Barbosa; era a efervescência da Ação Integralista Brasileira, que ofereceria o pretexto final para a imposição do Estado Novo, em 1937.

Entrementes, nosso mineiro se aproximara do Centro Dom Vital, fundado em 1920 por Jackson de Figueiredo e que, desde 1932, funcionava no Paço da Cidade, onde em 1838, fora criada a mais antiga instituição cultural da América Latina, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi ali que, em 1934, conta Alceu, “me defrontei de imprevisto com um jovem pálido, tímido e desconhecido que, sem qualquer apresentação, vinha bater a nossa porta, como tantos outros de uma nova geração insatisfeita com a disponibili-

---

\* Estudo biobibliográfico apresentado na sessão de 16 de junho de 2005.

dade filosófica e religiosa e principalmente com a substituição de um Império anacrônico por uma República burguesa” (Resposta de Alceu ao discurso de posse de Dom Marcos Barbosa). Era o momento em que, por iniciativa do Papa Pio XI, se expandia a Ação Católica, a maior mobilização do laicato católico no mundo. No Brasil, ela também se desenvolvia sob a liderança de Dom Sebastião Leme, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, que nomeara Alceu Amoroso Lima Presidente da Ação Católica Brasileira. E Alceu convida aquele jovem mineiro “tímido e pálido” para ser seu Secretário. Uma nova vida começava para ele.

Lauro de Araújo Barbosa, terminado o curso jurídico, trabalhara no escritório de advocacia de José Nabuco, mas, em 1939, ingressa na Ordem de São Bento, no mosteiro do Rio de Janeiro, onde se ordenou Sacerdote em 1947. Ali conheceu D. Martinho Michler OSB, que de Beuron trouxera a renovação da vida monástica e da beleza da liturgia, da mesma Beuron, aliás, de onde ressoava o encanto genial e irreverente das Carmina Burana de Carl Orff.

Motivado pelo lema beneditino do *Ora et labora*, D. Marcos Barbosa orou e trabalhou durante 58 anos de uma vida que “melhor atendia às duas vocações inatas que trazíeis, em vosso coração e em vossa inteligência: o de uma profunda e espontânea espiritualidade e a de uma veia poética irresistível”, como disse Alceu Amoroso Lima ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras (ABL), no dia 5 de maio de 1980.

Entrando no mosteiro da Ordem de São Bento, o jovem percorre seus anos de formação monástica e vai descobrindo novas e secretas fontes de inspiração, na liturgia e na sua nova opção de vida.

D. Marcos Barbosa haveria de se assinalar como o homem da palavra falada e o homem da palavra escrita.

A primeira ele exercitou principalmente em seu programa diário da Rádio Jornal do Brasil. Não se perdia em especulações eruditas, mas levava conforto ao sofrimento, alento e alegria. Seus milhares de ouvintes experimentaram uma espécie de sentimento de orfandade com o silêncio final dos “Encontros Marcados”, transmitidos por mais de 40 anos.

Entretanto, ele se firmou principalmente como o homem de palavra escrita, ao qual dedico maior atenção.

### DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS

#### D. MARCOS, TRADUTOR

Ele foi um tradutor primoroso e fiel, não foi “un traditore”.

A obra cuja tradução revista por ele e pela qual maior gratidão lhe deve a Igreja Católica no Brasil foi certamente *Os Salmos*, juntamente com *O Cântico dos Cânticos* foram as mais cintilantes fulgurações do lirismo na cultura bíblico-cristã, no Brasil.

Dom Marcos vertera para o português, de Maurice Druon, *O Menino do Dedo Verde*, hoje na 59.<sup>a</sup> edição, e de Antoine de Saint Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, 44.<sup>a</sup> edição, 1997. Não são textos ingênuos. São símbolos da inocência que tem a intuição dos sentidos essenciais e da relatividade dos valores. Traduziu ainda: *Oração da Arca*, de Carmen Bernos de Gasztold; *Marcelino Pão e Vinho* de Josemaria Sanchez da Silva; *O Pão da Vida*, de François Mauriac. Fez uma adaptação das obras de Pe. Marcel-Marie Desmarais: *Pílulas de Otimismo*, em três volumes, e *Clínica do Coração*.

Entretanto, Paul Claudel foi o autor francês do qual traduziu mais obras. *O Anúncio Feito a Maria*, *Joana d’Arc entre as Chamas*, *Via Sacra*, *O Diálogo de Santa Escolástica* com seu irmão, São Bento, texto do qual fez a tradução em versos.

Paul Claudel que morrera com 87 anos, quando orientava os ensaios da peça *Jeanne d’Arc au bûcher*, no momento em que a heroína acabava de pronunciar, nos versos traduzidos por Dom Marcos:

*Como é belo viver e como a glória de Deus é imensa.  
Mas como é bom também morrer  
quando se acaba bem e sobre nós se estende  
pouco a pouco o obscurecimento de uma sombra escura.*

“À sombra de Deus sentou-se o grande poeta, comenta Dom Marcos, que encheu o mundo de uma luz que não se apaga, acesa na fé e no gênio.” (*A Ordem*, maio de 1955, pg. 345).

#### D. MARCOS, AUTOR

Dom Marcos escreveu em prosa e verso. É a única divisão excLudente que é possível fazer de sua obra literária. Entretanto, ele se notabilizou mais como poeta. Foi em versos que compôs hinos, grande variedade de autos, além de suas numerosas obras poéticas. Aliás, seu primeiro livro, *Teatro*, publicado no ano mesmo de sua ordenação sacerdotal, em 1947, prefaciado por Gustavo Corção, recém-convertido, era uma coletânea de pequenos autos em verso representados no próprio mosteiro.

No mesmo gênero literário dos autos, que lembram muito, os do Pe. José de Anchieta, ele publicou vários outros livros, entre os quais menciono, como os mais expressivos e os mais representados. *Mãe Nossa que Estais no Céu*, publicado em Belo Horizonte s.d.; *Para a Noite de Natal*, Petrópolis, Editora Vozes, 1963; *Para Preparar e Celebrar a Páscoa*; ibid, 1964; *A Noite Será como o Dia*, publicado em 1959 e reeditado em 1968; *Um Menino nos Foi Dado*, organizado por Lúcia Benedetti, in: *Teatro Infantil*, 1974.

As obras em prosa, que tiveram maior influência na formação do laicato católico foram *O Livro do Peregrino*, publicado em 1955; *O Livro da Família Cristã*, prefaciado por Dom Helder Câmara; *Um Encontro com Deus*, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1991, que publicara em 1985; *Nossos Amigos, os Santos*. Colaborou também em estudos de natureza cultural, como: *Manifestações de Autonomia Literária: a Escola Mineira e outros Movimentos* in: *História da Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, FENAMEC / CFC-1973; *A Arte Sacra*, Rio de Janeiro, 1976, Coleção Tema Atual.

A maior parte, porém, dos seus escritos em prosa foram as crônicas radiofônicas publicadas em *A Ordem* e *Encontro Marcado*, lidos durante quase 40 anos na Rádio Jornal do Brasil.

## D. MARCOS BARBOSA, POETA

Como poeta, não teve pretensões nem épicas nem trágicas. Seu lirismo se fez sentir em sua palavra escrita e em sua palavra falada: nas crônicas, nos autos, nos oratórios e poemas.

Ele é um poeta e a característica que nele me impressiona é a simplicidade, a total ausência de vaidade. Ele se deixa extasiar ante as belezas singelas, por exemplo, as flores:

*As muitas flores conversam  
no silêncio do jardim:  
Todos que passam me aspiram!  
Diz a primeira. O jasmim.  
Eu reino como rainha  
e sou por isso orgulhosa,  
Qual outra a mim se compara?  
pergunta, insolente, a rosa.*

*Da orquídea sofisticada  
à repetitiva hortênsia,  
gabam todos seus encantos  
numa fútil concorrência.*

*Porém, oculta entre as folhas,  
uma flor nos desconcerta:  
a violeta quer dar-nos  
o prazer da descoberta.*

A expressão, porém mais singela do lirismo de Dom Marcos talvez seja um livro *As Vinte e Seis Andorinhas*, no qual evoca a lembrança de um menino que viu sua mãe sorrindo lendo um livro que, para seu espanto, não tinha figuras. A mãe explica que as letrinhas escondiam histórias que faziam rir ou chorar. O menino aprendeu a ler e a escrever aquelas letrinhas.

*As letras são como flores,  
formando um belo buquê  
que o grego chama alfabeto  
e o português ABC.*

O menino tornou-se escritor. Chamava-se Gustavo Corção, que haveria de prefaciar o primeiro livro de Dom Marcos.

A poesia, para Dom Marcos, “não é apenas a plenitude do homem, ela é a sombra de Deus, o apelo de Deus, o limiar do paraíso e do mistério, a própria porta do céu”. (A Escolha da Poesia, *A Ordem*, 1961, p. 226.)

Foi ele que compôs a letra do hino do Congresso Eucarístico promovido por D. Helder Câmara, em 1955, e realizado num altar montado no Aterro do Flamengo. Milhões de fiéis por todo o Brasil contaram o hino cujas estrofes iniciais evoco aqui:

*Do céu desceu a chuva,  
a gota entrou no chão;  
a terra deu a uva  
a espiga deu o grão.*

*De todo o canto,  
Vinde, correi;  
Foi posta a mesa  
Do nosso Rei.*

*O homem com carinho  
curvou a rude mão;  
da uva faz o vinho,  
do trigo faz o pão.*

Iludir-se-ia, entretanto, quem visse em Dom Marcos Barbosa o poeta de pequenas poesias bem metrificadas e rimadas. Ele é também o poeta dos êxtases ante a beleza cósmica e a tragédia humana. Soube inclusive livrar-se dos rigores prosódicos. A beleza o seduziu, como ele mesmo confia no seu

discurso de posse na Academia Brasileira de Arte, a 12 de setembro de 1985: “só foi capaz de deixar de repetir o chamado de Deus, quando a Ordem de São Bento lhe revelou que a beleza apesar de tudo, não fora de todo banida da Casa do Senhor”. Eis um exemplo de seu êxtase ante o mistério da beleza e da dor.

MAR, MISTERIOSO MAR...

*A minha mão roçava a flor das águas  
E o fundo do meu tocava  
As árvores de coral.*

*Estranhos lírios colhidos,  
feitos de velas naufragadas  
e de asas partidas*

*Profundezas misteriosas do mar,  
que ninguém jamais viu.  
Onde apenas penetra,  
quando as ondas são claras,  
nas noites de lua,  
o olhar apagado  
dos Mártires cegos.*

*Mar,  
quantas túnicas guardas no teu fundo,  
das virgens que se despiram  
e foram de porto em porto.  
Quantos corpos de recém-nascidos  
que os peixes não ousaram tocar.*

*Por isso, mar, és negro no teu fundo  
e quando todos dormem tranqüilos  
na noite quieta,*

*na noite de estrelas,  
só tu te agitas,  
rangendo os dentes.*

*Mar, misterioso mar ...  
de quantos corpos de suicidas  
és o habitáculo profundo?  
Quantos buscaram em ti o esquecimento:  
uns se atiraram na água límpida do rio,  
na esperança de que o seu corpo recebesse a carícia  
das lavadeiras que amaram  
e das crianças que tinham invejado...  
Mas tudo atraís para o teu seio,  
para o teu antro.*

*Há um mar de lendas,  
um mar de palácios.  
Passeiam nele mães-d'água,  
metade mulher, metade peixe,  
penteando com pentes de ouro cabelos de prata,  
de onde rolam esmeraldas.*

*Esse mar é mentira.  
Quem já viu esse mar?  
Mar terrível,  
mar monstruoso,  
lançando a divisão entre as terras.  
Os que morrem em ti e em ti naufragam  
não têm a calma tranqüila,  
o sono abençoado à sombra da cruz.  
Mas vagam sem termo  
no dorso das ondas,  
jogados, coitados,  
do norte pro sul.*

*Mar, belo mar selvagem,  
que inspirastes os poetas de todo os tempos  
e deste ao cetro do rei  
as pérolas do teu seio.*

*Que pouco nos dás,  
em troca do que damos!*

*Nós te ofertamos  
os corpos flexíveis dos nadadores,  
as madeiras sagradas dos altos cimos,  
das quais se talharam as primeiras canoas.  
Nós te oferecemos  
os homens que caíram do céu, como estrelas,  
velozes como flechas.  
Nós te demos, ó mar,  
a cidade em miniatura dos grandes transatlânticos,  
onde havia mulheres de todas as raças,  
turistas indiferentes,  
missionários com rota prevista,  
emigrantes de braços conquistadores,  
exilados melancólicos  
e escravas marcadas.*

*Nem isso, ó mar, aplacou a tua cólera.*

*Nos ramos do teu coral,  
que são árvores aflitas se contorcendo,  
há pedaços de vestido e de cabelos  
dos que se debaterem contra ti.  
E há, nos rochedos do teu fundo,  
corpos nus que cobriste de conchas  
para que não voltassem à tona.*

*Mar, que nós dás os peixes,  
que valem os peixes?  
Tu é que pescas.*

*Mar terrível, mar de pecados, mar de lamentos,  
penitente público,  
chorando de noite,  
batendo no peito das rochas,  
mas sempre seduzindo os viajores incautos  
e as mulheres desiludidas.*

*Quando repousarás, ó mar?  
Quando serás tranqüilo como os olhos mortos  
e o gesto sereno dos santos?  
Para que habite em ti,  
como no Princípio,  
quando as coisas não eram,  
o Espírito Vermelho,  
que vaga no mundo  
turbando os homens.*

(1939)

Na sua vida, encarnou a inspiração do lema do monge da Ordem de São Bento: *Succisa virescit*. A planta cortada rebrota verdejante. O sofrimento, longo sofrimento, que o golpeava nunca o impediu de florescer de novo em sua intensa e múltipla operosidade, em suas crônicas radiofônicas, seus poemas, sua atividade jornalística, seus artigos, seus autos, sua correspondência. Foi somente nos últimos três anos de sua vida que a dependência do tratamento reduziu seu ritmo de trabalho, mas nunca lhe arrefeceu a certeza de que, golpeado pela dor, haveria de reverdecer na plenitude instantânea da glória.

O amor, mais forte do que a morte, inspirara já ao jovem Lauro Araújo Barbosa, recém-chegado das Minas Gerais, a poesia, na qual Antônio Corrêa de Oliveira via a promessa de um grande poeta, e que o autor oferecia para ser publicada na revista *A Ordem* em 1937, dois anos antes de sua entrada no

Mosteiro. Alceu, que atesta o fato, vê no poema uma sublimação de amores adolescentes no mais puro amor celeste. Vejo no poema a afirmação da certeza cristã no destino definitivo da criatura humana, como o revela o próprio título:

#### RESSURREIÇÃO DA CARNE

*Teu corpo  
Perfeito como o vaso do oleiro  
Em que bebi a essência de tu'alma  
Há de voltar ao solo  
De onde vem a argila.*

*Tuas mãos,  
Que se erguem numa oferta,  
E se puseram sobre as minhas num gesto de noivado,  
Hão de tornar-se um húmus,  
De onde vem o lírio.*

*Teu cabelo,  
Que cobria tua cabeça como um véu,  
Diante da minha majestade de homem,  
Há de voltar às minas  
De onde vem o ouro.*

*Teus olhos,  
Carvões desoladores,  
Que queimaram a minh'alma e purificaram o meu corpo,  
Se apagarão no céu,  
De onde vem a luz.*

*Tua boca,  
Livro purpúreo  
Que guardava as palavras da Sabedoria,  
Mergulhará no mar  
De onde o coral vem.*

*Teus gestos, sombrios como um culto,  
Que marcaram o limite do meu mundo,  
Hão de perder-se no espaço  
Como em um vôo ferido.*

*Tua voz,  
Que aplacava a minha ira  
E chega à torre do meu exílio,  
Há de se partir como a corda  
De onde vem o som*

*Teus passos,  
Que marcaram sulcos na minha carne,  
Hão de se perder como o rastro do peregrino,  
Que a areia do deserto apaga  
Na direção incerta.*

*Mas um dia,  
Ao soar das trombetas,  
As tuas partículas desagregadas,  
Entradas na formação de outros mundos,  
De novo formarão um todo perfeito,  
Sem ruga e sem mancha.*

*Então os anjos,  
Com as suas asas de fogo,  
Longas e rubras,  
Formarão um círculo em torno do teu corpo  
Para defendê-lo;  
E ele será como a cidade invicta,  
Onde ninguém penetra.*

*Mas quando eu chegar,  
Transfigurado,  
Na minha veste de núpcias,*

*Os anjos se afastarão,  
Silenciosos...*

*E eu, comovido,  
Ante a tua beleza,  
Que nada iguala,  
Apenas tocarei, com medo,  
A orla do teu vestido.*

Entrando no mosteiro, na Ordem de São Bento, o jovem percorre seus anos de formação monástica e vai descobrindo novas e secretas fontes de inspiração, na liturgia e na sua nova opção de vida.

E não demorava muito para que iniciasse sua trajetória de escritor, “numa linguagem saborosa, moderna, viva, plástica, diáfana [...] que lhe permitiu construir uma obra discreta, feita de sutileza, de pureza, de angelitude, no sentido da leveza e da delicadeza”, como dele escreveu Antonio Carlos Villaça.

D. Marcos Barbosa publicou muitos autos. O mais longo e mais lindo é o auto Maria, Mãe de Deus e dos homens, que, aliás, inclui textos de Gabriela Mitral e Cecília Meireles. Quem melhor escreveu sobre os seus autos foi nosso colega Sábado Magaldi, no ciclo de conferências do Centenário da Academia Brasileira de Letras, sobre o tema Os dramaturgos.

Dom Marcos, em seus artigos e alocuções, dedicou um carinho especial ao amor humano consagrado pelo sacramento do matrimônio, à família cristã, através de inúmeros autos, poemas, recitais, homilias, como a pronunciada no Mosteiro, em abril de 1957, quando abençoava o casamento de Marcílio Marques Moreira e Maria Luiza Oliveira Pena. Essa preocupação com a obra-prima da cultura cristã que é o lar cristão, a família cristã, era talvez inspirada por um sentido premonitório das graves crises que a família enfrenta hoje e que motivou a convocação, aqui para o Rio de Janeiro, do I Encontro Internacional sobre a Família, presidido pelo Sumo Pontífice, João Paulo II.

É a esse amor consagrado na família que ele dedicou uma das suas mais belas poesias:

## O OURO DO AMOR

– *Ouro saído das minas,  
o que na terra vais ser?  
– Serei do rei a coroa,  
o cetro do seu poder.*

– *Ouro saído das minas,  
qual na terra o teu destino?  
– Serei do poeta a pena  
jorrando o verso divino.*

– *Ouro saído da terra,  
na terra qual o teu fado?  
– Serei um par de alianças  
para selar um noivado.*

*Um foi ouro de poder,  
outro foi ouro de glória;  
mas foi o ouro do amor  
que teve a mais bela história.*

*Pois quando o império passou  
e foi poema olvidado,  
o amor restava, brilhando,  
nos filhos transfigurado....*

“Per dipingere le cose del Cristo, bisogna vivere con il Cristo.” Permito-me parafrasear esta frase atribuída a Fra Angelico: também para cantar as coisas do Cristo, é preciso viver com o Cristo, como o fez Dom Marcos Barbosa. Quem percorre sua obra tem a impressão de que a vocação à vida monástica representou uma ruptura, quem sabe, uma ruptura heróica, em sua evolução poética. Sua facilidade em versejar, sua inspiração artística não são mais levadas a revelar sentimentos e emoções. Ele as dedica inteiramente a serem instrumentos, no sentido metódico do termo, do anúncio, à cultura

moderna, da mensagem religiosa do Reino de Deus, em versos bem comportados: boa prosódia, metrificados e de rimas simples. O monge capturou o trovador.

“Esse poeta das coisas simples e das coisas mais altas, dos mistérios e das claridades”, citando José Arthur Rios e Rui Domingues, esconde aí o seu mais íntimo segredo: viver com o Cristo, amar o que Ele amou, desde sua Mãe Santíssima, até os seus irmãozinhos mais pobres, passando pelo todo imenso sofrimento humano, iluminado também por radiosas alegrias.

É esta união entre poesia e fé que fez toda a beleza da obra desse Monge da Ordem de São Bento e desse Poeta da Ordem dos Trovadores do Reino de Deus. Mais de 400 pessoas estiverem presentes no seu sepultamento no próprio Mosteiro, no dia 5 de março de 1997, quando passou para a plenitude instantânea da imortalidade que não tem ocaso.

### *SESSÃO DO DIA 23 DE JUNHO DE 2005*

Sob a presidência do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Moacyr Scliar, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, colocou em discussão a ata da sessão do dia 16 de junho. Não havendo nenhuma manifestação do plenário a ata foi aprovada.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa disse que, na última sessão, não teve a oportunidade de associar-se ao unânime aplauso desta Casa à Acadêmica Nélide Piñon, pela consagrada vitória do Prêmio Príncipe de Astúrias, mas o fazia agora dizendo apenas que a Acadêmica Nélide Piñon merece a saudação à sua glória como a glória de todos desta Casa, pela fraternidade que os une e a que ela imprime o afeto, a cortesia e a ternura, além dos inigualáveis atributos espirituais que lhe marcam a personalidade.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, disse que as declarações do Acadêmico Oscar Dias Corrêa serão incorporadas à ata desta sessão, traduzindo o voto, a alegria e o prazer de todos os Acadêmicos, como aconteceu na sessão anterior a que esteve presente a

Acadêmica Nélide Piñon. Passou a palavra ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco ofereceu à Biblioteca da Academia um pequeno livro sobre um grande homem intitulado *Atualidade de San Tiago Dantas*, que é a decorrência do que foi dito em Seminário na Associação Comercial do Rio de Janeiro por vários ilustres representantes das mais diversas atividades, seja de economistas, de juristas, de diplomatas e de políticos que co-participaram de ações das quais foi personagem, ou então que seguiram as linhas de San Tiago Dantas, como o Acadêmico Alberto Venancio Filho, que tem também um trabalho exposto neste livro. Lembrou que foi muito próximo dele, por razões paternas. Em 1938, San Tiago e seu pai foram a Montevideu dar um curso na Universidade. Affonso Arinos de Mello Franco, falando sobre História e San Tiago Dantas sobre Direito. Recordou que conheceu na infância San Tiago Dantas, que foi também seu professor na Faculdade de Direito. Relembrou que uma aula rotineira de San Tiago Dantas era de uma clareza, de uma transparência, de um brilho intelectual, de uma capacidade de despertar o interesse e a atenção, e até de despertar a inteligência dos ouvintes. Lembrou que uma vez ele atravessou o Atlântico para batizar um filho seu, na Itália. Salientou que San Tiago Dantas e seu pai tiveram uma atuação muito importante em várias circunstâncias de especial relevo na história política e diplomática do Brasil. Discorreu sobre algumas dessas situações, entre estas a crise da posse do Presidente João Goulart. Disse que San Tiago Dantas foi, ao mesmo tempo, estóico e heróico, porque sabia que não teria mais condições de saúde, nem de vida, para continuar a participar daquelas soluções e propostas em que se empenhava até o fim. Era um homem de idéias e de ação. Disse que, nestes dias difíceis que o país atravessa, ao se ler este livro, se tem idéia da atualidade de San Tiago Dantas, que foi um homem de pensamento e de ação, num país onde se vê cada vez mais ações pouco recomendáveis, e não se vê uma idéia, um pensamento capaz de encaminhar institucionalmente os destinos do Brasil.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco foi muito feliz na síntese que fez da figura de

San Tiago Dantas, que está retratada nesse volume que, com exceção de um trabalho, são todos de alto nível. Contou que, na década de 50, San Tiago Dantas era um grande professor, um grande jurista, considerado um homem de grande cultura. Foi Diretor da Faculdade de Filosofia durante quatro anos, e fez em 1949 essa conferência magistral sobre Dom Quixote. Tinha um grande número de amigos também aqui na Academia. Morreu, então, Carlos Magalhães de Azeredo e ele resolve se candidatar a essa vaga. Ao mesmo tempo se candidata Nilo Bruzi, que era uma espécie de herdeiro espiritual de Carlos Magalhães de Azeredo. Foi uma campanha muito disputada. As impressões da época é que San Tiago Dantas venceria, mas aconteceu o 31 de março de 1964; e ele fazia parte do Governo que caiu, e a Academia é muito cautelosa. A impressão que se tem é que San Tiago perdeu alguns votos e, embora tenha tido votação expressiva em todos os escrutínios, não houve eleito. Essa vaga foi aberta mais duas vezes e só na terceira vez foi eleito Marques Rebelo, já em dezembro de 1964. San Tiago faleceu em setembro desse mesmo ano, de modo que se ele continuasse vivo teria entrado nesta Casa, para grande gáudio de todos os acadêmicos. Mas, infelizmente, ficou só essa lembrança pouco feliz da sua candidatura.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho deu um pequeno depoimento sobre San Tiago Dantas. Contou que era estudante em 1964 e San Tiago Ministro da Fazenda. Foi convidado para fazer uma palestra em Belo Horizonte para os estudantes. Havia entre os estudantes uma certa suspeita com relação a San Tiago, porque ele tinha aquela distinção entre a esquerda positiva e a esquerda negativa, e os estudantes naturalmente estavam na esquerda negativa; mas o discurso que ele fez, como sempre de improviso, com uma fluência extraordinária, e com uma clareza de idéias tão grande que, ao final da sua exposição, todos os estudantes estavam com ele. Foi uma experiência fantástica, que pessoalmente nunca esqueceu. Prosseguindo, lembrou que há duas semanas apresentou nesse plenário um livro organizado pelo ex-presidente do BNDES, do qual participaram quatro acadêmicos. Leu n' *O Globo* do dia 21 que estava planejado um lançamento do livro no aniversário do BNDES, algo promovido e patrocinado pela Secretaria de Comunicação do Palácio do Planalto, e

que este lançamento foi cancelado pela mesma Secretaria, como uma represália contra o Prof. Carlos Lessa. Disse que, como um dos autores do livro, gostaria de deixar aqui registrado o seu protesto por mais este ato hostil em relação à liberdade de expressão vinda do Palácio do Planalto.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Bechara, associou-se ao que aqui foi dito sobre San Tiago Dantas, uma figura brilhante, e falou sobre a obscuridade que reina no Brasil, tirando a possibilidade da ação democrática em toda a sua manifestação. Disse que a Academia é uma Instituição tão larga e tão rica que pessoas como San Tiago Dantas fazem parte dela, sem que sejam eleitos.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que, na linha dos acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e José Murilo de Carvalho, queria lembrar a esta Casa um fato extremamente grave. Há três meses o Ministério da Cultura está em greve e há três meses a Biblioteca Nacional, o Museu de Belas-Artes e o Museu Histórico estão fechados e a imprensa não toma conhecimento, a sociedade não dá por isto. Considera calamitoso, deplorável e é um mau sinal, não só em relação ao Governo, mas em relação à sociedade como um todo, que permite que essas instituições fiquem fechadas durante três meses.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho associou-se às palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva porque, como professor da Universidade, pode avaliar concretamente o extraordinário dano que está sendo causado, sobretudo pelo fechamento da Biblioteca Nacional, onde os alunos não podem pesquisar e onde os próprios pesquisadores, contratados pela Biblioteca, não podem trabalhar. Considera isso um dano enorme à cultura brasileira. A imprensa não se manifesta e não se cobra do Ministro da Cultura, que aparece na Europa cantando e aqui, no Rio de Janeiro, inaugurando um parque infantil. Essa ausência de protesto é mais um sintoma negativo do momento em que vivemos.
- O Acadêmico Oscar Dias Corrêa disse que não pretendia falar, porém, considera isto uma das coisas mais graves que poderia ocorrer neste país, sobretudo porque a sociedade não reage. Comete-se um crime no qual as

melhores tradições são feridas e a sociedade brasileira, por ignorância ou apatia, não reage. Expressou, neste momento, a sua reação.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho sugeriu ao Presidente que a Academia levasse ao conhecimento do Ministro da Cultura essa reação, como um protesto que afeta toda a cultura brasileira.
- O Presidente disse acreditar não ser necessário levar à votação a sugestão do Acadêmico Alberto Venancio Filho porque, dada a reação do plenário, está aprovada.
- O Acadêmico Cícero Sandroni associou-se a todos esses protestos porque também é uma vítima, pois tem que pesquisar na Biblioteca Nacional, para um trabalho que está fazendo, e não pode. Greve esta que não é resolvida por inércia do Ministro da Cultura. Disse ter solicitado a palavra para, em primeiro lugar, pedir a transcrição, nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, do belo artigo do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre Carlos Castello Branco, publicado no *Jornal do Brasil*. Nesse artigo, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco desenhou um retrato perfeito do Castellinho, como era chamado. Falou do amigo sempre atento a tudo e da figura exponencial do jornalismo brasileiro, que pertenceu a esta Casa, por todos os seus méritos. Prosseguindo, gostaria que se incluíssem nos *Anais da ABL* os artigos publicados no *Jornal de Letras*, de Lisboa, sobre a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. O primeiro é de Urbano Tavares Rodrigues, sócio correspondente da Academia, no qual faz uma análise da obra da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, de página inteira. São quatro páginas do *Jornal de Letras* dedicadas a esta querida colega. Segue-se a este artigo o de José Saramago, do qual se permitiu ler um pequeno trecho e finalmente do artigo de José Carlos de Vasconcelos. Pediu também a inclusão nos *Anais da ABL* do artigo de Ubiratan Brasil publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, *Caderno 2, Cultura*, sobre o Prêmio Príncipe de Astúrias concedido à Acadêmica Nélide Piñon. A seguir, solicitou o registro em Ata do aparecimento do livro, que acaba de receber para encaminhar à Biblioteca da Academia, *História de Florianópolis Ilustrada*, de Carlos Humberto P. Corrêa, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disse que o autor fez um relato perfeito sobre a história de Nossa Senhora do Deserto, depois Florianópolis, e acredita que irá enriquecer a Biblioteca da Academia. Concluindo, em rápidas palavras, disse que, como jornalista, acompanhou muito o Itamarati. Era repórter de assuntos diplomáticos de *O Globo* e, em 1959, fez, em companhia de Pedro Gomes, Luís Orlando Carneiro e outros jornalistas, a cobertura da V Conferência de Consulta de Chanceleres Latino-americanos, realizada em Santiago, no Chile. Da delegação brasileira fazia parte San Tiago Dantas, que era o único não diplomata. A delegação era chefiada por Horácio Lafer. Discutia-se, naquele momento, a saída do ditador Fulgêncio Batista da região do Caribe. A conferência terminou com uma declaração que os jornalistas, como ele, sabiam que fora escrita por San Tiago Dantas. Aprovada, passou a chamar-se Declaração de Santiago e que os jornalistas a chamavam de *Declaração do San Tiago*.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, transmitiu aos confrades a convite do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade e da ETM – Editora Terceiro Milênio para a Exposição Fotográfica itinerante “Palestina: um drama contemporâneo”, seguida da mesa-redonda que se realizará no dia 30 de junho, quinta-feira, às 18 h, na sede da OAB, no Rio de Janeiro, Rua Marechal Câmara, 150/8.º andar, com o apoio da Universidade Candido Mendes.
- Na Ordem do Dia – Publicações da ABL, o Presidente em exercício apresentou relatório das publicações da Academia para 2005, sob a eficiente presidência do Acadêmico Alberto Venancio Filho. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, leu a lista de Publicações que está em pleno desenvolvimento pelo setor.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que este trabalho, como Presidente da Comissão de Publicações, na supervisão e orientação, se deve, sobretudo, ao trabalho da funcionária Nair Dametto, que é de uma dedicação extraordinária. Em outra organização seria necessário o trabalho de três ou quatro pessoas para fazer o que ela faz e exemplificou, com

o Tomo I dos *Discursos Acadêmicos*, que está recebendo o aplauso de todos. Disse que teve esta idéia porque, na edição comum, os volumes estão chegando à vigésima nona edição e, daqui a pouco, será impossível guardá-los na Biblioteca. Disse que conversou com o Presidente Ivan Junqueira, que o apoiou. Houve uma dúvida sobre a capa porque o Presidente Ivan Junqueira não gosta da capa verde. Após acertar-se qual seria a capa, a partir daí se fez a digitação, a impressão e pôde apresentar esse belo exemplar.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho, no capítulo das Efemérides, falou sobre a vida e a obra do Patrono Joaquim Manoel de Macedo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho o retrato fiel, num espaço de tempo muito pequeno, em que não se sabe o que admirar: se as qualidades literárias do Acadêmico Joaquim Manoel de Macedo ou se a habilidade de exposição do Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila indagou ao Acadêmico Murilo Melo Filho sobre uma referência que fez, no texto das Efemérides, quando fala que a família e a Igreja são invenções burguesas.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho esclareceu ao Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila que o Patrono Joaquim Manoel de Macedo julgava a Igreja e a família uma invenção da burguesia, e não ele.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho falou sobre duas curiosidades: a primeira, a ascensão das escritoras femininas. O Prêmio Camões da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, o Prêmio Príncipe de Astúrias da Acadêmica Nélide Piñon e a eleição pela Academia Francesa, na última quinta-feira, da escritora argelina Assia Djebar, que foi professora da Universidade de Argel; hoje está nos Estados Unidos e tem vários livros publicados. Ela derrotou um escritor de muito peso, que foi Dominique Fernandez. Em segundo lugar, disse que sempre visita o site da Academia Francesa, onde se encontra um tópico chamado Atualidades. Nele se podem ver as eleições, a posse de Valéry Giscard d'Estaing, visitas importantes como, por exemplo, em vinte e quatro de fevereiro, a Academia

Francesa recebeu *le grand duc et la grande duchesse de Luxembourg*, os livros novos dos acadêmicos e acha estranho que, até hoje, não tenha nenhuma linha sobre a sessão conjunta com a Academia Brasileira de Letras.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, disse que a observação do Acadêmico Alberto Venancio Filho coincide com um comentário feito pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva a respeito do pouco caso que, às vezes, determinados movimentos brasileiros, junto à Academia Francesa, não tiveram o apoio nem o entusiasmo que seriam esperados.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que, em 1998, o Presidente Arnaldo Niskier promoveu, dia 14 de julho, uma homenagem à Academia Francesa. Esta mandou uma delegação de três membros, o Secretário Perpétuo Maurice Druon, a Secretária Perpétua Hélène Carrère d'Encausse e o Acadêmico Hector Bianciotti. Agora, a Academia Brasileira de Letras está mandando 15 acadêmicos para a homenagem que vai ser prestada.
- Diante da informação que prestou o Acadêmico Alberto Venancio Filho, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pediu um esclarecimento, se a Academia Francesa acolhe todos os escritores de língua francesa, em geral, ou se essa escritora argelina teria dupla nacionalidade para poder ser membro da Academia Francesa.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que a escritora Marguerite Yourcenar é belga.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que o que define a condição de possibilidade de ingresso na Academia Francesa é o fato de o escritor ter a sua obra em francês, ser a língua literária e não a nacionalidade. Falou do seu entusiasmo com o Setor de Publicações da Academia. É um setor que vem se desenvolvendo qualitativa e quantitativamente no seu aspecto gráfico e no seu conteúdo. Sendo hoje apenas dez os acadêmicos que tiveram o privilégio de ouvir o relato do que se vem fazendo sobre a direção sempre atenta, competente e devotada de Alberto Venancio Filho na direção

da Comissão de Publicações, pediu que a Presidência encaminhasse esse relatório a todos os Acadêmicos.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que o trabalho do Setor de Publicações que vem sendo realizado sobre a orientação do Acadêmico Alberto Venancio Filho e pela funcionária Nair Dametto é excepcional. Teremos mais de trinta títulos publicados esse ano pela Academia Brasileira de Letras. Em grande parte esses livros são distribuídos gratuitamente para bibliotecas e para pessoas que os acadêmicos consideram dignas de receberem. Mas existem leitores que gostariam de comprar os livros devido à importância desses títulos para a literatura brasileira e não os encontram nas livrarias.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que um livreiro, amigo seu, veio comprar da Livraria Acadêmica um livro da Academia e a livraria só dava dez por cento de desconto, quando qualquer livraria dá trinta ou quarenta por cento ao livreiro. Já submeteu o problema ao Presidente Ivan Junqueira e, por parecer que há problemas com a livraria, acha que é um assunto que merece destaque.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que o livreiro deve comprar o livro na Academia Brasileira com a D. Genny, porque se ele for comprar na livraria será um cliente comum.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que, quando era Secretário-Geral, na Presidência do Acadêmico Tarcísio Padilha, ambos entraram em contato com a Livraria Forense, que era responsável pela Livraria Acadêmica, e assinaram um contrato de distribuição pelo qual a Forense se comprometeria a distribuir para outras livrarias as nossas publicações. Passaram-se dois anos e meio e a Livraria Forense nada fez para distribuir os livros. Recebia os livros e, depois de algum tempo, os devolvia. Disse que a Academia precisa contratar uma empresa distribuidora. Ainda que as edições da ABL sejam pequenas, para esse tipo de empresa sempre representam uma possibilidade de negócios.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o problema da distribuição de livros é o grande problema das universidades. Algumas editoras

fazem convênios com outras editoras. A Zahar distribui no Rio os livros da Companhia das Letras.

- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que as grandes distribuidoras estão interessadas em livros mais comerciais. Há pequenas distribuidoras que trabalham, talvez, com livrarias universitárias, e que estão interessadas também no prestígio que dá distribuir os livros da Academia. Acha isso muito importante em função desse último lançamento da ABL que são os *Discursos Acadêmicos*. É um livro da maior importância. É um livro que tem interesse para muita gente. Precisa ser lançado na Academia com um pouco mais de divulgação, de marketing.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que o Senhor Fernando Gasparian, proprietário da Livraria Argumento, perguntou o que era preciso fazer para manter uma estante só com os nossos livros, já que a procura é muito grande.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho agradeceu ao Presidente em exercício, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, pela maneira cordial com que presidiu a sessão.
- Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão.

## SAUDADES DO CASTELLO

Affonso Arinos de Mello Franco\*

Conheci Carlos Castello Branco na casa de meus pais, há mais de meio século, quando as luzes da ribalta parlamentar focalizavam intensamente o deputado Afonso Arinos. Lembro-me de uma noite na qual Castello, com seus colegas Odylo Costa, filho e Villas-Boas Corrêa, aguardou, com paciência evangélica, o fim de um rompante do líder oposicionista, a deblaterar contra a imprensa em geral, inconformado com insinuações de que um discurso, feito por ele em torno de apelo do presidente Vargas à oposição para apoiar seu projeto de reforma administrativa, teria propósitos adesistas. Terminado o destampatório, os três amigos recolheram do deputado, já sereno, declarações que contornaram a crise política esboçada.

Eu me encontrava com Castello e sua jovem esposa na casa de Odylo — centro de carinho e da mais generosa hospitalidade, onde se reunia, em Santa Teresa, a nata da intelectualidade do Rio —, e ainda nos bares e boates que animavam as noites cariocas. Mas foi quando me casei e passamos a morar quase defronte aos amigos fraternos Otto e Helena Lara Resende, também freqüentados assiduamente por Castello e Élvia, que nossa amizade se tornou mais íntima. Enquanto ele e Otto viveram (Odylo também, só que partiu mais cedo), sempre lhes pedi a opinião antes de publicar qualquer trabalho de maior fôlego. Castello posfaciou meu primeiro livro, Otto prefaciou o segundo.

Em 1956, o Itamarati removeu-me para a Embaixada do Brasil em Roma, e, pouco depois, lá hospedei Castello, que seguia para uma conferência da UNESCO em Nova Delhi. Eu fora, nesse ínterim, designado para representar

---

\* Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, do dia 22 de junho de 2005.

a Embaixada na tocante cerimônia do Dia de Finados, em Pistóia, no cemitério que abrigava os restos de mais de quatrocentos militares brasileiros mortos na segunda guerra mundial, e convidei-o a viajar comigo e Beatriz. Resolvemos esticar a excursão até Florença, ainda desconhecida para nós dois.

Naqueles dias, forças russas cercavam Budapeste, prestes a esmagar a tentativa de libertação com que a Hungria buscava desvencilhar-se da condição de estado-satélite soviético. Íamos visitar a galeria dos Ofícios, mostra incomparável de arte italiana da Renascença. Saímos do hotel, e, após a escala habitual no bar da esquina, para, por sugestão de Castello, nos dessedentarmos com um copo do vinho branco de Orvieto, adentramos a praça da Senhora. Do outro lado, aglomeravam-se pessoas em torno a uma banca de jornal, buscando notícias frescas do drama húngaro. Julgando-o tão interessando quanto eu, alitrei ao repórter político: “– Vamos ver o que é aquilo?” Mas quem respondeu foi o humanista: “– Aquilo é o efêmero.” E caminhou, sem hesitar, para o museu.

Castello voltaria com Jânio Quadros a Roma. Recebi-os e os acompanhei por vários dias, prestando-lhes apoio. O candidato à Presidência da República regressava de uma viagem ao Oriente, e, uma vez eleito, convidou o jornalista para chefiar sua Secretaria de Imprensa.

Poucos anos depois, habitávamos a mesma quadra em Brasília (eu era, então, deputado federal), e Castello passou-me, para ler e opinar, os originais do depoimento que escrevera sobre *A Renúncia de Jânio*, advertindo-me não tencionar publicá-lo, pois temia suscetibilizar amigos. E, de fato, o livro só foi editado após sua morte. Do exterior, escrevi então a Élvia, encarecendo a divulgação do testemunho. Sobre sua importância, bastaria lembrar Fernando Henrique Cardoso, quando presidente, a mencioná-lo, de público, por mais de uma feita, como exemplo do mal que as intrigas de bastidores podem causar à gestão de um chefe de governo.

Castello esteve ainda conosco em Genebra, Washington (cobrindo a visita presidencial de Médici a Nixon), e na Holanda, onde o levei ao Rijksmuseum, em Amsterdã, e ele ficou tão encantado com a *Ronda da Noite*, de Rembrandt, que desistiu de circular pelo resto do museu, permanecendo sentado diante da tela enorme, em muda contemplação. Nessa ocasião, passou

vários dias conosco. Só mais tarde, Élvia me disse que a visita fora de despedida. Ele já estava atingido pelo mal que o levaria.

A partir da publicação diária da “Coluna do Castello” no *Jornal do Brasil*, pouco antes do início da ditadura militar, o grande jornalista tornou-se barômetro obrigatório a medir a pressão da vida política brasileira. Com isenção inflexível, integridade inatacável, linguagem simples, avessa a hipérboles, parca em adjetivos e advérbios, irônica e penetrante, ele foi, ao longo dos anos, transformando a própria opinião em opinião pública. E da notícia fez história.

Ocorrem-me, porém, exceções à sua imparcialidade proverbial. Nascido no Piauí, Castello estudara Direito em Belo Horizonte, e me contou que, por essa época, passava pela casa dos Lara Resende a caminho da Faculdade. Vendo Otto à janela, parava para trocar dois dedos de prosa, sem que o amigo o convidasse a entrar. Muito tempo depois, durante o regime autoritário, o piauiense Francelino Pereira foi escolhido para governar Minas Gerais, onde fizesse política. Naquele dia, a “Coluna do Castello” analisou o assunto com a frieza, lucidez e objetividade de sempre. Porém concluiu, de forma surpreendente, com um “Viva o Piauí!”. Estranhei o rompante incomum, e ele desabafou: “– Eu me lembrei do Otto.”

Ao saber da morte de Afonso Arinos, o jornalista, sempre tão equilibrado, isento e imparcial nos julgamentos, prudente e cuidadoso ao exprimi-los, não hesitou em depositar na sua celebrada coluna – pela primeira e última vez, ao que eu saiba –, pelo “desaparecimento de um grande brasileiro”, “num luto modesto, a homenagem do admirador, do amigo e companheiro”.

Uma vez, ele me confidenciou que se auto-analisava o tempo todo. Castello sofreu muito, física e moralmente. Mas, sempre tranqüilo, nunca o vi exasperar-se, levantar a voz, se agitar. Seu filho primogênito morreu num acidente de automóvel. Acorri, então, a Brasília para aguardá-lo, e a Élvia, que viajavam pela Europa, a fim de levar-lhes o inútil consolo da companhia e solidariedade de quem já passara pelo mesmo transe.

Quando parecia desenganado pelo primeiro tumor maligno que o acometeu, reuni os mais próximos em nossa casa, para despedi-lo antes do seu embarque para Houston, onde se fariam as últimas tentativas de salvá-lo.

Estavam Anah e Afonso Arinos, Helena e Otto. João Cabral não pôde vir, pois, naqueles dias, a sua corajosa, desvelada, admirável Estela se apagava, também vencida pelo câncer. Afonso entregou a Castello o terço de ouro que trazia sempre na algibeira, com a recomendação de que nunca o abandonasse. Eu dei-lhe uma imagem setecentista, que ganhara dos meus pais, de Santa Rita de Cássia, ou dos Impossíveis, tão cultuada em Minas Gerais. Beatriz ofertou-lhe a sua venerada Nossa Senhora de Fátima. Dessa feita, nosso amigo se recuperou, e Élvia me contaria da sua inquietação ao esquecer o terço em algum lugar, ou por não ver as imagens sobre a mesa de cabeceira. Dizia-se agnóstico, porém ela o observou, mais de uma vez, sentado na beira da cama, quieto, com a mão no bolso, onde pusera o terço. Talvez orasse.

Castello foi agraciado, nos Estados Unidos, com o prêmio de jornalismo Maria Moors Cabot. Fotografaram-no então, pequenino, entre dois americanos enormes. Afonso Arinos, não resistindo, telegrafou-lhe: “CASTELLO, DOS TRÊS, VOCÊ É O MAIOR.” E era.

## A BELEZA SECRETA DA VIDA

Urbano Tavares Rodrigues\*

Lygia Fagundes Telles teve finalmente o Prémio Camões, que há muito merecia, pela infinita riqueza da sua obra literária, tão brasileira e universal, tão subtil e mágica, tão realista na análise social e na indagação do mais fundo e contraditório dos seres humanos.

As suas personagens actuam e revelam-se na ténue fronteira entre o banal quotidiano, a vida fremente de grandes metrópoles como São Paulo e as redes do fantástico.

Esses dois pólos, o da observação atenta, irónica e implacável na sua sua-vidade, dos eventos comuns e, por outro lado, a súbita ocorrência do estranho, do inesperado, do fantástico, acabam por se harmonizar no mundo ficcional de Lygia Fagundes Telles graças à arte, sempre em evolução, das suas construções narrativas e ao milagre de uma escrita oral cheia de humor e de surpresas, que vira as situações do avesso ou cria duplos planos. Assim se abrem perspectivas várias à compreensão de uma história, do comportamento de uma personagem. Digamos que Lygia Fagundes Telles, romancista igualmente sortílega do passado remoto (*Ciranda de Pedra*) ou do palpitante presente, de uma crise social e política (*As Meninas*) ou ainda da temperatura de uma época, suas opções e formas de vida (*As Horas Nuas, Invenção e Memória, A Disciplina do Amor*), consegue aliar a pertinência da análise à solidariedade e brilho dos diálogos, à capacidade de diagnóstico e adivinhação.

---

\* Artigo publicado no *Jornal das Letras*, Lisboa, 25 de maio de 2005.

E, contudo, com estes seus dons e talentos de narradora de fôlego, é talvez nas suas novelas e contos que Lygia atinge o virtuosismo, diferente de todos, hábil, lúcida e insólita nas histórias que entretece, na articulação dos actos e palavras com os movimentos interiores do eu, na graça e leveza da sua escrita tão rica de tropismos e pressentimentos, nas piruetas bruscas com que, tal um ilusionista, nos faz viajar entre o sonho e a vida acordada, o amor, a melancolia e a morte, o pulsar das grandes cidades, o silêncio e a solidão e o desvendamento dos desvãos da alma.

É assim, desde as suas tão ambíguas e fascinantes *Histórias do Desencontro* às agudezas psicológicas e às descobertas de *Antes do Baile Verde*, à mestria espetacular de *Seminário de Ratos*, à renovação incessante das suas técnicas e do seu inventário das contradições humanas, que culmina, agridoce e cruel, sempre desconcertante, nos textos inovadores, quase inultrapassáveis, de *A Noite Escura Mais Eu*.

Na sua vasta produção de contadora nata sempre a reinventar-se, a variar os tons, a criar novas estruturas narrativas e maneiras de dizer. Lygia Fagundes Telles acrescenta à sua capacidade demiúrgica todas as luzes e astúcias do discurso, aparentemente espontâneo, tão pronto a despertar e modular emoções como a gerir as gamas do sorriso esboçado ou da ironia que queima, feiticeira do destino absurdo e da loucura cibernética das grandes selvas de betão onde confluem e por vezes se misturam os rios subterrâneos do bem e do mal. Lygia é uma feiticeira generosa, eximia a desocultar nas suas ficções a beleza secreta da vida que às vezes mora por detrás dos esgares da pobreza e da doença ou se oculta no tumulto dos interesses e competições, da violência fria que abunda nos salões e nos terraços dos que tudo parecem comprar e dominar.

Lygia revela o outro lado da vida, seja o crime que não tem castigo, seja a complexidade do que parece evidente, seja a dor que se insinua na euforia.

É já muito antigo o nosso convívio, que começou em São Paulo em 1958, quando aí visitei meu irmão Miguel, já então no exílio e seu amigo, e discutimos, eu e ela, os nossos livros, os nossos projectos, os nossos sonhos. Cruzámo-nos quantas vezes em Lisboa, no Rio de Janeiro e de novo em São Paulo e pelo mundo fora, onde o eco da sua obra ia aumentando, através de traduções, de críticas, de trocas de opiniões.

Ainda recentemente eu havia estranhado em público que Lygia Fagundes Telles não tivesse obtido até agora o Prémio Camões. Houve um tempo em que aqui em Portugal todos, intelectuais e simples leitores, visitavam os seus livros e se encantavam com a exuberância e finura dos seus processos enunciativos ou se descobriam, perturbados, nos efeitos de contraluz, na velatura das suas personagens.

Quando estive encarcerado no Aljube e em Caxias, em 1963 e em 1968. Lygia Fagundes Telles apareceu na primeira linha dos escritores brasileiros que elevaram a sua voz, em reuniões e comícios, exigindo a minha libertação e a de outros presos políticos, como Alves Redol e Alberto Ferreira, e depois Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares, entre muitos mais intelectuais e antifascistas presos.

Escrevemo-nos de longe a longe sempre com afecto e ternura. Desta Lisboa, que Lygia Fagundes Telles conhece bem e deslumbradamente recorda (como ao Porto e o seu rio cantante, cenário de um seu conto maravilhoso) quero agora enviar-lhe, com este artigo, um abraço grande, impregnado de toda a minha admiração pela escritora multiforme, hiperconsciente na sua reinvenção irónica e comovida do mundo, solidária na sua escrita acerada, cintilante de humor e compreensão de tudo o que é humano. E nesse abraço vai também o meu reconhecimento sempre vivo pela sua grandeza de alma.

## LYGIA, DESDE SEMPRE

José Saramago\*

Embora ela esteja a mil léguas de o imaginar, existe um sério problema no meu relacionamento com Lygia Fagundes Telles: é que não consigo lembrar-me de quando, como e onde a conheci. Alguém me dirá que o problema (suponho haver motivos suficientes para que o esteja designando assim) não tem uma importância por aí além, que é por demais freqüente, ai de nós, confundir-se-nos a frágil memória quando lhe requeremos exactidão na localização temporal de certos episódios antigos – e eu estaria de acordo com tão sensatas objecções se não se desse a circunstância intrigante de achar que conheço Lygia desde *sempre*. [...] Mas o que aqui importa, sobretudo, é que mesmo que conseguisse determinar, com rigorosa precisão, o dia, a hora e o minuto em que apareci a Lygia pela primeira vez ou ela me apareceu a mim, estou certo de que ainda nesse caso uma voz haveria de sussurrar-me de dentro: “A tua memória enganou-se nas contas. Já a conhecias. Desde *sempre* que a conheces.”

[...] O mais curioso de tudo isto é que os nossos encontros têm sido espaçados, muito de longe em longe e, em cada um deles, as palavras que dissemos um ao outro poderiam ser acusadas de tudo, mas nunca de prolixidade. Provavelmente não falamos muito porque só dizemos o que estava a precisar de ser dito, e o sorriso com que então nos despedirmos será de certeza o mesmo que levaremos nos lábios no dia em que as voltas da vida tornarem a colocar-nos frente a frente. Recordo que quando mais tempo pudemos convi-

---

\* Artigo publicado no *Jornal das Letras*, 25 de maio de 2005.

ver foi num já longínquo Outubro, em 1986, em Hamburgo, por ocasião de uma Semana Literária Iberoamericana.

[...] Participámos em sessões conjuntas, entrámos em debates, ajudámo-nos uns aos outros, rimos, folgámos e bebemos. Não dramatizámos as diferenças na hora da discussão – entre escritores portugueses e brasileiros só por má-fé e cínica estratégia se instalará a discórdia. Recordo a hora do café da manhã, com o sol a entrar triunfalmente pelas janelas. Ao redor da mesa o riso dos novos não soava mais alto nem era mais alegre que o dos veteranos, os quais, por muito terem vivido, gozavam da vantagem de conhecer mais histórias e mais casos, tanto dos próprios como dos alheios. Não é uma ilusão minha de agora a imagem de terna atenção e respeito com que todos nós, portugueses e brasileiros, escutávamos o falar de Lygia Fagundes Telles, aquele seu discorrer que às vezes nos dá a impressão de se perder no caminho, mas que a palavra final irá tornar redondo, completo, imenso de sentido.

Disse que conheço Lygia desde *sempre*, porém, a medida deste *sempre* não é a de um tempo determinado pelos relógios e pelas ampulhetas, mas um tempo outro, interior, pessoal, incomunicável. Foi na minha última e recente viagem ao Brasil, em São Paulo, que, conversando com Lygia sobre a memória, o pude compreender melhor que nunca. Para explicar-lhe o meu ponto de vista do que chamei então a instabilidade relativa da memória, isto é, a múltipla diversidade dos agrupamentos possíveis dos seus registros, evoquei o caleidoscópio, esse tubo maravilhoso que as crianças de hoje desconhecem, com os seus pedacinhos de vidro colorido e o seu jogo de espelhos, produzindo a cada movimento combinações de cores e de formas, variáveis até ao infinito: “A nossa memória também procede assim”, disse, “manipula as recordações, organiza-as, compõe-nas, recompõe-nas, e é, dessa maneira, em dois instantes seguidos, a mesma memória e a memória que passou a ser”. Não estou muito seguro quanto à pertinência da poética comparação, mas hoje retomo o caleidoscópio e a poesia para tentar explicar, de uma vez, por que insisto em dizer que conheço Lygia desde *sempre*. Apenas porque acho que é ela aquele pedacinho de vidro azul que constantemente reaparece...

## O PRÉMIO DE LYGIA

José Carlos Vasconcelos\*

Foi um Prémio Camões justo, e que já tardava, o agora atribuído a Lygia Fagundes Telles. Nas últimas edições do maior galardão literário da língua portuguesa, sublinhei que, no mínimo, Lygia estava na primeira linha dos que por todas as razões o mereciam.

E recordo de ter manifestado uma certa surpresa, pelo menos quando ele foi atribuído a Maria Velho da Costa (que muito aprecio, de quem sou amigo e editei em *O Jornal*) antes de o haver sido à ficcionista brasileira. Só por ter a ideia, muito discutível ou mesmo polémica, de dever existir uma espécie de *prioridade* decorrente da idade e dos anos de trabalho do escritor: quando há mais do que um em condições de certa “igualdade”, quanto à qualidade e ao mérito da obra, deve-se distinguir o mais velho. Porque, na criação em geral, e na literatura em particular, a antiguidade, como na tropa, é um posto? De maneira nenhuma. Apenas porque, de acordo com a lei natural da vida, quem é mais novo tem mais tempo para ser premiado – e, assim, em princípio, essa é a forma de cometer menos injustiças. Que, apesar disso sempre acontecem – e aconteceram, por exemplo, em relação ao Camões, quando ele não chegou a “tempo” de galardoar José Cardoso Pires, prematuramente desaparecido.

Dir-se-á que então tudo se torna relativamente previsível... Claro que torna, mas em geral não pode deixar de ser assim com prémios como o Camões ou o Cervantes, ou com qualquer outro destinado a consagrar uma

---

\* Artigo publicado no *Jornal das Letras*, 25 de maio de 2005.

obra ou uma carreira literária, um escritor de uma língua de vários países e povos. Isto é: não pode deixar de se pensar que, salvo se aparecer uma obra genial, ou pelo menos verdadeiramente excepcional, em particular publicada por alguém já em idade madura, nos próximos anos podem ou devem ser distinguidos Ruy Duarte Carvalho, de Angola, António Lobo Antunes, de Portugal, Ferreira Gullar, e depois João Ubaldo Ribeiro ou Nélide Piñon, do Brasil.

Mas voltando a Lygia, é uma singular arte de escrita a sua, de rara subtilidade narrativa, bem patente em romances como *Ciranda de Pedra*, *As Horas Nuas* e *As Meninas* (que é também uma certa forma de denúncia da ditadura militar então reinante), em contos como os de *Antes do Baile Verde*, *A Noite Escura* e *Mais Eu* e *Invenções ou Memória*. Ou até nos “fragmentos”, como os classifica, de *A Disciplina do Amor*, um livro que também editei, exactamente por entender ser incompreensível e inadmissível Lygia estar há anos sem ser publicada em Portugal (ou seja, o mesmo critério que levou a lançar uma antologia de poemas de Carlos Drummond de Andrade, organizada por Arnaldo Saraiva: ou a publicar pela primeira vez entre nós João Ubaldo Ribeiro).

Se Lygia nos dá, cito Paulo Rónai, “pequenas obras-primas de fremente inquietação íntima”, nas quais muitas vezes “a ficção vira realidade e a realidade vira ficção”, como escreve no testemunho nas páginas que a seguir lhe dedicamos, também nas suas obras podemos adivinhar a mulher solidária e afectiva que é, com a qual constitui um raro um prazer conviver e conversar. Tudo isto, de par com outras coisas laterais (desde a sua beleza e simpatia, que ao longo dos tempos decerto suscitaram não poucas paixões, a certa popularidade resultante da adaptação à televisão, pela Rede Globo, e ao cinema, de várias obras suas) fizeram da terceira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras, depois de Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz, uma figura absolutamente invulgar da literatura e da cultura do Brasil.

Enfim, o Prémio Camões vai ser entregue, no próximo dia 10 de junho, em Guimarães, no decorrer das cerimónias, presididas pelo Chefe de Estado, Jorge Sampaio, do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. Não sei

o contexto em que isso será feito, nem se estão previstos quaisquer outros actos relacionados com o Prémio e a presença em Portugal, para o receber, de Lygia Fagundes Telles. O que sei e já aqui sublinhei (como sobre outras matérias anteriormente sem nenhum efeito, o Poder paira acima destas e de outras opiniões), é que o Prémio Camões tem muito menos repercussão pública, em especial no Brasil, do que devido e merecido. O que em boa parte se pode dever a não serem devidamente tratados os aspectos “promocionais” e a quase tudo que lhe diz respeito, designadamente a sua entrada, ter um carácter muito oficial, solene, burocrático, que lhe tira impacto e eficácia comunicacional. Veremos o que acontece este ano.

LITERATURA – PERSONALIDADE  
NÉLIDA PIÑON VENCE O ASTÚRIAS  
Escritora é premiada pelo caráter mestiço de sua obra

Ubiratan Brasil\*

Depois de receber o Prêmio internacional Menéndez Pelayo, concedido pela Universidade espanhola que tem o mesmo nome, em 2003, a escritora Nélida Piñon voltou a ser valorizada pela cultura da Espanha. Por sua “incitante” obra narrativa, artisticamente sustentada “pela realidade e a memória” e também pela “fantasia e pelos sonhos”, a autora foi anunciada ontem como a vencedora do Prêmio Príncipe de Astúrias das Letras, dotado em € 50 mil e anunciado na cidade de Oviedo.

Ainda segundo o documento, os trabalhos de Nélida Piñon, a primeira mulher de língua portuguesa a ser homenageada com o prêmio, agregam várias tradições literárias, “formando uma teoria única de mistura”. “Foi importante ver que o júri destacou esse aspecto da minha obra”, comentou Nélida, no Rio. “São palavras que definem minha *fé* na humanidade. Somos mestiços, somos latinos, somos ibéricos e somos africanos.”

Segundo o júri, a obra da escritora brasileira, publicada em mais de 20 países e traduzida para dez idiomas, “transladou ao âmbito universal a complexa realidade da América Latina com uma prosa rica em registros que incorpora com extraordinário brilho as distintas tradições e raízes culturais do continente latino-americano”.

---

\* Artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, caderno de Cultura, 17 de junho de 2005.

Nascida no Rio em 1937, Nélida foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, na qual ingressou em 1989. Autora de *A República dos Sonhos* (1984), sobre o êxodo dos emigrantes galegos, e *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), que começou a escrever aos 10 anos, Nélida passou muitos anos lendo livros sagrados muçulmanos e estudando a história e a mitologia dos povos do Islã para escrever *Vozes do Deserto* (Record), lançado no ano passado, em que narra a saga da princesa Xerezade que para não ser morta pelo Califa inventa histórias que resultaram nas *Mil e Uma Noites*.

Apontada como uma das escritoras mais importantes de sua geração, Nélida derrotou, na reta final do Prêmio Astúrias, os americanos Paul Auster e Philip Roth e o israelense Amós Oz.

PUBLICAÇÕES DA ABL

*Relatório apresentado pelo Diretor do Setor de Publicações  
Acadêmico Alberto Venancio Filho\**

OBRAS PROGRAMADAS PARA 2005

Trabalhos editados:

*Discursos Acadêmicos* – Tomo I – 1897-1919

*Revista Brasileira* – n.º 42 (Jan.-Fev.-Mar./2005) e n.º 43 (Abr.-Mai.-Jun./2005 – número dedicado ao Ano do Brasil na França)

Obras em editoração:

Na COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO (restabelecendo a divisão original. Com acréscimo da seção Ensaios):

1. Afonso Arinos de Melo Franco – *O Espírito e a Ação* (Ensaios). Introdução de Afonso Arinos, filho

2. Afonso Arinos – *Pelo Sertão*. Apresentação de Afonso Arinos, filho (Literatura)

4. Cláudio Aguiar – *Franklin Távora e Seu Tempo* (Inéditos)

3. Euclides da Cunha – *À Margem da História*. Apresentação de Alberto Venancio Filho (Ensaios)

5. Oliveira Vianna – *O Ocaso do Império*. Apresentação de José Murilo de Carvalho (História)

---

\* Apresentado na sessão do dia 23 de junho de 2005.

COLEÇÃO AUTORES E LIVROS

6. *AUTORES & LIVROS* – Múcio Leão – Vol. I – Seleção e organização de Alexei Bueno. Pesquisa de Adriana Süssekind

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO – Série Biobibliografia dos Patronos

7. Volume 8 – Cadeira I5 – *Gonçalves Dias* (Biobibliografia)

COLEÇÃO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

8. Marcos Almir Madeira – *Na Província e na Corte – Memórias*

9. Fernando Sales – *Herberto Sales e a Gênese de “O Cascalho”*

10. Conferências – Ciclos temáticos realizados em 2004.

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA

11. *A LÍNGUA PORTUGUESA NA REVISTA BRASILEIRA*

PERIÓDICOS

*REVISTA BRASILEIRA* – 4 números

N.º 42 – Janeiro-Fevereiro-Março de 2005 – Impressa

N.º 43 – Abril-Maio-Junho de 2005 (Ano do Brasil na França) – Impressa

*ANAIS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS* – 2 números

*DISCURSOS ACADÊMICOS* – Vol. XXIX – 2002-2005 (10 posses: de Zélia Gattai a Helio Jaguaribe)

## JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Gostaria sinceramente de apresentar-lhes um estudo mais aprofundado sobre a vida e a obra de Joaquim Manuel de Macedo, o patrono da Cadeira número 20 da nossa Academia.

Mas o pouco tempo de que dispunha obrigou-me a reduzir minhas pretensões e substituí-las por alguns dados que consegui reunir, às pressas, para honrar a minha designação como orador destas Efemérides.

Começo então dizendo que Joaquim Manuel de Macedo, já tinha morrido, no dia 1.º de julho de 1882, quando esta Academia foi fundada, quinze anos depois, em 1897 e escolheu para patronos de suas Cadeiras escritores e poetas já mortos, entre os quais: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Raul Pompéia, Gregório de Matos, Joaquim Caetano, João Francisco Lisboa, Adelino Fontoura, Artur de Oliveira, Basílio da Gama, Pardal Mallet, Tavares Bastos, Joaquim Freire, Hipólito da Costa, Franklin Távora, Joaquim Serra, José Bonifácio, o Moço, Araújo Porto-Alegre, Teófilo Dias, Visconde do Rio Branco, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves de Magalhães, Evaristo da Veiga, França Júnior, Francisco Otaviano, Júlio Ribeiro, Tobias Barreto, Manuel Antônio de Almeida, Martins Pena, Laurindo Rabelo, Fagundes Varela, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo.

---

\* Proferidas nas Efemérides de 20 de maio de 2004.

Vários deles, inclusive, haviam morrido muito moços, antes dos 40 anos de idade, ceifados pela tuberculose, numa época em que ainda não havia os antibióticos.

Era a própria mocidade, paraninfando a imortalidade.

Joaquim Manuel de Macedo nasceu no dia 24 de junho de 1820, aqui bem perto, na então vila fluminense de Itaboraí, que, por coincidência, foi a mesma Província em que nasceu Salvador de Mendonça, justamente o fundador desta mesma Cadeira n.º 20, irmão de Lúcio de Mendonça, o fundador desta Academia.

Esses mesmos dia e mês (24 de junho) do nascimento de Macedo seriam os mesmos do Alexandre Dumas (pai), de quem seria sempre um êmulo e um discípulo.

Macedo – como gostava de ser chamado – formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e chegou a clinicar em algumas cidades do interior do Estado. Mas, vindo para o Rio, abandonou a Medicina, fez um concurso e passou a ensinar História e Geografia no Colégio Pedro II.

Logo no primeiro ano, depois de sua chegada ao Rio, já publicava o seu primeiro romance, *A Moreninha*, que, de saída, lhe granjeou um instantâneo e vasto prestígio, com dezenas de reedições até hoje. (Informa-se que na protagonista desse romance está retratada a sua própria namorada, com a qual depois se casaria – a Srta. Maria Catarina, prima legítima do poeta Álvares de Azevedo, depois patrono da nossa Cadeira n.º 2.)

Entrou na política e elegeu-se deputado provincial, entre 1850 e 1859, elegendo-se e reelegendo-se depois deputado geral entre 1864 e 1881, ao longo de várias legislaturas.

Pertencia ao Partido Liberal, ao qual foi sempre muito leal e muito fiel, atuante e participante, a julgar pelos seus discursos parlamentares, a alguns dos quais consegui ter acesso.

Joaquim Manuel de Macedo foi depois fundador, secretário e orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na companhia de Gonçalves Dias e Araújo Porto-Alegre – dois outros poetas e futuros patronos das Cadeiras n.ºs 15 e 22 desta Academia – fundou a revista *Guanabara*, órgão e porta-voz do Romantismo, do qual Macedo já era um dos seus maiores líderes.

Ele foi também um dos primeiros e mais destacados lutadores em favor da abolição da escravatura, ao lado de André Rebouças, Castro Alves, Luís Gama, José Mariano, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Joaquim Serra.

Já em 1868 – vinte anos antes da abolição da escravatura, – publicou o romance *As Vítimas Algozes*, com três dolorosos e pungentes episódios sobre os abusos do escravagismo.

Sua pregação abolicionista não conhecia fronteiras, nem limites. Mesmo sem possuir um talento igual aos dos grandes oradores, era, na pregação em favor dos escravos, um lutador incansável e corajoso.

Já desfrutava então de enormes prestígio e popularidade, chegando a ser um dos escritores mais lidos daqueles tempos, como destacado integrante de um grupo de intelectuais.

Era uma atração nos saraus literários, com a declamação de suas poesias e a repercussão dos seus livros.

Era também amigo pessoal do Imperador Pedro II, um leitor seu, que o escolheu para professor das princesas Isabel e Leopoldina.

A sua intimidade com a família imperial não o impediu de escrever uma dura carta ao Conde D’Eu, genro do Imperador, casado com a Princesa Isabel, na qual se declarava com muita honra “um liberal da boa escola, inimigo da escravatura”.

A vida de Macedo era até então tranqüila, embora trabalhosa.

Mas, também aí já era um literato completo, após 36 anos de uma intensa produção intelectual, não raro usando, como era costume na época, dois pseudônimos: “O Velho” e “Menino Severo”.

Na poesia, escreveu o poema “Nebulosa”, publicado em grande parte na sua revista *Guanabara*, e que foi considerado pela crítica como uma obra-prima do nosso Romantismo.

No ensaio, publicou três livros: *O Ano Biográfico Brasileiro*, *Memórias da Rua do Ouvidor* e *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*, todos hoje esgotadíssimos.

Como historiador, produziu talvez a primeira grande *História do Brasil*, que abrangeu o período de 1581 a 1823, com forte influência sobre a formação dos jovens brasileiros de então.

No teatro, foi autor de 17 peças, entre as quais: *O Cego*, *O Sacrifício de Isaac*, *O Fantasma Branco*, *Luxo e Vaidade*, *Amor à Pátria*, *A Torre em Concurso*, *Cobé*, *O Novo Oteló*, *O Forasteiro*, *Vingança por Vingança*, *Teatro de Macedo*, *Antonica da Silva* e *Lusbelá*, quase todas de sucesso, encenadas e assistidas por ele ainda em vida.

Os críticos teatrais do século XIX foram unânimes em considerá-las a parte mais importante de sua literatura, mas ele se consagrou mesmo foi nos seus 17 romances: *A Moreninha*, *As Vítimas Algozes*, *O Moço Loiro*, *As Mulheres de Mantilha*, *Vicentina*, *A Carteira do Meu Tio*, *A Baronesa do Amor*, *Nina*, *Amores de um Médico*, *Rosa*, *Romances da Semana*, *A Namoradeira*, *Um Noivo e Duas Noivas*, *O Culto do Dever*, *Os Quatro Pontos Cardiais*, *Voragem* e *A Luneta Mágica*.

Com suas peças teatrais e seus romances populares, ele foi um dos fundadores do romance brasileiro, sobretudo o romance urbano de costumes e um precursor do romance sentimentalóide, lacrimonioso e televisivo, hoje tão do gosto popular.

Em todas as suas obras, e com um atilado senso de observador, Macedo retratou a vida da Corte Imperial, com os seus fuxicos, comadres, rivalidades, brigas, a moda no trajar, seus espartilhos, seus vestidos longos e bordados.

Dizia Humberto de Campos que, nos romances macedianos, “não há catástrofes, matanças, tiroteios, punhaladas e morticínios. Neles, morre-se como se morre naturalmente no mundo, ou seja, de moléstias. O imprevisto, o sobrenatural e o extemporâneo não entram na sua imaginação, onde a Humanidade é humana”.

Joaquim Manuel de Macedo foi um admirável cronista do Rio de Janeiro, no bucolismo de sua vida e no decurso do Segundo Império e da segunda metade do século XIX.

Fizeram-se depois muitas restrições ao caráter um tanto ou quanto pueril das suas narrativas, acusadas de moralistas, prolixas e convencionais.

Mas até mesmo esses críticos jamais negaram o sentido educativo dos seus romances, fiéis na descrição da vida familiar, singelos no estilo, mas autênticos na reprodução de uma sociedade meio avançada e moderna para o seu tempo.

Até na ingenuidade dos seus diálogos, percebe-se a preocupação em traduzir a linguagem daqueles anos, sem muitas preocupações gramaticais, léxicas, gráficas ou sintáticas.

Abominava os modismos vernaculares, preferindo adotar a fala das pessoas modestas, com naturalidade e até mesmo com erros.

Na sua fase de pleno sucesso, Macedo, mesmo sem atingir a grandeza de Machado, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida, Macedo chegou a disputar com eles três as preferências de um público ávido e sedento por aqueles romances maravilhosos e inesquecíveis.

Senhor Presidente e senhores Acadêmicos.

Peço-lhes milhões de desculpas pelo alinhavado destas anotações, reunidas com tanto açodamento. Mas devo concluir, dizendo-lhes que Joaquim Manoel de Macedo viu aqueles anos de êxito e de glórias sendo substituídos, pouco a pouco, por uma atmosfera de cansaço e de saturação.

Vários dos seus mais ardorosos admiradores foram trocando os elogios por uma onda de desprezo, de abandono e de esquecimento, que muito o amargurou, colaborando para um processo de senilidade e de loucura, nas quais terminou morrendo.



### SESSÃO DO DIA 30 DE JUNHO DE 2005

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, estiveram presentes os Acadêmicos: Evanildo Cavalcante Bechara, Secretário-Geral; Cícero Sandroni, Diretor Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Murilo de Carvalho, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Ivan Junqueira colocou em discussão a ata da sessão do dia 23 de junho. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada.
- O Presidente Ivan Junqueira pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que aniversaria nesta data.
- O Presidente tomou a liberdade de inverter a ordem da sessão e passar a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que vai nos falar sobre Domício da Gama.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara lembrou que este ano assinala os oitenta anos do falecimento de Domício da Gama. Discorreu sobre os seus méritos literários e da sua rica personalidade. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara por esse retrato perfeito de Domício da Gama, que teve a sua obra recentemente reeditada pela Casa de Machado.
- Sobre a ida dos acadêmicos a Paris, o Presidente antecipou que correu tudo muito bem, segundo a sua opinião, talvez até acima das expectativas de todos que lá se encontravam, tanto na sua ida a Madri, para fazer a conferência sobre “Cervantes e a literatura brasileira”, quanto à presença dos quinze acadêmicos brasileiros na sessão conjunta com a Académie Française; e também no que se refere à presença dos cinco acadêmicos que participaram do Seminário na Sorbonne Nouvelle sobre a “Identidade da Literatura Brasileira”. Foi, entretanto, surpreendido pela Ordem do Dia, marcada para hoje, exatamente sobre a participação da Academia Brasileira de Letras no Ano do Brasil na França. Disse que gostaria de apresentar ao plenário uma versão mais circunstanciada e mais rica a respeito de todos esses acontecimentos e, tendo chegado ontem, não teve tempo de preparar, exatamente, o que desejava. Pensou, também, que, se essa apresentação fosse feita hoje, o plenário não teria a presença da maioria dos acadêmicos que estiveram em Paris. De modo que vai deixar para a próxima semana essa Ordem do Dia, quando promete apresentar não um relatório, mas uma versão bastante detalhada das coisas importantes, para esta Casa, que aconteceram em Madri e as que se sucederam em Paris. Agradeceu aos acadêmicos que fizeram parte da Comissão do Ano do Brasil na França. Agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella, que fez uma excelente intervenção na Sorbonne Nouvelle, na manhã do dia 28. Agradeceu também ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, responsável por uma série de realizações e contatos muito importantes na capital francesa, e fez um agradecimento, finalmente, ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa que, de certa forma, aplainou o caminho para essa visita à Académie Française.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse ter a satisfação de encaminhar à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro do Acadêmico José Murilo de Carvalho *Forças Armadas e Política no Brasil*. Lembrou que o Acadêmico José Murilo de Carvalho entrou nesta Casa já com uma substancial bagagem literária: *A Construção da Ordem, Os Bestializados*

e *A Formação das Almas*; e agora publica este livro examinando um aspecto muito pouco estudado da sociologia na história brasileira. Disse que o livro é muito interessante, em seus vários capítulos, analisando, sobretudo, as lideranças políticas e a evolução da ideologia política no Brasil. Chamou a atenção para um capítulo em que ele examina Juarez Távora, membro da Coluna Prestes, tenentista, revolucionário de 30, o vice-rei do Nordeste, Ministro da Viação, que tinha várias funções no Governo e que passou depois a uma atividade política. Foi candidato a Presidente da República em 1964 e foi membro do primeiro Ministério do Presidente Castelo Branco. Felicitou o Acadêmico José Murilo de Carvalho por este trabalho que certamente enriquecerá a Biblioteca da Academia.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse ser evidente que na próxima semana se abordará todo o horizonte do que foi feito em Paris e sobre a presença do Presidente Ivan Junqueira em Madri. Comunicou que, em seqüência, visitarão o Brasil dois acadêmicos franceses e é muito possível que o Acadêmico Marc Fumaroli passe no Rio, na próxima terça-feira e, talvez, seja provável recebê-lo nesta Casa na quinta-feira. Era sobre isso que queria alertar o Presidente.
- O Presidente Ivan Junqueira, antes de encerrar esta sessão e de se desculpar pela brevidade da mesma, convidou a todos para a cerimônia de lançamento do Prêmio Roberto Marinho de Cultura e Paz em parceria com a Fundação Roberto Marinho e a UNESCO, às 18h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior. Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão.

## DOMÍCIO DA GAMA: 80 ANOS DE SAUDADE

*Palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara\**

Este ano assinala os 80 anos de falecimento de Domício da Gama, primeiro da Cadeira 33 que tem por patrono Raul Pompéia, e amanhã, I.º de julho, o centésimo quinto aniversário de sua posse nesta Academia, recebido por Lúcio de Mendonça. Por várias ocasiões, em sessões solenes e em sessões plenárias, já foram justamente escalados os méritos literários e a participação efetiva de Domício da Gama, de modo que pouco mais se pode dizer, acrescentando achegas à sua rica personalidade e à carreira de êxitos que ornou sua existência, não sem alguns percalços.

Segundo crônica desses anos afastados, em que jovens alimentavam o sonho de uma instituição cultural à semelhança da Academia Francesa, distribuíam-se os pleiteantes em três alas: a dos impetuosos e revolucionários, capitaneada por Lúcio de Mendonça; a dos sonhadores e boêmios, integrada por Coelho Neto, Murat, Bilac e Aluísio; e, finalmente, a dos recolhidos, misteriosos, com Pompéia, Magalhães de Azeredo, a cuja hoste se filiava Domício da Gama, logo depois enriquecida com a adesão da figura estelar de Machado de Assis.

Havia ainda uma retaguarda reticente, mas não indiferente, de figuras que denunciavam certa perplexidade em face do movimento em marcha, que não chegaram a decidir-se por ingressar em nenhuma das três alas.

---

\* Proferidas na sessão do dia 30 de junho de 2005.

Tornada realidade a Academia os militantes mais ativos escolheram entre si os trinta fundadores com seus patronos, a que se juntaram dez restantes, para enfeixar o *numerus clausus* ditado pela semelhança aspirada com a Academia Francesa. Nesse reforço limitado encontrava-se Domício da Gama, consagrando como literato e jornalista da *Gazeta de Notícias* que, no dizer de Afrânio Coutinho, valia por “verdadeira academia que Ferreira de Araújo organizara sob a égide do escol intelectual do tempo”. Os pensadores literários do autor de *Contos a Meia-Tinta* vinham da meninice, como o demonstra o fato de aos dezoito anos presidir as atividades do Grêmio Literário Jardim de Academia, com vinte sócios, apesar de essa inclinação natural contrastar fortemente com a decisão férrea do pai lusitano, que o queria engenheiro.

A ligação afetiva e intelectual de Domício com Raul Pompéia e o bom trânsito com os fundadores do primeiro momento favoreceram a que Rodrigo Octavio, depois de tê-lo escolhido, lhe cedesse a honra de ter por patrono da Cadeira 33 o genial autor de *O Ateneu*.

Retornando à pretensão do pai de fazer o filho engenheiro, Domício aceitou à idéia, mas sua inaptidão para cursar a Politécnica só o arrastou até o 3.º ano, depois de insucessos nas provas e exames de promoção. A desistência valeu-lhe a perda da ajuda financeira paterna; os minguados vencimentos de professor de Geografia, em que era competentíssimo, e o dinheiro ganho na atividade jornalística garantiram-lhe sobrevivência modesta, estimulada pelo calor da amizade e aplausos de seus colegas mais próximos: Pompéia, Lúcio de Mendonça, José Carlos Rodrigues, dono do *Jornal do Commercio*.

Sua participação na prestigiosa *Gazeta de Notícias* abriu-lhe a senda do sucesso que era devido ao seu talento, quando foi designado representante do jornal em Paris. São palavras de sua sobrinha-neta na sessão de homenagem a Domício da Gama, no desenvolvimento de uma feliz idéia do nosso confrade Alberto Venancio Filho, por ocasião da passagem do primeiro centenário da Instituição, de serem revividos também os seus fundadores:

“Imaginem o que deve ter representado isso para um rapaz da roça, sem nome, sem pistolão, engonçado nos ternos de brim cortados e cosidos pela mãe, na máquina de mão, à noite, à luz do lampião de querosene [...] Lá co-

meçou a vestir-se e a freqüentar as melhores rodas literárias e artísticas. Bonito – continuava a sobrinha-neta –, esbelto, elegante naturalmente polido e delicado, com enorme sucesso entre as mulheres, prestativo e bom amigo entre os homens, [...], foi-se afirmando cada vez mais.”

A preocupação com a indumentária, que sempre o preocupou, abre-nos aqui uma oportunidade para comentar um fato ao título do primeiro livro de contos. Pobre professor e jornalista, levou sempre em conta a boa aparência quando freqüentava as tertúlias literárias junto aos colegas e amigos mais bafejados da sorte. Isso exigia-lhe ternos, camisas e meias que estivessem sempre limpos, embora esmaecidos pela freqüência às tinturarias.

Conta Humberto de Campos, entre malícia e jocosidade, que certo dia na Garnier, presentes Machado, Pompéia, Lúcio de Mendonça e alguns outros, Domício lia alguns contos; terminada a leitura, declarou que iriam integrar seu livro de estréia, faltando-lhe apenas o título. Prontamente, olhando para o calcanhar do amigo, sabe-se Pompéia:

*Contos à Meia-tinta!* Capciosamente, com um jogo inteligente de palavras, tão ao gosto do humor da época, referia-se, num quiproquó lingüístico, às meias tingidas e esmaecidas do amigo. Domício, inocente, confiante na argúcia verbal de Pompéia, aplaudiu-lhe a proposta, já que interpretara o título como alusivo à técnica da descrição impressionista que, nas pegadas de Pompéia – como prata da casa – e dos irmãos Goncourt – na França, vindo o movimento da pintura, emprestava aos quadros esboçados à meia-sombra dos seus contos. Em literatura, essa técnica impressionista que se pode rastrear nos contos de Domício, foi exemplarmente sintetizado pelo saudoso mestre Afrânio Coutinho, no seu discurso de posse:

“Em literatura, o impressionismo afirmou o triunfo da descrição sobre a narração, o domínio da atmosfera das grandes cidades; o entusiasmo pelo movimento, pela vida, água, sol, cor, ritmo; a superioridade da poesia pura; a obsessão com o elemento psicológico e sua expressão; a redução de todo valor poético à sensação pura e sua descrição, negando a forma externa das realidades; o uso da linguagem em combinações de palavras tais, que sejam o instrumento de registro das impressões, abolindo em conseqüência no escritor a

reflexão sobre as coisas, e exigindo dela que se anule para assimilar as qualidades do objeto na sua inteireza.”

O sucesso do livro saído em 1891 e a fama de exuberante conhecedor de geografia o aproximaram de Rio Branco, que logo o convidou para secretário e, depois de servi-lo nas questões de limites e fronteiras, lhe abriu as portas da diplomacia. Dez anos depois dos *Contos à Meia-tinta*, viriam depois, em 1901, já acadêmico, as *Histórias Curtas*. Nosso confrade Alberto Venancio Filho, no discurso proferido em sua homenagem no ano do centenário de nossa instituição, depois estampado na reedição de *Contos* editado em 2001 na Coleção Afrânio Peixoto, traça-lhe o perfil de acadêmico, ressaltando o quanto por ela trabalhou como secretário-geral e, praticamente presidente, cumprindo as ausências de Rui Barbosa, motivadas pelos seus compromissos de variada natureza.

Nesta lembrança da passagem do centenário de sua posse, cabe ressaltar seus dotes literários, seus contos urdidos à meia-sombra, à meia-tinta, cioso de uma riqueza vernácula que não perde a graça do estilo nem esmorece o interesse do leitor, sempre vivo pela descrição esboçada.

Se a posteridade geralmente acerta no julgamento de obras literárias, mantendo incolores, mas, religando ao esquecimento outras, às vezes erra nas escolhas. No caso de Domício da Gama, ela parece ter exagerado no seu julgamento.



## BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLV – N.º 01  
*Em 20 de janeiro de 2005*

FALECIMENTO – Faleceu em São Paulo, no dia 28 de dezembro de 2004, a condessa Ana Theresa de Scantimburgo, esposa do Acadêmico João de Scantimburgo. O sepultamento realizou-se no dia 29 no Cemitério São Paulo.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Comemorou-se no dia 11 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Nejar, que ocupa a Cadeira n.º 4 do Quadro dos Membros Efetivos.

CADEIRA N.º II – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos, vaga com o falecimento do Acadêmico Celso Furtado, os Srs. Helio Jaguaribe, Nelson Valente, Marco Aurélio Lomônaco Pereira e Paulo Hirano. As inscrições encerraram-se no dia 24 de dezembro e a eleição está marcada para o dia 3 de março de 2005.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alberto Venancio Filho, que ocupa a Cadeira n.º 25 do Quadro dos Membros Efetivos.

PUBLICAÇÕES DA ABL – Acaba de sair e está sendo encaminhada aos Senhores Acadêmicos o n.º 41 da *Revista Brasileira*, correspondente aos meses de outubro, novembro e dezembro de 2004.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO –  
Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que ocupa a Cadeira n.º 34 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Bechara foi convidado pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura, e a *Folha Dirigida* para integrar a Comissão Julgadora que selecionará os 5 de melhores textos do concurso de redação “Solidariedade – escreva a sua parte”, realizado em parceria com instituições de ensino de nível superior em todo o Estado do Rio de Janeiro. Este projeto – iniciado com o concurso “Escrevendo a Paz” e agora em sua segunda edição – tem como objetivo levar a juventude universitária a fazer uma reflexão sobre temas de caráter universal.

A *ALMA DE UM PADRE* – Saiu em dezembro passado o livro do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, *A Alma de um Padre*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto vai abrir o Ciclo de Conferências da Bienal do Livro falando sobre a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade.

FEIRA DO LIVRO DE HAVANA – A Academia Brasileira de Letras enviou à Biblioteca Nacional, a pedido do seu presidente, Pedro Corrêa do Lago, cinquenta exemplares dos últimos títulos publicados das coleções Afrânio Peixoto e Austregésilo de Athayde. Os livros seguiram para Havana, onde serão expostos na Feira do Livro daquela cidade, a realizar-se entre os dias 3 e 13 de fevereiro próximo, ocasião em que será prestada homenagem especial ao Brasil.

ANO XLV – N.º 02  
*Em 17 de fevereiro de 2005*

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras dará início às suas atividades para o ano de 2005 no próximo dia 3 de março.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO OSCAR DIAS CORRÊA –  
Comemorou-se no dia 1.º do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Oscar Dias Corrêa, que ocupa a Cadeira n.º 28 do Quadro dos Membros Efetivos.

CADEIRA N.º II – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos, vaga com o falecimento do Acadêmico Celso Furtado, os Srs. Helio Jaguaribe, Nelson Valente, Marco Aurélio Lomônaco Pereira e Paulo Hirano. As inscrições encerraram-se no dia 24 de dezembro e a eleição está marcada para o dia 3 de março de 2005.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Comemora-se amanhã, dia 18, o aniversário natalício do Acadêmico Lêdo Ivo, que ocupa a Cadeira n.º 10 do Quadro dos Membros Efetivos.

PUBLICAÇÕES DA ABL – Acaba de sair e está sendo encaminhado aos Senhores Acadêmicos o n.º 41 da *Revista Brasileira*, correspondente aos meses de outubro, novembro e dezembro de 2004.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Comemora-se no próximo dia 19 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, que ocupa a Cadeira n.º 7 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A Convite da União Brasileira de Escritores (UBE), Seção de Pernambuco, o Acadêmico Ivan Junqueira fará no próximo dia 18 do corrente, na sede daquela instituição literária, em Recife, uma conferência sobre o legado poético de Manuel Bandeira. Na ocasião, o conferencista autografará exemplares de seu livro *Testamento de Pasárgada*, sobre a obra daquele pernambucano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Participou da XIV Feira do Livro de Havana, ocasião em que foi lançada a tradução para o espanhol de *A Cidadania no Brasil: o Longo Caminho*, livro que recebeu o Prêmio Casa das Américas de 2004. No dia 9 de fevereiro proferiu palestra sobre este livro.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que ocupa a Cadeira n.º 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin no dia 31 de janeiro passado integrou, na Universidade de Brasília, a banca da dissertação de mestrado “A representação literária de negros e índios no Romantismo brasileiro”, de Paulo Henrique Brandão.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Comemora-se no próximo dia 26, o aniversário natalício do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que ocupa a Cadeira n.º 33 do Quadro dos Membros Efetivos.

NA PONTA DE LÍNGUA – Acaba de sair o 6.º volume da série *Na Ponta da Língua*, do Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, onde há vários artigos de autoria do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – Comemora-se no dia 26 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Cícero Sandroni, que ocupa a Cadeira n.º 6 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 03  
*Em 3 de março de 2005*

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras inicia hoje, dia 3 de março, suas atividades para o ano de 2005.

CADEIRA N.º II – Realiza-se hoje, dia 3 de março, a eleição para o preenchimento da Cadeira n.º II do Quadro dos Membros efetivos, vaga com o falecimento do Acadêmico Celso Furtado. Encontram-se inscritos para concorrer a esta Cadeira os Srs. Helio Jaguaribe, Nelson Valente, Marco Aurélio Lomônaco Pereira e Paulo Hirano.

AULA MAGNA – O Acadêmico Sergio Corrêa da Costa profere hoje, dia 3 de março, conferência sobre tema extraído do seu último livro: *O Nazismo na América Latina*, na Faculdade Carioca. Será a aula magna de abertura dos cursos de 2005.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Terá início na próxima terça-feira, dia 8, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “Fundadores da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Antonio Olinto sobre “O tribuno José do Patrocínio”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

15/03 – Sábato Magaldi: “Artur Azevedo – um autor seminal”

22/03 – Cícero Sandroni: “Urbano Duarte e os jornalistas de seu tempo”

29/03 – Murilo Melo Filho: “Graça Aranha, acadêmico modernista”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Itaú Cultural, o Acadêmico Ivan Junqueira participou em São Paulo, no dia 25 de fevereiro, da mesa-redonda “Literatura – só quem lê é leitor?”, ao lado da professora Marisa Lajolo, do crítico Nelson de Oliveira e do editor Carlos Augusto Lacerda. A reunião faz parte do seminário “Leitura de Inquietações”, que se realiza entre 23 e 25 de fevereiro deste ano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo esteve no México, de 13 a 20 de fevereiro último, participando do Primeiro Encontro Ibero-americano de Poesia Carlos Pellicer Cámara, que se realizou em Villahermosa, Estado de Tabasco, com a presença de 44 poetas representativos da América Hispânica e da Espanha. O festival incluiu recitais de poesia, seminários sobre a criação poética e a situação da poesia no mundo atual. Representações teatrais e visitas a sítios arqueológicos e ecológicos. A extensa programação incluiu ainda uma homenagem especial ao Acadêmico Lêdo Ivo, com uma festividade comemorativa dos seus 80 anos, realizada precisamente no dia 18 último, data de seu aniversário.

LANÇAMENTO – Realiza-se no próximo dia 10 do corrente, na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro *Dante Milano, Obra Reunida*. Organização e estabelecimento do texto de Sérgio Martagão Gesteira. Apresentação e bibliografia do Acadêmico Ivan Junqueira.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Representando a ABL e seu Presidente, o Acadêmico Murilo Melo Filho fará, no próximo dia 14, uma conferência sobre o Acadêmico Jorge Amado, durante as comemorações do 46.º aniversário de fundação da Academia de Letras de Ilhéus, terra natal dos Acadêmicos Jorge Amado e de Adonias Filho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 8 de março, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em São Paulo, integrando a Comissão Organizadora do Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2005. No dia 9 de março, às 14 horas, na ABL, haverá a defesa de tese de doutorado “A formação do leitor e a nação inventada: aspectos da modernidade em José de Alencar”, de Rita Elías, sob orientação de Antonio Carlos Secchin.

DR. ROBERTO – No dia 18 de fevereiro, em Recife, foi feito o lançamento público do livro *Dr. Roberto*. Na ocasião, no auditório do TRF foram homenageados D. Lily Marinho, o Acadêmico Ivan Junqueira, o Acadêmico Arnaldo Niskier e os escritores Mauro Salles e Joaquim Falcão.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Eleito pelo Congresso Nacional, o Acadêmico Arnaldo Niskier passou a integrar o Conselho de Comunicação Social, órgão auxiliar do Senado Federal.

ANO XLV – N.º 04  
*Em 10 de março de 2005*

LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, 10 do corrente, às 17 horas, na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro *Dante Milano, Obra Reunida*. Organização e estabelecimento do texto de Sérgio Martagão Gesteira. Apresentação e biobibliografia do Acadêmico Ivan Junqueira.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Teve início terça-feira, dia 8, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “Fundadores da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Antonio Olinto sobre “O tribuno José do Patrocínio”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

15/03 – Sábato Magaldi: “Artur Azevedo – um autor seminal”

22/03 – Cícero Sandroni: “Urbano Duarte e os jornalistas de seu tempo”

29/03 – Murilo Melo Filho: “Graça Aranha, acadêmico modernista”

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY – Comemora-se no próximo dia 14 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que ocupa a Cadeira n.º 3 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Acaba de regressar da Europa o Acadêmico Eduardo Portella, ocasião em que presidiu em Paris, na sede da UNESCO, a reunião semestral do Fundo Mundial para a Promoção da Cultura.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA NA ABCA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça passou a integrar, desde o dia 7 do corrente, a Academia Brasileira das Ciências da Administração. Ocupa a Cadeira de que foi titular o professor Mário Henrique Simonsen.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Representando a ABL e seu Presidente, o Acadêmico Murilo Melo Filho fará, no próximo dia 14, uma conferência sobre o Acadêmico Jorge Amado, durante as comemorações do 46.º aniversário.

sário de fundação da Academia de Letras de Ilhéus, terra natal dos acadêmicos Jorge Amado e Adonias Filho.

*A ALMA DE UM PADRE, TESTEMUNHO DE UMA VIDA* – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 17 do corrente, às 17 horas, na Sala dos Fundadores o lançamento do livro *A Alma de um Padre, Testemunho de uma Vida*, do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila.

“200 ANOS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN” – O 2.º ciclo da programação cultural deste ano terá início em 5 de abril e comemorará os 200 anos de Hans Christian Andersen. Participarão deste ciclo a Acadêmica Ana Maria Machado, o Acadêmico Arnaldo Niskier, as Sras Cecília Costa Junqueira e Isabel Maria Carvalho Vieira e o Sr. Per Johns.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon encontra-se em Guadalajara, México, para tomar posse no Conselho da Cátedra Júlio Cortazar, nomeada pelos escritores Gabriel Garcia Marques e Carlos Fuentes. A seguir, fará uma conferência sobre Cervantes na cidade de Guanajuato. Retorna ao Brasil no dia 16 de março e em seguida vai a Brasília participar de uma mesa-redonda, composta pelo Acadêmico José Sarney e Eric Nepomuceno, sobre o livro *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar, em sua visita a Havana, Cuba, firmou compromisso com a editora Arte e Literatura, onde saiu *La Edad de la Aurora*, traduzido pelo poeta cubano Virgílio López Lemus. Ficou acertada também a publicação imediata de outro livro de poemas, *Simon Vento Bolívar*, que terá o mesmo tradutor.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva proferiu, no dia 8 do corrente, a Aula Magna do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sobre “A história da História da África”. No próximo dia 19, dará a Aula Magna do Curso de História da África na Universidade Candido Mendes.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado, dia 14 de março, faz palestra de abertura do II Encontro Estadual de Bibliotecas Públicas, na Assembléia Legislativa do Espírito Santo. E de 16 a 19 de março, participa no Chile do Encontro da UNESCO sobre os Sentidos na Educação, falando sobre “Literatura e História: A Importância da Narrativa na Formação do Professor”.

ANO XLV – N.º 05  
*Em 17 de março de 2005*

*ALMA DE UM PADRE, TESTEMUNHO DE UMA VIDA* – Realiza-se hoje, 17 do corrente, às 17 horas, na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro *A Alma de um Padre, Testemunho de uma Vida*, do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila.

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será no dia 23 de março, quarta-feira, às 16 horas, em virtude dos feriados da Semana Santa.

FUNDADORES DA ACADEMIA – Teve início terça-feira, dia 8, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “Fundadores da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Antonio Olinto sobre “O tribuno José do Patrocínio”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

22/03 – Cícero Sandroni: “Urbano Duarte e os jornalistas de seu tempo”

29/03 – Murilo Melo Filho: “Graça Aranha, acadêmico modernista”

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA – Comemora-se hoje, dia 17, o aniversário natalício do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, que ocupa a Cadeira n.º 15 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – A Academia Brasileira de Ciência da Administração empossou novos membros do seu quadro efetivo, entre os quais o Acadêmico Marcos Vilaça, como sucessor da cadeira antes ocupada por Mário Henrique Simonsen. Estiveram presentes à posse os Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Murilo Melo Filho e Evanildo Cavalcante Bechara.

PARCERIAS ACADÊMICAS – No dia 5 de março, no Recife, as Academias Pernambucana e Paraibana de Letras promoveram o encontro de seus integrantes. O encontro, batizado de “paraibuco”, teve momentos de grande descontração com a participação dos Acadêmicos Marco Maciel e Ariano Suassuna, a quem coube saudar os paraibanos, entre eles Joacil Brito, Ronaldo Cunha Lima e Ascendino Leite.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Moacyr Scliar, que ocupa a Cadeira 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho proferiu, no dia nove de março, a aula inaugural no Departamento de Sociologia e Ciência Política da PUC-Rio sobre o tema “Dona cidadania, seus maridos e amantes”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar viaja hoje para Roma, Itália, onde pronunciará a aula inaugural na Faculdade de Letras, da Universidade de Roma e na Universidade de Bari. Além de recital, lançará seu livro de poemas em italiano, *Túnel*. Depois seguirá para Clermont-Ferrand, França, onde fará conferência sobre a Épica Contemporânea, entre vários da Europa.

NOVO PRESIDENTE – O Acadêmico Arnaldo Niskier, depois de indicado para o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, foi eleito presidente (por dois anos) desse órgão auxiliar, que lida basicamente com temas de radiodifusão e telecomunicações.

CONTO DE ESCOLA – O Acadêmico Arnaldo Niskier, em nome do Conselho Editorial da Câmara dos Deputados, ofereceu à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras o livro, *Conto de Escola e Outras Histórias Curtas*, de Machado de Assis. Oferecimento do escritor Edmilson Caminha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Será às 19 horas do próximo dia 31, quinta-feira, na Sala Cecília Meireles, a solenidade em que o Acadêmico Lêdo Ivo receberá o Prêmio Golfinho de Ouro, que lhe foi atribuído pelo Conselho Estadual de Cultura, em reconhecimento à sua obra poética e literária. O Prêmio, no valor de Cinquenta mil reais, lhe será entregue pela Governadora Rosinha Garotinho, e na presença do Acadêmico Arnaldo Niskier, Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

ANO XLV – N.º 06  
*Em 23 de março de 2005*

FUNDADORES DA ACADEMIA – Teve início terça-feira, dia 8, às 17h 30min, o I.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Fundadores da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Antonio Olinto sobre “O tribuno José do Patrocínio”. A conferência de encerramento será no dia 29 de março, no mesmo horário, e estará a cargo do Acadêmico Murilo Melo Filho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho proferiu, no dia 16 de março, a aula inaugural do

Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo, falando sobre “O ‘brasílico Locke’: o contratualismo na luta pela independência do Brasil”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Sairão este ano, o novo romance de Carlos Nejar, pela Editora Bertrand, *O Poço dos Milagres* e também um *Dicionário de Citações de sua Ficção*, com prefácio e seleção do professor e poeta Paulo Roberto do Carmo. Acaba também de assinar contrato e entregar os originais de sua *História da Literatura Brasileira*, trabalho de muitos anos, para uma editora francesa e uma editora italiana. Depois sairá no Brasil.

HOMENAGEM DA FGV AO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – A Presidência e o Conselho da Fundação Getúlio Vargas homenagearam, com almoço, a que compareceram ministros, embaixadores, empresários e professores, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. O Presidente Carlos Ivan Simonsen explicou que o gesto era o testemunho da Instituição ao seu grande amigo, o Ministro Marcos Vinícios Vilaça.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado estará lançando no dia 28 do corrente às 20 horas, na Livraria Argumento do Leblon, seu novo romance *Palavra de Honra*, editado pela Nova Fronteira.

200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN – Terá início terça-feira, dia 5 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os “200 anos de Hans Christian Andersen”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara. A conferência de abertura será proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre “Pelos frestas e brechas: importância da literatura infanto-juvenil brasileira”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/04 – Per Johns: “A aventura de Hans Christian Andersen”

19/04 – Isabel Maria Carvalho Vieira: “Andersen, o poeta da exclusão”

26/04 – Cecília Costa Junqueira: “Andersen: o beijo do amor”

03/05 – Arnaldo Niskier: “HC Andersen – a usina de sonhos”

EXPOSIÇÃO “200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN” – Realiza-se no dia 5 de abril, às 18h 30min, na Galeria do Centro Cultural do Brasil, a abertura da exposição comemorativa dos 200 anos do nascimento de Hans Christian Andersen.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em São Paulo integrando o Júri do Prêmio de Literatura da Fundação Conrado Wessel.

CONVITE – O Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro convida os Senhores Acadêmicos para a Aula Magna de 2005, que será proferida pelo Embaixador Alberto da Costa e Silva sobre “A História da História da África e sua Importância para o Brasil”, no dia 28 do corrente, às 18 horas, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

ANO XLV – N.º 07  
*Em 31 de março de 2005*

200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN – Terá início terça-feira, dia 5 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os “200 anos de Hans Christian Andersen”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura será proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre “Pelas frestas e brechas: importância da literatura infanto-juvenil brasileira”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/04 – Per Johns: “A aventura de Hans Christian Andersen”  
 19/04 – Isabel Maria Carvalho Vieira: “Andersen, o poeta da exclusão”  
 26/04 – Cecília Costa Junqueira: “Andersen: o beijo do amor”  
 03/05 – Arnaldo Niskier: “H.C. Andersen – a usina de sonhos”

EXPOSIÇÃO “200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN” – Realiza-se no dia 5 de abril, às 18h 30min, na Galeria do Centro Cultural do Brasil, a abertura da exposição comemorativa dos 200 anos do nascimento de Hans Christian Andersen.

COMITIVA FRANCESA VISITA A ABL – Na próxima quinta-feira, dia 7 de abril, visita a Academia Brasileira de Letras a comitiva Francesa que está vindo ao Brasil para discutir a participação brasileira no Ano Brasil França. Dela participam o Sr. François Fillon, Ministro da Educação da França, o Sr. Daniel Vitry, Secretário Geral do Ministério e o Sr. Bernard Bosredon, Presidente da Sorbonne Nouvelle.

GOLFINHO DE OURO – Em solenidade realizada ontem, dia 30, às 19 horas, na Sala Cecília Meireles, o Acadêmico Lêdo Ivo recebeu das mãos do Acadêmico Ivan

Junqueira, Presidente da ABL, o Prêmio Golfinho de Ouro de Literatura, que lhe foi atribuído pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. O evento contou com a presença do Acadêmico Arnaldo Niskier, Secretário de Cultura do Estado.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – No dia 18 de abril próximo, o Acadêmico Carlos Nejar viajará para Portugal, onde, a convite, fará recitais de poemas em Viana do Castelo, Braga e Porto. No dia 4 de maio próximo participará, em Porto Alegre, do seminário “Leituras de Érico Veríssimo”, dando o seu depoimento sobre o grande romancista gaúcho.

CONFERÊNCIA – No dia 27 de abril, em Brasília, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará uma conferência no auditório do jornal *Correio Braziliense*, sobre “O estágio atual da língua portuguesa”.

CONSELHO DA SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL – Os Acadêmicos Ivo Pitanguy, Marcos Vinícios Vilaça e Nélida Piñon foram, por unanimidade, eleitos para o Conselho Deliberativo da Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva deu ontem a Aula Inaugural do Instituto Rio Branco, em Brasília, sobre o tema “Uma visão da África”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 18 de março, o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado como “Guest Professor” durante o VI Simpósio Internacional de Cirurgia Plástica, que se realizou no Hotel Meliá, em São Paulo, e proferiu conferência sobre “Contorno corporal com ênfase no pós-obeso”. Ontem, dia 30, participou, como convidado especial, do Congresso Mundial da Associação Internacional de Medicina Estética, realizado no Hotel Sofitel, Rio de Janeiro.

120.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE DOM AQUINO CORREIA – A 1.º de abril de 1885, nascia em Cuiabá (MT) D. Aquino Correia, que ocupou a Cadeira n.º 34 do Quadro dos Membros Efetivos.

CINQUENTA ANOS DA ELEIÇÃO DE ÁLVARO LINS – Comemora-se no próximo dia cinco de abril, cinquenta anos da eleição de Álvaro Lins para a Cadeira n.º 17 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 08  
*Em 7 de abril de 2005*

COMITIVA FRANCESA VISITA A ABL – A Academia recebe hoje, dia 7 de abril, a visita da comitiva Francesa que está vindo ao Brasil para discutir a participação brasileira no Ano Brasil França. Dela participam o Sr. André Siganos, Diretor Adjunto da Direction de la Coopération Scientifique et Universitaire; o Sr. Bernard Bosresdon, Presidente de Paris III e 2.º vice-presidente de la Conférence des Présidents d’Université; o Sr. Nelson Vallejo-Gomez, Chefe do Departamento Américas, Direction des Relations Internationales et de la Communication para o Fórum dos Reitores; Olivier Audeoud, Président de la Comissão des Relations Extérieures, de la Conférence des Présidents d’Université. Da Embaixada virão a Sra. Martine Dorance, Conselheira de Cooperação e de Ação Cultural, e o Sr. Rémy Lestienne, Adido Científico. Do Rio o Cônsul Geral, Philippe Dupont, e Jean-Paul Lefevre, Adido de Cooperação e de Ação Cultural.

200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN – Teve início terça-feira, dia 5 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os “200 anos de Hans Christian Andersen”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre “Pelos frestas e brechas: importância da literatura infanto-juvenil brasileira”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/04 – Per Johns: “A aventura de Hans Christian Andersen”

19/04 – Isabel Maria Carvalho Vieira: “Andersen, o poeta da exclusão”

26/04 – Cecília Costa Junqueira: “Andersen: o beijo do amor”

03/05 – Arnaldo Niskier: “Andersen – a usina de sonhos”

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 15 de abril, sexta-feira, às 17h 30 min, na Sala dos Poetas Românticos, o I.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: “Beethoven e Hans Christian Andersen”. Sonatas de Beethoven para violino e piano, com Cláudio Cruz (violino) e Illan Rechtman (piano). Leitura de textos por Rejane Zilles.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar proferiu no dia 30 de março a Aula Magna da Fundação dos Cursos da Fundação Oswaldo Cruz, falando sobre “A história da Saúde Pública”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Foi concedida ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara a Medalha Isidoro de Sevilha pelo seu trabalho de difusão e valorização da filologia. A entrega da láurea realizou-se, no dia 4 de abril, em São Paulo, na USP.

NOVO LIVRO SOBRE MARCANTONIO VILAÇA – A editora Cosac e Naify está distribuindo entre os escritores e jornalistas do circuito das artes plásticas o livro *Mensagens a Marcantonio*. Trata-se de uma coletânea de textos e poemas de brasileiros e estrangeiros em honra do colecionador Marcantonio Vilaça. O prefácio é da Acadêmica Ana Maria Machado. A edição registra o 5.º aniversário da morte do filho do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA – Realiza-se a partir do dia 6 de abril no Tribunal de Contas do Município um ciclo de conferências sobre Língua Portuguesa a cargo de Membros da Academia Brasileira de Letras. Participarão deste ciclo os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Evanildo Cavalcante Bechara e Murilo Melo Filho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – O prêmio Richelieu-Senghor 2005 foi atribuído ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, e ser-lhe-á entregue em cerimônia no Senado (Palais du Luxembourg), seguida de jantar, no próximo dia 17 de maio.

I.ª BIENAL DO LIVRO DE GOIÁS – HOMENAGEM A BERNARDO ÉLIS – A I.ª Bienal do Livro de Goiás acontecerá de 23 de abril a 1.º de maio. Nesta ocasião será lançado o livro inédito de contos do saudoso Acadêmico Bernardo Élis, intitulado *Onde Canta a Seriema*.

REVISTA BRASILEIRA – Acaba de sair e será encaminhada aos Acadêmicos o n.º 42 da *Revista Brasileira*, referente ao primeiro trimestre de 2005.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 13 de abril o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado a participar do Programa “Talk Show” no Clube Israelita Brasileiro, do Rio de Janeiro.

ANO XLV – N.º 09  
*Em 14 de abril de 2005*

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será antecipada para quarta-feira, dia 20 de abril, em virtude do feriado de Tiradentes.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se amanhã, dia 15 de abril, sexta-feira, às 17h 30 min, na Sala dos Poetas Românticos, o I.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: “Beethoven e Hans Christian Andersen”. Sonatas de Beethoven para violino e piano, com Cláudio Cruz (violino) e Illan Rechtman (piano). Leitura de textos por Rejane Zilles.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Comemora-se no próximo dia 17 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Tarcísio Padilha, que ocupa a Cadeira n.º 2 do Quadro dos Membros Efetivos.

200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN – Teve início terça-feira, dia 5 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os “200 anos de Hans Christian Andersen”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

19/04 – Isabel Maria Carvalho Vieira: “Andersen, o poeta da exclusão”

26/04 – Cecília Costa Junqueira: “Andersen: o beijo do amor”

03/05 – Arnaldo Niskier: “Andersen – a usina de sonhos”

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – Transcorre no dia 19 de abril, terça-feira próxima, o aniversário natalício da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que ocupa a Cadeira n.º 16 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 29 de abril o Acadêmico Ivo Pitanguy, convidado pela American Society for Aesthetic Plastic Surgery, vai dar cursos sobre rejuvenescimento facial e sobre sua experiência pessoal no tratamento das diferentes deformidades da mama. Os cursos serão ministrados em Nova Orleans, Estados Unidos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Acadêmica Ana Maria Machado estará na Itália de 12 a 17 de abril, participando da Feira do Livro Infantil de Bologna, onde estará sendo lançado *From Another World*, a edição canadense de seu livro *Do Outro Mundo*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto será o Orador Oficial da Semana Acadêmica das Faculdades Integradas Simonsen, que será inaugurada dia 18 do corrente, quando falará sobre “A visão holística do profissional do terceiro milênio”.

AURORA FLUMINENSE – Está sendo preparado, pelo Governo do Estado, o primeiro número da revista *Aurora Fluminense*, com um artigo do Acadêmico Antonio Olinto sobre Evaristo da Veiga. A revista sairá na próxima Bienal do Livro.

EXPOSIÇÃO EM HOMENAGEM A RACHEL DE QUEIROZ – Na comemoração dos seus 150 anos de fundação, a Cidade de Caçapava inaugurou esta semana uma Exposição em homenagem à Acadêmica Rachel de Queiroz e lançou a pedra fundamental da construção de sua Academia de Letras. Representando a Academia Brasileira de Letras, esteve presente o Acadêmico Murilo Melo Filho.

MESA-REDONDA: ANTONIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU – 300 ANOS – Está marcada para o dia 5 de maio de 2005, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre da ABL, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira, a mesa-redonda comemorando os 300 anos de Antonio José da Silva, o Judeu, da qual participarão os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Sábato Magaldi, a Sra. Barbara Heliodora e o Sr. Paulo Roberto Pereira.

ANO XLV – N.º 10  
*Em 20 de abril de 2005*

200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN – Teve início terça-feira, dia 5 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre os “200 anos de Hans Christian Andersen”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

26/04 – Cecília Costa Junqueira: “Andersen: o beijo do amor”  
03/05 – Arnaldo Niskier: “Andersen – a usina de sonhos”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – O Acadêmico Alberto Venancio Filho viajou para Lisboa a fim de se empossar hoje, dia 20 de abril, como acadêmico da Academia Portuguesa da História, no preenchimento da Cadeira 38, em sucessão ao filólogo Gladstone Chaves de Melo. A Cadeira foi anteriormente ocupada pelos acadêmicos Ribeiro Couto e Luís Viana Filho.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Helio Jaguaribe, que ocupa a Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – A Acadêmica Lygia Fagundes Telles estará em Goiás no próximo dia 22 do corrente, para abertura da Feira do Livro de Goiânia. Na ocasião será lançado o seu novo livro *Meus Contos Esquecidos*.

LÍNGUA PORTUGUESA – No próximo dia 27, das 8h 30min às 11h 30min, no jornal *Correio Braziliense*, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência intitulada “Na ponta da língua”, abordando inovações na língua portuguesa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY – Comemora-se no próximo dia 24 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico José Sarney, que ocupa a Cadeira n.º 38 do Quadro dos Membros Efetivos.

DA ARCA SACRA – Será lançado, no segundo semestre, *Da Arca Sacra*, novo livro do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, reunindo ensaios, discursos e conferências proferidas nos últimos anos. O prefácio é do Acadêmico Moacyr Seliar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico eleito Helio Jaguaribe retornou ontem da Turquia, onde participou de um simpósio sobre o Islã, promovido pela Academia da Latinidade, que tem como Secretário-Geral o Acadêmico Candido Mendes de Almeida. O Acadêmico Helio Jaguaribe proferiu conferências em Ankara e Istambul.

MESA-REDONDA: ANTONIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU – 300 ANOS – Está marcado para o dia 5 de maio de 2005, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre da ABL, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira, a mesa-redonda comemorando os 300 anos de Antonio José da Silva, o Judeu, da qual participarão os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Sábato Magaldi, a Sr.<sup>a</sup> Barbara Heliodora e o Sr. Paulo Roberto Pereira.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 12 de maio o Acadêmico Ivo Pitanguy vai participar do Café Literário sobre o tema “Amigos de Sempre” durante a XII Bienal Internacional do Livro no Rio de Janeiro, e falará sobre o escritor Fernando Sabino.

PRÊMIO LITERÁRIO – Organizado pelo CIEE e apoiado pela Academia Brasileira de Letras, será entregue no dia 25 de maio, em sessão plenária, o Prêmio Literário Alceu Amoroso Lima, destinado a alunos universitários. O tema, desta feita, abordou a poesia brasileira.

ANO XLV – N.º II  
*Em 28 de abril de 2005*

200 ANOS DO NASCIMENTO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN – Teve início terça-feira, dia 5 de abril, às 17h 30min, o 2.º ciclo da programação cultural deste ano sobre os “200 anos de Hans Christian Andersen”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de encerramento, no dia 3 de maio de 2005, às 17h 30min, estará a cargo do Acadêmico Arnaldo Niskier: “Andersen – a usina de sonhos”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará no próximo dia 6 de maio, na escola de Magistratura do Rio de Janeiro, uma conferência sobre “A criação literária” para jovens juizes do Estado. O mediador da palestra será o Acadêmico Arnaldo Niskier.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Comemora-se no próximo dia 30 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Arnaldo Niskier, que ocupa a Cadeira n.º 18 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HÉLIO JAGUARIBE – O Acadêmico eleito Hélio Jaguaribe esteve em Brasília de 25 a 27 do corrente, participando do Seminário Comemorativo dos Cinquenta Anos do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI, do qual foi o fundador. A sua conferência teve como tema “O crescimento das Relações Internacionais do Brasil”.

INAUGURAÇÃO EM GOIÂNIA DA I BIENAL DO LIVRO – O Governador Marconi Perillo inaugurou sexta-feira última, em Goiânia, a I Bienal Estadual do Livro. Convidada, a Academia Brasileira de Letras fez-se representar pelo Acadêmico Murilo Melo Filho.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Comemora-se no próximo dia 3 de maio o aniversário natalício da Acadêmica Nélida Piñon, que ocupa a Cadeira n.º 30 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado nos dias 23 e 24 do corrente participou da I Bienal do Livro de Goiás. Nessa ocasião lançou o seu romance *Palavra de Honra*, e fez uma palestra intitulada “Alguns segredos de quem escreve”. De 26 a 29 encontra-se na Guiana Francesa para o Salão do Livro de Caiena. Terá sessões de autógrafos, participará de

mesas-redondas, visitará escolas e terá encontros com leitores em Kourou e em Caiena, para discutir seus livros publicados em francês e adotados nas escolas locais. De 30 de abril a 8 de maio a Acadêmica Ana Maria Machado estará em Portugal, onde vai participar do Encontro Lusófono de Literatura Infanto-Juvenil, no Porto. Com feira de livros, visita a escolas, mesas-redondas e debates. O tema principal será a tentativa de um balanço entre nossa diversidade e unidade.

LANÇAMENTO – Realizou-se terça-feira, dia 26, às 18h, no Salão Nobre do Senado Federal, em Brasília, o lançamento da terceira edição do livro *Doutor Roberto*. Estiveram presentes os Acadêmicos José Sarney, Marco Maciel e Arnaldo Niskier.

MESA-REDONDA: ANTONIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU – 300 ANOS – Está marcada para o dia 5 de maio de 2005, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre da ABL, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira, a mesa-redonda comemorando os 300 anos de Antonio José da Silva, o Judeu, da qual participarão os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Sábato Magaldi, a Sr.<sup>a</sup> Barbara Heliodora e o Sr. Paulo Roberto Pereira.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 27 de maio, no Hotel Luxor no Rio de Janeiro, o Acadêmico Ivo Pitanguy vai proferir a conferência de abertura do “International Scholar Laureate Program-Delegation of Medicine”, sobre “Contorno corporal”.

PATRIMÔNIO CULTURAL – O Acadêmico Marco Maciel é o mais novo integrante do Conselho de Desenvolvimento da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. O Conselho é um órgão de consultoria, não remunerado, que tem por objetivo zelar pelo patrimônio cultural e moral da Universidade.

REPRESENTAÇÃO – A Governadora Rosinha Garotinho designou o Acadêmico Arnaldo Niskier para representá-la nos festejos de junho do Ano do Brasil na França, em Paris.

ANO XLV – N.º 12  
*Em 5 de maio de 2005*

MESA-REDONDA: ANTONIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU – 300 ANOS – Realiza-se hoje, dia 5 de maio de 2005, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre da ABL, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira, a mesa-redonda comemorando os 300 anos de Antonio José da Silva, o Judeu, da qual participarão os

Acadêmicos Arnaldo Niskier e Sábato Magaldi, a Sr.<sup>a</sup> Barbara Heliodora e o Sr. Paulo Roberto Pereira.

CAMINHOS DO CRÍTICO – Terá início na próxima terça-feira, dia 10 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “Caminhos do crítico”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre “Caminhos entre a Literatura e a História Cultural”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

17/05 – Benedito Nunes: “Meu caminho na crítica”  
24/05 – Leyla Perrone-Moisés: “Por amor à arte”  
31/05 – Eduardo Portella: “Eduardo Portella: crítica e autocrítica”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará amanhã, dia 6 de maio, na escola de Magistratura do Rio de Janeiro, uma conferência sobre “A criação literária” para jovens juízes do Estado. O mediador da palestra será o Acadêmico Arnaldo Niskier.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – Comemora-se no próximo dia 9 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Sábato Magaldi, que ocupa a Cadeira n.º 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

FUNDAÇÃO NUCE E MIGUEL REALE – O Acadêmico Miguel Reale empossou o Conselho Administrativo dessa Fundação, por ele instituída, com a finalidade de garantir a continuidade do Instituto Brasileiro de Filosofia – IBF, e de seu órgão oficial, a *Revista Brasileira de Filosofia*. A referida Fundação já tem sede própria, à Avenida Nove de Julho, 3147 – 2.º andar – conjunto 2I, na cidade de São Paulo, onde já se acha instalada a biblioteca do IBF.

LANÇAMENTO – Realiza-se no próximo dia 10, terça-feira, às 20 horas, na Livraria da Travessa, em Ipanema, a noite de autógrafo dos livros, *Poesia Reunida* e *Ensaios Escolhidos*, do Acadêmico Ivan Junqueira.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Comemora-se no próximo dia 10 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Olinto, que ocupa a Cadeira n.º 8 do Quadro dos Membros Efetivos.

PUBLICAÇÕES – Acaba de sair, na Coleção Antônio de Moraes Silva – Estudos de Língua Portuguesa, dirigida pelo Acadêmico Evanildo Bechara, o livro *Fatos da*

*Linguagem*, de Heráclito Graça. Saiu, também, em co-edição da ABL com a José Olympio Editora, a 4.ª Edição de *A Vida Literária no Brasil 1900*, de Brito Broca.

**PRÊMIO LITERÁRIO** – Organizado pelo CIEE e apoiado pela Academia Brasileira de Letras, será entregue no dia 25 de maio, em sessão plenária, o Prêmio Literário Alceu Amoroso Lima, destinado a alunos universitários. O tema, desta feita, abordou a poesia brasileira.

**AUDIÊNCIAS** – No dia 27 de abril, em Brasília, o Acadêmico Arnaldo Niskier visitou o deputado Severino Cavalcanti, Presidente da Câmara dos Deputados, e foi recebido em audiência pelo Ministro das Comunicações, Eunício Oliveira. Na oportunidade Sua Exa. manifestou grande interesse pela realização de programas de valorização da Língua Portuguesa, no mundo lusófono.

**MANGUEIRA** – A propósito dos 77 anos da Escola de Samba Mangueira, o seu presidente Álvaro Caetano recebeu uma simpática homenagem, no chá da ABL. Foi saudado pelo Presidente Ivan Junqueira.

ANO XLV – N.º 13

*Em 12 de maio de 2005*

**CAMINHOS DO CRÍTICO** – Teve início no dia 10 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Caminhos do crítico”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre “Caminhos entre a Literatura e a História Cultural”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

17/05 – Benedito Nunes: “Meu caminho na crítica”

24/05 – Leyla Perrone-Moisés: “Por amor à arte”

31/05 – Eduardo Portella: “Eduardo Portella: crítica e autocrítica”

**MESA-REDONDA E LANÇAMENTO DO LIVRO** – Realiza-se hoje, dia 12 de maio, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a Mesa-redonda sobre o livro *Ciência Política e Relações Internacionais: Ensaios sobre Paulo Carneiro*, da qual participam o Acadêmico Alberto Venancio Filho, os Srs. Jorge Werthein, José Israel Vargas e Marcos Schor Maio. A seguir, o livro *Ciência Política e Relações Internacionais: Ensaios sobre Paulo Carneiro*, organização de Marcos Chor Maio, apresentação de José Israel Vargas e orelha do Acadêmico Alberto Venancio Filho, será lançado no Saguão do Centro Cultural da ABL.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Comemora-se hoje, dia 12 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que ocupa a Cadeira n.º 9 do Quadro dos Membros Efetivos.

PRÊMIO LITERÁRIO – Organizado pelo CIEE e apoiado pela Academia Brasileira de Letras, será entregue no dia 25 de maio, em sessão plenária, o Prêmio Literário Alceu Amoroso Lima, destinado a alunos universitários. O tema, desta feita, abordou a poesia brasileira.

BIENAL – No dia 21, no Café Literário da Bienal do Livro, no Riocentro, o Acadêmico Arnaldo Niskier debaterá o tema “Escrever correto, escrever bem”, com especialistas em língua portuguesa.

LANÇAMENTO – Realizou-se com grande comparecimento no dia 10, terça-feira, na Livraria da Travessa, em Ipanema, a noite de autógrafa dos livros, *Poesia Reunida* e *Ensaios Escolhidos*, do Acadêmico Ivan Junqueira.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Do dia 30 de maio a 9 de junho o Acadêmico Evanildo Bechara estará num Congresso Internacional em homenagem a Camilo Castelo Branco, a ser realizado em Coimbra e São Miguel de Ceide. Fará uma comunicação com o título “Um notável Filólogo Camilista à espera de um biógrafo”.

“O CIENTIFICISMO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS” – Realizou-se ontem, na Sala José de Alencar, conferência de Ronaldo Cunha Lima sobre “O cientificismo na poesia de Augusto dos Anjos”. Os debatedores foram os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Antonio Carlos Secchin.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE RAIMUNDO CORREIA – Comemora-se amanhã, dia 13 de maio, a data natalícia do Acadêmico Raimundo Correia, fundador da Cadeira n.º 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DE ELMANO CARDIM – A 13 de maio de 1950 o Acadêmico Elmano Cardim foi eleito para a Cadeira n.º 39 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO DA RECEPÇÃO DE ANÍBAL FREIRE DA FONSECA – Comemora-se no próximo dia 16 o aniversário da recepção de Aníbal Freire da Fonseca, eleito para a Cadeira n.º 3 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 14  
*Em 19 de maio de 2005*

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será antecipada para quarta-feira, dia 25 de maio, em virtude do feriado de Corpus Christi, na quinta-feira, dia 26.

PRÊMIO CAMÕES DE 2005 – A Acadêmica Lygia Fagundes Telles foi agraciada com o Prêmio Camões de 2005. Trata-se do mais importante prêmio literário para escritores da língua portuguesa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO OSCAR DIAS CORRÊA – O Acadêmico Oscar Dias Corrêa fará no dia 25 do corrente, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, uma conferência alusiva aos 740 anos do nascimento de Dante Alighieri, sob o título “Viagem com Dante Alighieri”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY – O Acadêmico José Sarney será agraciado, na 12.ª Bienal Internacional do Livro, com Prêmio José Olympio, concedido a personalidades que contribuíram para a difusão do livro e da leitura.

CAMINHOS DO CRÍTICO – Teve início no dia 10 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Caminhos do crítico”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre “Caminhos entre a Literatura e a História Cultural”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

24/05 – Leyla Perrone-Moisés: “Por amor à arte”

31/05 – Eduardo Portella: “Eduardo Portella: crítica e autocrítica”

PRÊMIO LITERÁRIO – Organizado pelo CIEE e apoiado pela Academia Brasileira de Letras, será entregue no dia 25 de maio, em sessão plenária, o Prêmio Literário Alceu Amoroso Lima, destinado a alunos universitários. O tema, desta feita, abordou a poesia brasileira.

LÊDO IVO EM BOGOTÁ – O Acadêmico Lêdo Ivo se encontra na Colômbia participando, por toda esta semana, do XIII Festival Internacional de Bogotá, que reúne poetas da América Latina e da Espanha.

BIENAL – Dia 21, no Café Literário da Bienal do Livro, no Riocentro, o Acadêmico Arnaldo Niskier debaterá o tema “Escrever correto, escrever bem”, com especialistas em língua portuguesa.

A LITERATURA BRASILEIRA NO CINEMA – Terá início na terça-feira, dia 7 de junho, o 4.º Ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “A Literatura Brasileira no Cinema”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Às 15h 30min haverá a projeção dos filmes e às 17h 30min os debates. O filme de abertura será *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e os debates estarão a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Ivana Bentes. Os demais filmes e debates se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 14/06 – *Tenda dos Milagres* (Jorge Amado): Nelson Pereira dos Santos e Muniz Sodré
- 21/06 – *A Terceira Margem do Rio* (Guimarães Rosa): Nelson Pereira dos Santos e José Carlos Avelar
- 28/06 – *Um Asylo Muito Louco* (Machado de Assis): Nelson Pereira dos Santos e Hugo Sukman

TREM – No Ponto de Cultura da Estação Barão de Mauá (Leopoldina), o Acadêmico Arnaldo Niskier fez uma palestra para ferroviários, sob o título “O trem na literatura brasileira”. No debate surgiu a idéia de restabelecer o ramal Leopoldina-Magé, com finalidades educativas e culturais.

ANO XLV – N.º 15  
*Em 25 de maio de 2005*

CONFERÊNCIA DO ACADÊMICO OSCAR DIAS CORRÊA – O Acadêmico Oscar Dias Corrêa fará hoje, dia 25 do corrente, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, uma conferência alusiva aos 740 anos do nascimento de Dante Alighieri, sob o título “Viagem com Dante Alighieri”.

PRÊMIO LITERÁRIO – Organizado pelo CIEE e apoiado pela Academia Brasileira de Letras, será entregue no dia 2 de junho, em sessão plenária, o Prêmio Literário Alceu Amoroso Lima, destinado a alunos universitários. O tema, desta feita, abordou a poesia brasileira.

CAMINHOS DO CRÍTICO – Teve início no dia 10 de maio, às 17h 30min, o 3.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Caminhos do crítico”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida

pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre “Caminhos entre a Literatura e a História Cultural”. A conferência de encerramento no dia 31 do corrente estará a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “Eduardo Portella: crítica e autocrítica”

A LITERATURA BRASILEIRA NO CINEMA – Terá início na terça-feira, dia 7 de junho, o 4.º Ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “A Literatura Brasileira no Cinema”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Às 15h 30min haverá a projeção dos filmes e às 17h 30min os debates. O filme de abertura será *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e os debates estarão a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Ivana Bentes. Os demais filmes e debates se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

14/06 – *Tenda dos Milagres* (Jorge Amado): Nelson Pereira dos Santos e Muniz Sodré

21/06 – *A Terceira Margem do Rio* (Guimarães Rosa): Nelson Pereira dos Santos e José Carlos Avelar

28/06 – *Um Asylo Muito Louco* (Machado de Assis): Nelson Pereira dos Santos e Hugo Sukman

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – No próximo dia 30 de maio, o Acadêmico Ivan Junqueira participará, em São Paulo, na qualidade de presidente da ABL, da cerimônia de entrega do Prêmio Conrado Wessel de Literatura ao poeta Ferreira Gullar. A solenidade terá lugar no Museu de Arte Moderna de São Paulo, contando com a presença do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, além de outras autoridades.

AURORA FLUMINENSE – Foi lançada na Bienal do livro a revista *Aurora Fluminense*, criada pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, para ser o órgão oficial da Secretaria de Estado de Cultura. O Acadêmico Antonio Olinto escreveu um artigo sobre Evaristo da Veiga.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Acaba de sair o novo romance do Acadêmico Carlos Nejar sob o título *O Poço dos Milagres*. O Acadêmico Carlos Nejar, que comemora este ano 45 anos de literatura, acaba de ser eleito Acadêmico Correspondente da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Tomará posse em julho próximo, em Lisboa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Em cerimônia realizada no Palais du Luxembourg, em 17 de maio último, foi feita a entrega do Prêmio Richelieu – Senghor 2005 ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa pelo livro

*Mots sans frontières*, considerado “un remarquable apport au monde de la francophonie”. Usaram da palavra o Délégué général à la langue française et aux langues de France, M. Xavier North; o Reitor Antoine, da Academia de Ciências Morais e Políticas; Paul Sabourin, professor emérito na Sorbonne e presidente do Cercle Richelieu – Senghor, e o Embaixador Bernard Dorin, presidente do júri. Seguiu-se um jantar para oitenta convidados, durante o qual o homenageado discorreu sobre suas pesquisas passadas e presentes no campo da lexicografia, mantendo animado debate com os presentes.

ANO XLV – N.º 16  
Em 2 de junho de 2005

A LITERATURA BRASILEIRA NO CINEMA – Terá início na terça-feira, dia 7 de junho, o 4.º Ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “A Literatura Brasileira no Cinema”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Às 15h 30min haverá a projeção dos filmes e às 17h 30min os debates. O filme de abertura será *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e os debates estarão a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Ivana Bentes. Os demais filmes e debates se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 14/06 – *Tenda dos Milagres* (Jorge Amado): Nelson Pereira dos Santos e Muniz Sodré
- 21/06 – *A Terceira Margem do Rio* (Guimarães Rosa): Nelson Pereira dos Santos e José Carlos Avelar
- 28/06 – *Um Asylo Muito Louco* (Machado de Assis): Nelson Pereira dos Santos e Hugo Sukman

PRÊMIO LITERÁRIO – Realiza-se hoje, dia 2 de junho, em sessão plenária, a entrega do Prêmio Literário Alceu Amoroso Lima, destinado a alunos universitários. O tema, desta feita, abordou a poesia brasileira. Este prêmio é organizado pelo CIEE e apoiado pela Academia Brasileira de Letras.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA – Comemora-se amanhã, dia 3 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que ocupa a Cadeira n.º 35 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Instituto Cervantes, o Acadêmico Ivan Junqueira estará em Madri de 17 a 21 de junho, ali realizando, na Academia de Belas-Artes, uma conferência sobre “Cervantes e a literatura

brasileira”. Haverá ainda uma leitura pública de seus poemas na Casa do Brasil, também em Madri. A viagem do acadêmico está associada às comemorações que se farão na Espanha por ocasião do transcurso do quarto centenário de publicação da primeira parte do *Dom Quixote*.

**POSSE DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA** – No próximo dia 13 de junho, às 21 horas, o Acadêmico Tarcísio Padilha toma posse na Academia Brasileira de Filosofia. Será recebido pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

**NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE** – O Acadêmico Helio Jaguaribe, a convite de diversas Instituições argentinas, está cumprindo um programa acadêmico naquele país, para o qual seguiu dia 25 de maio, e retornará no dia 5 de junho. Esse programa compreende quatro sucessivas etapas. A primeira de 26 a 30 de maio, na cidade de Rosário quando apresentou um livro do Prof. Marcelo Gullo, que prefaciou, sobre as relações entre Argentina e Brasil e lá proferiu conferências e manteve entendimentos com o Governador da Província e autoridades acadêmicas. A segunda fase, de 31 de maio a 1.º de junho, se desenrolou em Buenos Aires, com conferências sobre relações Argentina – Brasil e entendimentos com intelectuais argentinos. A terceira lhe levará à cidade de Mendoza, para uma conferência na Universidade de Cuyo a respeito da problemática tratada pelo seu recente livro *Um Estudo Crítico da História*. A última etapa será em Posadas, capital da Província de Misiones, na qual proferirá conferências sobre a Comunidade Sul-Americana de Nações e manterá entendimentos com o Governador da Província e autoridades acadêmicas da cidade.

**PRÊMIO MARCANTONIO VILAÇA DE ARTES PLÁSTICAS** – O Congresso Nacional por votação unânime das duas Casas, Senado e Câmara, aprovou a criação do Prêmio Marcantonio Vilaça de Artes Plásticas, no âmbito do Ministério da Cultura, que o regulamentará. A tramitação do projeto decorreu em tempo recorde, em todas as Comissões e teve aprovação final no plenário do Senado, por requerimento de todas as lideranças partidárias em regime preferencial. Marcantonio fica assim homenageado pelo setor público e pela iniciativa privada, pois a Confederação Nacional da Indústria, no ano passado, também criou prêmio com o seu nome.

ANO XLV – N.º 17  
Em 9 de junho de 2005

**A LITERATURA BRASILEIRA NO CINEMA** – Teve início na terça-feira, dia 7 de junho, o 4.º Ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “A

Literatura Brasileira no Cinema”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Às 15h 30min haverá a projeção dos filmes e às 17h 30min os debates. O filme de abertura foi *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e os debates estiveram a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Ivana Bentes. Os demais filmes e debates se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

- 14/06 – *Tenda dos Milagres* (Jorge Amado): Nelson Pereira dos Santos e Muniz Sodré  
21/06 – *A Terceira Margem do Rio* (Guimarães Rosa): Nelson Pereira dos Santos e José Carlos Avellar  
28/06 – *Um Asylo Muito Louco* (Machado de Assis): Nelson Pereira dos Santos e Hugo Sukman

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Instituto Cervantes, o Acadêmico Ivan Junqueira estará em Madri de 17 a 21 de junho, ali realizando, na Academia de Belas-Artes, uma conferência sobre “Cervantes e a literatura brasileira”. Haverá ainda uma leitura pública de seus poemas na Casa do Brasil, também em Madri. A viagem do acadêmico está associada às comemorações, que se farão na Espanha, por ocasião do transcurso do quarto centenário de publicação da primeira parte do *Dom Quixote*.

POSSE DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA – No próximo dia 13 de junho, às 21 horas, o Acadêmico Tarcísio Padilha toma posse na Academia Brasileira de Filosofia. Será recebido pelo Acadêmico Cândido Mendes de Almeida.

2.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 10 de junho, sexta-feira, às 17h 30min, na Sala dos Poetas Românticos, o segundo concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Robert Schumann e Marcel Proust – *Fantasiestücke*, opus 12 n.ºs 1 e 5; *Fantasiestücke*, opus 73, para violoncelo e piano; Sonata opus 105 para violino e piano; e Quarteto opus 47 para piano e cordas. Com Maria Clodes Jaguaribe (piano), Ana de Oliveira (violino), Jairo Diniz (viola), David Chew (violoncelo).

ACADÊMICO MIGUEL REALE HÁ 30 ANOS NA ABL – Em razão dessa ocorrência a Prefeitura de Caçapava, com a colaboração da Academia Brasileira de Letras, reproduziu a exposição que esta realizou em comemoração dos 90 anos desse seu membro. Reale compareceu à cerimônia de inauguração desse evento. Na Câmara dos Deputados e na Assembléia Legislativa de São Paulo houve votos de regozijo

aprovando propostas dos deputados Marcelo Ortiz (PV) e Roberto Alves (PTB), respectivamente.

FEIRA LIVRO – O Acadêmico Arnaldo Niskier inaugurou, na Cobal/Humaitá, a I Feira Livro. São obras modernas à disposição de leitores, sob a forma de empréstimos gratuitos. A segunda será no Leblon e a terceira em Duque de Caxias.

ACADÊMICO LÊDO IVO EM CUBA – O Acadêmico Lêdo Ivo viajou sábado último para Cuba, convidado para participar do IV Congresso Internacional de Cultura e Desenvolvimento, que se está realizando em Havana por toda esta semana. Esse Congresso, patrocinado pela UNESCO, UNICEF e Organização dos Estados Ibero-americanos, destina-se a debater os problemas fundamentais da relação das artes e dos processos culturais com o desenvolvimento das nações da América Hispânica e sua identidade cultural.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve no Chile de 1 a 5 de junho onde participou do Salão do Livro Infantil de Santiago, com lançamento da versão espanhola do livro *De carta em Carta*. Fez também uma conferência na Universidad Andrés Bello.

ANO XLV – N.º 18  
Em 16 de junho de 2005

A LITERATURA BRASILEIRA NO CINEMA – Teve início na terça-feira, dia 7 de junho, o 4.º Ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “A Literatura Brasileira no Cinema”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Às 15h 30min haverá a projeção dos filmes e às 17h 30min os debates. O filme de abertura foi *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e os debates estiveram a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Ivana Bentes. Encerrando este Ciclo no próximo dia 28 do corrente teremos o filme *Os demais* e os debates se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

21/06 – *A Terceira Margem do Rio* (Guimarães Rosa): Nelson Pereira dos Santos e José Carlos Avellar

28/06 – *Um Asylo Muito Louco* (Machado de Assis): Nelson Pereira dos Santos e Hugo Sukman

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Instituto Cervantes, o Acadêmico Ivan Junqueira estará em Madri de 17 a 21 de junho, ali realizando, na Academia de Belas-Artes, uma conferência sobre “Cervantes e a litera-

tura brasileira”. Haverá ainda uma leitura pública de seus poemas na Casa do Brasil, também em Madri. A viagem do acadêmico está associada às comemorações, que se farão na Espanha, por ocasião do transcurso do quarto centenário de publicação da primeira parte do *Dom Quixote*.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve em Teresina, no dia 7 de junho, onde participou do SALIPI – Salão do livro do Piauí, para uma palestra e sessão de autógrafos.

ANO MACHADO DE ASSIS – O Acadêmico Marco Maciel apresentou projeto de lei que institui o ano de 2008 como “Ano Nacional Machado de Assis”, em celebração ao centenário de sua morte. “Sua vida merece ser mais conhecida e sua obra mais divulgada e discutida, não só como reconhecimento da Nação a um de seus mais notáveis filhos, mas como exemplo de escritor que elevou o idioma português a um singular nível de beleza”, justifica Marco Maciel.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Comemora-se hoje, dia 16 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Ariano Suassuna, que ocupa a Cadeira n.º 32 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Pela primeira vez, a prestigiosa revista americana *World Literature Today*, que havia analisado anteriormente escritores como Coetzee, Oé, Naipaul e Kertész, dedica um de seus exclusivos números a um escritor latino-americano. A escolhida foi a Acadêmica Nélida Piñon, onde inclui extensa entrevista, ensaios, notas biográficas e autobiográficas.

MAGIA DA EDUCAÇÃO – Antes de embarcar para Paris, o Acadêmico Arnaldo Niskier deixou pronto o livro de crônicas *Magia da Educação*, para ser lançado em São Paulo, no mês de setembro.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Comemorou-se dia 10 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que ocupa a Cadeira n.º 19 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu uma conferência, dia 14 de junho, no auditório do *Diário de Pernambuco*, sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO – Acaba de sair a tradução holandesa de *De ongelukkige en grootmoedige liefde van Benedita, Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*, do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, publicado pela editora De Bezige Bij, com tradução de Harrie Lemmens.

ANO XLV – N.º 19  
*Em 23 de junho de 2005*

SESSÃO CONJUNTA DA ACADEMIA FRANCESA E DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – Participaram hoje, dia 23 de junho, da sessão conjunta realizada em Paris, da Academia Francesa e da Academia Brasileira os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Ana Maria Machado, Marcos Vinícios Vilaça, Sergio Paulo Rouanet, Eduardo Portella, Antonio Carlos Secchin, Antônio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Ivo Pitanguy, José Sarney, Lêdo Ivo, Paulo Coelho, Sábado Magaldi e Sergio Corrêa da Costa.

LITERATURA BRASILEIRA NO CINEMA – Teve início na terça-feira, dia 7 de junho, o 4.º Ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “A Literatura Brasileira no Cinema”, coordenado pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Às 15h 30min haverá a projeção dos filmes e às 17h 30min os debates. O filme de abertura foi *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e os debates estiveram a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Ivana Bentes. Encerrando este Ciclo, no próximo dia 28 do corrente, teremos o filme *Um Asylo Muito Louco* (Machado de Assis) e os debates estarão a cargo de Nelson Pereira dos Santos e Hugo Sukman.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Instituto Cervantes, o Acadêmico Ivan Junqueira estará em Madri de 17 a 21 de junho, ali realizando, na Academia de Belas-Artes, uma conferência sobre “Cervantes e a literatura brasileira”. Haverá ainda uma leitura pública de seus poemas na Casa do Brasil, também em Madri. A viagem do acadêmico está associada às comemorações que se farão na Espanha por ocasião do transcurso do quarto centenário de publicação da primeira parte do *Dom Quixote*.

PRÊMIO PRÍNCIPE DE ASTÚRIAS – O Prêmio Príncipe de Astúrias foi conferido este ano à Acadêmica Nélide Piñon.

O ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA EM LISBOA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estará em Lisboa, entre os dias 28 de junho a 4 de julho, para representar o Brasil em conferência internacional de Tribunais de Contas.

Comemora-se o décimo aniversário da entidade congregadora das Cortes de Contas, iniciativa do Ministro brasileiro Marcos Vinícios Vilaça, que será orador oficial.

*DISCURSOS ACADÊMICOS* – Acaba de sair o Tomo I dos *Discursos Acadêmicos – 1897-1919*, Volumes I – II – III – IV, que será enviado aos Acadêmicos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – O Acadêmico Senador Marco Maciel homenageou, em discurso, a escritora Nélida Piñon, ganhadora do Prêmio Príncipe de Astúrias das Letras de 2005. É a primeira escritora brasileira a ser agraciada com tal distinção – ressaltou. O parlamentar lembrou ainda a passagem do Dia da Língua Portuguesa comemorado em 10 de junho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara proferiu, a convite da Academia das Letras de Belo Horizonte, palestra sobre o tema “Desvendando os segredos da linguagem”, para um grupo de professores, diretores de escolas e técnicos de educação de várias instituições educacionais de Belo Horizonte.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – O Acadêmico Tarcísio Padilha fez ontem no Hotel Meridien uma exposição sobre o Pontificado de João Paulo II, a convite da Ordem do Santo Sepulcro.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE JOÃO RIBEIRO – A 24 de junho de 1860, nascia em Laranjeiras, Sergipe, João Ribeiro, que ocupou a Cadeira n.º 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE FRANCISCO OTAVIANO – Comemora-se no dia 26 de junho a data natalícia do Acadêmico Francisco Otaviano, que ocupou a Cadeira n.º 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLV – N.º 20  
*Em 30 de junho de 2005*

LANÇAMENTO DO PRÊMIO ROBERTO MARINHO DE CULTURA E PAZ – Será lançado hoje, às 18h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o Prêmio Roberto Marinho de Cultura e Paz, parceria da Fundação Roberto Marinho e da UNESCO.

INTÉRPRETES DO BRASIL – Terá início no dia 5 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado

pelo Acadêmico Cícero Sandroni. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Eduardo Prado. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/07 – Florestan Fernandes, com Barbara Freitag  
19/07 – Raymundo Faoro, com Marcelo Jasmin  
26/07 – Celso Furtado, com Hélio Jaguaribe  
02/08 – Caio Prado Júnior, com Sergio Paulo Rouanet

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA  
– Comemora-se hoje, dia 30 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que ocupa a Cadeira n.º 26 do Quadro dos Membros Efetivos.

“CERVANTES E A LITERATURA BRASILEIRA” – O Acadêmico Ivan Junqueira fará no dia 1.º de julho, às 18 horas, no Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, Rua do Carmo, 27 – 2.º andar, conferência intitulada “Cervantes e a Literatura Brasileira”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça recebe amanhã, em Lisboa, das mãos do Deputado Jaime Gama, Presidente do Congresso Nacional, a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique, uma das mais altas condecorações lusitanas. O Presidente da República, Jorge Sampaio, no Decreto de concessão, exalta os serviços prestados por Vilaça à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e sua constante ligação com Portugal. O ato solene terá lugar no Centro Cultural de Belém.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO HELIO JAGUARIBE – Está marcada para o dia 22 de julho, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Helio Jaguaribe que será saudado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

ENTREGA DO PRÊMIO PRÍNCIPE DE ASTÚRIAS – Está marcada para o dia 21 de outubro, a entrega do Prêmio Príncipe de Astúrias à Acadêmica Nélida Piñon, em Oviedo, com a presença dos Príncipes de Astúrias.

MESA-REDONDA: SESQUICENTENÁRIO DE JUNQUEIRA FREIRE – Realiza-se na quinta-feira, dia 7 de julho, às 17 horas, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira a mesa-redonda comemorativa do sesquicentenário de Junqueira Freire. Dela participarão os Acadêmicos Carlos Nejar, Alberto Venancio Filho e os escritores Alexei Bueno e Fábio Lucas.

COMUNICAÇÃO – No dia 20 de julho, no Comando Militar do Leste, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência sobre “A língua portuguesa na voz dos comunicadores”. Será no 8.º andar do Palácio Duque de Caxias.

3.º CONCERTO DE LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 8 de julho, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, no 1.º andar do Centro Cultural da ABL, o terceiro concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Intérpretes do Brasil: Marcelo Bonfim (flauta), Carlos Prazeres (oboé), Cristiano Alves (clarinete), Philip Doyle (trompa) e Elione Medeiros (fagote) interpretam o Quarteto n.º I em fá maior, de Rossini; o Quinteto opus 56 em sol menor, de F. Danzi; Choros n.º 2 para flauta e clarineta, de Villa-Lobos; Bachianas Brasileiras n.º 6, para flauta e fagote, de Villa-Lobos; Scherzo, de E. Bozza; e Pequena música de câmara para cinco instrumentos de sopro, de P. Hindemith. Leitura de textos por Rejane Zilles.

LANÇAMENTO – Realiza-se no dia 12 de julho, às 18h 30min, o lançamento do livro *Dialogando com Jürgen Habermas*, de Barbara Freitag, da Editora Tempo Brasileiro.